1953

ABRIL

N.431

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS





NO TEXTO: VOCÊ OLHA, MAS VÊ MESMO? ★ OS INSETOS DOMINARÃO O MUNDO ★ O AMBICIONADO 6.º SENTIDO ★ VOCÊ PODE SER INTERNADO COMO LOUCO!

BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de

CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

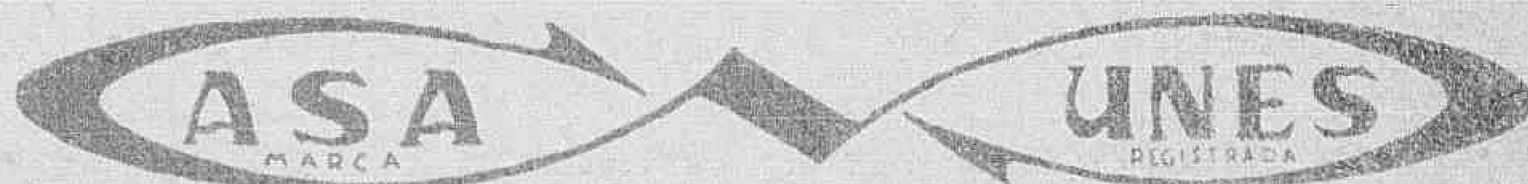
de forração em côres lisas e com flores

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

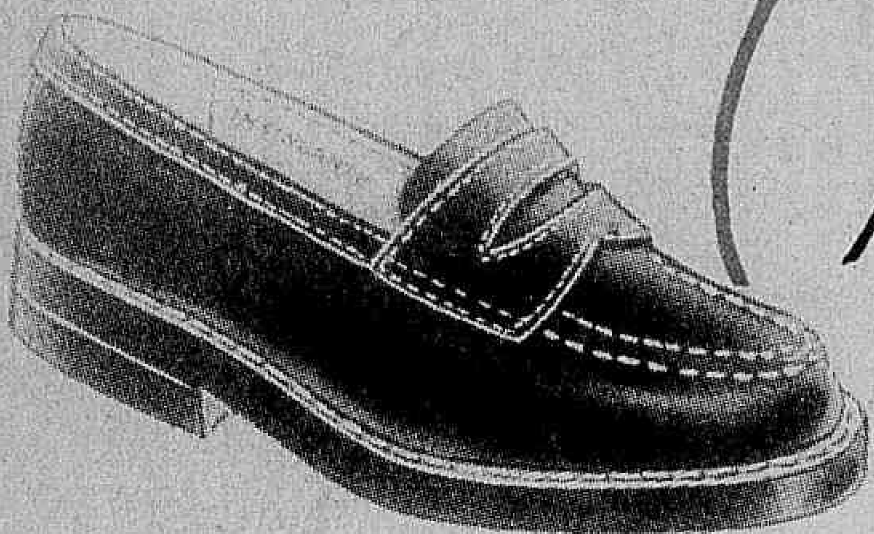
Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

Mande os seus filhos á ESCOLA!


109


110


111


112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURI-DÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 32 Cr$ 140,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marron). Saltos de Borracha.

110 22 a 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 — Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 135,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, c/Salto de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 135,00 — 33 a 36 Cr$ 145,00 — 37 a 44 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos, rapazes e cavalheiros, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. SEMOG



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Publicidade em São Paulo: J. Gomes Bastos, Praça Ramos de Azevedo, 209, salas 704-705. Representantes: Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.



O mistério de KELA OUAI

Por VICTOR CANING

NÃO pensem os leitores que esta seja uma história de crime. Embora encerre em seu conteúdo o envenenamento de Harvey Paynton, é uma história de amor, e uma advertência de que o amor pode afetar o espírito de qualquer pessoa, tanto quanto a febre e os acidentes violentos.

O caso se passou há cinco anos, numa localidade da África, denominada Kela Ouai. Talvez os leitores jamais tenham ouvido falar em Kela Ouai, embora seja uma região importante do continente negro; ali existe ouro em grande quantidade, bosques de carvalho, e uma das principais estações de pesquisas de moléstias tropicais, em todo o mundo. Mark Paynton, irmão de Harvey, oferecia uma pequena recepção esportiva, constando de partidas de tênis. Mark nos havia oferecido drinques, que serviam para refrescar a nossa garganta ressequida pelo calor ambiente. Eu estava sentado ao lado de Harvey, próximo à quadra de tênis, mantendo conversa banal com o mesmo, enquanto os jogadores gastavam suas energias correndo e saltando, manejando as raquetas em busca da bola. Participavam do jôgo as seguintes pessoas: Mark Paynton, o gerente da sua firma comercial, Ralph Hope, Tony Burroughs, que trabalhava num dos departamentos de agrimensura colonial, e uma linda criatura, Margot Lance. Não jogo o tênis, mas gosto de apreciar algumas partidas, especialmente quando nelas toma parte uma beldade como Margot.

Harvey se mantinha quieto, na cadeira, com o copo a revirar na mão, e notei que seus olhares não se desviavam da bela figurinha feminina, que tanta graça emprestava à disputa na quadra. Não fiquei surpreendido por ver Harvey observar a tenista com tanta insistência, dando a im-

A MORTE DE HARVEY PAYNTON FOI CONSIDERADA SUICÍDIO, EMBORA NÃO PASSASSE DE UM HOMICÍDIO PREMEDITADO. O CASO FOI RESOLVIDO PELA INDISCRIÇÃO DE UMA SENHORA E PELA MORTE, **POR CONGELAMENTO**, DE SEIS PEIXINHOS DOURADOS, NUM AQUÁRIO AO AR LIVRE



pressão de estar sèriamente preocupado, pois Harvey estava quase sempre em apuros.

Não posso dizer que antipatizava com êle, embora sua expressão facial, sempre misteriosa, marcada por um par de olhos penetrantes, não me agradasse. Sentia, isto sim, muita pena daquele homem de compleição forte, que poderia ser considerado atraente pelas mulheres, e que, apesar de levar no rosto aquela impressão de mistério, não parecia ser mau. No entanto, tinha um mau caráter e, embora tentasse proceder de forma amistosa, terminava sempre arranjando brigas e discussões. Havia em seu íntimo algo que o arrastava aos maus resultados em suas relações sociais e comerciais. Êste o motivo pelo qual eu tinha pena dêle, chegando quase a simpatizar com Harvey, em certos momentos.

Deixando de lado aquela letargia que momentâneamente o dominara, enquanto observava Margot, falou-me num tom que significava claramente querer palestrar comigo:

— Estou em Kela Ouai há muito tempo! Tenho que dar o fora, **sumir!**

— Para onde vai? — perguntei.

— Eu mesmo não sei!

E, após alguns segundos de silêncio, acrescentou:

— Para qualquer lugar onde não seja perturbado por mulheres . . . e dinheiro!

Na certa, Harvey se referia a Margot. Era noiva de Tony Burroughs, e estivera fora durante dois meses, em visita a parentes. Todos nós sentíamos curiosidade de saber por que a linda criatura estivera ausente tanto tempo.

Notáramos também, anteriormente, por ocasião da chegada da espôsa de Ralph Hope, uma estranha mudança de gênio por parte de Har-



vey, durante alguns dias. Algo inexplicável lhe ia n'alma.

— Não existe lugar assim, neste mundo — retruquei.

— Não neste mundo — bem sei!

Dizendo isto, olhava para mim, com uma excitação estampada no olhar penetrante, de tal forma que chegou a perturbar-me. Eu estava bem a par da sua mania de dramatizar, e da extravagância com que sempre procurava enfeitar os seus atos. Mas, naquele momento, refleti, pensando na possibilidade de Harvey estar desesperado com alguma coisa.

— Não posso ficar aqui — continuou êle — Estou em dificuldades com Mark também... Você conhece muito bem a altivez de meu irmão.

— Dinheiro?

— Sim! Conheci um sujeito em Capetown, no ano passado, e meti-me num negócio que me pareceu rendoso; no entanto, tudo falhou, e acabei perdendo o dinheiro que inverti. O pior de tudo é que êsse dinheiro... não me pertencia! Era de Mark, ou melhor, da firma. Sei que fui um tolo; mas, não pude deixar de sentir atração pelo negócio. E, agora...

— Seu irmão está a par do ocorrido?

— Nada falou ainda a respeito. Tudo o que tento vai por água abaixo. E as boas pessoas, como Margot, perdem a cabeça por minha causa e não me ouvem, quando afirmo que não presto, que não sirvo para nada! Mas, que adianta ficar falando a respeito? O melhor, mesmo, é desaparecer — **para sempre!**

— Como? — perguntei, já um tanto preocupado.

— Espere e verá.

Estas foram as últimas palavras que ouvi Harvey pronunciar.

A partida havia terminado, e os exaustos jogadores vieram sentar-se à mesa em que nos encontrávamos. Cada um se apoderou de seu copo, enquanto Margot, gentilmente, servia um por um, preparando finalmente um drinque para si mesma. Ao chegar a vez de encher o copo de Harvey, sorriu para êle, da forma como sorriem as mulheres, quando estão dominadas pelo amor.

Harvey lançou-lhe um olhar enternecido e, enquanto os dois se mantinham assim, em silêncio, os demais componentes do grupo observavam, fazendo uma estranha pausa nas risadas e comentários a respeito da estafante partida de tênis que haviam terminado.

*

Notei uma certa reação por parte de Ralph Hope; nervosamente, mordeu o lábio inferior, como a recordar o "caso" surgido entre Harvey e sua espôsa. Um marido jamais perdoa aquêle que tenta extinguir a sua felicidade conjugal.

Quanto a Tony Burroughs, seu olhar denotava francamente o ciúme de que estava possuído, naquele momento. Cheguei a pensar que êle diria qualquer coisa, pois sabia que êle e Harvey já tinham discutido a respeito do assunto. Aliás, eu tinha pena de Tony também, pois não é nada agradável perder a pequena para outro homem.

Quanto a Mark Paynton, de pé, um pouco afastado do grupo, como a querer divisar melhor a reação de cada um, estava com o ar de um homem preocupado com a tensão que baixara sôbre o ambiente, como que esperando um acirramento de ânimos a qualquer momento. Êle gostava do irmão, mas êsse era o tipo da afeição que só traz dificuldades e aborrecimentos.

Margot, repentinamente, notou que era alvo de todos os olhares. Largou o jarro com o coquetel sôbre a mesa, apanhou o seu copo e, encaminhando-se para Tony, levou o copo aos lábios, dizendo com afetação:
— À saúde de todos nós!

Todos bebemos e vimos quando Harvey, que se levantara, colocou o seu copo sôbre a mesa, deixando-se cair pesadamente sôbre a cadeira. Cinco minutos depois, estava morto.

Não há necessidade de descrever como se deu a morte. A medicina é a minha profissão e, justamente, por haver devotado meus esforços, nos últimos dez anos, à pesquisa exclusiva de soros anti-venenosos, não me foi difícil verificar que Harvey ingerira uma dose de cianureto de potássio. Os cinco minutos que se seguiram ao brinde levantado por Margot são desagradáveis de relembrar.

Carregamo-lo para o interior da casa. Nessas ocasiões de emergência, a autoridade de um médico quase se iguala à de um policial, de forma que assumi a direção de tôdas as providências que foram tomadas em seguida. Mandei que não tocassem em nada, na mesa à qual estivéramos sentados. Ordenei a Mark que telefonasse para o Comissário e, sabendo que êste levaria cêrca de duas horas para chegar ao local, pedi a todos que permanecessem na casa, enquanto a autoridade policial não chegasse. Não queria que ninguém se aproximasse da quadra de tênis e do local onde Harvey ingerira o veneno.

Tony e Ralph discutiram com Margot. Eu e Mark tentamos conversar durante alguns minutos, sem resultado, pois nada do que dizíamos formava sentido, tão estonteados estávamos com o que ocorrera. Pouco depois, encontrei-me à janela, a fitar desoladamente a quadra de tênis e a mesa, onde, poucos minutos antes, estivera conversando com o infortunado Harvey.

Antes de transportarmos Harvey para o interior da casa, aproximei-me do seu copo e, sem tocá-lo, aspirei o odor que dêle se desprendia, sentindo o cheiro característico do cianureto de potássio. A dose fôra tão forte, que daria para matar uns três homens. Verificando os demais copos de metal, e a jarra que continha o líquido servido nêles, não notei nenhum odor estranho ou pelo menos semelhante ao que era exalado pelo copo de Harvey.

A solução plausível era a de que Harvey colocara o veneno em seu próprio copo, cometendo suicídio. Durante um pequeno espaço de tempo, quase acreditei nisso. Mas tinha um palpite, um pressentimento, de que tal não se dera. Refletindo, cheguei à conclusão de que Harvey não havia ingerido o veneno por querer acabar com a vida. Alguém o matara! Sim, pois apesar de viver constantemente em complicações, por maiores que estas fôssem, não seriam capazes de transtornar o seu espírito, a ponto de levá-lo ao suicídio. Harvey, conforme revelavam os seus atos, amava demais a vida, para querer extinguí-la. Mas, se alguém realmente assassinara Harvey, quem poderia ter sido? Tony? Ralph? Ou a própria Margot?

*

Comecei a relembrar tudo o que se passara, desde o momento em que chegamos à casa de Mark, todos juntos, num mesmo grupo. O refresco e os copos que haviam sido levados para o jardim, tendo todos os presentes bebido uma dose, antes de ter início a partida de tênis. Esta terminada, Margot enchera todos os copos novamente, levantando um brinde; todos bebemos e, desta vez, Harvey fôra envenenado!

Procurei concatenar meu raciocínio, destacando os mínimos detalhes que se relacionassem com os copos e o jarro de metal, no qual fôra colocado o drinque, composto de refresco de laranja. O criado de Mark estava de folga, e cada um tratou de auxiliar em qualquer coisa. Margot e Ralph prepararam o coquetel. Recordo-me de que êle retirou o gêlo do refrigerador, partindo-o em pedaços, enquanto eu próprio fui buscar os

copos de metal que estavam também na geladeira, pois Mark afirmava que não devem ser colocados pedaços de gêlo em copos tornados quentes, pelo calor reinante. Achava êle que, assim, o refresco ou coquetel ficaria mais gelado, e saberia melhor a qualquer de nós. Estando tudo pronto, coloquei o jarro de metal e os copos numa bandeja, tendo Harvey carregado a mesma até ao jardim. Uma vez ali, Margot encheu os copos com o coquetel, cabendo a Tony e Mark distribuí-los entre os presentes.

Continuei a rememorar todos os atos de cada um de nós, sem obter resposta para o enigma. Todos havíamos bebido o mesmo tipo de coquetel, da jarra que o continha. A primeira **rodada** da bebida havia sido inofensiva; mas, na segunda, Harvey tombou, envenenado. A princípio, ocorreu-me a idéia de que um dos cubos de gêlo pudesse estar envenenado, com um orifício cheio de cianureto de potássio. Mas, assim, todo o líquido contido no jarro teria sido atingido pelo veneno.

Abandonando essa idéia, passei a refletir sôbre os motivos que as pessoas presentes teriam para matar Harvey — Tony, por ciúme (e jamais se sabe até onde pode levar o ciúme!); Ralph, por seu orgulho de marido ferido, pois sua espôsa ainda revelava afeição por Harvey; Margot, sem motivo aparente, mas, quem pode prever as mutações que se processam no pensamento das mulheres? E, finalmente, Mark — poderia estar já a par do ocorrido com seu dinheiro e, cançado de servir de amparo ao irmão, nas complicações que êste infalìvelmente arranjava, resolvera livrar-se dessas atribulações de uma vez por tôdas...

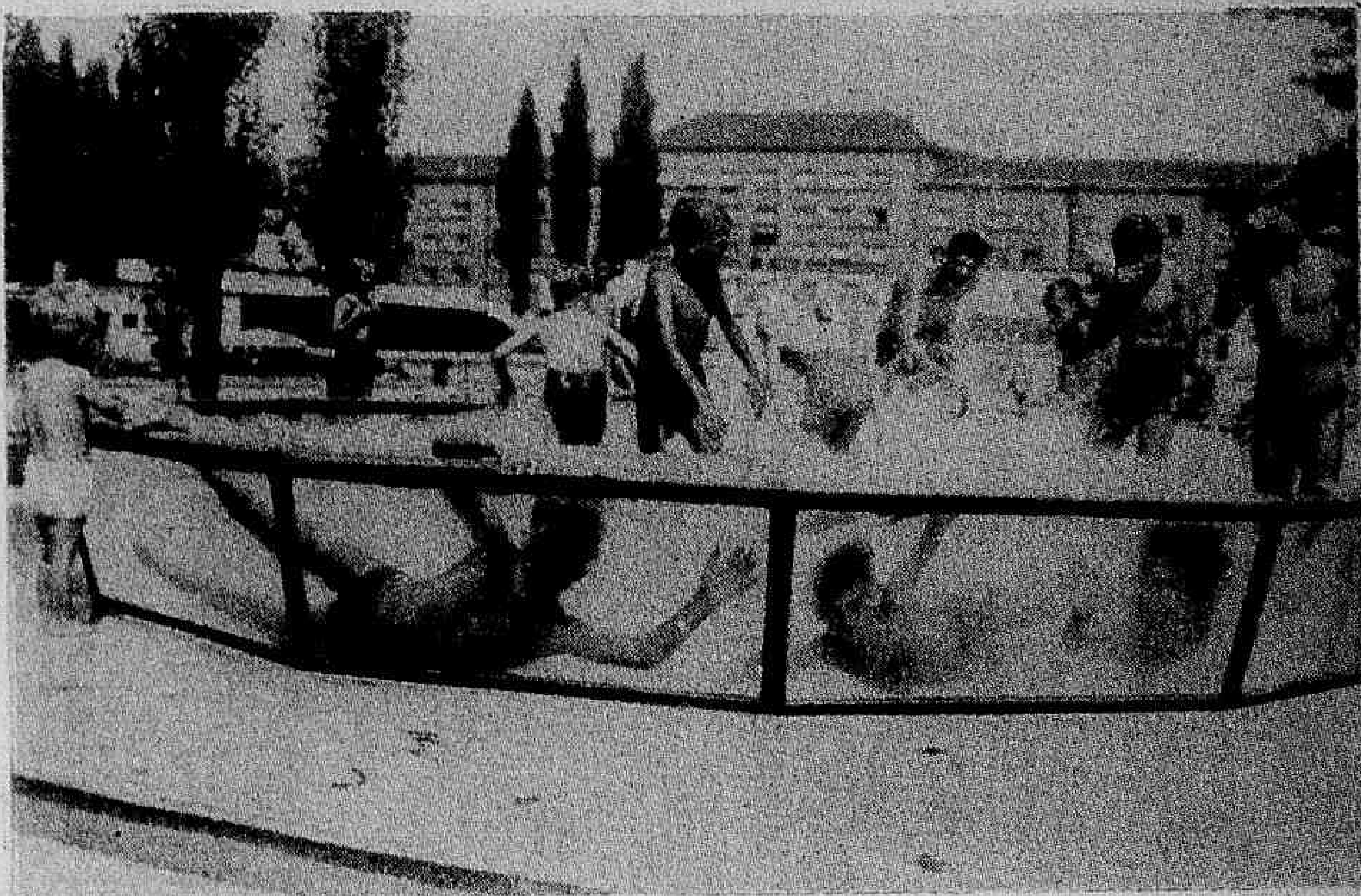
Quando o comissário chegou, eu não havia chegado a qualquer conclusão. E, assim como eu, ninguém pôde descobrir indícios de que se tratasse de homicídio; desta forma, alguns dias depois, foi tornado público que Harvey Paynton morrera por haver praticado suicídio. Esta conclusão era robustecida pelo modo como êste me falara, pouco antes do nefasto acontecimento. Para mim, no entanto, o fato mais curioso, a respeito do inquérito instaurado, foi o comportamento das duas mulheres envolvidas indiretamente no suicídio.

Margot parecia não ter sido afetada com a morte de Harvey, mantendo-se muito junto do seu noivo, de um modo como eu ainda não vira, desde que os conhecia. A Sra. Hope, no entanto, visìvelmente abatida, dava a impressão de estar



A MODA E OS SAPATOS — Aí está um novo tipo de calçado a que deram o nome de "Harém". E' feito de cetim e foi apresentado em recente exposição londrina. Bonito? Não achamos... Porém tem lá a sua utilidade: afugenta os ratos desde grande distância, evitando, assim, que a sua proprietária, nervosa, sofra os sustos sempre causados pela presença do minúsculo roedor...

* *



AQUI SÃO MAIS NECESSÁRIAS! — Piscinas infantis, feitas de material barato e resistente, o "plexi-glass". O govêrno ocidental alemão está instalando uma série delas nas praças centrais e suburbanas das grandes cidades que ficam distantes das praias de banhos. Acima, as crianças de Munique divertindo-se a valer (e refrescando-se) numa dessas piscinas, instalada na Praça do Príncipe Regente. Entre nós, essas piscinas seriam muito mais úteis, em razão dos longos meses do verão. Aqui fica o "lembrete" para as nossas autoridades municipais.

* *

prestes a desfalecer, nas poucas vêzes em que estive em contato com ela.

*

Uma semana depois, empreendi uma viagem de seis meses à Inglaterra. A Sra. Hope também viajava, com destino à Inglaterra, no mesmo navio, e continuava a dar mostras de quanto fôra afetada pela morte súbita de Harvey.

Conversamos a respeito e dela obtive algumas informações que mais me aguçaram o espírito; em conseqüência, passei a analisar, diàriamente, as circunstâncias em que ocorrera o suposto suicídio. E foi assim que, num frígido dia de dezembro, passeando no jardim de minha casa, olhei para o aquário onde se encontravam peixes dourados; nesse momento, ocorreu-me o modo pelo qual Harvey **fôra assassinado!**

Dias depois, retornei a Kela Ouai, indo procurar imediatamente o irmão de Harvey. Mark havia mudado muito, a ponto de quase não conseguir reconhecê-lo. Estava muito mais magro e, quando falava, dava a impressão de ter que fazer um tremendo esfôrço, como se o seu espírito estivesse distante, perdido em um outro mundo. Eram 18,30 horas quando o encontrei. Além de um criado, não havia mais ninguém na casa. Mark se preparava para tomar banho, e convidou-me a subir ao seu quarto, enquanto ia para o chuveiro. Deixou a porta do banheiro entreaberta e pudemos coversar. Fui direto ao assunto, usando de franqueza, e êle não procurou subterfúgios, respondendo às perguntas que lhe fiz, com uma calma que me admirou.

— Mark — comecei — sabe que, se Harvey não tivesse morrido, teria ido embora para sempre?

— Sim.

— E que levaria em sua companhia a espôsa de Ralph Hope?

— Sim. Mas... como soube?

— Ela viajou comigo para a Inglaterra, no mesmo navio, e consegui que me fizesse algumas confidências. Mas, voltando a Harvey, você sabia também que êle estava em apuros, por haver empregado dinheiro que pertencia a você, numa emprêsa que fracassou?

— Bem, êle sempre viveu em apuros e, na maioria das vêzes, com o meu próprio dinheiro; no entanto, isto não me importava muito. O que mais me magoava, era o modo pelo qual Harvey procurava destruir a felicidade dos que conviviam com êle. **Isto tinha muita importância para mim!**

— Ralph Hope é o seu melhor amigo — talvez, mesmo, seu único amigo, não?

— Perfeitamente! — retrucou Mark, com um tom de firmeza e sinceridade na voz.

— E você matou Harvey!!

— Sim, matei meu irmão! Como descobriu?

Esta resposta foi dada em tom sêco, sem o mínimo indício de emoção.

— Você colocou uma pequena solução de cianureto de potássio e água, no fundo de um dos copos de metal, deixando-a congelar no interior do refrigerador. Isto conseguido, tornou a colocar uma pequenina quantidade de água, formando uma segunda camada, que foi também congelada. Assim, essas duas pequeninas camadas do fundo do copo tornaram-se quase imperceptíveis, ocupando uns cinco milímetros apenas, não oferecendo perigo, enquanto a primeira camada de água não se derretesse. Meu raciocínio está correto?

— Sim... Continue!

— Antes de que entrássemos na cozinha, você colocou êsse copo, assim "preparado", juntamente com os demais, no refrigerador. Suponho que êle tivesse alguma referência especial, para poder ser identificado, na hora em que você e Tony, no jardim, distribuíram os drinques entre os convidados. Sabendo que seu irmão não praticava esportes, calculou que êle ficaria por ali, sentado, e tomaria mais de um copo da bebida, o que acarretaria o derretimento da camada inferior, contendo a solução de água e cianureto de potássio.

O ruído do chuveiro havia cessado. Mark se enxugava com uma toalha, enquanto eu prosseguia na exposição de meu raciocínio em tôrno do crime. A esta altura, êle interrompeu-me:

— O que levou você a descobrir tudo tão minuciosamente?

— As confidências que me fêz a Sra. Hope... e o fato de haverem morrido os peixes dourados que eu possuía, no jardim de minha residência; os mesmos sucumbiram congelados, na água do aquário ao ar livre. Resta-me agora esclarecer um ponto. E êste é **o motivo pelo qual matou seu próprio irmão.** Pode dizer?

— Porque eu o adorava — respondeu vagarosamente. — Estimava-o tanto, que sofria ao ver Harvey destruir a felicidade alheia. Êle era mau! Sabia que era... e não conseguia evitar os atos que praticava! Resolvi **auxiliá-lo,** e achei que a melhor maneira de impedir que prosseguisse nessa vida detestável era matá-lo! Julguei que poderia ser juiz, corpo de jurados, e... executor. Êle ansiava desesperadamente por alcançar a paz. Eu auxiliei meu irmão a obtê-la, pelo único modo possível, **para êle.**

— E agora?

Mark chegou à porta do banheiro. Tinha uma expressão resignada e calma. Falou:

— Nada! Creio que você **nada** poderá fazer... Desde que Harvey se foi, descobri que nenhum homem tem direito àquilo que julguei ter. Nem mesmo o amor ou o ódio dá direito a que se roube a vida a outrem!

Mark voltou ao banheiro, mas não acabou de se vestir. Ouvi o tiro que desferiu no ouvido, quando já me encontrava no andar térreo. Continuei meu caminho, sem me deter, em direção ao portão da residência...

VOCÊ OLHA MAS... VÊ MESMO?

PROCURE RESPONDER A ESTAS PERGUNTINHAS — PARA SABER

O presente inquérito servirá para conhecimento do poder de observação do leitor, relativamente aos variados objetos que tem diàriamente diante do nariz. Procurem responder às perguntas feitas abaixo, escolhendo uma das duas letras (a) e (b), seguintes a cada pergunta. Onze perguntas corretas significa que o indivíduo é excelente observador; nove, bom; finalmente, sete, razoável

★

1 — A luz de cima, num sinal do tráfego, tem a côr (a verde, (b) vermelha.

2 — Dos dois ponteiros de um relógio, o que passa sôbre o outro é (a) o referente a minutos, (b) o referente às horas

3 — Nas garrafas dessa bebida está escrito (a) "Scotch Whiskey", (b) "Scotch Whisky".

4 — Nas notas de 100 cruzeiros, o retrato central, de Pedro II, mostra o soberano com o rosto para o próprio ombro (a) direito, (b) esquerdo.

5 — O receptáculo para restituição de moedas, na caixa de um telefone público, fica na parte inferior (a) à esquerda de quem olha, (b) à direita.

6 — O lápis de madeira contendo grafite macia tem o número (a) 1, (b) 2.

7 — O tipo de sapato "standard" para o marinheiro brasileiro tem a côr (a) branca, (b) preta.



8 — No chapéu masculino o laço da fita está sempre colocado do lado (a) direito, (b) esquerdo.

9 — A fim de evitar que a calça sofra rasgões na corrente da bicicleta, o ciclista trata de passar o grampo de aço para prender a barra da calça na perna (a) direita, (b) esquerda.

10 — Nas caixas de ferro dos Correios, colocadas em certos pontos da cidade, para nelas o público depositar sua correspondência, lê-se, na alça que protege a fenda (a) Correios, (b) cartas.

11 — Caminhando-se no sentido crescente da numeração de qualquer rua, os números pares ficam (a) à direita, (b) à esquerda.

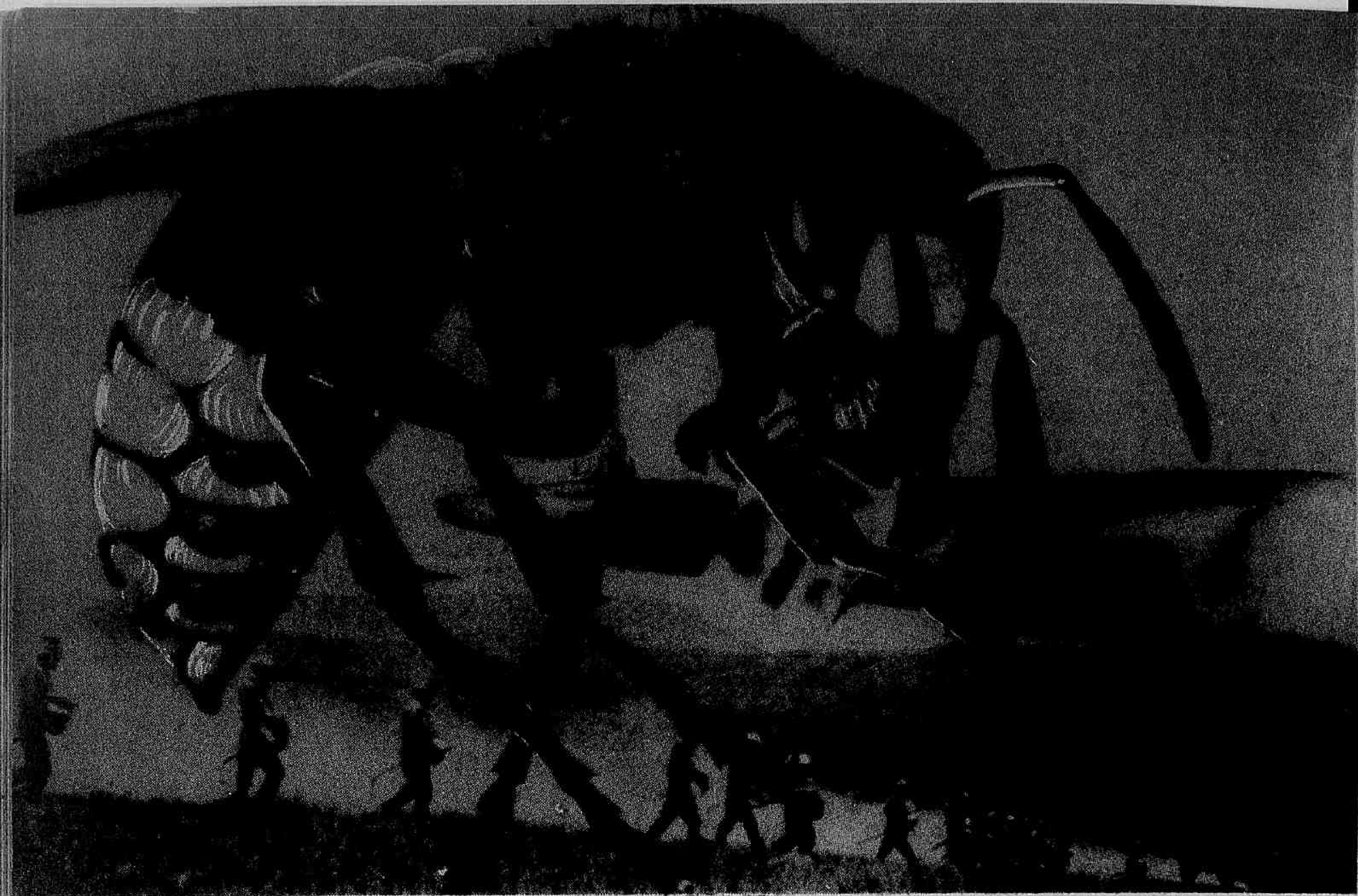
12 — A "trade-mark" de um filme-jornal brasileiro, representando um garôto com um cãozinho ao lado, olhando para a baía de Guanabara, pertence a (a) Botelho Filmes, (b) Cinegráfica S. Luís.

13 — Quem olha do interior da baía de Guanabara para a entrada da barra vê o Pão de Açúcar inclinado (a) para a terra, (b) para o mar.

(Respostas na página 117)

★ ★

A maneira com que a repugnante lagarta se transforma em linda borboleta tem servido de assunto para muitos poetas e escritores. Mas sòmente agora os biólogos começam a compreender as bases fisiológicas daquela metamorfose, segundo o Dr. V. B. Wigglesworth, da Universidade de Cambridge. Segundo parece, quando o ôvo do inseto é incubado, existem entidades separadas de órgãos e estruturas. Uma delas se desenvolve primeiro, dando como resultado a lagarta. A outra fica conservada dentro da lagarta, em estado embrionário, para se converter, com o tempo, em borboleta. O desenvolvimento dos órgãos das duas entidades distintas está controlado por hormônios que são segregados pela parte posterior do minúsculo cérebro do inseto e por um pequeno conjunto de células semelhantes à pituitária do homem e dos demais vertebrados.



A nossa luta contra os insetos tem que ser incessante, e implacável a matança. Se o homem relaxar nesse esfôrço, por pouco tempo que seja, morrerá de fome! Nessa guerra sem quartel, milhões de insetos são eliminados, como os gafanhotos apresentados na página fronteira. Mas antes disso, quantos campos de plantações serão devastados? . . .

Os insétos

Muitos cientistas acreditam que um dia os homens desaparecerão da face da Terra, ficando esta inteiramente à mercê dos insetos!

O grande perigo que ameaça a sobrevivência humana não é, pròpriamente, a bomba atômica ou mesmo a de hidrogênio, nem mesmo os horrores da guerra de germes e gases mortais, mas sim essa coisa frágil, pequenina, insignificante: o inseto.

Desde os primeiros albores da civilização, os homens tiveram que travar uma penosa, sempre apressada e jamais interrompida batalha contra êsse inimigo. Apesar disso, os insetos, incessantemente, continuaram a prosperar!

Mais ainda, muitos cientistas acreditam que o domínio do homem sôbre o mundo está em caminho do retrocesso e que breve cessará, sendo os insetos os prováveis substitutos.

Na realidade, não há tão grande exagêro nessa tenebrosa profecia, dado que, em muitos detalhes, essas pequeníníssimas criaturas vencem largamente o homem em habilidade, ousadia, realizações, sem mencionar a sua resistência física

Por EDGAR PRICE

e o prodigioso sentido de sobrevivência. As formigas, por exemplo, mantêm o mesmo ritmo da sua presente vida há pelo menos oitenta milhões de anos, enquanto a civilização humana conta escassamente sete mil anos . . .

Alguns sábios afirmam que os insetos podem, eventualmente, desenvolver a sua estrutura física com muito maior eficiência biológica do que conseguem os homens em longos anos de tratamentos e ingestões de vitaminas aos quilos.

Quanto a fôrça e eficiência, os insetos vencem com facilidade qualquer outro animal. Há alguns, com menos de um centímetro de comprimento, que podem saltar cêrca de quinhentas vêzes o próprio tamanho, o que é o mesmo que se um homem pudesse saltar oitocentos metros!

Para realizar tudo o que faz uma simples formiguinha, um homem teria que caminhar três mil milhas diàriamente, carregando duzentos quilos às costas, e construir arranha-céus doze vêzes mais



dominarão o mundo

altos que o **Empire State Building**. Tivesse o homem o descuido ou a triste idéia de repousar, um instante sequer, em sua luta contra êsses formidáveis adversários e não tardaria a ser expulso de sua própria casa, a ver destruídos todos os seus suprimentos de bôca, além de ser irremediàvelmente assaltado por uma infinita variedade de males e pragas que depressa o varreriam da face da Terra.

Já em diferentes ocasiões, os insetos demonstraram a sua habilidade para subjugar a raça humana. São inúmeros os estudiosos que atribuem a queda da velha e prodigiosa civilização grega ao mosquito transmissor da malária.

Os brutais assaltos dos gafanhotos, em nuvens intermináveis, alteraram a história de muitas nações. E, realmente, os gafanhotos, em suas devastadoras excursões, podem causar muito mais dano, num só dia, do que várias bombas atômicas. Na África existem áreas imensas, capazes de suportar uma população de uns 200 milhões e que se encontram, no entanto, virtualmente inabitadas. As moscas (Tsé-Tsé) se apoderaram dessas terras onde reinam absolutas, não consentindo que nem um só homem nelas possa viver por muito tempo.

E que dizer dessas infatigáveis e insidiosas devastadoras termitas? Será suficiente lembrar que, numa ocasião, tão bem trabalharam como **sapadoras**, sob o terreno em que se levantava a cidade de Jamestown, capital da ilha de Santa Helena, que provocaram o brusco e total arrasamento da mesma.

Na sua tentativa tenaz para conquistar o mundo, os insetos levam duas grandes vantagens: a sua espantosa adaptabilidade e o seu incalculável número, assim como a fantástica facilidade de reprodução.

Apesar de realmente efetivas as defesas que os cientistas humanos descobrem e empregam contra essas pequeninas criaturas, essa vantagem é apenas temporária; isto porque os insetos vão galgando e vencendo todos os obstáculos.

O DDT, que foi um dos mais eficientes inseticidas, há alguns anos, já perdeu, hoje, tôda a sua antiga fôrça. Em **poucos** anos e em **muitas** gerações (os insetos têm várias dezenas de gerações anualmente) os insetos se adaptaram ao ataque dêsse composto e desenvolveram uma **imunização natural** contra êle!

Por comparação, a evolução do homem progride como caminham as lesmas. Para cada geração da família humana, os insetos passam por uma centena ou mais!

Se não forem combatidos com crescente intensidade e armas mais positivas, êsses principais competidores do homem não tardarão a dominar todo o planêta pelo extraordinário pêso do número. Juntos, os insetos totalizam 75 por cento de tôdas as conhecidas formas de vida animal, sendo encontrados em tôdas as partes do mundo.

Os entomologistas calculam que existem.... 25 000 000 dêles no ar **sôbre** cada milha quadrada de terra, 2 250 000 000 **sob** cada milha quadrada de solo, e 34 000 000 000 **em** cada acre de terra.

Essas são figuras **médias.** Na região do Equador, as mesmas assumem proporções mais fantásticas.

De todos os animais, os insetos são os mais prolíficos reprodutores. Se a progênie de um par de môscas, chamadas domésticas, fôr deixado "em paz" e cada uma delas produzir o número normal de descendentes, durante o curso de um só verão, as môscas cobririam tôda a superfície da terra, com uma camada viva mais espêssa que a altura de um prédio de três andares.

Os gafanhotos, e outros membros dessa família de saltadores esfomeados, devem ser incluídos entre os mais persistentes dos nossos inimigos insetos. O homem muito tem sofrido com as suas devastações periódicas desde que começou a cultivar os seus campos.

Hoje ainda, apesar dos novos recursos de defesa empregados pelo homem, são êles os mais terríveis salteadores dos nossos campos. Podem devorar dez vêzes o próprio pêso no curto período de seis horas. Por isso, quando descem, aos bilhões, sôbre uma vasta área, nada é possível esperar na mesma senão a mais completa devastação.

O ruído ruflante de suas asas e também o de seus poderosos maxilares, triturando as fôlhas, espalham o terror e gelam o sangue nas veias. Êsses ruídos, sinais de uma catástrofe irremediável, podem ser ouvidos de longa distância. Tais hordas chegam, muitas vêzes, a matar o gado, por sufocação, tal o número que se abate sôbre os campos.

Os Estados Unidos travam luta infatigável contra êsses invasores, que escolhem para suas façanhas as ricas terras do Oeste, principalmente ao pé e ao longo das montanhas rochosas. No Brasil a luta é também constante, sendo empregados até aviões. Os Estados sulinos são os mais visados pelos terríveis gafanhotos, que nos chegam, em nuvens sucessivas, de **algum ponto** da República Argentina.

Em 1882, no Nevada, ocorreu o mais severo ataque de gafanhotos de que há memória em todo o mundo. Foi na região chamada Nevada County. As hordas de gafanhotos eram tão grandes e espêssas que chegaram a provocar o descarrilamento de muitos trens, provocando mortes e ruinosa paralisação do tráfego ferroviário.

Ainda bem que tais pragas só ocorrem de dez em dez anos, sem o que quase estaria proibida a agricultura, o que provocaria uma verdadeira hecatombe na raça humana.

Além do mais, a cada invasão, milhões de gafanhotos são mortos em armadilhas, embora — infelizmente — outros muitos milhões escapem, para continuar a sua obra de destruição e garantir a reprodução da espécie.

Sua voracidade é espantosa. Devoram as plantações sem nada deixar, chegando mesmo a penetrar pela terra até à extremidade das raízes. Até mesmo as cêrcas não escapam ao formidável apetite dos gafanhotos, e há notícias de que, em algumas ocasiões, êsses bandos esfomeados chegaram mesmo a invadir residências e escritórios, devorando cortinas, toalhas, papelada, papéis de parede, etc.

Também as formigas formam poderosos exércitos de destruição e, se há povo, neste mundo, que conheça êsse mal, é o brasileiro, em luta incessante e ingrata contra a saúva que, quando se reúne em bandos esfomeados, contra uma vasta área, nada deixa para o homem. Formam, então, um imenso lençol ondulante, que se estende até muito além do ponto que o olhar pode abarcar, em tôdas as direções, levando dias e dias para que todo o medonho exército desfile.

Então, os animais de pequeno porte, por seus gritos lancinantes, antes de desaparecerem, sepultados sob a avalanche e imediatamente devorados, revelam a ação impiedosa das assaltantes. Dêles só restarão os ossos, muito brancos e polidos. Um exército de determinada formiga africana pode matar um elefante e reduzi-lo a esqueleto, em curto prazo.

Dirigidos por uma suprema inteligência (o que pode acontecer, pela evolução), uma aliança entre várias espécies da família dos insetos poderá exterminar a raça humana em curto espaço de tempo, depois de iniciado o **assalto geral.**

Nessa guerra, as môscas, abelhas, vespas e formigas desempenharão importante papel. As termitas, por sua ação **sapadora,** poderão destruir as residências, abatendo-as numa só noite, em combinação com as traças e os cupins.

As moscas, mosquitos, escorpiões, etc., por sua vez, poderão banir o homem da face da terra, com a ajuda de outros insetos menores ainda, porém ainda mais terríveis. Seu potencial para a guerra de germes é muito maior e eficiente do que todo o material já fabricado e armazenado pelo homem para as suas próprias guerras.

Os cientistas descobriram, de fato, que as moscas carregam no próprio corpo e nas pernas uma média de 1.250.000 germes, enquanto uma só espécie pode transmitir mais de sete milhões de

micróbios causadores de moléstias tão terríveis como a bubônica, a gangrena, a febre tifóide, a lepra, a desinteria e a tuberculose.

Felizmente, o homem tem conseguido organizar a sua defesa e controlar êsses inimigos naturais. Pelo menos temporàriamente.

A despeito dêsses métodos, entretanto, várias famílias dessas pequeninas criaturas vão progredindo sempre, tornando-se menos vulneráveis às armas usadas pelo homem e crescendo, assim, em ameaça.

Todos êsses fatos devem servir de alerta, pois revelam o maior potencial dos insetos no sentido de aniquilar a raça humana, assenhoreando-se do mundo.

E' preciso, pois, combater sem descanso êsses nossos pequeninos e aparentemente frágeis competidores, como se disso dependesse a nossa própria vida.

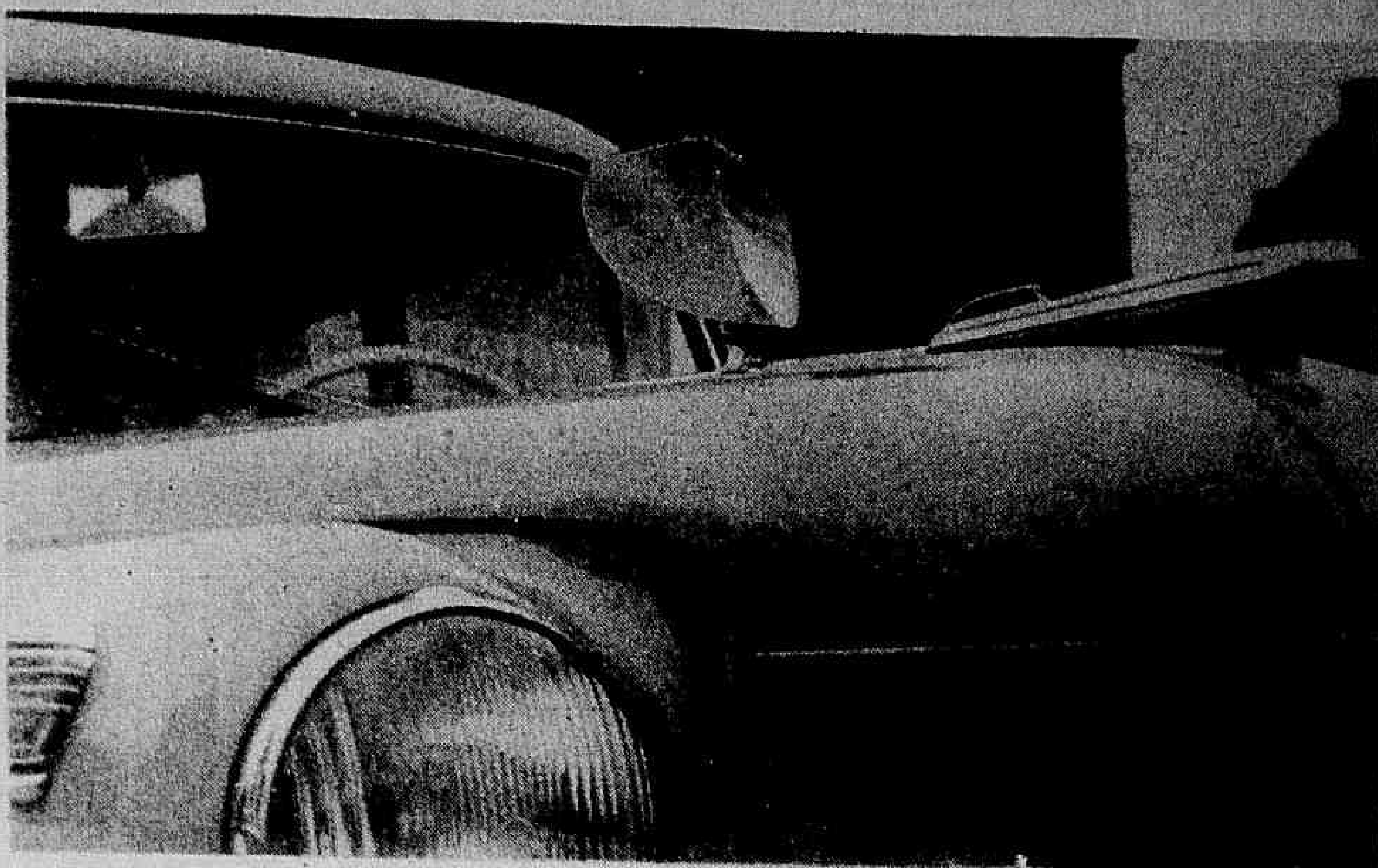
Os insetos estão vigilantes, esperando o momento em que os homens se descuidem; esperam que continuem a se matar, em guerras inúteis, enfraquecendo, em todos os sentidos. Quando chegar o momento oportuno, desfecharão um assalto geral e irresistível.



INVENTOR DO PRATO VOADOR

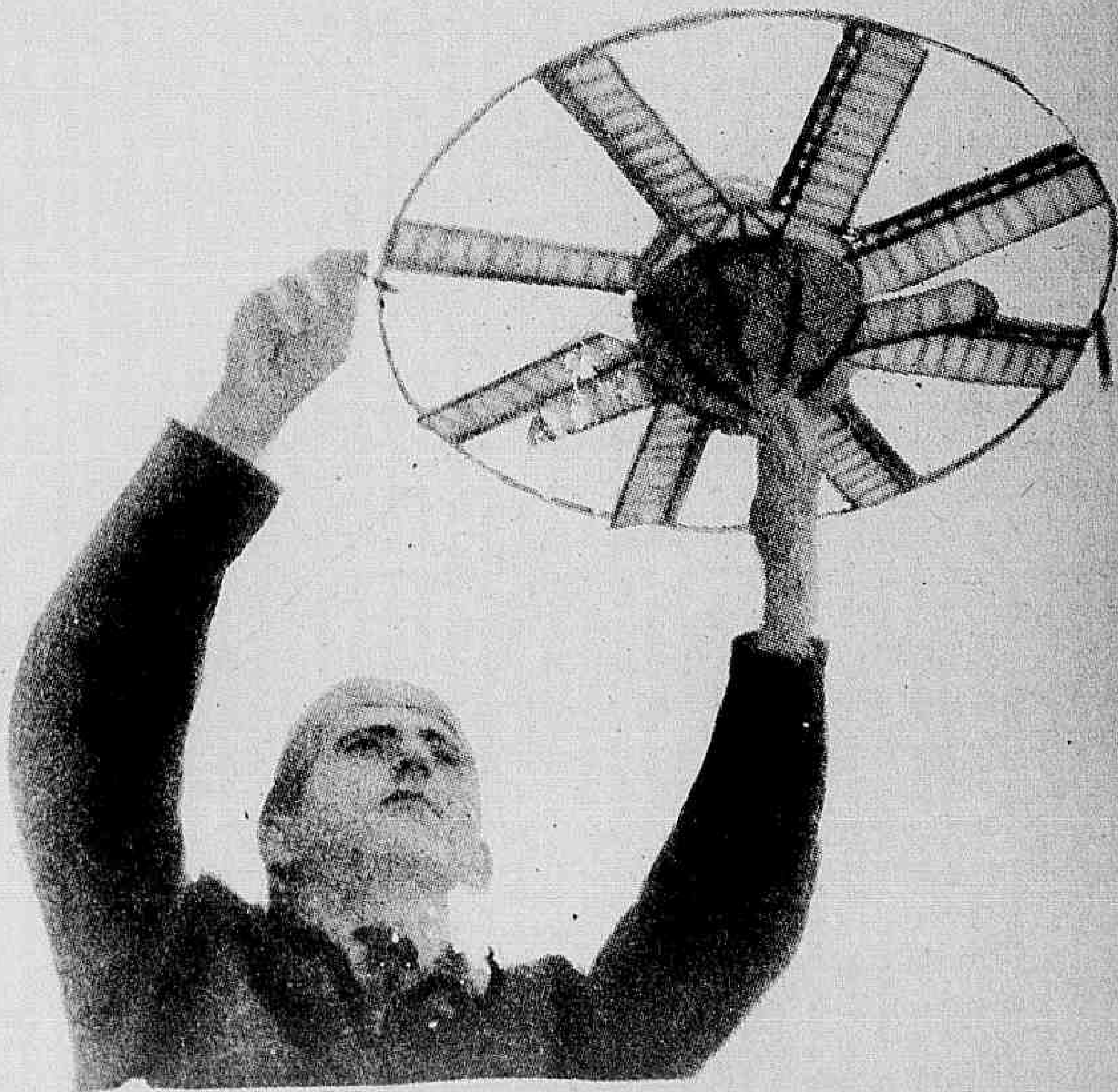
O antigo pilôto de caça da "Luftwaffe", Walter Schliesseke, de vinte e nove anos de idade, que vive atualmente em Hildesh'em, imaginou êste prato voador, ao qual batizou com o nome de "Fluro". Uma vez vistos os resultados obtidos com o pequeno modêlo, o jovem inventor iniciará a construção de outro aparelho, para ser ocupado por uma só pess . Afirma Schliesseke que êstes aparelhos serão, algum dia, os "taxis" do ar.

PARA O SEU AUTOMÓVEL, LEITOR...



Apareceu, recentemente, na Inglaterra, e logo despertou a curiosidade geral. Trata-se de um pequeno anteparo, transparente, feito de matéria plástica e pode ter variadas formas. Deram-lhe o nome de "Wirbulator" e foi imaginado para os que dirigem em determinada velocidade, provocando acúmulo de poeira no vidro dianteiro. Agora, o motorista não se queixará contra as môscas, mosquitos e outros insetos, que nunca mais poderão "marcar encontro" no vidro do automóvel. O "Wirbulator", que é fixado a um exato ponto distante do vidro do automóvel, cria uma corrente de ar — desde que o veículo atinja velocidade superior a 65 quilômetros horários. Êsse ar não permite que qualquer grão de poeira ou inseto atinja o vidro. Em caso de chuva, sendo esta um simples chovisco, o "Wirbulator" também age como eficiente protetor do vidro e, portanto, da visão do motorista.





ALBUM DE "CHOROS"

O principal juiz da cidade de Nova York chegou à conclusão de que o motivo "único", alegado pelos que infringem a lei, soa muito familiar, e de forma muito pouco convincente

OS regulamentos do tráfego são absolutamente necessários, e devem ser estritamente observados — **pelos demais motoristas.** — Esta é a opinião dos milhões de motoristas de Nova York. — E daí por diante, na opinião do "anjinho", tudo não passa de injustiça, e o guarda que o prendeu deve ser repreendido, pois a infração que praticou está cercada de uma longa série de atenuantes. A denúncia é **improcedente** e, como tal, deve ser retirada!

As estatísticas dizem bem o que é o problema do tráfego em Nova York. Em 1948, por exemplo, houve 617 269 acidentes de trânsito, e foram impostas multas no valor total de 3 225 dólares, aproximadamente. De todos êsses casos registrados, apenas 12 042 foram julgados **improcedentes** e, em 17 001 casos, a sentença foi suspensa. Por conseguinte, para o infrator, as possibilidades de livrar-se da Justiça, uma vez intimado a comparecer ao Tribunal, são na razão de 29 para 588. As sentenças suspensas são referentes aos casos em que o proprietário do automóvel teve que estacionar o veículo em lugar proibido, por motivo de **enguiço,** defeito acarretando sério perigo, ou qualquer motivo impe-



E DESCULPAS DOS MOTORISTAS...

Por EDGAR BROMBERGER

rioso, uma vez provado. Se estas figuras mostram quão inflexível é a Justiça de Nova York para com aquêles que infringem as leis do trânsito, os dados relativos aos acidentes fatais vêm ressaltar a prudência de tal modo de agir, por parte dos funcionários do Poder Judiciário. Em 1946, por exemplo, ocorreram cêrca de 700 mortes, só na cidade de Nova York, por acidentes de automóveis, de acôrdo com os Arquivos da Polícia. Em 1948, êsse dramático total foi reduzido para 500 e, o total dos acidentes ocorridos nos primeiros cinco meses do ano de 1949, seguem equivalentes ao período correspondente, do ano de 1948. A redução observada nos casos fatais indica o efeito da crescente vigilância da polícia, e também da estrita observância das leis do tráfego, por parte dos tribunais.

EDGAR BROMBERGER tem sido obrigado a resolver milhares de casos de acidentes de tráfego, como Juiz que é, na cidade de Nova York. Foi um dos auxiliares do Prefeito La Guardia, tendo desempenhado ainda os seguintes cargos: Comissário de Investigações, Comissário Especial Sanitário, e Assistente do Cons. de Corporação

Existe algo mais, no entanto, que **pode** e **deve** ser aplicado, na questão relativa ao trânsito: **engenharia** e **educação**. O juiz, que preside a seção de um tribunal especial para os casos de trânsito, tem dupla responsabilidade: educar os infratores e fazer que se cumpra a lei. Muitos motoristas confessam que, o comparecimento forçado ao tribunal acabou sendo muito útil para êles, não apenas em virtude dos salutares comentários do juiz, mas, também, pelo novo ângulo pelo qual passaram a ver as suas próprias desculpas, ao ouvirem as fracas e ingênuas alegações de outros motoristas, que, como êles, haviam infringido a lei.

Façamos uma experiência: — Sentemo-nos ao lado do juiz do Tribunal do Tráfego, localizado à rua Baker n. 60, em Nova York, e vejamos as dificuldades que o magistrado enfrenta, no sentido de proteger uma comunidade de cêrca de dez milhões de habitantes.

Centenas de pessoas vão sentar, diàriamente, no banco dos infratores. Tôdas elas receberam intimações; nenhuma delas tem qualquer sentimento de culpa; quando muito, admitem que a transgressão está atenuada por uma série de circunstâncias. Ressalte-se que, em alguns dos casos, os que ali estão não atenderam à intimação na data designada, e tiveram que ser levados ao tribunal, **contra a própria vontade.** Em suas **licenças** são anotadas as três principais violações das leis do trânsito: não comparecer ao tribunal, quando intimado, na data marcada; guiar em velocidade excessiva; guiar de modo displicente. A reincidência de tais transgressões implica na cassação da carteira de motorista.

Nossa atenção é despertada pela semelhança das desculpas invocadas pelos infratores, de modo que podemos agrupá-las em certos **estribilhos** característicos:

1) O transgressor enfrentou um tipo de emergência **extremamente pessoal,** tornando o respeito à lei do trânsito pouco importante, **em face das circunstâncias.**

EXEMPLO: Uma senhora se apresenta com a



intimação feita ao seu marido (estacionar em local não permitido), e informa ao juiz, num tom de "sejam mais cuidadosos da próxima vez", que o marido estacionou ali simplesmente porque ela, em estado "interessante", sentiu-se mal. O magistrado lê, na intimação, que o estacionamento ocorreu em frente de um restaurante, e que o mesmo teve a duração de quarenta e cinco minutos; lê mais que, dois meses antes, o mesmo veículo havia sido anotado **pelo mesmo motivo.** A mulher responde, indignada:

— Uma vez que o senhor menciona êsse fato, saiba que **o mesmo** ocorreu naquela ocasião. Senti-me mal, e meu espôso teve que parar diante do restaurante, para eu tomar um pouco de conhaque! Isto deve constituir, portanto, motivo suficiente para que a multa seja dispensada!

— A multa, para esta segunda infração, é de 25 dólares! — diz o juiz, dando o caso por encerrado, mas convicto de que será considerado pela infratora como um inimigo de crianças prestes a nascer.

2) O transgressor se viu a braços com uma **necessidade comercial**, que considerou mais importante do que a lei.

EXEMPLO: Um homem comparece ao tribunal trazendo duas intimações: uma, por estacionar em local não permitido e outra, por avançar o sinal.

— Sou geralmente cuidadoso e respeitador da lei — explica êle. — Mas tinha grande necessidade de apanhar certos dados de contabilidade em meu escritório, e voltar ao local de onde provinha, para resolver um negócio importantíssimo. Estacionei diante do edifício onde tenho escritório, mas não demorei mais que quinze minutos, ali. Devo dizer que foi muito irritante para mim, notar o papel prêso ao pára-brisa do carro e, quanto ao sinal, êste estava, justamente, passando para o vermelho quando cheguei à esquina. Eu, porém, tinha que ganhar tempo, de modo que avancei... Acontece que, o mesmo inspetor do trânsito que havia colocado a primeira intimação em meu automóvel, anotou o número de minha licença. Não queria utilizar esta expressão, mas isto até parece **perseguição.**

Ao juiz, o caso não se afigurava da mesma forma. Achava êle que todo cidadão devia orgulhar-se da cidade ter guardas de trânsito eficientes, que impedem certos indivíduos de praticar excessos, como no caso acima, **simplesmente** por julgar que seus negócios são mais importantes que a segurança dos transeuntes e dos demais motoristas.

Quem sabe se êsse infrator não terá sido **beneficiado** com essa segunda intimação, que, afinal, veio evitar que atropelasse alguém, mais adiante?

3) O transgressor julga estar numa situação privilegiada, por não ter emprêgo, no momento.

EXEMPLO: Um homem deixa o automóvel, durante todo o dia, junto de uma tomada de água para incêndio.

— Eu estava procurando emprêgo — explicou — deixei o automóvel ali, apenas por alguns minutos, tempo necessário para verificar se o emprêgo, que anunciavam no jornal, podia ser meu. Como nesse escritório pediram que eu começasse a trabalhar imediatamente, não pude, naturalmente, voltar para tirar o veículo do local.

— Mas, de qualquer modo, o senhor não deveria estacionar junto dessa bomba — disse o juiz.

— Ora, pude ver perfeitamente que não havia qualquer incêndio pela vizinhança!

Não resta dúvida. Devia ser aplicada multa ao transgressor Porém êste objetou, tràgicamente, que não pode a pagá-la, a menos que empenhasse qualquer coisa. O juiz recomendou, então, que isto fôsse feito **com o automóvel novo e caro, que o infrator dirigia.** E o infrator respondeu:

— Não posso empenhá-lo! Pertence à minha espôsa...

4) O infrator se considera em situação privilegiada, em virtude de exercer um cargo ligado aos serviços públicos.

EXEMPLO: Um cidadão deixa o automóvel, durante todo o dia, numa rua estreita, na qual o estacionamento é proibido.

— Mas, êste é um caso que deve ser tornado **sem efeito!** — argumenta — Faço parte do corpo de jurados, e acho um absurdo que cidadãos como eu não tenham o direito de estacionar o veículo livremente. Afinal de contas, estou prestando um favor ao govêrno!

— Infelizmente — pondera o juiz — não há lugar especial de estacionamento reservado aos jurados! Se cada um dêles trouxesse automóvel e o deixasse estacionado pelas ruas da vizinhança, estas ficariam intransitáveis. Nestas cir-



cunstâncias, o senhor terá que pagar a multa usual.

— Pelo que vejo, tôdas aquelas palavras desvanecedoras ditas nos julgamentos em que tomo parte, a respeito da importância do corpo de jurados, em nosso sistema judiciário, não passam de **conversa fiada**, retruca o motorista.

5) O infrator, por desatenção, ignorância ou, mesmo, de propósito, **não sabia estar violando a lei...**

EXEMPLO: Uma jovem senhora transitou, com seu automóvel, por uma rua destinada aos jogos e brincadeiras das crianças. Comparecendo ao tribunal, traz no colo seu filhinho, uma criança muito viva. Pergunta então, o juiz:

— Por que, tendo uma criança tão encantadora, a senhora assim pôs em perigo a vida de outras crianças, passando com o automóvel por uma rua destinada às diversões infantis?

— Não vi a tabuleta! — respondeu a mulher, indignada. — Mais tarde, quando voltei, foi que reparei na indicação. Mas, acho ridículo que essa tabuleta seja tão pequena. Devia, ao menos, estar colocada no meio da rua!

— As crianças estão, agora, no período das férias, e devem ser protegidas, principalmente nas ruas destinadas às suas diversões. Por êsse motivo, multarei a senhora em 15 dólares.

— Creio que, tendo também um filho — declarou a motorista, irritada — desejo ver a lei respeitada! Por isso espero que o senhor tenha alguma consideração pela mãe que, **absolutamente, não reparou na indicação!**

Se alguém, no entanto, trafegasse pela rua na qual o filho dessa senhora estivesse brincando, ela, certamente, não daria importância à questão de haver ou não o motorista reparado na indicação. Logo exigiria que o infrator fôsse severamente punido.

6) Há, porém, um grupo de motoristas que pode ser designado, apropriadamente, por "assassinos ousados"



EXEMPLO: Um motorista, com dez anos de experiência, é prêso por excesso de velocidade, numa das mais movimentadas avenidas de Nova York. O inspetor de trânsito, ao apresentar a queixa, atesta que, em resultado dos zigue-zagues provocados pela alta velocidade que o infrator imprimia ao veículo, outro "chauffeur" foi obrigado a desviar-se inopinadamente, colidindo com um terceiro automóvel que trafegava em sentido contrário. Graças a estar atento, o inspetor conseguiu anotar o número da licença do causador do acidente.

— Não fiz nada de mal — alega o acusado. — Quando entro num automóvel e tenho que ir a algum lugar, não posso ficar como uma **lesma**, esperando que os "molengas" saiam do caminho. Por que me prendeu, então? Prendam o sujeito que "bateu" no outro carro!

Mas, lá estavam, na sua ficha de motorista, duas condenações anteriores, por trafegar em alta velocidade, infrações estas acrescidas de desrespeito às autoridades. O juiz cassou a licença do infrator incorrigível.

Êste tipo de caso traz à baila um comentário feito pelo Major General Philip B. Fleming, Presidente do Conselho de Segurança. Recentemente, no curso de uma palestra com os magistrados da cidade de Nova York, falou:

"— Já terá, talvez, ocorrido aos senhores, que certos tipos de transgressores das leis do tráfego constituem um grupo de brutais e atrevidos assassinos?

"Sentadas ao volante de um automóvel, essas tempestuosas criaturas se tornam assassinos potenciais. Por pouca coisa, vão ao ponto de tentar matar alguém, obedecendo a um sentimento estranho que lhes domina a mente.

"Infelizmente é uma grande verdade. Homens e mulheres, tendo todos os requisitos de sociabilidade; que são corteses e bem considerados por suas considerações, deixam tudo isto para trás, desde que se vêem sentados diante de um volante."

Esta afirmação foi aqui transcrita, por constituir uma das impressões principais que possa ter um magistrado, diàriamente em contato com infratores do trânsito, e por ter sido dita com palavras **exatas**. A maioria dos transgressores das leis do tráfego é constituída por pessoas que respeitam a lei, mas que foram enredadas nas malhas da Justiça por negligência ou desatenção, com as regras menos importantes. No entanto, de tempos em tempos, aparece diante do juiz um infrator, que pode ser imediatamente classificado como uma dessas indesejáveis criaturas que não ligam a mínima importância à vida alheia.

Há, nessas pessoas, uma certa arrogância; clamam sempre por uma justificação pessoal e egoísta, e vêem nas autoridades do trânsito, nos demais motoristas — e na **própria lei** — verdadeiros inimigos, que não estão à altura de compreender o seu modo "elevado" de ver e de pensar. Um juiz pode aplicar a um dêsses violadores da lei a maior punição que estiver ao seu alcance, mas, ficará convencido de que tal punição não será suficiente para modificar o modo de pensar obtuso e errado dêsses tempestuosos motoristas.

Em geral, quais as conclusões a que chega um juiz, após julgar muitos milhares de casos, ocorridos no tráfego?

Ei-las:

1) Que o policiamento, para o cumprimento estrito da lei, seguido de um rigor persistente por parte dos magistrados que julgam os infratores, está favorecendo a educação paulatina da grande maioria dos motoristas, para a obediência automática à lei.

2) Que muito mais, ainda, precisa ser feito, no sentido de negar licenças de motoristas a pessoas com certas afecções físicas ou mentais, devendo ser realizadas inspeções regulares para verificação das condições gerais dos motoristas, e dos seus veículos.

3) Que facilidades de estacionamento continuam a ser inadequadas; em áreas congestionadas, como demonstram as transgressões verificadas em 1948, em número de 387 795, fora os 617 269 acidentes de tráfego ocorridos nesse ano.

4) Que, tanto o Govêrno quanto os construtores de novos estabelecimentos comerciais e casas para residência devem estudar, antecipadamente, êsse problema; seria, aliás, ótima sugestão, que alguns dos grandes fabricantes de automóveis financiassem a construção de pontos de estacionamento, a fim de facilitar, aos compradores de seus veículos, maior utilização e aproveitamento dos mesmos.

5) Que o grande número de casos registrados salienta a necessidade de incrementar o serviço de repressão aos infratores, mecanizando, por exemplo, o sistema de aplicação de multas por estacionamento em locais não permitidos: os infratores primários seriam multados pelos próprios portadores das intimações.

6) Que o tribunal mantenha a sua reputação de intransigência, quer seja o intimado pessoa importante ou não.

O General Fleming, numa das palestras que teve com os magistrados, afirmou que o tribunal de Nova York tem grande prestígio aos olhos da comunidade. E isto é tanto verdade quanto, certo político de grande prestígio, ao ser abordado do lado de fora do tribunal, por um dos membros de seu partido, para que "tratasse" de uma intimação que a êste fôra feita, respondeu, irritado:

"— Como quer que eu consiga isso, se acabo de sair do tribunal, onde me inpingiram uma pesada multa?"

Finalmente, o vasto e crescente número de casos de acidentes de tráfego leva à conclusão de que, os motoristas de tôdas as cidades do mundo devem procurar evitar êsses fatos desagradáveis, pois, de cada um dêles depende, constantemente, a vida de inúmeras pessoas. O senso de responsabilidade de cada um é enorme, e seria bastante que cada cidadão tivesse exata noção do mesmo, para que grande número de infrações e acidentes fôsse evitado.

Ficou provado que os congestionamentos sofridos pelo tráfego das grandes cidades norte-americanas acarretou, nos últimos anos, um prejuízo de cêrca de um milhão de dólares **diários**, às mesmas. Cabe, assim, a cada um, cooperar com as autoridades, no sentido de preservar sua cidade dos acidentes de tráfego, que acarretam tantos prejuízos. Além do mais, embora o infrator não seja apanhado em sua primeira transgressão, mais cedo ou mais tarde as autoridades deitar-lhe-ão a mão e, entre nós, não é nada agradável estar pagando multas.

Evitemos pois as transgressões e os acidentes. Um pouquinho mais de atenção e maior dose de paciência para aguardar o sinal verde!



O TRATAMENTO DA ESQUIZOFRENIA

A "esquizofrenia catatônica" é uma forma de esquizofrenia, em conseqüência da qual o enfêrmo se abstrai de tal maneira, da realidade, que adquire uma rigidez cadavérica e nada observa do que ocorre em tôrno de si. O psicólogo Henry Peters, do Hospital de Veteranos de Arkansas, criou um sistema para a cura dessa terrível enfermidade mental, segundo revela "Life International".

"O método de Peters se baseia na máxima: Nada tem mais êxito que o êxito" — diz "Life".

Como se acredita que a enfermidade é conseqüência de repetidas decepções e humilhações, que induzem o paciente a negar a realidade, dela se afastando, Peters estabeleceu um sistema de prêmios.

Dá aos pacientes problemas muito fáceis, que êles são capazes de resolver. Quando os enfermos apresentam as soluções, Peters os recompensa com bombons. Antes, é injetada nos pacientes insulina, que os faz ter grande necessidade de açúcar. Aos poucos, os pacientes vão sendo levados a solucionar problemas mais difíceis, até que readquirem a consciência.

Até agora — segundo informa "Life" — Peters foi bem sucedido com três pacientes dos dez primeiros em que está fazendo a experiência, estando êsses pacientes em condições de sair da casa de saúde e um dêles radicalmente curado.

UM SÔCO POR UM AMOR

AS COISAS NÃO IAM BEM PARA WEBSTER JONES. PRIMEIRO, AS CASAS PRÉ-FABRICADAS E, DEPOIS, A BELA TONY... MAS, TUDO SE RESOLVEU COM UM SÔCO BEM APLICADO...

Por ELIZABETH TROY

NO novo bairro de Peace Heaven, a "Casa-modêlo" havia sido visitada pela última pessoa, naquele dia. Webster Jones, exibidor e diretor do plano de construção das casas-modêlo, estava finalmente sòzinho — êle, os cinco aposentos mobilados de que se compunha a residência, e... seus pensamentos.

Nos dias anteriores, normalmente, ao anunciarem os relógios as 17 horas, Webster Jones, como um suburbano que está prestes a perder o trem, lançava-se porta a fora, desaparecendo o mais ràpidamente possível, como se aquêle projeto de casa fôsse o negócio mais intolerável para êle. Naquele dia, no entanto, calmo e pensativo, Webster, sentado à sua pequena escrivaninha, situada num dos cantos da sala de visita da "casa-modêlo", olhava com certo desagrado para o pequeno espaço que a sala ocupava.

Estava decidido a mudar de vida, e procurar outro tipo de trabalho. Webster era alto, um tanto magro, corado, com um nariz excessivamente avermelhado, como se vivesse a atrair os raios solares. Os olhos, castanhos, denotavam inteligência. Contava 24 anos, era um veterano da guerra, e alcançara um diploma universitário, mas, o tempo, sempre tão efetivo em marcar o correr dos anos na fisionomia dos homens, parecia não se importar com o jovem e ao mesmo tempo maduro Webster, pois que, externamente, dava a impressão de ser um rapaz de 19 anos. Êste o motivo pelo qual o tio, um abastado industrial da cidade onde iriam construir dois bairros, havia colocado o rapaz à testa da emprêsa construtora de casas-modêlo — **para amadurecer.**

Webster ali estava, no desempenho dos seus encargos, há quatro meses e, naquele fim de tarde, refletia que, apesar de haver adquirido maior desembaraço no falar, seu aspecto continuava **o mesmo,** sempre com aquêle ar de estudante em férias. E mais irritado ficava, ao recordar a "luminosa" idéia que tivera: a de convencer a velha Sra. Antoinette Dearborn a vender os seus acres de terra estéril. Tudo resultara em completo fracasso, cismava êle, só porque o seu semblante não apresentava aquêle ar de maturidade indispensável aos homens para obterem sucesso em seus empreendimentos; daí, não ter tido coragem de falar com a anciã, temeroso de levar o contra.

A suposta recusa da Sra. Antoinette em vender significava simplesmente que não havia mais um lote de terra no qual o seu tio, Howard Murdock, pudesse construir as casas-modêlo e, uma vez que os demais terrenos, que se prestavam à construção de um novo bairro, estavam ocupados. Webster não via motivo para continuar expondo o **modêlo.** E, tão mergulhado estava em seus pensamentos, que nem levantou os olhos ao ouvir os leves passos que anunciaram a presença de mais **alguém** na pequena casa.

— A casa — falou, com maus modos — está fechada para as visitas. E fechada **para sempre!**

— Isto — respondeu uma voz clara e suave — não impede que eu tenha a curiosidade de saber **por quê!**

Foi então que Webster resolveu encarar a pessoa com quem falava, enquanto dizia:

— Pois vai saber o motivo...

Ao acabar de falar, continuou com a bôca aberta, deslumbrado pela beleza da criatura que estava diante de seus olhos. Ela não havia fechado a porta ao entrar, de modo que os raios de sol, com o tom que apresentam às últimas horas do dia, penetravam na sala, realçando e enfeitando aquêle vulto encantador, de cabelos vermelhos e olhos cinzentos.

Webster, fazendo menção de levantar-se, contou até dez antes de tornar a falar, pois, as mulheres que vinham visitar a casa-modêlo eram geralmente casadas, e o rapaz não gostava de meter-se em complicações. Disse então, polidamente:

— As casas estão tôdas ocupadas. E não haverá mais nenhuma, durante alguns anos. A menos, é claro, que a senhora acredite em milagres.

A moça levantou o narizinho bonito ao retrucar:

— Milagres... em geral, ou **algum milagre** em particular?

— Venha até aqui, por favor, e lhe mostrarei!

A ruivinha hesitou um instante, após o que caminhou resolutamente, com um passinho de "modêlo" francês, até à janela para a qual Webster já se dirigira.

— Olhe lá! — disse Webster, apontando num gesto largo — Está vendo aquêle telhado majestoso, que se eleva acima de todos os demais? E' o único que possui uma cúpola, em vez de uma antena de televisão!



Webster Jones deu um passo à frente, aplicando um potente sôco, exatamente no belo nariz de Kenneth Dearborn.

A jovem visitante, dando um passo atrás, perguntou, espantada:

— Mas, que tem isto a ver com... um milagre?

— Aquêle é o **solar Dearborn!** Se, por um milagre, meu tio, Howard Murdock, pudesse comprá-lo, poderia completar a construção das casas-modêlo projetadas, e algumas centenas de famílias de veteranos não teriam que continuar a viver em tendas, carros-reboques, ou na casa dos parentes. Mas, **o solar não está a venda!** Isto é o que afirmou ao meu tio, há algum tempo, a proprietária, a "velha" Antoinette, que prefere conservar aquelas terras inúteis, a fazer um bem à coletividade.

A esta altura, o rapaz parou para respirar e, a seguir, completou:

— Mas, se quiser mesmo ver a casa...

— Não vim aqui para ver a casa! — respondeu a moça, com um tom enérgico na voz aveludada. — Mesmo que a entregasse embrulhada em papel celofane, com uma fitinha azul, ela não me interessaria! Meu único intuito era o de falar com o senhor mesmo!

Atônito, Webster Jones retrucou:

— Comigo? Bem, neste caso, vamos sentar.

A desconhecida descançou o corpo gracioso numa poltrona azul, e tornou a falar.

— Seu nome é... Jones, creio? Perguntei a um homem que estava cortando a grama, e êle me disse...

— Perfeitamente! Webster Jones.

E, examinando-a detidamente, com olhar entusiasmado, perguntou, por sua vez:

— E o seu?

Ela sorriu, mansamente. Em seguida, como se esperasse uma reação por parte do seu interlocutor, disse, fitando-o bem nos olhos:

— Miss Dearborn! **Tony**, se preferir... é o diminutivo de Antoinette!



A reação de Webster teria causado um acesso de riso a qualquer pessoa. Levantou-se, tornou a sentar, e, após arregalar os olhos e abrir e fechar a bôca várias vêzes, ficou inteiramente ruborizado. Depois, enquanto a jovem visitante continuava a fitá-lo com aquêle olhar firme e sem rancor, pôde finalmente gaguejar:

— Eu... não sabia! Desculpe-me...

— Oh não! Não desculpo! Você se referia a minha avó, e criticava-a procurando ridicularizar a coitada, porque ela não queria abrir mão da casa em que vive há sessenta anos! E o tal Murdock, seu tio, continua a importuná-la, com ofertas de compra do solar!

Fêz uma pausa, enquanto os olhos, antes tão doces, flamejavam de indignação. Depois, levantou a cabeça, orgulhosamente, continuando a falar:

"— Pois bem, eu vim aqui intimá-lo a encerrar essas investidas importunas!

— Mas... Mas por que vem intimar... a mim? — respondeu Webster, recuperando, aos poucos, a calma e a presença de espírito.

— Porque você é o dono do automóvel barulhento e horroroso que, por diversas vêzes, entrou pelo portão do solar, ficando ali no jardim, com o motor a trabalhar, e se retirou novamente, sem se resolver a ir à presença de minha avó! Pude vê-lo muito bem, da janela do meu quarto! E agora, ia passando, quando vi o seu medonho automóvel e resolvi interpelá-lo!

Webster concordou, mudamente. De fato, seu automóvel estava em péssimo estado, apesar do motor ainda conservar a potência de alguns anos atrás. Até mesmo a êle, que estava acostumado ao ruído que fazia, irritava aquêle chocalhar do motor. Meio acanhado, respondeu tolamente:

— E', devo ter parecido um tolo... Entrar lá, sair, sem procurar falar... Fui idiota, sem dúvida!

— Isso mesmo! Se queria falar com minha avó, por que não tocou a campainha?

— E' que... Bem; não há motivo para me sentir envergonhado! Vou explicar. Meu tio teve a idéia de comprar o solar de sua avó, para ali construir uma série de casas do tipo desta. No entanto, por ter a aparência de um rapazinho, tôdas as vêzes em que me dirigia para lá, a fim de falar com a Sra. Dearborn, acabava desistindo, por julgar que ela nem me receberia, uma vez que recusara, por diversas vêzes, a oferta de meu tio. Mas, agora, está tudo encerrado. Rogo-lhe o favor de dizer à sua avó que meu tio não mais irá importuná-la com pedidos de venda.

— Uma vez que me pede com bons modos, farei isto. Mas, fique sabendo que isto agora não importa mais, dado que comprei o solar Dearborn, de minha avó, pela irrisória quantia de **1 dólar!**

Webster sentiu — mais uma vez, desde que efetuara um salto de pára-quedas na Holanda, contundindo-se sèriamente — os joelhos fraquejarem. Isto acontecia, agora, sempre que era assaltado por alguma emoção mais forte.

Sua resposta saiu quase sem querer, quando balbuciou:

— Foi, de fato, uma ótima compra. Meu tio havia oferecido...

— Não me interessa quanto êle ofereceu! Kenneth e eu resolvemos remodelar o solar e deixar que vovó descanse em paz nos poucos anos que ainda lhe restam de vida.

Novamente, os joelhos do rapaz, afetados no acidente do pára-quedas, tremeram. E êle retrucou:

— K-Kenneth?

Tony corou ligeiramente, ao responder:

— Meu noivo, Kenneth Dearborn. Um... primo distante! Naturalmente, quando casarmos, passaremos a residir no solar.

— Naturalmente! — retrucou Webster — Não admira que não esteja interessada em uma habitação de proporções tão diminutas como esta.

Ela relanceou o olhar pela saleta, antes de voltar a falar!

— Não compreendo como existem famílias que vivem numa gaiola como esta! Deve ser grande o número de pessoas asfixiadas pela falta de ar que se sofre aqui no interior.

Webster Jones mordeu os lábios com fôrça, antes de responder:

— Não entendo nada a respeito de asfixia, mas sinto-me de fato oprimido no interior de uma casa como esta. Sou exatamente da sua opinião. Adoro o ar livre, e bastante espaço para me locomover.

Tony, agora mais cordata, pareceu interessar-se pela palestra, atalhando:

— Meus pais residiram sempre numa cidade

muito movimentada, em casas pequenas ou apartamentos. Eu ansiava pela chegada das férias, para poder passar algum tempo no solar de minha avó.

— Que coincidência! O mesmo se dava comigo! Todos os anos, ia para a fazenda de meus avós, onde existem bons lugares para passear, campinas e montanhas que enchem os olhos!

— E alguns bons rios para pescar e tomar banho?

— Oh, sim! Chegamos a construir um trampolim, para saltos.

— Nós costumávamos brincar no tanque que existe no pátio do solar. Quando chovia, bricávamos de "esconder", dentro da enorme estufa que meu avô mandou construir para as suas plantas raras...

Riram ao mesmo tempo, e pareceu ao rapaz que a casa estava repleta de sinos soando cristalinamente, em acompanhamento à deliciosa voz de Tony. Fitaram-se longamente e, em seguida, ela se levantou. Webster acompanhou a visitante até à porta e, ali chegados, Tony começou a falar:

— Não vá pensar que procedo como egoísta. Deve, sim, compreender que o solar já é uma tradição, em minha família. Além disso, vovó morreria de desgôsto, caso eu vendesse a propriedade.

— Compreendo, sim... — disse Webster — Compreendo perfeitamente! O mesmo se dava com meus avós.

Os dois tornaram a cruzar um olhar, com ar grave. O sol, que aos poucos desaparecia, lançava os últimos raios sôbre os sedosos cabelos ruivos de Tony e também sôbre seu rostinho bonito. Despedindo-se, Tony caminhou na direção do seu automóvel. Estacou, porém, sùbitamente, girou o corpo e perguntou:



— Eu estava completamente fora de mim! — conseguiu dizer o rapaz.

— Tinham vocês um **quarto secreto**, na fazenda?

— Na realidade, não havia nenhum! Mas eu fingia que um compartimento, pequeno, que servia de depósito, era o **quarto secreto** do meu **vasto castelo!**

— Pois o solar de vovó **tem** uma câmara secreta **de verdade!**

— Não diga!

— Sério! — respondeu Tony, enquanto tirava as chaves da bôlsa.

Ficou calada, fitando o chão, durante alguns instantes e, depois tornou a falar:

— Escute... Se quiser aparecer amanhã no solar, para ver a **câmara secreta**, posso mostrar-lhe. E'! Isto mesmo! Está combinado! Estarei à sua espera às 5 horas, para o chá.

— Eu... eu terei muito prazer em ver o quarto secreto! — afirmou Webster com o coração a bater desenfreadamente.

Tony se instalou diante do volante, bateu a porta e, antes de pôr o motor em movimento, acrescentou:

— Minha avó e Kenneth estarão lá!

Enquanto o carro se afastava, os joelhos de Webster voltaram a tremer, e êle teve que se apoiar ao umbral da porta, tal a intensidade da tremedeira...

*

"Não havia outra explicação. Estava apaixonado por Tony." Isto pensava êle no dia seguinte, enquanto guiava o automóvel pela estrada, na direção do solar Dearborn. E Webster não podia deixar de sentir imensa tristeza aliada a um sentimento de reprovação e quase cólera, por se haver enamorado de uma pequena **que já era noiva!** Seu coração palpitava da mesma forma desenfreada que o barulhento motor do veículo, e tinha a impressão de que, a um solavanco mais forte, tanto um quanto outro explodiriam.

Após conduzir o veículo, mais uma vez, pelo majestoso portão da residência, saltou e pôs-se a rememorar o seu tolo procedimento nas duas vêzes anteriores em que ali estivera. Resolutamente, agora, tocou a campainha... e levou um susto, estremecendo violentamente, quando o belo rosto de Tony apareceu à sua frente, ao abrir a porta.

A partir daquele momento, Webster não se lembrou, senão vagamente, dos atos que praticou, durante a visita. Recordava-se de haver dito alguma coisa a Tony, à guiza de cumprimento, e que, pouco depois, seguia com a mente e os olhos o passo gracioso de sua anfitriã. Quando Tony tornou a falar, sua voz pareceu ao visitante vir de algum ponto distante e desconhecido, tal a melodia e a cadência com que lhe chegava aos ouvidos.

— Vovó, êste é Webster Jones! Webster, a Sra. Dearborn.

Webster balbuciou um **muito prazer** e sentou-se na poltrona que a anciã lhe indicava com a mão ossuda. Aparentava uns 70 anos, e estava recostada numa cadeira que contrastava com o resto da excelente mobília que guarnecia a sala. A cadeira era baixa e simples, e ficava perto da janela, ricamente adornada por uma bela cortina. Os olhos da Sra. Dearborn, de um azul pálido, examinavam discretamente o rapaz, com um brilho de simpatia.

Tony veio sentar-se sôbre o tapête fôfo, aos pés da avó, a quem parecia idolatrar.

— Esta é a primeira vez — falou a velhinha — em que Tony permite a entrada de algum parente ou empregado de Murdock, no solar... Entretanto, ela me contou que o senhor gosta de casas antigas...

— Eu disse a vovó o que você me falou a respeito da fazenda em que passava as férias — explicou Tony, apressadamente.

— De fato, gosto muito de casas de estilo antigo, com êsse ar vetusto e solene... — afirmou Webster, procurando dar à voz um tom natural.

— E, há quanto tempo o senhor não vai à fazenda de seus avós? — perguntou a anciã.

— Desde três meses antes de ir para a guerra. Quando de minha última visita à fazenda, um temporal fortíssimo arrancou a cúpola que guarnecia o telhado da construção, de modo que meus avós, sentindo também os efeitos do clima frígido da região, resolveram vender a propriedade e comprar uma casa numa cidade da Flórida, onde agora residem, juntamente com uma das filhas casadas.

A Sra. Dearborn, ao ouvir essa afirmativa, voltou-se ràpidamente para a neta e perguntou:

— Diga-me, Tony: Kenneth incluiu a cúpola de nossa casa nas reparações e pinturas que diz estar prestes a efetuar?

— Incluiu

— Não me agrada, em absoluto, a moleza com que o seu noivo tem agido, Tony! O dia do casamento se aproxima, e êle ainda nem iniciou as obras. Vive planejando novas modificações, mas não vejo sinal de providências! Precisamos ter uma conversa com Kenneth, hoje mesmo!

— Êle está fazendo o que pode para apressar o início das obras — respondeu a neta, com veemência. No entanto, Webster notou **qualquer coisa** no olhar de Tony, como se ela não dissesse aquilo com sinceridade.

Voltando-se novamente para o visitante, a anciã reiniciou a palestra.

— Também tenho uma filha na Flórida, e, em tôdas as cartas que me escreve, pede que vá morar com ela, dizendo maravilhas a respeito do clima de lá!

— Bem, vovó — interrompeu Tony — se me permitir, irei mostrar o quarto secreto ao nosso visitante.

A Sra. Dearborn concordou, com um movimento de cabeça, e os dois jovens se levantaram. Mas, antes que saíssem da sala, ouviu-se uma voz masculina, no "hall", e um rapaz excessivamente moreno, de cabelos lisos, com um ar de galã de cinema, apareceu no umbral da porta.

Webster examinou o recém-chegado com extrema curiosidade, enquanto êste, após beijar a face da noiva, dobrou uma perna, quase ficando ajoelhado diante da avó, dando-lhe um longo beijo na mão pequenina e sêca. Havia nêle, qualquer coisa que não agradou a Webster Jones. O nariz parecia muito delicado e feminino, o mesmo ocorrendo com os lábios, isto contrastando

(Cont. na pág. 115)

JUVENTUDE DE HOJE

(FATOS DA VIDA REAL)

ALGUMAS DAS CRIANÇAS DE HOJE NÃO QUEREM ESPERAR A FASE ADULTA, E RESOLVEM GANHAR DINHEIRO DE QUALQUER MANEIRA...

Por JUNE SIDNEY



OS parentes, particularmente os pais, buscam em geral estimular a ambição e o gênio comercial da descendência masculina, falando-lhe a respeito dos pequenos trabalhos que faziam, trinta anos antes, em idade semelhante à dos garotos. E' desnecessário dizer, no entanto, que alguns dos rapazolas e garôtas de hoje não necessitam de "empurrões", pois apresentam grande **dose** de iniciativa.

O TRIO BRANNON — As três irmãs Brannon foram famosas em todo o Estado de Montana, pela alta classe do "jazz" que interpretavam. Tocavam clarineta, piano e contrabaixo, tendo animado muitas "soirées" dançantes. As danças, no entanto, terminavam gerálmente muito cedo, pois as três irmãs contavam, respectivamente, **cinco, seis** e **oito** anos de idade!

UM PINTOR NECESSITADO — Recentemente, o museu de uma das grandes cidades do Oeste dos Estados Unidos realizou uma exposição de pintura, com quadros feitos pelos alunos das escolas públicas locais. Um dos jovens **Rembrandts** penetrou no museu, pouco antes de aberta a exposição, escrevendo na parte inferior de sua obra: **"Por favor, auxiliem um jovem artista necessitado."** Em seguida, pendurou ao lado do quadro uma pequenina bôlsa. Como resultado, antes de terminar êsse primeiro dia de exposição, havia doze dólares dentro da bolsinha.

MEU FILHO AGIOTA — Um chefe de família no subúrbio de Londres, Inglaterra, andava mal nos negócios. Quando mais preocupado se achava, com a premente necessidade de dinheiro, veio ter às suas mãos um dêsses papéis de propaganda que se distribuem nas ruas; o papel anunciava pequenos empréstimos, a juros módicos. Cheio de esperança, o homem discou o número do telefone que se encontrava impresso no folheto. E' desnecessário relatar a surprêsa, ao verificar que o número do telefone era... o de sua própria residência, e que o **agiota** não era outra senão o seu próprio filho, de 16 anos de idade!

PIANISTA DE QUALIDADES — Com a idade de 13 anos, Kenneth Morse pediu ao pai que lhe permitisse aprender piano, tendo êste o advertido de que pouquíssimos, entre os inúmeros pianistas, alcançam bom resultado financeiro em sua carreira. Pelo visto, Kenneth deve ser incluído nessa minoria, pois, atualmente, leciona piano a quinze entusiasmados adultos!

TRABALHO NOTURNO — John e Berthilda Mason, gêmeos de 12 anos, costumam ganhar algum dinheiro tomando conta de bebês, enquanto os pais dêstes trabalham ou vão ao cinema. Sentindo-se pouco ocupados, resolveram efetuar outros pequenos serviços, tais como: vigiar bolos deixados no fôrno, lavar pratos e limpar venezianas de alumínio.

O FILHO SUPLANTOU O PAI — O pequeno Ben Hilliard, de Cleveland, Estado de Ohio, ouvia sempre o pai dizer: "— Quando cresceres, ampliarei a minha firma, a qual passará a **ser Hilliard & Filho."** Obscecado e animado por tal idéia, o garôto resolveu organizar sòzinho uma fábrica de brinquedos; isto aos 12 anos! Tendo obtido êxito, convidou o pai a juntar-se a êle, e a firma tem agora o nome de... **Hilliard & Pai!**

UM PEQUENO LORD BYRON — Num subúrbio da cidade de Oxford, Inglaterra, apareceu um poeta de 14 anos de idade, cujos versos comovem as senhoras a tal ponto, que estas derramam lágrimas intermináveis. Mais tarde, o rapazola descobriu uma nova fonte de renda: escrever os discursos para os homens de negócios pronunciarem, após os almoços e jantares.

UM RETRATISTA INTELIGENTE — Levando a tiracolo a nova e custosa máquina fotográfica de seu pai, do último tipo, Harriet Stern, de 9 anos de idade, costumava percorrer estações de estrada de ferro e aeroportos. Quando divisava um casal de amorosos prestes a se despedir, a menina batia uma chada do mesmo, **na última cena** da despedida. Poucas vêzes Harriet deixou de vender cópias dessas fotografias aos interessados.

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO

Por FRELING FOS...



A CIDADE de Johnstown, no Estado de Pennsylvania, é uma das poucas, nos Estados Unidos, em que os telefones urbanos não podem ser utilizados em chamadas que excedam a oito minutos. Desde o ano de 1939, seus aparelhos telefônicos foram regulados com um dispositivo automático que produz um sinal de advertência... sessenta segundos antes de cortar a ligação telefônica! Eis o que deveria ser adotado entre nós, onde a média de duração de conversas telefônicas (entre mulheres ou entre namorados) é de 21 ½ minutos.

A AUSTRÁLIA é o único país democrático que tem a **história oficial** completa, de sua participação na Primeira Grande Guerra. A obra, terminada recentemente, requereu vinte e dois anos de preparação, e consta de seis volumes.

OS CANHÕES navais dos Estados Unidos disparam tamanha variedade de projetis, que os diversos tipos são pintados em côres diferentes, **para que possam ser distinguidos rápida e fàcilmente.** As cápsulas das balas anti-aéreas são verdes, e bem assim as bombas utilizadas pelos aviões; os obuses de penetração são côr de prata; os de altos explosivos são amarelos; as granadas, de côr branca; e, finalmente, as bombas de gás são de côr vermelha. Quando a bala apresenta ainda uma faixa branca, isto indica que ela é traçante.

OS CÃES pertencentes ao Exército dos Estados Unidos são especialmente treinados na busca de feridos e desaparecidos. Após localizar algum soldado ferido, o cão volta ao quartel das operações e indica sua descoberta, mastigando o distintivo que traz pendurado na coleira (uma espécie de medalha de madeira). Em seguida, guia os enfermeiros até ao local em que se acha o ferido!

A EXPRESSÃO "Diga isso aos fuzileiros", muito utilizada nos Estados Unidos, não é mais que uma velha frase inglêsa que, pela primeira vez, foi citada na novela de Sir Walter Scott, "A Manopla Vermelha", obra escrita e publicada no ano de 1824.

EM ADIÇÃO ao seu relógio de 24 horas, o Exército dos Estados Unidos utiliza agora a hora civil de Greenwich, exclusivamente para evitar confusões e enganos nos relatórios e comunicações entre os diversos setores pelos quais se estende a ação de suas tropas. Eis um exemplo para maior clareza do que aqui expomos: — Dois oficiais, um no Alaska e outro no Marrocos, reportam incidentes que ocorreram simultaneamente, utilizando, assim, as figuras 271331Z. Estas significam que as ocorrências tiveram lugar no 27.º dia do mês, 31 minutos após as 13 horas; o **Z** serve para referir a **hora de Greenwich**, também conhecida por **Meridiano Zero.**

AS CIDADES da China livre continuam a ser feèricamente iluminadas, durante a noite, não temendo as conseqüências de um "raid" aéreo de surprêsa, pois os seus sistemas de **detetores** e **radar** sempre avisam as autoridades militares da aproximação dos aviões, pelo menos com uma hora de adiantamento.

O LATEX, base da borracha crua, encontrada em variadas qualidades e quantidades, em cêrca de 9 000 espécies de árvores, ervas, arbustos e videiras, difere do verdadeiro humor das plantas, por não parecer ter qualquer função necessária à vida da mesma. Na verdade, sua função ou finalidade não foi, ainda, tornada clara pelos botânicos.

AS DUAS primeiras cidades dos Estados Unidos agraciadas com uma bandeira ostentando um enorme "T" (Tesouro), e doada pelo Departamento do Tesouro, foram Cedar Rapids, no Estado de Iowa, e Ilion, no Estado de New York. Elas mereceram tal distinção, porque 90 por cento de seus cidadãos investiram, em média, mais de 10 por cento de suas rendas, em bônus de guerra.

O ambicionado SEXTO SENTIDO

TODO CÉREBRO HUMANO TEM O PODER DE VER SEM OS OLHOS ★ O SEXTO SENTIDO PSÍQUICO DE CADA UM DE NÓS PODE SER DESENVOLVIDO!

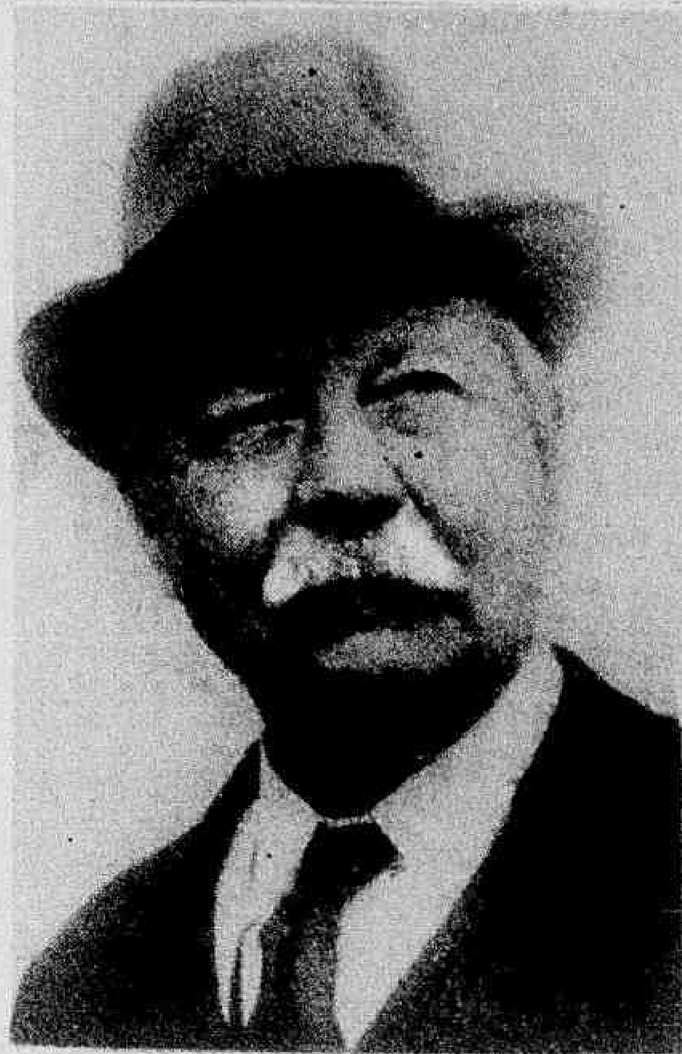
O famoso explorador inglês, Sir Hubert Wilkins, tem o fabuloso poder de projetar seu pensamento através de enormes distâncias — milhares de quilômetros — sem necessidade de telefone, rádio, ou outro qualquer meio de comunicação, de natureza mecânica. Êle consegue êsse prodígio, enviando uma comunicação telepática, mais conhecida por **mensagem mental**, a uma determinada pessoa, servindo de **receptor** das ondas telepáticas, que são transmitidas como se fôssem ondas curtas.

Êste tipo de mensagem difere bastante da mensagem telepática comum, já experimentada por muita gente, como, por exemplo, o caso do ente querido que se comunica telepàticamente com alguém, ao morrer. Na mensagem mental, há um contrôle orientado, por parte da pessoa que a envia, e êsse contrôle, e posterior emissão de ondas, pode ser exercido por qualquer mortal que apresente condições psíquicas normais. E' fácil concluir que, uma vez desenvolvido êsse poder que cada um de nós possui, os atuais meios de comunicação tornar-se-ão, com o correr do tempo, obsoletos.

E' estimulante a noção de que, dia a dia, maior é o número de pessoas que desenvolvem êsse e outros tipos de poderes psíquicos, considerados, até pouco tempo atrás, próprios de apenas alguns indivíduos privilegiados. Os parapsicologistas estão mais inclinados, gradativamente, a acreditar que, com uma firme evolução das qualidades do cérebro humano, poder-se-á obter uma "raça de super-homens".



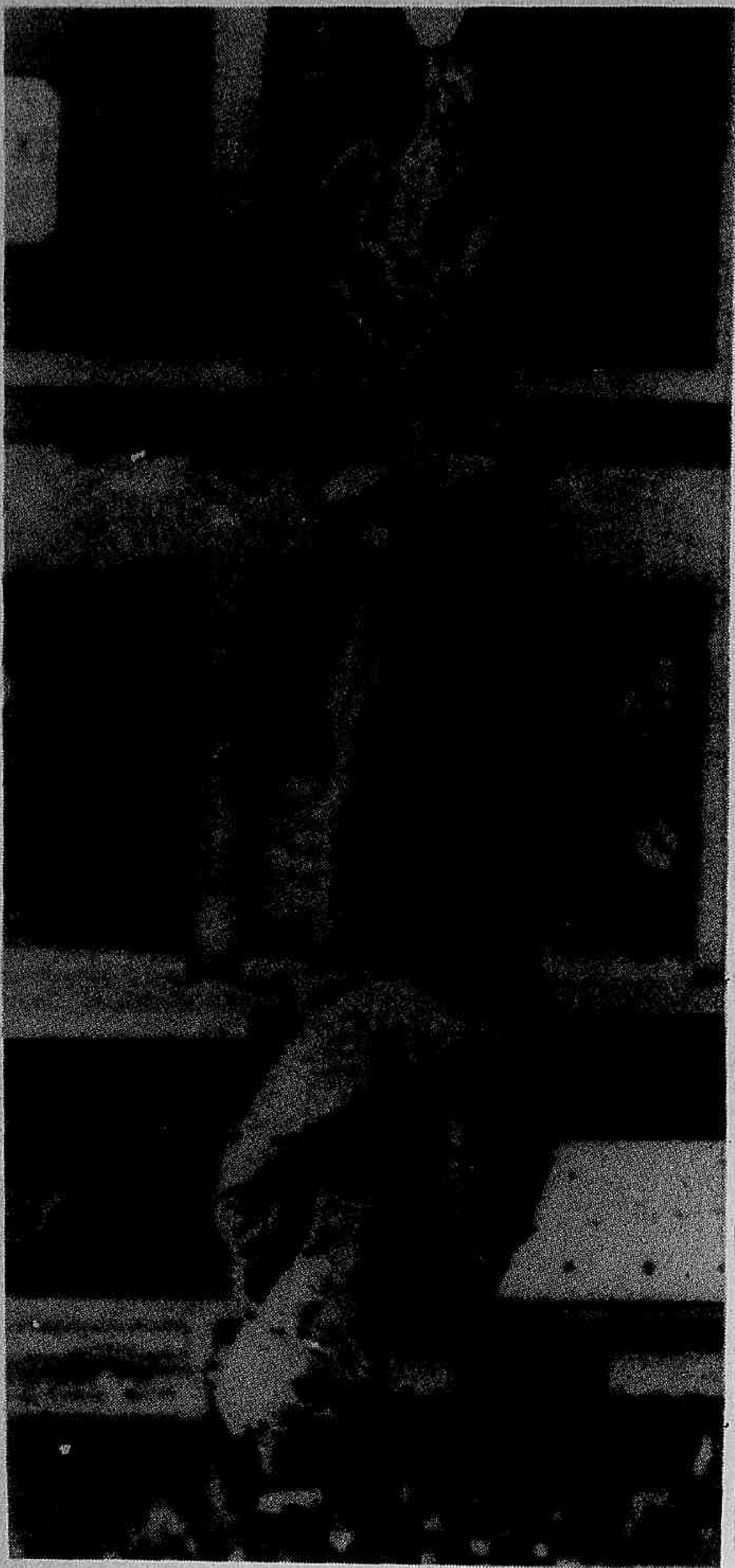
Se pudermos, um dia, desenvolver o nosso latente poder psíquico, conseguiremos prever o futuro, sem bolas de cristal e outras "encenações" adotadas pelas "videntes".



Sir Arthur Conan Doyle tornou-se famoso pelas suas felizes experiências com os fenômenos sobrenaturais.

Tais "super-homens", predizem os estudiosos, terão, em forma altamente desenvolvida, um "sexto sentido", que os habilitará a efetuar comunicações telepáticas com qualquer pessoa, onde quer que se encontre, sòmente por meio do pensamento; permitirá igualmente, que "vejam" a qualquer distância; tornará possível, ainda, a transmutação da matéria, e a "criação" de objetos, bastando para isso pensar que êles existam; permitirá também projetar a si mesmo, onde quer que se queira (exceção feita do corpo astral); e, finalmente, possibilitará a previsão do futuro.

Isto parecerá, talvez, ao leitor, um sonho utópico, impossível de realizar. No entanto, constitui assunto já bastante estudado, e nada mais é do que uma fria predição científica, baseada no incremento gradativo de tais estudos e no aprimoramento da potencialidade do cérebro humano, que constitui a maior e mais poderosa máquina electrônica existente, **capaz de maior número de combinações de idéias que o de elétrons existentes em todo o universo!**



O famoso "mágico" Harry Houdini não apenas realizava espantosos truques; também era um "mestre" em ciências ocultas.

Quanto mais os parapsicologistas estudam essas possibilidades, mais se apresentam elas ilimitadas. E deve ser ressaltado o fato de que elas se desenvolvem devagar, mas seguramente, em todos nós. O leitor mesmo pode possuir algumas dessas combinações, em maior ou menor número, latentes em seu cérebro, esperando apenas um esfôrço mental, para que se desenvolvam.

Apresentaremos, mais adiante, muitos casos ocorridos há algum tempo e que, há apenas alguns anos, seriam qualificados pela ciência como "coincidência", "charlatanismo", "êrro sem má intenção", e outras denominações do gênero.

Após alguns milhares de anos de existência, o cérebro humano alcançou, finalmente, um desenvolvimento que lhe possibilita usar os poderes de que foi dotado, e que são infinitos.

Sir Hubert Wilkins tem realizado inúmeras experiências a respeito de **projeção do pensamento.** Uma delas ocorreu há alguns anos, por ocasião de uma excursão que realizou ao Ártico. Durante um período de vários meses, em horas pré-estabelecidas, diàriamente, enviou um número suficiente de mensagens telepáticas a um "receptor", na cidade de Nova York, para encher 400 páginas dactilografadas!

A própria pessoa que recebeu tais mensagens não acreditou em algumas delas; julgou que êle próprio as estivesse imaginando, "por conta própria". Como poderia Sir Hubert, por exemplo, ter comparecido a um baile de gala, quando não tinha consigo a roupa necessária? E, como poderia estar jogando "pingue-pongue", conforme informava uma outra **mensagem**, recebida posteriormente?

No entanto, estas duas mensagens estavam corretas, ao contrário do que julgou a pessoa que as recebeu. Sir Hubert fôra a um baile comemorativo do "Dia do Armistício", na cidade de Regina, em Saskatchevan, e um dos habitantes do local lhe emprestara a roupa adequada para a ocasião. Quanto a jogar "pingue-pongue", êle o fizera no ginásio escolar de Aklavik.

Estas e tôdas as demais mensagens foram recebidas **instantâneamente,** com uma verificação do itinerário seguido pelo explorador, de acôrdo com o que as próprias mensagens revelaram mais tarde.

Muitos outros exemplos podem ser dados. Julian Huxley, presidente da "Associação Britânica de Incremento da Ciência", afirma com convicção:

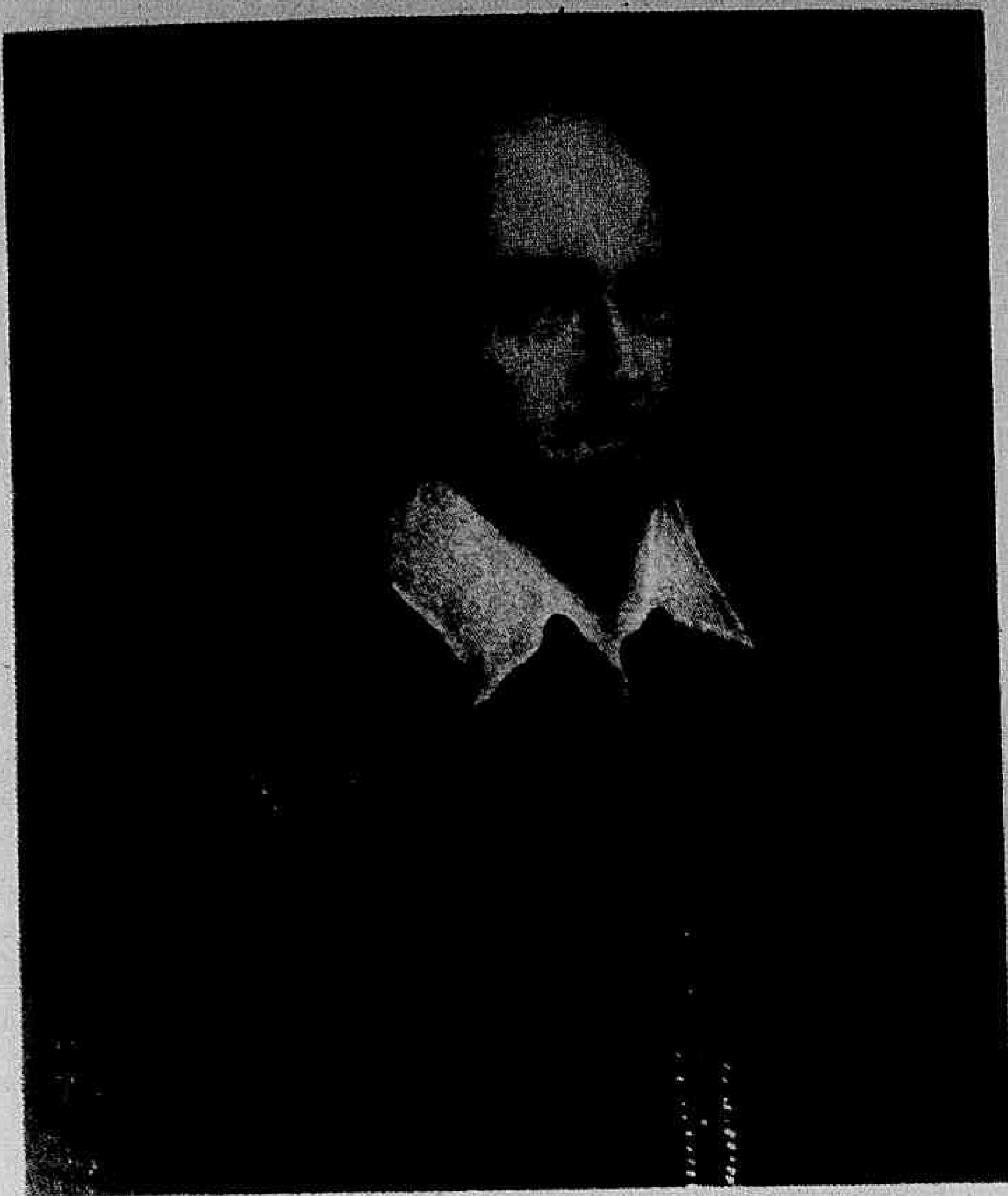
— Devemos agora aceitar a telepatia como um fato científico comprovado!

O Dr. J. B. Rhine, mundialmente famoso por suas pesquisas, realizadas na Universidade de Duke, a respeito da **percepção extra-sensorial,** chama a atenção do público para as grandes mudanças verificadas na sociedade, e que seriam evitáveis, **se se procurasse desenvolver um grande número de telepatas:**

"— Os planos e táticas de guerra, em qualquer região do globo, poderiam ser fàcilmente descobertos e revelados... O crime, em qualquer de seus tipos, dificilmente poderia subsistir na sociedade... A localização das grandes fontes do mundo, tanto minerais como não minerais, seria descoberta..."

Os **clarividentes,** por sua vez, também aumentam, dia a dia. A cidade de Renovo, na Pennsylvania, tornou-se, recentemente, um centro de atração, no que respeita à clarividência, sòmente porque um fazendeiro local, Dorcie Calhoun, pôde "ver" bôlsas de gás natural, **através de mais de 1500 metros de rocha sólida!**

Há alguns meses atrás, uma rapariga da cidade de Durham, em North Carolina, sonhou que **notas amarelas,** dinheiro do tipo antigo utilizado pelos bancos norte-americanos, estavam enterradas nas proximidades da casa de seu pai. Êste, o Sr. Marvin Bordeaux, cavou a terra no ponto indicado no sonho e, realmente, achou um velho cano de chumbo contendo 600 dólares em **notas amarelas!**



Shakespeare visualizava as suas peças em sua totalidade. Depois escrevia tudo, automàticamente.

Como uma prova cabal de que, à medida que decorre o tempo, as pessoas se tornam mais aptas em ordenar a objetos que efetuem movimentos ou cessem de efetuá-los, citemos o caso do condenado à morte, John Lee, na Inglaterra, que, só com o pensamento, ordenou ao alçapão do patíbulo no qual pretendiam enforcá-lo, a não funcionar, quando o carrasco soltasse a alavanca que o sustinha. Nas três diferentes ocasiões em que tentaram enforcá-lo, **o alçapão não funcionou!** A sentença contra Lee foi, finalmente, comutada para prisão perpétua.

Em 1925, na Alemanha, pesquisas foram feitas com um indivíduo que, só com o apontar para uma pessoa, na rua, com o dedo, podia levá-la ao chão. Nos Estados Unidos, vários artistas de "vaudeville" desenvolveram a tal ponto a própria vontade, que, graças a ela, mantinham-se **fixados** ao solo, sem que uma dúzia de homens de compleição robusta conseguisse levantá-los. Dois dêsses artistas, que ficaram conhecidos por suas espantosas façanhas, foram Lulu Hurst e Annie Abbott. Mary Richardson, outra famosa dominadora da mente, construía, **com a vontade**, uma barreira invisível em tôrno de si mesma, de modo que doze homens, tentando fechar em círculo na sua direção, não conseguiam tocá-la.

Êsse tipo de fôrça mental é conhecido pelo nome de "telekinesis". Freqüentemente, não tem ela qualquer contrôle, tal como no caso dos "fantasmas barulhentos", que vivem a incomodar as pessoas em certas casas de aspecto sinistro. Os "poltergeists", mais conhecidos por **fantasmas barulhentos**, são manifestações de energia, não controladas pela pessoa que as **evoca.** Eis um exemplo de "poltergeists": existe um cidadão nos Estados Unidos, homem de grandes negócios, e que, cada vez que entra numa cozinha ou sala de jantar, provoca uma "revoada" de pratos, que se quebram de encontro às paredes, ao teto, ou ao chão. Como conseqüência dêsse fato, seus amigos, quando têm a "honra" de sua presença em suas respectivas residências, expõem apenas louças das que se compram em feiras livres, guardando todos os cristais e porcelanas em local de onde não possam ser retirados por fôrças sobrenaturais. E' imenso o temor do nosso focalizado, de efetuar refeições em restaurantes, pois causaria, sem dúvida, grande tumulto a sua entrada num dêles, com os pratos voando como se fôssem atirados por casais brigando.

Muitas pessoas, no entanto, possuem considerável contrôle sôbre a "telekinesis". No passado muitas dessas pessoas foram "mediuns", e podiam, por meio de comando mental, levitar mesas e outros objetos. Embora tenha havido um grande número de acontecimentos dos tipos já citados, baseados em artifícios e charlatanismo, muitos casos, considerados de grande importância, foram recentemente investigados, sob condições estritamente científicas.

Foi uma prova matemática da "telekinesis", como complemento das experiências levadas a efeito na Universidade de Duke (Estados Unidos). O Dr. Rhine e seus auxiliares, encarregados dessas experiências, concluíram, sem margem de dúvida, que certos objetos, como cartas, discos, moedas, pedaços de madeira, dados, etc., podem, por meio de comando mental, ser mantidos numa certa posição, com uma obediência que não pode ser explicada pelo simples acaso. Eis a assertiva final, do relatório feito pelo Dr. Rhine: **"Aquêle que pensa que pode, pode mesmo"**



Sir Isaac Newton encontrava inspiração justamente quando mergulhava numa espécie de sonolência.

À medida que o tempo passa, aumenta a evidência de que certas pessoas, sob determinadas condições, podem predizer o futuro. O próprio Dr. Rhine colecionou vários exemplos autenticados. Num dêles, um certo Sr. G. sonhou "estar vendo" um homem prestes a morrer numa cama de hospital. No dia seguinte, foi chamado às pressas a um hospital, onde seu tio, que fôra gravemente ferido num acidente de automóvel, estava à morte. E' fora de dúvida que o Sr. G. reconheceu a cena em todos os seus detalhes, conforme havia surgido em seu sonho da noite anterior.

Noutra oportunidade, o Dr. L. sonhou que o trem, no qual deveria viajar no dia seguinte, sofrera um desastre de grandes proporções. Tão impressionado ficou com o pesadelo, que resolveu adiar sua viagem. E, de fato, durante o trajeto, o trem se chocou com outro, tendo falecido o cidadão que ocupava o lugar originàriamente destinado ao Dr. L.

Mark Twain, o famoso escritor, sonhou com os funerais de seu irmão Henry, tendo notado, inclusive, uma rosa vermelha colocada sôbre o peito do morto. Meses depois, o sonho se reproduziu, na vida real, **com tôda a exatidão.**

Na Austrália, Albert Fawcett, de Sydney, sonhou que o número 89 874 sairia premiado na loteria do dia seguinte; tratou de comprar o bilhete, quando acordou... e ganhou uma fortuna!

Alguns dias antes de ser assassinado, Abraham Lincoln teve um sonho alarmante: viu o seu corpo estendido na ala oriental da Casa Branca. Êste foi, justamente, o local em que foi colocado, após ter sido assassinado.

E' pensamento dos cientistas que, na atualidade, as faculdades psíquicas do homem se desenvolvem ràpidamente, como conseqüência da evolução natural que a espécie humana vem apresentando, desde os primórdios da civilização.

Os dois extremos psíquicos do homem podem ser denominados de **negativo** e **positivo.** Um dos parapsicologistas estabeleceu as diferenças entre êsses dois pólos nos seguintes têrmos:

"— A vontade psíquica, involuntária ou negativa, se relaciona com a vida e a experiência psíquica, principalmente por meio do sistema nervoso simpático, e é comumente afetada, de forma dolorosa, p s partes sensórias que a envolvem, em virtude do que as suas reações são quase totalmente emocionais. A vontade psíquica positiva, por seu turno, utiliza o sistema cérebro-espinal, e está em condições de analisar os impactos psíquicos e, se necessário, recusar responder aos mesmos. Ela é especialmente sensível a um amplo conjunto de impressões, e o conhecimento se traduz num senso de convicção."

O que é mais importante, no entanto, é que **todos nós temos êsses poderes,** em maior ou menor escala. Na grande maioria das pessoas, tais poderes não são freqüentes e, quando surgem, são geralmente fracos. Devemos frizar, porém, que qualquer pessoa normal pode desenvolver os seus poderes mentais, por meio de exercício, da mesma forma que os halterofilistas desenvolvem os seus músculos. Até mesmo nas m ıtalidades psíquicas de poderes altamente desenvolvidos, o "sexto sentido" pode ser tornado mais forte, graças a uma atenção apropriada.

De acôrdo com o que explana Francis Grierson na publicação londrina "Westminster Review", o cérebro humano é o receptáculo que possui maior quantidade de poder eletro-magnético de que se tem notícia. Êle é aparentemente capaz de fazer **qualquer coisa que esteja convencido de poder fazer.**

Em alguma página da Bíblia é observado: "O homem, dotado de fé suficientemente forte, é capaz de mover montanhas."

E isto é uma grande verdade. Muitos parapsicologistas acreditam hoje que os maiores avanços a realizar no desenvolvimento humano, num futuro imediato, assim como nestes próximos séculos, não estarão catalogados entre as ciências físicas, mas sim no estudo e na compreensão do cérebro humano e sua potencialidade infinita, da qual ressalta, pelo menos no momento, como a parte mais importante, a capacidade psíquica conhecida pela denominação de **sexto-sentido.**



PEQUENO ENGANO

Em Canberra, Austrália, o juiz municipal Wilson Scott foi chamado apressadamente em sua casa, a fim de substituir o juiz efetivo, John B. Seabrook, que, gravemente enfêrmo, fôra forçado a abandonar o tribunal. Isso ocorreu em outubro de 1948 e o juiz Scott, pouco familiarizado com o caso em julgamento — de um indivíduo acusado de conduta desordenada envolvendo a moralidade e que fôra anteriormente interrogado pelo juiz Seabrook — não podia esconder seu embaraço.

O promotor explicou a Scott que a sentença de 180 dias de prisão contra o acusado (que não estava presente e se chamava Charles Mills) tinha que ser suspensa, em razão do que fôra decidido após o relatório do médico da polícia, a fim de que o culpado fôsse submetido a tratamento psiquiátrico. Ao lado do promotor estava o detective John Mills, que prendera o criminoso e agora seria encarregado de transferir o prêso para o sanatório.

Tendo ouvido tudo, o juiz declarou que, de fato, assim tinha que ser feito.

Ouvindo essa decisão, o detective fêz meia volta e se encaminhou para a porta. Nesse instante o juiz o chamou novamente e, com o dedo em riste, ameaçador, declarou:

— E agora, Mills, você terá que seguir mesmo o tratamento à risca, ou voltará para a prisão!

Foi necessário que o promotor e o escrivão explicassem ao juiz Scott que aquêle Mills não era o criminoso, mas sim o detective que o prendera.

Você pode ser internado como louco

O recente caso do **monstro** de S. Paulo, trucidador de uma dezena de criaturas e que, finalmente prêso, vem sugerindo — êle próprio — às autoridades, não passar, toda a sua longa e medonha série de crimes, de "obra de louco", com o evidente desejo de escapar ao grande e merecido castigo penitenciário, terá ao menos um resultado prático.

À leitura da desencontrada opinião de alguns psiquiatras e da declaração reticente do perito oficial, encarregado de opinar sôbre o equilíbrio mental do criminoso, milhares de pessoas procuraram resposta para duas perguntas capitais:

1.º — O internamento num asilo de loucos é ato suficientemente controlado e o laudo médico, atual, não terá substituído a "carta real", que permitia todos os abusos?

2.º — Certos psiquiatras estarão inteiramente livres de tôda e qualquer incapacidade psicológica? Porque... ninguém é infalível, neste mundo, e, nessas condições, por que o seriam êles?

E é preciso pensar que a liberdade de muitos de nós depende dêles...

Se nos reportamos à lei, nada temos que temer: nossa liberdade está garantida pelos textos e parece quase tão difícil entrar num dêsses estabelecimentos, que a sociedade preconiza, mas que a moral reprova (referimo-nos, bem entendido, aos asilos de alienados), como, por exemplo, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro.



O terrível drama "Na Cova das Serpentes". Todos os que estão internados no Hospício são loucos, realmente?

A internação de um louco, num estabelecimento público ou privado, só poderá ser processada mediante a apresentação de certificados médicos, além de uma vasta papelada. A lei, segundo já foi dito por pessoa à altura de fazer tal declaração, **"foi concebida com as intenções mais humanitárias, preparada com cuidados excepcionais, e por espíritos esclarecidos, sendo geralmente aplaudida pelos técnicos mais competentes".**

Estaríamos, efetivamente, tranqüilizados por estas palavras elogiosas se, na realidade, vinte e tantos exemplos não viessem provar que muita gente passou anos por trás das grades de um asilo, sem ser mais louca que qualquer de nós.

Não foi totalmente esquecido, talvez, um caso que, há vinte e cinco anos, causou escândalo — mas apenas nos meios mais "fechados", pois que a imprensa pouco comentou — o da sogra sexagenária, de um destacado político... senhora ainda "apresentável" e que acabou apaixonando-se por um rapaz... que podia ter sido o seu neto! O genro, imediatamente, tomou medidas draconianas para defender o patrimônio comprometido (uma das mais importantes casas exportadoras do país). A sogra saía, **recondicionada**, de um instituto de beleza, quando dois enfermeiros dela se apro-

ximaram e, a despeito dos seus protestos, levaram a infeliz para uma casa de saúde... onde estêve "incomunicável" durante cinco anos.

Tendo evoluído, entretanto, a situação política, com a perda de prestígio do citado genro, a "louca" pôde recuperar a sua liberdade.

Na França, quase na mesma época, ocorreu um caso bem parecido, sendo que o prazo de internação da sogra foi de sete anos. A desgraçada, ao conseguir provar a sanidade do seu juizo e voltar à liberdade, publicou um livro intitulado "Internada", e processou o genro, que foi condenado, após longo debate judicial, a pagar à sua vítima vinte milhões de francos (o equivalente a uns quinhentos milhões de francos, atualmente, ou 1 milhão e duzentos mil cruzeiros, aproximadamente).

Outro exemplo, citado pelo jornalista francês Alexis Danan, num apêlo contra o que êle chama de o "escândalo das modernas Bastilhas": o fato ocorreu em Paris, há uns quinze anos. O poeta Louis de Gonzague Frick, sofrendo de aerofagia, foi consultar os médicos do Hospital Saint-Antoine. Enquanto esperava a sua vez, sentiu dificuldade de respirar e, assustadíssimo, correu para uma janela.

Uma enfermeira acreditou que êle tentava o suicídio e, imediatamente, gritou por socorro; em poucos minutos, o poeta foi aprisionado, primeiro numa **camisola de fôrça** e depois num quarto com porta gradeada. Dali conseguiu sair graças, só e só, à intervenção de amigos, pois os peritos aos quais fôra entregue, para o devido exame, haviam declarado que se tratava de um "angustiado", "hipocondríaco", etc.

E Alexis Danan, que se tem destacado por suas corajosas campanhas em favor da infância abandonada e dos internados "por engano", conclui:

"— Qualquer de nós pode ter, amanhã, uma crise aguda de aerofagia, no Hospital de Saint Antoine... ou noutro qualquer."

Está, assim, qualquer cidadão ameaçado.

Mas aí estão os **peritos**! — dirão os otimistas. Entretanto, se se deixarem levar por suas teorias ou dominar pela influência das narrativas — às vêzes mentirosas ou exageradas — de uma família desejosa de se livrar de um parente que atrapalha? E se forem da mesma "fôrça" do colega que redigiu o relatório referente ao poeta francês? Há trechos edificantes, como êste: **"Espírito artista, mas republicano** (!); **ortosexualidade vergonhosamente confessada; lógica exagerada e angulosa...**"

Provoca o riso, realmente, mas... acima de tudo, **assusta**!

Os espíritos superiores, que surgem para a defesa dêsses "especialistas", dirão que essa não é uma razão suficiente para gritar como fêz Alexis Danan: **"E' preciso internar os psiquiatras!"**

De acôrdo. Todavia, não podemos deixar de pensar nos numerosos casos em que os "especialistas" não brilharam exatamente pela correção dos seus laudos.

Num dos múltiplos processos de um ladrão-elegante, um perito assinou certificados em que declarava: **"O delinqüente não pode deixar de ser louco, pois que é filho de uma francesa com um balta".** (?)

Mais recentemente, nos Estados Unidos, outro psiquiatra sustentou, orgulhosamente, haver examinado **um só** de três acusados. O presidente do tribunal consultou o processo e encontrou o relatório manuscrito pelo próprio "especialis-



Um dêstes dois desenhos foi



Outra cena do filme "Na Cova das Serpentes". A louca de verdade e a que... ainda não o era.



feito por um louco. O outro é de autoria de um artista de renome. Qual? Leiam o texto!

ta", provando que **os três** acusados tinham sido realmente examinados por êle. O psiquiatra esboçou um sorriso de desdém:

— O senhor pensa que sou louco? — perguntou, agressivo.

E só se convenceu quando o juiz o intimou a ler o que êle próprio escrevera... e assinara!

Esquecimentos? Sim, mas por certo riríamos um pouco menos... se fôssemos as vítimas!

Ainda nos Estados Unidos (porque, também lá, nem todos os peritos são infalíveis...), no correr de um processo no qual o depoimento do psiquiatra era importante, o advogado do acusado mandou que algumas pessoas observassem êsse especialista durante várias audiências. A seguir, chegando a vez do contra-interrogatório em que êle teve o psiquiatra à sua disposição, segundo a lei norte-americana, perguntou ao mesmo:

— Na sua opinião, prezado doutor, o indivíduo que desenha, incessantemente, estrêlas sôbre os papéis que tem à sua frente, que limpa os óculos de dois em dois minutos, que belisca a orelha quando reflete e que, no hall do palácio da justiça evita caminhar sôbre a junção das lajes, é pessoa perfeitamente equilibrada?

— Não! — exclamou o especialista, em tom cortante — E' um louco, sem sombra de dúvida!

— Meu caro doutor — replicou o advogado — o senhor acaba de recomendar o seu próprio internamento, porque seis pessoas aqui presentes, poderão depor afirmando que é isso, exatamente, o que o senhor tem feito nos últimos dois dias!

O fato foi narrado em todos os jornais dos Estados Unidos e divertiu 130 milhões de pessoas...

Fatos análogos poderíamos citar, às dezenas. Vamos limitar-nos, porém, a dois exemplos, testemunhados por pessoas de responsabilidade.



Uma grande atriz interpretando o papel de uma louca: Vivien Leigh, no filme "Uma Rua Chamada Pecado".

Numa estrada, na Inglaterra, um senhor detém seu automóvel diante de uma passagem de nível. Dois minutos depois, outro automóvel vem bater contra a sua trazeira, a tôda velocidade. O causador do desastre desce do seu veículo, desmanchando-se em desculpas e afirmando que pagará todos os prejuízos. Porém o outro, aborrecidíssimo, tem a pouca sorte de comentar o acidente, declarando que "quando se tem tão poucos reflexos, não se dirige um automóvel!"

À palavra "reflexos" o outro é assaltado por uma espécie de crise furiosa. Mais tarde, tomadas as necessárias informações, a vítima do esbarro, e da quase agressão física, vem a saber que o **furioso** era o diretor de um dos mais importantes asilos de alienados da Inglaterra, e cuja função principal era passar as horas do dia e da noite a estudar... os reflexos dos outros.

Novamente em Paris, estamos num grande jantar, na residência de um conhecido "especialista". Mal terminada a sopa, o dono da casa se levanta inesperadamente e diz:

— Perdoem-me, esqueci o meu chapéu!

Sai da sala para reaparecer, em seguida, com a cabeça protegida por um chapéu de feltro. Então volta a sentar tranqüilamente em seu lugar, à mesa, no meio de um embaraço geral...

★

Foram casos assim que levaram o colega parisiense, Alexis Danan, a escrever:

"Devemos, realmente, internar os psiquiatras!"

Exagêro, sem dúvida. Exagêro injustificado, mesmo. Mas, de fato, lendo todos os exemplos que cita em seus artigos, qualquer um encontrará motivos suficientes para temer qualquer engano dêsses especialistas; engano que poderá levar qualquer de nós para os quartos gradeados de um asilo de loucos!

Eis uma lista dos "motivos suficientes" para que sejamos candidatos à loucura e, portanto, potencialmente perigosos:

Memória inexata dos fatos (atenção historiadores, políticos e generais, que vão depor nas comissões de inquérito!); opiniões irracionais (cuidado, muito cuidado, antes de dizer se o desenho da direita ou da esquerda, publicados no presente artigo, é obra de um louco — é o da esquerda, pois o da direita pertence a um artista de nomeada); idéias falsas sôbre as pessoas e as coisas; humor variável; caráter irritável ou apático; aspecto um tanto desleixado (alerta artistas e existencialistas!); falsa interpretação dos atos e dos pensamentos alheios (em guarda, críticos literários ou dramáticos!).

Fica-se, realmente, quase louco, diante de tais definições da loucura. Que diriam certos psiquiatras se lessem, por exemplo, as cartas de leitores publicadas nos jornais inglêses? No mesmo dia, numa só dessas rubricas, encontrávamos: "Um homem que conta os dentes das moças com quem fala; uma mulher que anota sôbre cada objeto que compra (chaleira, sapato, saco de bombons, etc.) a data da compra; e uma mocinha que vive repetindo: **"Como está passando?"** quando sobe sòzinha uma escada.

Tôda essa gente indica o próprio endereço. Se fôsse no Brasil, e mais especialmente no Rio de Janeiro, estariam sofrendo até hoje... se já não estivessem num asilo, com camisola de fôrça... Na Inglaterra, continuam a viver, tranqüilos, e a mandar confidências análogas para os jornais. Ninguém se lembra de escrever ou telefonar para essas criaturas com "receitas" ou perguntas humorísticas — e às vêzes grosseiras.

O que é preciso, realmente, é um sistema legal que coloque cada um de nós ao abrigo das fantasias de certos psiquiatras apressados. E, dado que é para evitar os crimes e as grandes desordens sociais que isolamos os loucos em verdadeiras prisões, devemos ser, primeiro, mais ativos e mais firmes com os assassinos profissionais.

Êsses não são loucos! E é, talvez, por isso mesmo, que são deixados ou postos tão fàcilmente em liberdade...

★ ★

O PRESTÍGIO MASCULINO

Quando foi feito um apêlo, na Universidade de Manchester, para que se apresentassem voluntárias ao Corpo Feminino do Exército, apenas onze jovens apareceram. Por mais esforços que fôssem feitos, o resultado foi sempre decepcionante, até que as autoridades resolveram anunciar que o treinamento das voluntárias seria feito juntamente com voluntários masculinos. Não é preciso dizer que a afluência de recrutas do belo sexo se tornou enorme...

SEXO FRACO?...

Há um ditado que diz que "Sem briga, não há amor". Talvez êste ditado seja certo, mas o fato é que às vêzes é muito desagradável. Em Chicago, um homem requereu divórcio porque sua espôsa "o atirava de encontro às paredes como se fôsse uma bola!" Segundo relatou ao juiz, o infortunado marido, sua cara-metade — que era, na realidade, o dôbro dêle em pêso e fôrça — tinha o hábito de passar o tempo todo lhe dando ordens e, quando essas ordens não eram executadas, dava-lhe empurrões que o faziam ver estrêlas ao meio-dia. O "marido-pelota" achava tal tratamento, não só incompatível com sua qualidade de chefe de família, como, sobretudo, "muito incômodo".

DECLARAÇÃO DE AMOR

Em Los Angeles, Estado da Califórnia, um "Romeu" desconhecido escreveu, num parque de estacionamento de ônibus, recém-terminado, as seguintes palavras, sôbre o asfalto ainda mole, ocupando uma extensão de sessenta metros, e tendo cada letra, três e meio metros de altura: "Alice, querida, eu te amo!"

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Seguilo-emos! — exclamou Navailles.

— Todos juntos! — acrescentaram os outros.

— Com os diabos!... Primo, que entusiasmados estão teus amigos! No entanto, apostava... — disse Chaverny em voz baixa.

Uma exclamação de assombro cortou-lhe a palavra e êle mesmo ficou de bôca aberta, olhando para uma jovem lindíssima, que acabava de surgir à porta da alcova do príncipe. Sorria, mas ao ver os companheiros de Gonzaga deteve-se, confusa, envergonhada e com um movimento rápido lançou sôbre o rosto um espêsso véu, ficando imóvel, como uma estátua encantadora.

Chaverny devorava-a com os olhos e os restantes faziam esforços sobrehumanos para reprimir os seus olhares curiosos.

O príncipe, que fizera imediatamente um movimento de surprêsa, aproximou-se da jovem e pegando-lhe na mão, levou-a aos lábios com mais respeito do que galanteria.

— A linda reclusa! — murmurou Chaverny.

— A espanhola! — exclamou Navailles.

— Aquela por causa de quem o príncipe conserva fechada a casinha por detrás de Saint-Magloire.

Todos admiravam a sua figurinha esbelta e nobre ao mesmo tempo, o seu pèsinho de fada e a linda cabeleira sedosa e negra como o azeviche, que lhe emoldurava o rosto feiticeiro.

— Senhores — disse o príncipe — deviam conhecer hoje mesmo... embora um pouco mais tarde... esta criança a quem estimo profundamente. Não posso ter a honra de

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, onde estão as muralhas do castelo de Caylus-Tarrides. Ali, em 1699, o marquês, viúvo, retirou-se com sua filha Aurora, a quem obrigou a viver uma vida de reclusão, conforme tinha sido a da sua própria espôsa, o que lhe valeu o sobrenome de Caylus-Ferrôlho. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, um dos mais brilhantes jovens senhores da França, cansado da vida dissipada que levava em Paris, foi repousar em suas terras, no Jurançon e, recuperando as fôrças, foi caar no vale do Luron, onde não tardou a se enamorar de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito» às escondidas do velho Caylus. Quatro anos depois, Nevers já não habitava mais no Jurançon, porém, outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar a filha. Gonzaga possuía dois grandes amigos. Um era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XIV, mais tarde duque de Orleans e Regente de França. O outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Na côrte eram chamados «os 3 Felipes», devido à grande amizade que os unia. Eis por que o marquês o desejava para genro, pois, além de boas relações, Gonzaga era herdeiro de Nevers, por ser êste solteiro. E, mais ainda, ninguém esperava que Nevers vivesse muitos anos, com a vida que levava. Numa tarde de outono de 1699, numa estalagem não distante do Castelo, reúnem-se duas dezenas de espadachins, homens de origem duvidosa, cheios de ambição, mas bôlsa sempre vazia e que, por isso mesmo, viviam alugando a espada para «serviços inconfessáveis». Todos sabem o que vão fazer: atacar e matar Nevers, para dar a Gonzaga a fortuna de que tanto necessitava. O intermediário é Peyrolles, factotum do príncipe, covarde, embora boa espada também. Entre os «bravos» que vão fazer o serviço estão Cocardasse e Passepoil, dois inseparáveis amigos, que têm um só ídolo na vida: o jovem Cavalheiro Henrique de Lagardère, a quem ensinaram a pegar numa espada. e que hoje era insuperável com uma na mão! Pouco depois, estando os espadachins cercando um pequeno pagem, descoberto junto dos fossos do castelo, são interrompidos por um novo personagem que os deita a todos no chão. E' Lagardère, que vinha defender o menino, seu servidor. Todos baixam a cabeça e Lagardère relata, então, estar viajando para o exílio, após ter matado um nobre em duelo, mas que, antes de deixar a França, precisa cruzar a espada com... Nevers!!! A notícia alvoroça a todos os espadachins que, a seguir, vislumbrando mais facilidade para o seu serviço, propõem ajudar Lagardère a liquidar Nevers. A revolta do cavalheiro é terrível e imediatamente enxota a todos êles do local, dizendo que os considerava indignos de usar uma espada e, depois, sabendo que ali estavam para massacrar Nevers, exproba-lhes o procedimento. Oito contra um! Depois que se retiram, Lagardère vê chegar dois homens. Um é Peyrolles e o outro o príncipe Gonzaga. Chamam pelos capangas e julgando que Lagardère era um dêles explica ao companheiro que «tudo estava preparado«, mas infelizmente não pudera obter as fôlhas do registro de casamento, pois as mesmas tinham sido arrancadas do registro da igreja. Depois de morto Nevers, e de desposar Aurora de Caylus, teria tôda a fortuna da sua vítima com a apresentação do registro de nascimento da menina, embora a esta desse um fim prematuro. Pouco depois retiram-se, a janela é aberta e Lagardère, fingindo ser Nevers, recebe de Aurora a filha e uma caixa contendo a fôlha do registro, arrancada ao registro da paróquia, para evitar que fôsse roubado por seus inimigos. Pouco depois surge Nevers e logo deseja duelar com Lagardère, sem notar que êste tem a criança nos braços. Porém o seu adversário tudo revela do que ocorreu e do que ainda está para ser consumado. E afirma que estará ao seu lado contra os assassinos. De fato, trava-se a batalha e, apesar de se defenderem como leões, Nevers é morto, pelas costas, por Gonzaga que, vendo as coisas mal paradas, assim agiu, como covarde que era. Mas nada podem contra Lagardère que, com a criança nos braços, abre caminho e consegue fugir, tendo ainda ferido Gonzaga numa das mãos. Passam os anos, morre Luís XIV e, sendo o futuro Luís XV muito criança, coube a regência a Felipe de Orleans. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga, que agora desfrutava da imensa fortuna de Nevers. Ambicioso, Gonzaga resolvera abrir um banco nos jardins do seu palácio, vendendo, a pêso de ouro, bancas menores aos que quisessem especular. Entre os que chegam estão dois velhos conhecidos, Cocardasse e Passepoil, que viveram sempre fugindo do seu ídolo, temendo a sua vingança, pois dêle tinham ouvido dizer que matara alguns dos que haviam tomado parte no assassinato de Nevers. No leilão das bancas surge um corcunda recheado de dinheiro que compra o que restava para veneder: a casa de um cão. O seu nome é Ésopo, que tem oportunidade de ver Gonzaga contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, como seus espadachins, enquanto aguarda a chegada de Faenza e Saldanha, outros dois que tinham ajudado a matar Nevers e que agora tinham titulos de nobreza, graças à proteção de Gonzaga.

vê-la apresentar neste momento, visto ainda não ter chegado a hora.

«Esperem-me aqui, peço, porque dentro em breve necessitarei de todos.

E, pegando na mão da jovem, fê-la entrar no aposento imediato, cuja porta se fechou sôbre êles.

O semblante dos que se encontravam reunidos na sala mudou instantâneamente, com a saída de Gonzaga.

— E' formosíssima! — disse Chaverny, pensativo.

— Ah! Sabem o que me ocorreu? Que esta reunião de família tenha por objetivo... um divórcio!... — comentou Oriol.

A idéia, ao princípio, não foi muito bem aceita, mas como ninguém ignorava a separação que existia entre o príncipe e a espôsa, depois já não lhes pareceu tão disparatada.

— Gonzaga é fino como um coral e muito capaz de mandar embora a mulher e ficar com o dote! — argumentou Taranne.

— Talvez para isso necessite dos nossos votos... — acrescentou Gironne.

— Mas, em resumo: que há acêrca daquela jovem?...

— Nada — respondeu Navailles — Só se sabe que o príncipe a esconde cuidadosamente e que Peyrolles é o escravo encarregado de obedecer aos caprichos desta linda moça.

— Deve estar em Paris há muito pouco tempo, porque ainda o mês passado a Nivelle era rainha e senhora do pequeno palácio do príncipe — disse Nocé.

— Desde então não voltamos a cear naquele delicioso retiro! — acrescentou Oriol.

— E tem uma espécie de guarda de corpo no jardim — acrescentou Montaubert. — Os chefes do pôsto são Faenza e Saldanha.

— Mistério!... Mistério!...

—E' preciso paciência... O príncipe disse-nos que ainda hoje nos daria a explicação...

— Chaverny, que tens tu?... Estás tão pensativo!

— Fala! Diz alguma coisa... nem que sejam insultos!...

O jovem marquês estremeceu, como se despertasse repentinamente de um sonho e retorquiu:

— Senhores: qualquer de vós se venderia por algumas notas do Banco!... Eu daria a minha vida por aquela jovem! E' tudo quanto me ocorre dizer-vos!

. . . .

Quando Peyrolles deixou Cocardasse e Passepoil diante de um bom prato, saíu do palácio pela porta do jardim, dirigiu-se à rua de Saint Denis e, atravessando por detrás da igreja de Saint-Magloire, deteve-se diante da porta de outro jardim, cujos muros quase desapareciam por baixo da folhagem de copados ulmeiros.

O senhor de Peyrolles levava no bôlso do colete a chave da porta e entrou. O jardim estava deserto. Ao fundo de uma alameda, cheia de sombra e de mistério, havia um pavilhão novo, construído em estilo grego e cujo peristilo era rodeado de estátuas. Peyrolles internou-se na sombra da alameda e chegou à porta do pequeno pavilhão. No vestíbulo havia vários lacaios de libré.

— Onde está Saldanha? — perguntou.

— Não vimos o senhor barão desde ontem.

— E Faenza?

— Também não sabemos onde se encontra.

Pela fisionomia côr de azeitona do confidente do príncipe passou uma sombra de inquietação.

— Que terá sucedido? — pensou.

Sem fazer mais perguntas aos criados, mandou saber se a menina podia recebê-lo e momentos depois a criada grave anunciou a Peyrolles que sua ama o aguardava.

— Não consegui dormir tôda a noite! — gritou a jovem ao vê-lo — Não quero continuar a viver nesta casa. A estreita rua que fica por detrás dêstes muros é um matadouro!

A jovem do pavilhão era a admirável formosura que acabamos de ver em casa do príncipe.

— Dona Cruz — disse Peyrolles — o príncipe deseja a sua presença no palácio, esta manhã.

— Milagre! — exclamou a jovem — Vou sair da minha prisão!... Atravessar a rua!... Mas tem a certeza de que não estou a sonhar acordada?...

E olhando Peyrolles fixamente, soltou uma gargalhada fresca.

O intendente, sem pestanejar, acrescentou:

— Falo sèriamente, Dona Cruz. E' necessário estar pronta dentro de uma hora.

Dona Cruz viu-se ao espelho e principiou a rir. Depois, com ar petulante, pricipiou a dizer:

— Angélica!... Justina!... Senhora Langlois!... Mas que vagarosas são estas francesas! — acrescentou, colérica.

— E' preciso dar-lhes tempo para chegarem! — disse fleumàticamente o senhor de Peyrolles.

— Pode sair! — gritou-lhe Dona Cruz — Cumpriu a sua missão. Logo que esteja pronta, irei ao palácio.

— Perdão, acompanhá-la-ei! — retorquiu Peyrolles.

— Mas que aborrecimento, Maria Santíssima!... — suspirou Dona Cruz — Muito gostava de não tornar a vê-lo, durante tôda a minha vida, nem àqueles dois homens que me causam mêdo!

As três criadas parisienses chegaram naquele momento.

A senhora Langlois, criada grave de Dona Cruz, aproximou-se de Peyrolles e disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

O rosto do intendente tornou-se lívido.

— E... viu? — perguntou em voz trêmula.

— Vi.

— Quando?

— Encontraram-nos há um instante.

— Onde?

— Na rua estreita, por detrás do pavilhão.

— Não gosto que falem em voz baixa, na minha presença! — disse Dona Cruz com altivez.

— Perdão — respondeu o intendente com humildade — mas os dois homens que lhe causavam tanto mêdo... não os tornará a ver!...

— Então vistam-me! — ordenou a rapariga.

— A noite passada — continuou a criada grave, acompanhando o intendente até à escada — cearam no pavilhão do jardim. Saldanha, que estava de guarda, quis ir com Faenza. Dali a pouco ouvimos o ruído das espadas na ruazinha que há por detrás do palácio.

— Dona Cruz falou-me nisso — interrompeu Peyrolles.

— O barulho não durou muito tempo — continuou a criada — há pouco saíu um criado e encontrou os dois cadáveres.

— Langlois!... Langlois!... — gritou naquele instante a formosa reclusa.

A interpelada subiu a escada precipitadamente.

No toucador, as três criadas principiaram a fácil tarefa de vestir a linda rapariga.

Dona Cruz entregou-se inteiramente à satisfação de se ver tão bonita. O espelho sorria-lhe.

Virgem Santa! Desde que chegara a Paris nunca se sentira tão satisfeita!

— Até que enfim — disse — o meu belo príncipe vai cumprir a sua promessa! Vou conhecer Paris, a cidade que até agora me tem sido vedada, e da qual apenas conheço êste pavilhão solitário, com o seu frio jardim rodeado de muros!

E cheia de uma alegria louca, fugia das mãos das criadas para dançar sòzinha, no meio da casa.

Peyrolles, entretanto, dirigiu-se à saída da casa. Ali, sôbre um montão de fôlhas, estavam duas capas estendidas, debaixo das quais se notava o vulto de dois corpos humanos.

Peyrolles, tremendo, levantou uma... depois outra e sob elas reconheceu Faenza e Saldanha. Ambos tinham a mesma ferida entre os olhos. Os dentes de Peyrolles principiaram a bater e, cheio de mêdo, afastou-se daquele fúnebre lugar.

XIV

Dona Cruz

Todos os novelistas, pelo menos uma vez na vida, contaram uma história comovedora e romântica: a de uma pobre menina, filha de duques, roubada aos pais pelos zíngaros da Calábria ou pelos ciganos da Hungria ou da Espanha. Não sabemos — nem tampouco o iremos perguntar — se Dona Cruz era uma duquesa roubada, ou uma verdadeira cigana.

O certo era ter-se criado entre ciganos e havê-los acompanhado de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, dançando nas praças públicas para ganhar o seu sustento.

Gonzaga, a despeito da sua severidade de costumes, não pôde deixar de se emocionar um pouco quando a viu aparecer à porta do salão onde conversava com os amigos.

Ao conduzi-la ao seu gabinete particular, perguntou-lhe:

— Por que motivo é que Peyrolles não a acompanhou?

— Peyrolles — respondeu a jovem — perdeu o uso da palavra e dos sentidos enquanto eu me estava vestindo. Depois de me dizer que devia vir visitar-vos, foi ao jardim e, quando tornei a encontrá-lo, parecia um homem fulminado por um raio... Mas parece-me que não foi para falar de Peyrolles que me mandou chamar! — acrescentou, mudando de tom e em voz doce e carinhosa — Não é verdade?...

— Não... — respondeu o príncipe a rir.

— Nesse caso diga depressa! Estou cheio de impaciência!

Gonzaga olhou-a com atenção, e pensou: «Procurei durante muito tempo, mas parece-me que não era possível encontrar coisa melhor!... Palavra de honra que é parecida!»

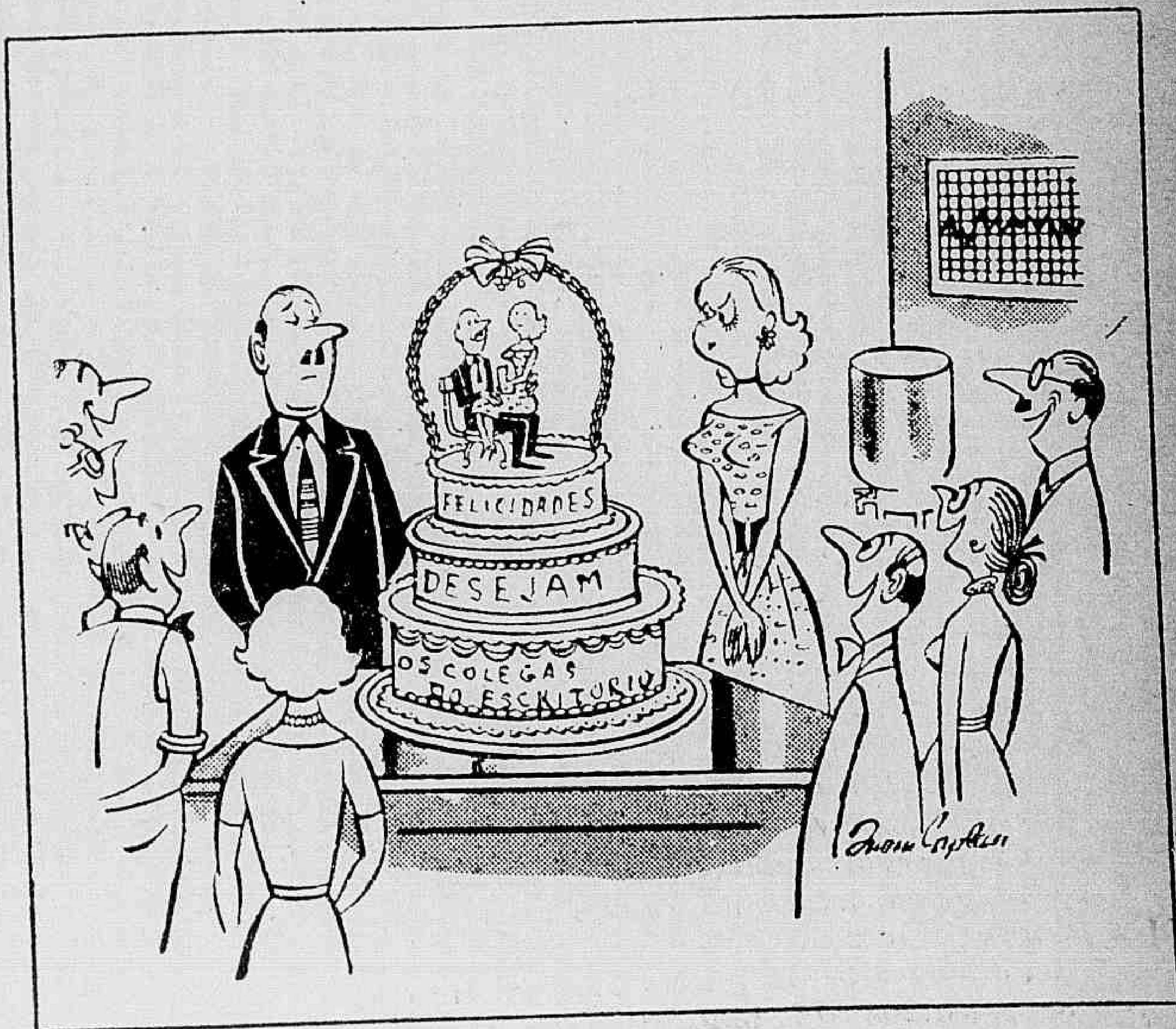
— Quê?... não responde?

— Primeiro, sente-se, minha filha!

— Uma pergunta: voltarei de novo para a minha prisão?

— Não por muito tempo.

— Ah! Mas tenho de voltar!... Hoje vi a rua e o sol pela primeira vez, desde que estou



em Paris e achei tudo tão lindo que amanhã, a minha solidão me vai parecer ainda mais insuportável!

— E' que não estamos em Madrid... torna-se necessário tomar certas precauções!...

— Por quê?... Cometi algum crime?

— Não, Dona Cruz, mas...

— Ah! Monsenhor! — interrompeu a jovem — Preciso desabafar... O meu coração transborda de tristeza e sinto que o aborrecimento me mata!...

«Em Madrid era pobre, órfã, e vivia abandonada, bem sei... mas... era livre!... Livre como os pássaros no ar!... — e as suas negras sobrancelhas franziram-se — Recorda-se, Monsenhor, o que então me ofereceu?

— Cumprirei o prometido e mais ainda!

— Principio a duvidar das vossas palavras! — disse a jovem.

E depois acrescentou:

— Em Madrid tôda a gente me conhecia, ricos e plebeus; humildes filhos do povo e nobres senhores! Quando chegava a uma praça, ouvia gritar de todos os lados: «Vamos ver dançar a ciganita!» e imediatamente se formava à minha volta um círculo, pedindo-me canções e enchendo a minha bandeja de reluzentes moedas de prata e cobre...

«Oh! Minha querida Espanha!... Aqui os parques sombrios fazem-me estremecer e o céu brumoso e triste irrita-me os nervos!

A sua encantadora cabeça inclinou-se um pouco. Fêz uma pequenina pausa e em seguida continuou:

— Recorda-se?... Foi uma tarde... Eu dançara e cantara mais do que o habitual; na esquina de uma rua escura que sobe para a igreja da Assunção, surgiu-me, sùbitamente Monsenhor, perguntando o meu nome e se vivia com meus irmãos, os ciganos de Granada — respondi: — Chamava-me Flor... Mais tarde, ao batizarem-me puseram-me o nome de Maria de la Santa Cruz.

«Ah! — respondeu Monsenhor — sois cristã?

«E natural que já não se lembre de nada disto... — acrescentou, olhando o príncipe.

— Lembro-me — respondeu Gonzaga, distraído — não esqueço as minhas palavras com facilidade.

— Recordar-me-ei durante tôda a vida daquela tarde — continuou Maria de la Cruz em voz trêmula de emoção — Amei-o imediatamente!... Por quê?... Ignoro-o... Podia ser meu pai, no entanto, conseguiu comover-me. Seria possível encontrar alguém mais nobre, mais interessante, a quem dedicasse o meu amor?!...

A jovem disse isto sem se envergonhar e Gonzaga beijou-a na testa, como um pai o faria. Dona Cruz suspirou e prosseguiu:

— Disse-me: «minha filha, vales demasiado para passares a vida a divertir o público no meio da rua, com as tuas canções. Deixa a pandeireta e vem comigo...» Obedeci...

«A partir dêsse momento, deixei de ter vontade própria. Quando entrei em casa, soube que era embaixador do rei da França. No dia seguinte partimos de Madrid para Paris... esta Paris que me descreveu como a cidade do sonho, da riqueza, fazendo-me antever uma felicidade embriagadora...

Gonzaga não a ouvia. O seu pensamento estava muito distante.

A jovem principiou a chorar. O príncipe, com o seu lenço bordado, enxugou suavemente as lágrimas daqueles lindíssimos olhos. Por detrás das lágrimas apareceu imediatamente um delicioso sorriso.

— Mas, enganou-me, príncipe! O famoso palácio onde vivo, os mármores, as pinturas, os tapêtes de mil côres, os reposteiros de veludo bordado a ouro, as esculturas... tudo me parece odioso e aborrecido. À minha volta só há sombras, frio, solidão, criadas mudas, criados discretos, guardas ferozes e como mordomo aquêle homem pálido, aquêle horrível Peyrolles...

— Tem razão de queixa contra êle?

— Não, príncipe; é um escravo dos meus menores desejos, mas... ao pássaro enjaulado pouco lhe interessam os esplendores da prisão. Estou aborrecida, sinto-me prisioneira e esgotou-se-me a paciência. Quero a minha liberdade!

Gonzaga sorriu maliciosamente.

— Por que me esconde? — prosseguiu Dona Cruz — responda!

E a sua encantadora cabeça ergueu-se altivamente. Gonzaga continuou a sorrir.

— Se não me tem amor — prosseguiu a jovem, despeitada — não pode ter ciúmes... Por que me oculta?... Não compreendo! E, se não gosta de mim, quais as suas intenções a meu respeito?...

— Quero fazê-la feliz, Dona Cruz — respondeu Gonzaga com doçura — Desejo torná-la rica e feliz!

— De momento, dê-me a liberdade! — exclamou o formosa cativa, cheia de indignação.

E como Gonzaga tentasse acalmá-la, acrescentou com mais energia:

— Dê-me a liberdade!... Ouviu?... E' a única coisa que ambiciono; o resto não me interessa!

— Esta noite, Dona Cruz — disse Gonzaga com frieza — vista o seu traje mais luxuoso...

A jovem olhou-o com ar de dúvida.

— ...e levá-la-ei ao baile de Sua Alteza, o Regente!

Dona Cruz ficou assombrada. O seu rosto lindo mudou de côr duas ou três vêzes.

— Mas isso é verdade? — perguntou receosa.

— Sim.

— Se fizer isso, príncipe, perdoar-lhe-ei tudo! Só assim o considerarei como meu amigo... O baile do Regente!... Embora os muros da minha prisão sejam muito altos e espessos, a notícia dêsse baile chegou até mim e sei que nêle se verão maravilhas. E eu vou!... Oh!... até me parece mentira! Obrigada!... Obrigada, príncipe!... Como lhe estou grata! O baile é no Palácio Real? Ah! e eu que tanto gostava de lá entrar!...

Dona Cruz estava num dos extremos do aposento. De súbito, deu um salto e deixou-se

cair de joelhos num coxim de veludo, aos pés do príncipe. Muito gravemente e colocando as mãos sôbre os joelhos de Gonzaga, perguntou:

— Que vestido devo levar?...

Gonzaga meneou vagarosamente a cabeça.

— Nos bailes da Côrte há uma coisa que encanta mais do que um rosto adorável e um trajo esplêndido...

Dona Cruz tentou adivinhar.

— O sorriso? — perguntou com a ingenuidade de uma criança.

— Não...

— A graça?

— Não, porque tudo isso possui... Aquilo de que falo...

— Não o tenho?...

E como Gonzaga demorasse a resposta, acrescentou:

— Era coisa que me pudesse dar?...

— Sim.

— Que é?... — perguntou a jovem.

— Um nome.

Dona Cruz caíu do alto da sua alegria. Um nome!... Um apelido!... E ela não tinha nenhum!... Pobre moça!

Gonzaga acabava de lhe fazer uma promessa, porém, os seus oferecimentos... Êle poderia dar-lhe um apelido?

O príncipe antecipou-se às suas perguntas.

— Se não tivesse um nome, minha querida filha, o meu terno carinho nada podia fazer, mas o seu anda apenas perdido... e eu encontrei! Tem um, ilustre entre os mais ilustres da França.

— Que diz?! — exclamou ela, assombrada.

— Tem família — prosseguiu o príncipe em voz solene — uma família poderosa e unida por estreitos vínculos aos nossos reis. Seu pai era duque!

— O meu pai?!... — disse Dona Cruz, maravilhada — O meu pai era duque?... Mas então... morreu? E minha mãe?

A voz da jovem tremia ao fazer esta pergunta.

— Vossa mãe é princesa.

— E ainda vive?! — perguntou ela, cujo coração batia violentamente — E' princesa!... Por favor, fale-me de minha mãe, príncipe!

Gonzaga colocou um dedo sôbre os lábios.

— Agora não pode ser.

Mas Dona Cruz, pegando na mão dêle, disse em ar resoluto:

— Vai falar-me agora mesmo de minha mãe! Meu Deus, como vou querer-lhe!... E' muito boa e formosa, não é verdade? E' estranho — acrescentou gravemente — Sempre tive sonhos onde via coisas semelhantes às que me acaba de dizer!

Gonzaga só a muito custo conseguiu conservar a mesma máscara de gravidade e pensou:

«São tôdas o mesmo!»

— Sim — continuou a jovem — quando adormecia, via sempre uma grande dama, lindíssima, inclinar-se para me beijar... Como se chama minha mãe?

— Ainda não chegou o momento de o saber.

— Por quê?

— Seria um grande perigo...

— Percebo!... Vi muitas peças em Madrid e em tôdas acontecia o mesmo: até ao final nunca se dizia aos filhos o nome da mãe.

— Agora não, mais tarde.

— Era sempre perigoso... no entanto, eu seria discreta!

— Não duvido, mas por agora só lhe posso dizer que esperará pouco tempo. Dentro em breve o segrêdo tornar-se-á público. Neste momento, querida filha, só lhe posso dizer uma coisa: que não se chama Maria de la Santa Cruz.

— O meu verdadeiro nome é Flor?

— Também não.

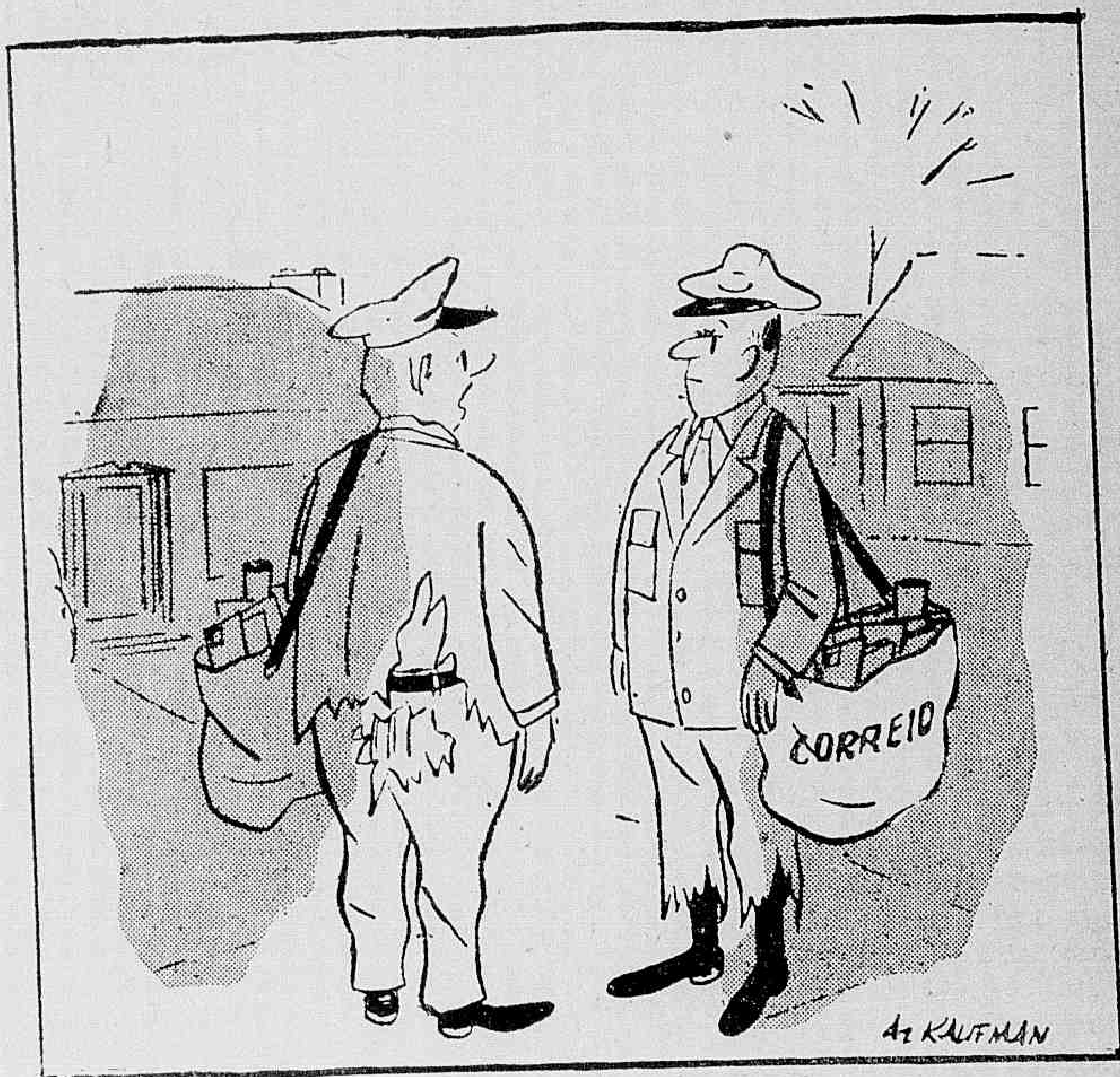
— Então qual é?

— O mesmo de sua mãe, que também era espanhola: Aurora!

Dona Cruz estremeceu.

— Aurora!... Mas que acaso tão surpreendente! — exclamou, batendo as mãos.

Gonzaga olhava-a com atenção.



— Você é que é feliz? Pelo que vejo, as casas do seu quarteirão só tem cães pequeninos!

— Por que tanta alegria? — perguntou.

— E' extraordinário!... Êsse nome... — respondeu a jovem, sonhadora — recorda-me...

— O quê? — perguntou o príncipe com veemência.

— Uma menina que conheci em pequenina e que também tinha êsse nome. Que boa e que formosa ela era! — prosseguiu a jovem com os olhos úmidos — Estimava-a imenso!

Gonzaga fazia grandes esforços para ocúltar a sua curiosidade. Felizmente, Dona Cruz estava tôda entregue às suas recordações.

— Conheceu uma jovem que se chamava Aurora? — perguntou o príncipe, fingindo indiferença.

— Sim...

— Que idade tinha?

— A mesma que eu. Éramos muito amigas...

— E há quanto tempo?

— Há muitos anos...

E a jovem acrescentou, olhando para Gonzaga:

— Mas isso interessa-vos, Monsenhor?

O príncipe pertencia ao número dos homens que só dificilmente se traem. Pegou na mão da jovem e replicou com bondade:

— Tudo quanto ama, interessa-me, querida filha! Fale-me, pois, dessa jovem que foi sua amiguinha...

XV

O príncipe de Gonzaga

Não nos parece necessário informar os nossos leitores de que Dona Cruz era apenas um instrumento de Gonzaga e, tão hàbilmente escolhido, que, a julgar pelas aparências, devia dar-lhe o resultado que esperava.

O príncipe não se apoderara daquela jovem ao acaso. Vacilara muito tempo antes de escolher, mas por fim decidiu-se. Dona Cruz reunia tôdas as qualidades por êle desejadas e até possuía — embora muito vaga — uma certa parecença com a família no seio da qual pretendia introduzi-la.

As últimas palavras do príncipe, embora bastante hábeis, tinham, porém, semeado a dúvida e a desconfiança no espírito da jovem... As mulheres não necessitam compreender para desconfiar.

Que poder teria o nome de Aurora para comover um homem tão forte e tão senhor de si, como o príncipe?...

Aquêle nome... Mas, que representa um nome?! Era tal vez pouco vulgar, além disso havia pressentimentos e, como o nome o chocara violentamente, era a violência do choque que o perturbava.

Gonzaga era supersticioso e dissera para consigo:

«Isto é um aviso, com certeza!»

Aviso de quê? O príncipe acreditava na sua boa estrêla... as estrêlas tinham voz e a dêle falara.

Se aquêle nome, dito por acaso, representava realmente uma descoberta, as suas conseqüências eram tão graves que a surprêsa e a perturbação de Gonzaga não deviam ser motivo de estranheza.

Há dezoito anos que procurava!...

Gonzaga levantou-se a pretexto de que no pátio se ouvia um grande rumor, mas na realidade era apenas para acalmar a sua perturbação e os nervos irritados.

Ao ver o movimento do príncipe, Dona Cruz levantou-se também para ver o que lhe excitara a curiosidade.

— Não se aproxime da janela! — exclamou êle, voltando-se — Ainda não chegou o momento de ser vista!

Por baixo das janelas, em todo o jardim devastado, movia-se uma compacta e buliçosa multidão.

O príncipe, com uma vista de olhos, avaliou todo aquêle ruidoso e variado conjunto. O seu olhar pensativo e sombrio deteve-se nas janelas fechadas dos aposentos da espôsa.

«Irá?» — perguntou a si mesmo.

Dona Cruz sentou-se de novo, de mau humor.

«O combate será rude, mas decisivo!» — prosseguiu o príncipe.

Depois, como tomando uma resolução, acrescentou:

«E' absolutamente necessário que eu saiba.»

E no momento em que ia deixar a janela, disposto a voltar para junto da sua protegida, julgou reconhecer entre a multidão de agiotas que formigava pelo jardim, o estranho personagem cuja fantástica aparição conseguira comover todos quantos presenciavam o leilão: o corcunda que dera trinta mil libras pelo casinhoto de Medoro! Levava na mão um livro de orações e olhava às furtadelas para as janelas da princesa.

Em qualquer outra circunstância, o príncipe não deixaria de fixar a sua atenção neste pormenor tão insignificante, pois tinha por costume observar tudo, porém, naquele momento a sua curiosidade estava excitada por outro lado.

No entanto, se tivesse esperado mais um bocado, à janela, teria visto a criada de sua mulher aproximar-se do corcunda, que lhe disse ràpidamente algumas palavras, e receber dêle, em seguida, o livro de missa.

— Aquêle ruído era proveniente de uma disputa entre os meus novos inquilinos — disse Gonzaga, voltando para a sua cadeira, junto de Dona Cruz — Que estávamos dizendo, minha querida filha?

— Falávamos do apelido que deverei usar no futuro...

— E que é o seu, Aurora!... Mas... parece-me que estávamos a conversar acêrca de outra coisa...

— Por acaso já a esqueceu? — respondeu a jovem, sorrindo maliciosamente.

Gonzaga fingiu recordar-se.

— Ah! Sim!... Falávamos de uma jovem a quem conheceu noutros tempos e que também se chamava Aurora.

— Uma linda rapariga, órfã como eu.

— Foi em Madrid?

— Sim.

— Era espanhola?

— Não, francesa.

— Francesa? — repetiu o príncipe numa voz de perfeita indiferença e fingindo bocejar. Gonzaga sabia fingir às mil maravilhas; no entanto, o sorriso de Dona Cruz devia terlhe dado a conhecer que a jovem duvidava daquela indiferença tão bem representada.

— Quem cuidava dela? — perguntou com ar desprendido.

— Uma velhota!

— E quem lhe pagava?

— Um cavalheiro.

— Também francês?

— Sim.

— Novo ou velho?

— Novo e muito interessante.

O príncipe fingiu abafar novo bocejo.

— Mas... por que me pergunta tôdas essas coisas que parecem aborrecê-lo?... — exclamou Dona Cruz — Nunca o supus tão curioso.

Gonzaga compreendeu que merecia a pena continuar a dissimulação.

— Não sou curioso — respondeu, mudando de tom — Ainda não me conhece Quando a interrogo, deve compreender que tenho as minhas razões. Quer dizer-me como se chama êsse cavalheiro?

Daquela vez os lindos olhos de Dona Cruz revelaram uma verdadeira desconfiança.

— Já não me lembro... — respondeu sêcamente.

— Não está querendo ocultar?

— Afianço que esqueci.

— Ora! Se quisesse tentar... Procuremos ambos — insistiu Gonzaga, sorrindo.

— E por que lhe interessa tanto êsse nome?

— Porque talvez assim pudesse fazer qualquer coisa por êle... Um fidalgo francês vivendo na Espanha só pode ser um exilado... infelizmente há muitos nessas condições...

Fêz uma pequena pausa e depois prosseguiu:

— Minha filha: não tem aqui nenhuma companheira da sua idade e a amizade não é coisa que se possa improvisar... Como tenho grande influência, procuraria maneira do fidalgo voltar à Pátria com a pequenita e dessa forma Dona Cruz já não estaria só.

Gonzaga dizia estas palavras com tal acento de sinceridade que a pobre criança se comoveu.

— Ah! Príncipe! — exclamou — como é bondoso! O que se propõe fazer, nunca ousaria pedir-lhe, embora estivesse morrendo por isso; porém, não precisa de saber o nome do fidalgo, nem preocupar-se com a repatriação... já tornei a ver a minha amiga!...

— Quando?

— Há pouco...

— Onde?

— Em Paris...

— Aqui? — exclamou Gonzaga.

Dona Cruz perdera a desconfiança; entretanto Gonzaga deixara de sorrir... estava pálido.

— Meu Deus! — disse a jovem sem esperar ser interrogada — Vi-a no próprio dia da minha chegada. Quando passávamos pela Porta de Saint-Honoré, em discutia com o senhor de Peyrolles, pedindo-lhe que me deixasse correr as cortinas que, obstinadamente, conservava fechadas durante todo o caminho. Ao chegar a uma ruazinha perto do Palácio Real, a carruagem onde íamos quase roçava pela fachada das casas. Ouvi cantar num andar baixo... Peyrolles tinha a mão na cortina, mas retirou-a porque lhe bati com o meu leque. Reconhecera a voz... Levantei precipitadamente a cortina e vi, efetivamente, a minha amiga Aurora à janela de uma casa baixa.

Gonzaga tirou a carteira.

— Soltei um grito... — prosseguiu a jovem — Quis apear-me da carruagem, mas tudo foi inútil: Peyrolles era um carcereiro inflexível!

— Disse-me que era uma rua estreita, próximo do Palácio Real?

— Muito próximo.

— Seria capaz de a reconhecer?

— Sei até como se chama... Perguntei ao senhor de Peyrolles.

— Como se chama, então?

— Rua de Chantre. Mas... que está escrevendo, príncipe?

Gonzaga, realmente, tomava nota do nome da rua.

— O necessário para tornar a ver a sua amiguinha.

Dona Cruz ergueu-se, cheia de alegria.

— Como é bom!... Melhor do que eu julgava!...

Gonzaga guardou a carteira.

— Minha querida filha: muito em breve poderá avaliar a bondade do meu coração. Assistirá a uma cerimônia solene. Não receie mostrar a sua perturbação, isso aumentará os seus encantos!

O príncipe levantou-se e pegou-lhe na mão.

— Daqui a meia hora, o mais tardar, conhecerá sua mãe!

Dona Cruz colocou a mão sôbre o coração.

— Mas que lhe hei de dizer?

— Diga-lhe tudo quanto recordar da sua infância... Pode dizer tôda a verdade... a verdade... nada mais!

E, erguendo um reposteiro que ocultava um toucador, disse-lhe:

— Entre para aqui.

— Sim — replicou a jovem — e vou rogar a Deus por minha mãe.

— Rogue, sim... Esta é a hora mais solene de tôda a sua vida!...

Gonzaga beijou-lhe a mão e o reposteiro, ao cair, separou-os.

Logo que Gonzaga ficou só, sentou-se à secretária e deixou cair a cabeça entre as mãos. Tinha necessidade de refletir.

— Rua de Chantre! — dizia — Viverá sòzinha?... Êle teria a audácia de a acompanhar?... Será ela?... E' preciso averiguá-lo imediatamente!

Tocou; ninguém respondeu.

Então, ergueu-se, dirigiu-se à biblioteca onde se costumava encontrar o seu confidente, mas a casa estava deserta.

Em cima da mesa havia um sobrescrito que lhe era dirigido e onde reconheceu a letra de Peyrolles. Abriu-o ràpidamente.

Dizia:

«Estive aqui. Tenho muito para vos contar. Sucederam coisas terríveis no pavilhão.»

Depois, ef forma de post-scriptum:

«O Cardeal de Bissy encontra-se nos aposentos da Princesa. Vigio.»

Gonzaga amassou o papel.

— Vão dizer-lhe: assista ao Conselho, em pessoa, por vossa filha, se ainda existe! Mas ela resistirá! Não creio que assista. Aquela mulher está morta!... E quem a matou? — perguntou a si mesmo, com o rosto pálido e os olhos baixos — Altiva e formosa mulher!... Doce e meiga como os anjos, valente como um hmoem!... E' a única a quem eu teria amado, se fôsse capaz de amar um mulher!...

Mas logo um sorriso cético se lhe desenhou nos lábios.

— Cada um por seu caminho!... Eu, sigo o meu!... Tenho culpa se, para chegar ao limite dos meus desejos, preciso pisar corações e cabeças?

Durante um momento estêve a pôr as notas em ordem. De súbito a sua fronte obscureceu-se; um pensamento terrível acabava de o assaltar:

— Não posso ter ilusões! disse, deixando de trabalhar, para refletir de novo — A vingança do Regente seria implacável. E' leviano e inconstante, mas tratando-se de Felipe de Nevers, a quem amava como um irmão!... Vi-lhe lágrimas nos olhos quando olhava para minha mulher enlutada... a minha mulher, que é a viúva de Nevers!... Mas, que receios tão ridículos! Isso já lá vai há dezenove anos e nenhuma acusação se formulou contra mim.

Passou a mão pela testa como se quisesse expulsar uma visão sombria.

— Hei de encontrar um culpado que enterre juntamente com o seu corpo êste assunto, de uma vez para sempre! Quando se castigar o suposto assassino de Nevers, poderei dormir tranqüilo!

Entre os papéis que tinha diante de si, havia um que dizia:

«Saber se a Princesa julga a filha viva ou morta».

E logo a seguir:

«Saber se a certidão de nascimento está em seu poder».

— Ora, para isto — pensava Gonzaga — é preciso ela comparecer! Daria cem mil libras só para saber se possui o documento ou se êle na verdade existe... sim, porque se existe, hei de obtê-lo! Além disso... quem sabe?! — prosseguiu com nova esperança — as mães, às vêzes, vêem as filhas em tôda parte e eu não creio na sua infalibilidade... Quem sabe?... E' possível que receba a ciganita de braços abertos... Ah! se assim fôsse, que vitória! Haveria **Te-Deum** e... viva a herdeira de Nevers!

Gonzaga começou a rir. Depois, prosseguiu: Mas... depois, uma jovem e linda princesa pode morrer... Morrem tantas jovens!... Luto geral, orações fúnebres pelo arcebispo... e, para mim, mais outra herança... muito bem ganha!

Naquele instante soaram as duas horas no relógio de Saint-Magloire.

Era o momento fixado para a reunião do conselho de família...

XVI

A viúva de Nevers

Aurora de Caylus, viúva do duque de Nevers e espôsa do príncipe de Gonzaga, estava sentada numa grande poltrona.

Usava luto perpétuo que se estendia a tudo quando o rodeava e o seu traje modesto e severo condizia perfeitamente com a austera simplicidade do seu retiro, uma casa quadrada cujas paredes enquadravam um medalhão pintado por Eustache Lesueur, naquele estilo ascético que caracterizou a segunda época da sua vida artística.

As vigas eram de nogueira, pintadas de prêto. As ombreiras das portas estavam cobertas com tapeçarias que representavam assuntos místicos. Entre as duas janelas havia um altar de luto, como se o último ofício que ali se tivesse celebrado fôsse uma missa de defuntos.

Em frente do altar via-se um retrato de Felipe de Nevers aos vinte anos. Vestia o uniforme de brigadeiro dos guardas suíços e a moldura estava tôda cercada de crepes.

Havia dezoito anos que Aurora de Caylus era espôsa do príncipe de Gonzaga; no entanto, podia dizer-se que não o conhecia: nunca consentira em vê-lo nem em escutá-lo.

O príncipe fizera tudo quanto era humanamente possível para obter uma entrevista. E' verdade que a amara e talvez ainda a amasse a seu modo. Tinha grande confiança em si e pensava — de tal forma estava certo da sua eloqüência! — que se a princesa consentisse em ouvi-lo sairia vencedor da prova. Ela, porém, era inflexível no seu desespêro: não queria amigos e comprazia-se na solidão. Um único sentimento existia ainda dentro do seu peito: o amor maternal! Amava apaixonadamente a recordação da filha e, quanto à memória de Nevers, ela constituía para si uma religião. O pensamento da filha era a única coisa que a animava e a fazia conceber vagas esperanças no futuro.

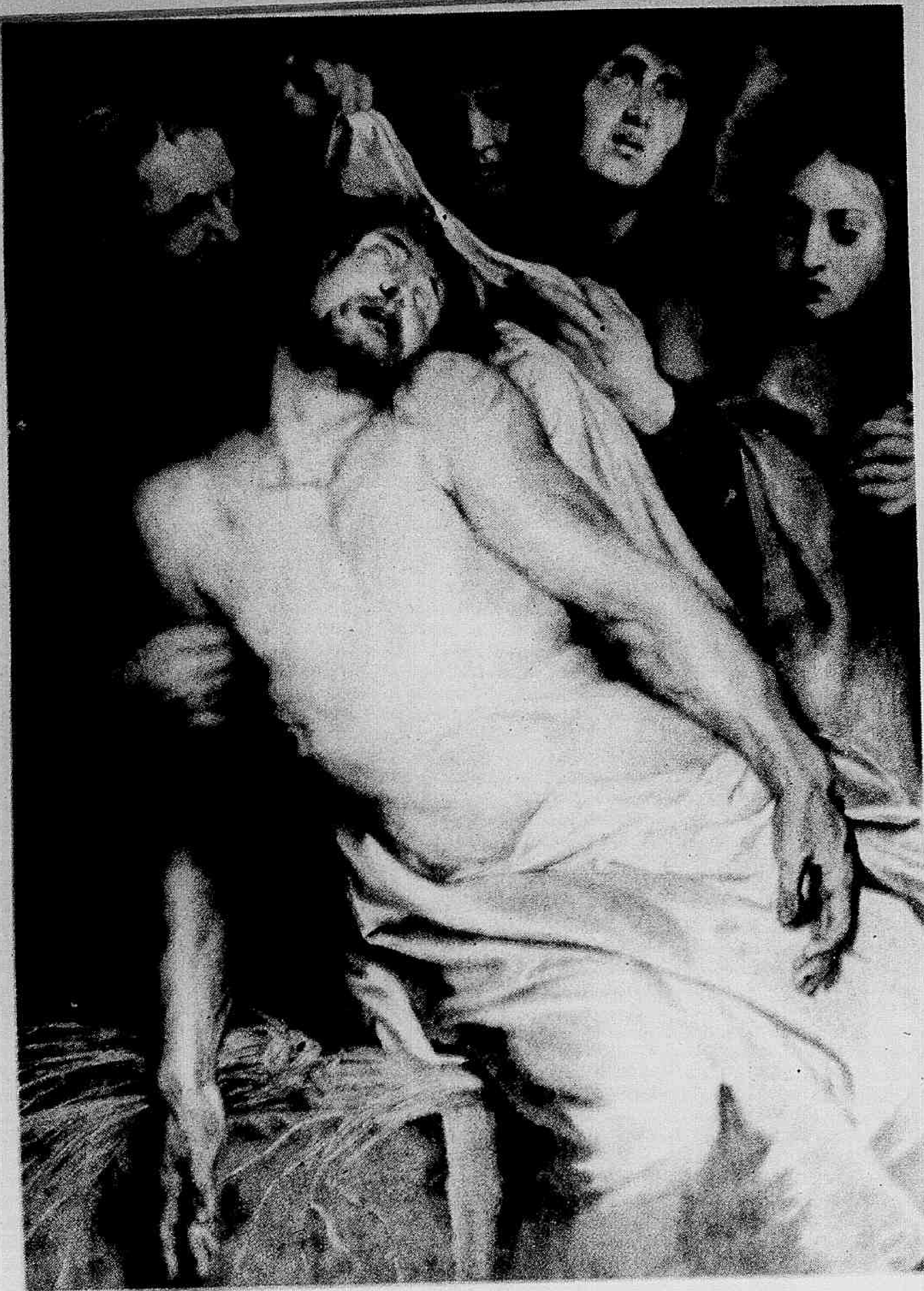
Ninguém ignora a influência profunda que os objetos materiais exercem sôbre o nosso ser. A princesa de Gonzaga, sempre sòzinha com as suas camareiras, que estavam proibidas de lhe dirigir a palavra, sempre cercada de quadros lúgubres, tinha a inteligência e a sensibilidade enfraquecidas.

Era freqüente dizer ao confessor:

— Sou uma morta!...

E era verdade. A pobre mulher já não vivia; era um espectro. A sua existência parecia um sonho doloroso.

(Continua no próximo número)


Peter Paul RUBENS
(1577-1640)

CRISTO CRUCIFICADO
(Museu Real de Antuérpia)

O tríptico aqui reproduzido, que foi criado em 1617, para o túmulo do comerciante Jan Michielsen, por encomenda da viúva do mesmo, Maria, vem a ser, em sua parte central, uma das mais famosas criações de Cristo morto já produzidas na história da Arte. Poucos anos antes, em 1614, Rubens tratou dêsse tema com ousadia inaudita. Porém o quadro do Museu de Antuérpia tem uma grande vantagem sôbre o de Viena, no qual a ordenação das figuras laterais é ainda um tanto difusa e mal arranjada. O cadáver de Cristo está tratado com um realismo emocionante e a monumentalidade das suas formas constitui o ponto central da composição, encaixada que está, com habilidade patética, entre as figuras soluçantes que o rodeiam. A lassidão do corpo está tão intensamente expressada como não o conseguiu nenhum outro artista! Para obter êste resultado, a direção diagonal do cadáver é de grande efeito. Todo o horror de um robusto corpo martirizado aqui aparece, sem qualquer detalhe que o atenue. Rubens, mestre na representação de todos os momentos passionais, conseguiu expressar, nessa cena, tôda a dramática emoção da tragédia cristã. Esta não é, por certo, uma piedade doce e resignada, onde o amor materno seja o sentimento predominante. Todos os artistas que trataram êsse tema concentraram o máximo interêsse na figura da Virgem. E a exaltação da dor humana de Maria foi o que deu ao grupo o seu tom espiritual. A dor da Virgem é uma dor transbordante, que faz cair novamente o olhar sôbre o corpo de Cristo. E êsse corpo, com se u tom lívido e sua expressão de esgotamento sôbre-humano, responde bem a essa impetuosidade, a êsse sentido heróico e grandioso com que Rubens interpreta todos os seus assuntos. As duas asas não estão à altura artística do quadro central e com êle têm relação escassa. São obras de seu atelier, isto é, dos seus discípulos, embora nelas se note boa porção da mão do mestre. A atitude do Evangelista é análoga à de um quadro do "Kaiser-Friedrich Museum", de Berlim, representando os dois Joãos, de Van Dyke, pelo que se supõe que nêle tenha trabalhado êste artista. E' de notar a côr vermelha do vestuário das duas figuras laterais, que fazem destacar o tom pálido das vestes das figuras centrais. Devemos recordar, por último, que na "Coleção Albertina", de Viena, se encontra um desenho relacionado com o quadro principal dêsse tríptico.

O Vale dos Reis

Por NORAH BURKE

— **Meu** elefante está doente — disse Durga Singh.

— E velho também — responderam os outros. — Se o deixasses em liberdade, êle, sem dúvida, iria para o "Vale dos Elefantes", esperar a morte. Por que não deixas que êle parta e, seguindo-o, possas descobrir o vale secreto, com todo o marfim dos elefantes que ali pereceram, desde que a Índia existe? Ficarias mais rico que qualquer outro mortal.

— Velho? — retrucou Durga Singh, àsperamente.

— Êle pertenceu ao teu pai e ao pai de teu pai. Olha para aquêles olhos cavos e as prêsas amarelecidas. Além disso, existem buracos em suas gengivas, pois não possui mais dentes!

Durga Singh lançou um olhar para **Rajah Lal**, que estava diante de um pequeno grupo de árvores. Mais ao lado, uma pilha de bambus, outra de cana, além de um pequeno monte de alimentos tenros. No entanto, o elefante mal tocara nos mesmos, pois a sua idade era realmente avançada, e pouco ou quase nada êle comia ùltimamente. Naquele instante, no horizonte encrespado pelos montes, o sol desaparecia e as primeiras sombras da noite desciam sôbre a paisagem; os últimos raios do sol, caindo sôbre o corpanzil do elefante, davam-lhe um aspecto fantástico, com as enormes orelhas a abanar, infatigàvelmente, afugentando as môscas vorazes, que nunca se saciavam, atacando as feridas e rachaduras das mesmas.

Seu elefante morrer? Impossível Alguém poderia dizer: **"Amanhã, o rio não há de correr."** Mas, seu elefante morrer! Pois, se as primeiras recordações de sua infância o apresentavam deitado sob o paquiderme, que, cuidadosamente, movia as patas, sem ao menos tocar em seu pequenino corpo. Lembrava-se de que ficava a olhar a tromba do enorme animal agitando-se, tendo, como fundo, o belo céu azul... Quando mais velho, costumava guiá-lo para o rio, a fim de que bebesse água e tomasse banho. O elefante se deitava preguiçosamente, enquanto Durga Singh o esfregava com enorme escova. Em seguida, espadanando a água, o animal se levantava e o jovem dono o levava de volta ao campo. O trabalho do elefante, embora êste fôsse dotado de fôrça prodigiosa, era terrìvelmente cansativo. Tinha que puxar um carro, vadear o rio, alcançar a outra margem, caminhando em seguida por miseráveis campinas, onde muitas cêrcas dividiam as terras dêste ou daquele habitante do local. Pelas pastagens paupérrimas, apareciam vacas descarnadas e algumas cabras, muitas delas doentes e com as costelas querendo rasgar a pele. Contrastando com êsse triste espetáculo, apareciam, aqui e ali, belos touros, bem tratados, com guizos alegres a penderem de seus pescoços, transitando livremente por onde quisessem, sem que alguém ousasse màltratá-los, pois, como animais sagrados têm todos os direitos e regalias. Além da vasta campina, tinham início as florestas, o mato alto, guarnecendo os primeiros contrafortes do Himalaia. E, a perder de vista, estendiam-se as montanhas colossais, com os picos cobertos pelas neves eternas, cuja alvura contrastava com o límpido céu azul e os dourados raios do sol. Durga Singh jamais havia ido além das campinas; durante tôda a sua vida, habitara a aldeia próxima ao rio, trabalhando sempre no transporte de carga de tôdas as espécies, ora utilizando o paquiderme, para puxar carretas, ora fazendo com que o elefante levasse às costas tudo aquilo que pudesse suportar. Até o dia anterior, Rajah Lal resistira ao inimigo implacável, que, gradativamente,



extingue as fôrças de todos os sêres moventes da terra: o tempo! Porém, agora, ali estava, quieto, velho, cançado, sem fôrças para mover o corpanzil, daquela forma viva e bem disposta, como sempre o fizera...

Quando Durga Singh caminhou na sua direção e remexeu o comedouro do paquiderme, a fim de que os feixes de feno que haviam ficado no fundo passassem para cima, substituindo a parte que já havia sido comida e picada, o elefante esboçou um movimento, como esperando que seu amo o fôsse selar.

Durga Singh foi assaltado pela curiosidade, tentado a verificar se o seu fiel companheiro já teria descansado o suficiente para poder reiniciar a sua faina, no dia seguinte. Considerou, no entanto, já ser muito tarde. Os peregrinos, que ali haviam chegado, pouco antes, preparavam-se para um merecido repouso, ao passo que os companheiros de Durga Singh se agachavam em volta das fogueiras, que acendiam, no terreiro sêco, onde contariam histórias e fatos lendários que povoavam a mente daquela gente simples.

Com a noite já em caminho, ouviam-se os primeiros ruídos peculiares à região, com o vento soprando mansamente e trazendo odores distantes, entremeados com o perfume das flores que cresciam nos vales, em redor. E começava, ao mesmo tempo, o terrível assalto dos mosquitos, zumbindo e picando os homens. Ouviu-se o surdo ruflar de asas do primeiro morcego que abandonava o local onde estivera pousado durante o dia.

O VALE DOS ELEFANTES

Em algum recôndito das inúmeras selvas que cobrem a grande península indiana — dizem os seus habitantes — encontra-se o **cemitério dos paquidermes.** E, pensando no que lhe haviam dito anteriormente, Durga Singh antevia, maravilhado, o **Vale dos Elefantes,** coberto de ossos e magníficas prêsas de marfim, para o qual em breve caminharia Rajah Lal, em busca do descanso eterno...

Aos poucos, o silêncio desceu sôbre o acampamento. As fogueiras, morrendo lentamente, pareciam pequenas luzes bruxoleantes, no meio da escuridão. Agora, todos dormiam. Todos? Não; uma pessoa só, e que jazia deitada ao lado de um elefante, não conseguia conciliar o sono. Pensava:

"— Será mesmo verdade, o que ouço falar há tanto tempo? Por que, em nenhuma época, foi encontrado qualquer vestígio de um elefante morto, na selva? Dizem que êles não morrem! Desaparecem!"

Aos poucos, dominado por êsses pensamentos, Durga Singh adormeceu.

O silêncio da noite continuava, quebrado sòmente pelo rumor distante das águas do rio e o zumbir dos mosquitos. Durga Singh, deitado ao lado do seu elefante, mexeu-se, inquieto, abriu os olhos e levantou o busto, apoiando-se nos cotovelos. À luz clara da lua, viu o paquiderme, com as enormes orelhas a abanarem levemente, como querendo captar algum ruído distante, enquanto a tromba subia e descia, absorvendo o ar perfumado da noite.

Novamente, a idéia do **Vale dos Elefantes** assaltou o indiano. Após refletir por alguns instantes, resolveu tentar:

"Se, por acaso, a aventura fracassar, e meus companheiros quiserem zombar de mim, poderei dizer que levei Rajah Lal à floresta, para que achasse, sòzinho, as ervas de que necessitava para recuperar a saúde e as fôrças.

Durga Singh iniciou os preparativos para a jornada que se propunha realizar. Consultou o interior de sua bôlsa, para saber quanto dinheiro tinha. Muniu-se de um pequeno saco de arroz, outro de farinha, e de um galho de planta aromática.

Em seguida, desamarrou o elefante e, segurando as orelhas colossais, pousou o pé sôbre a tromba. Rajah Lal ergueu-se do chão, da mesma forma como havia feito milhares de vêzes. Durga Singh acomodou-se sôbre o pescoço do animal. Ao esticar as pernas para melhor instalar-se, por trás das orelhas do paquiderme, pensou: "Seu corpo está quente, da febre que o invade, mas..."

— **"Chelo!"** — ordenou docemente.

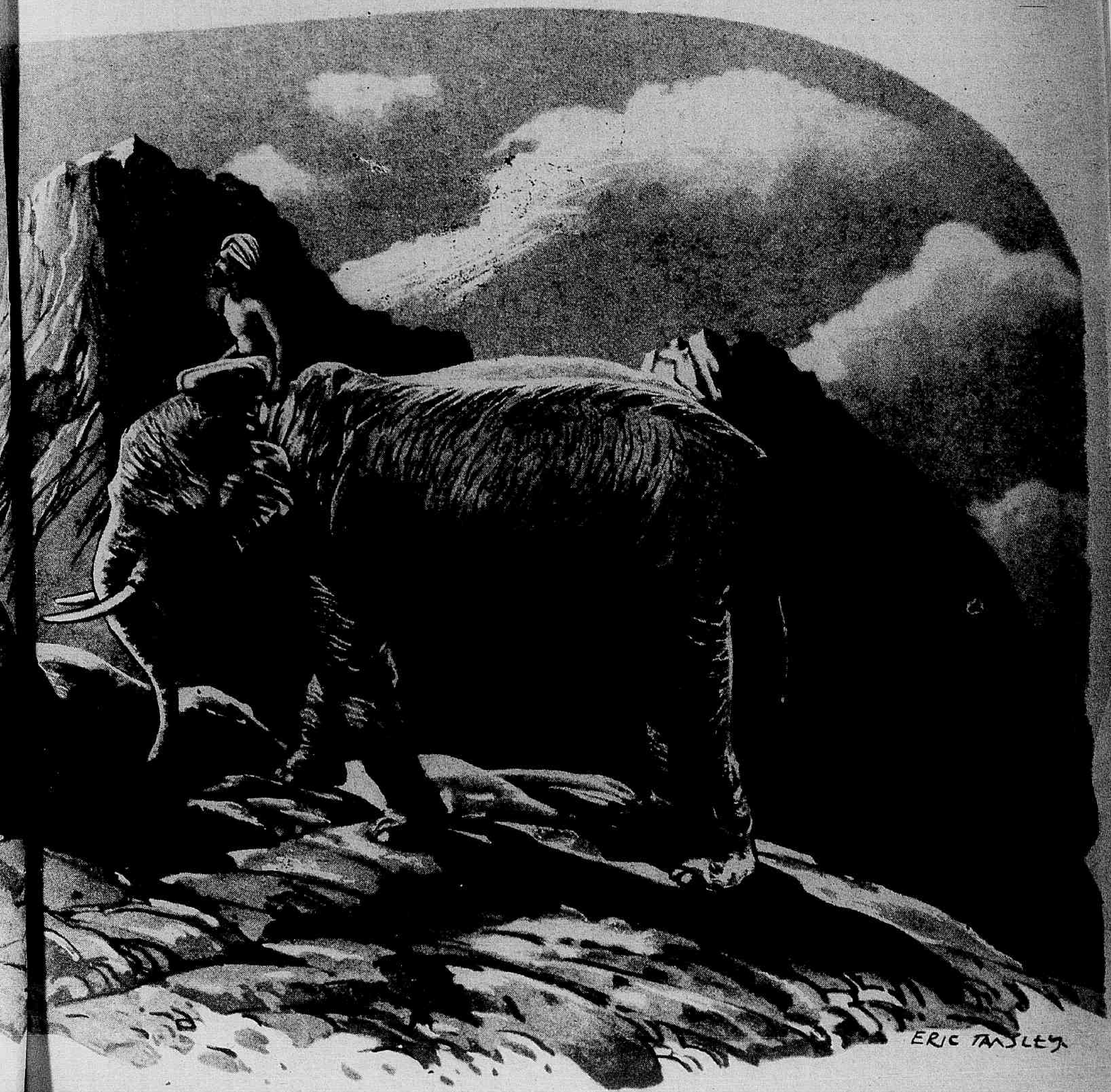
O elefante, vagarosamente, começou a caminhar. Esperava que seu amo o guiasse com o cutucar das pernas, ou tocando com as mãos um ponto de sua volumosa cabeça. Como não viesse



ordem alguma, escolheu, êle mesmo, o caminho a seguir, dirigindo-se para o rio. Com suas passadas sempre iguais, penetrou na corrente; aí as águas, um tanto fortes, vinham esbarrar contra as grossas pernas do paquiderme, que mais se assemelhavam a rijos troncos de árvores. O ruído característico de pisadas em sêco indicou que já estavam na outra margem do rio. O paquiderme sacudiu o corpo, num estremecimento ligeiro, a fim de livrar-se da água que se depositara ao longo das profundas rugas de sua grossa pele. Em seguida, continuou em sua marcha, na direção das florestas que se erguiam ao longe, e mal podiam ser divisadas, na escuridão. Durante o dia, meninos semi-nus haviam trazido os búfalos para pastar, porém, com o cair da noite, levaram os animais de volta à povoação, temendo os tigres que infestam a região. No momento, não se via homem ou fera, mas apenas um bando de chacais que uivavam lùgubremente.

Decorreram muitos minutos, e o elefante e seu amo estavam agora próximos das desconhecidas florestas; as primeiras árvores de alto porte já apareciam, como a indicar aos ousados que se precavessem, pois que ali tinha início **o desconhecido**, que poucos homens haviam enfrentado.

Rajah Lal escolheu seu caminho entre o emaranhado de árvores, que, cada vez mais, se erguiam próximas umas das outras, a ponto de quase impedir que a luz do dia, cujos primeiros sinais apareciam, rompesse o denso teto que formavam com suas copas. Aqui e ali, capim, arbustos, cipós, tudo formando um conjunto tétrico, de mistura com os uivos e gritos dos habitantes da selva. O elefante gingava o enorme



corpo ora para um lado, ora para o outro, evitando os feixes de bambu que se erguiam nos pontos onde as árvores grossas deixavam o campo livre. A todo instante, um cipó, um galho mais baixo, arranhavam o indiano, que, no dorso do paquiderme, agachava-se quanto podia, para evitar êsses novos adversários.

Mais adiante, como por encanto, abria-se uma pequena clareira, onde a luz penetrava com intensidade, produzindo efeitos maravilhosos, ao cair sôbre a folhagem ou a terra úmidas. Ao passar o elefante por ela, Durga Singh ficou deslumbrado com o brilho dessa luz sôbre o corpo suado do elefante. Notou, também, que se dirigiam para o norte, parecendo o animal perfeitamente orientado no caminho a seguir.

Então... Então... talvez fôsse verdade! Uma fôrça estranha, um chamado, vindo do desconhecido, orientava o paquiderme, agitava o seu sangue e o guiava, através de matos e clareiras, rios e florestas, até ao ponto onde jaziam os seus antepassados, ponto ainda não atingido por nenhum homem! Em algum lugar do caminho que seguiam, encontrava-se o vale secreto! O indiano se sentia em êxtase, só ao pensar que seria o primeiro homem a pisar aquêle **terreno sagrado**, onde imensas fortunas em marfim jaziam, à espera do mais ousado ou mais feliz...

Mas, quão distante ainda estaria o **Vale?** Teria o elefante fôrças suficientes para chegar até lá? Desde que partiram do acampamento, não haviam parado para comer ou descansar. Durga Singh, acostumado a viajar dessa forma, quase não sentia os efeitos da longa jornada. Temia, no entanto, que o paquiderme, em seu andar lento e estranhamente dirigido por uma fôrça invisível, não conseguisse alcançar o cemitério de elefantes.

Encontrava-se, agora, sôbre o leito sêco de um rio. A areia que formava o solo encontrava-se pisada e repisada por pegadas dos inúmeros animais que por ali passavam constantemente.

Sôbre uma pequena elevação, estava um elefante selvagem, de tenra idade, como Durga Singh pôde notar, e que rebuscava com a tromba alguma erva ou mineral, com certeza para combater um desarranjo digestivo, muito comum nesses animais. Não deu a mínima importância ao homem e ao elefante que por êle passavam.

E Rajah Lal continuava, sempre para o norte. O terreno se apresentava, agora, inclinado, e o elefante, numa evidente prova de velhice, desceu com dificuldade, derrubando grande quantidade de pequenos arbustos, e fazendo rolar as pedras que se espalhavam pela inclinação. Em seguida, penetrou novamente na selva, que se estendia diante dêles.

Naquela noite, Durga Singh ouviu o ruído característico produzido por uma pequena manada de elefantes.

E aquelas lendas, a respeito de elefantes? Novamente, o indiano foi assaltado por idéias e pressentimentos. Ouvira dizer que os elefantes selvagens enterram os seus mortos. E, se a morte atingisse o fiel Rajah Lal, no meio de sua jornada?

Durga Singh não tornou a ver os paquidermes. Ouviu, no entanto, por diversas vêzes, o barulho feito pelas pequenas árvores que derrubavam, no afã de procurar comida. Ouvia-os a mastigar ruidosamente, em algum local vizinho.

Quando êle e a sua montada cruzaram um rio cintilante, e Rajah Lal parou para descansar, o indiano, ao contrário do que esperava, não viu mais sinal da manada selvagem. Enquanto o elefante bebia, Durga Singh observava os arredores.

Um crocodilo, que estivera a se aquecer ao sol, atirou-se à água. Seu corpo semi-submerso brilhava, sob os raios do sol. Rajah Lal recomeçou a caminhada; embrenharam-se novamente na floresta, e Durga Singh ouviu distintamente a manada de elefantes atravessando o rio, algumas centenas de metros atrás.

A noite estendera novamente o seu manto sôbre a terra. Uma hiena começou a seguir o paquiderme e seu amo. O indiano podia vê-la, à luz da lua, a caminhar cautelosamente em seu encalço. E assim, decorreram as longas horas da noite, entremeada pelos gritos e rugidos selvagens que, a todo instante, se faziam ouvir. Finalmente, ao clarear o dia, Durga Singh notou que a hiena havia desaparecido, como se temesse expor-se ao homem à luz do sol.

Ao longo do sopé das colinas, as árvores se juntavam, formando uma barreira intransponível. Se, antes dêles, não houvessem passado por ali manadas de elefantes selvagens, Rajah Lal estaria impossibilitado de prosseguir, pois não seria capaz de derrubar, sòzinho, as árvores vigorosas. Formara-se uma perfeita trilha, como a indicar o caminho a percorrer; e o paquiderme por ela seguiu, sempre para o norte.

Passaram-se dias e noites. Durga Singh começava a sentir os efeitos da cansativa jornada. Ali, nas montanhas, o ar era frio, e o vento fustigava o seu corpo, apenas protegido por uma roupa leve. A comida que trouxera já se havia extinguido, e o indiano começava a sentir o tormento da fome, pois apenas conseguia algumas raízes amargas para manter o estômago ocupado. Raramente conseguia mitigar a sêde em alguma corrente de água turva. No entanto, seu ânimo ainda era forte, pois tinha plena convicção, à medida que o tempo passava, de que conseguiria alcançar seu objetivo.

Rajah Lal só raramente parava para comer as raízes de alguns arbustos, ou para beber, enquanto atravessavam os rios. Parecia não sentir muita necessidade de alimentar-se.

Subiam agora, cada vez mais, pelas montanhas que se estendiam a perder de vista e, quando o ar se tornou mais frio, Durga Singh sentiu o calor que se desprendia da pele do elefante, e o bater compassado e vagaroso do velho coração.

Começavam a aparecer os despenhadeiros e precipícios. A trilha por onde seguiam estreitava-se à medida que avançavam. Embora a hiena os tivesse perdido de vista, Durga Singh, naquela noite, viu, ao clarão da lua, um vulto que os espreitava do alto de uma saliência na rocha.

Se, antes, o elefante andava vagarosamente, cada passo que dava, agora, tinha que ser calculado e cuidadoso, pois o terreno, além de muito íngreme, tornava-se cada vez mais difícil. Os cursos d'água, que tinham que atravessar,

eram muito mais trabalhosos de romper, que as florestas, que, a espaços, tinham que defrontar.

As árvores eram agora mais esparsas, e o terreno mais e mais perigoso. Acima dêles, erguiam-se montanhas enormes, com planícies e planaltos mais ao longe. A vista que tinham diante dos olhos era magnífica. Se o homem habitava aquelas paragens, constituiria, na certa, uma semi-raça atrasada, que deveria ainda estar na idade da pedra, pois até mesmo os animais irracionais tinham dificuldade em movimentar-se pela região, que se apresentava cada vez mais estéril, mais áspera.

Uma estranha sensação assaltara Durga Singh, fazendo seu coração palpitar com maior vivacidade, à medida que avançavam. No silêncio e desolação, êle via a aproximação da meta que visava. Muito cedo, pensava, seria o homem mais rico do Universo.

Rajah Lal continuava a galgar as elevações. Os raios do sol que os atingiam não apresentavam, quase, calor. O vento uivava lùgubremente por entre os contrafortes.

Finalmente, desembocaram num "plateau". O frio era intenso. A claridade ofuscava os olhos cansados de Durga Singh. Examinando o terreno, calculou que êste fôra talvez, uma antiga cratera. Muito abaixo do local, estendiam-se rios e vales, entremeados pelas imensas florestas verdes. Ali, porém, tudo era desolação.

Rajah Lal ofegava, imóvel. Tentava refazer-se da estafante caminhada e, para ajudá-lo a descansar, o indiano escorregou de seu pescoço, tocando o chão úmido e pedregoso.

Justamente naquele momento, o paquiderme tombou para um lado, sem fôrças. Ao cair, escorregou na direção do precipício.

Durga Singh gritou como enlouquecendo, mas nada pôde fazer para evitar que o elefante rolasse pela borda da rocha, indo estatelar-se muito abaixo do "plateau". Durante alguns momentos, Durga Singh pôde ainda ver o imenso corpo, já todo desfeito, sôbre um pequeno monte, enquanto o eco produzido pelo grito do homem, e pela avalanche de pedras que tombaram junto com o paquiderme, morria gradativamente. Logo após, escorregando novamente, o velho animal desapareceu, para sempre, entre as imensas rochas.

O indiano atirou-se ao chão, e, cautelosamente, perscrutou, na borda do precipício, as montanhas que se estendiam abaixo. No entanto, ninguém seria capaz de avaliar quão profundo era aquêle abismo, e era impossível atingir o ponto onde caíra o elefante!

Durga Singh ficou ali, imóvel, a olhar, petrificado, aquêle abismo, enquanto um suor frio cobria todo o seu corpo.

Em seguida, tudo voltou à calma. Um silêncio sepulcral desceu sôbre êle, sendo quebrado apenas, de instante a instante, pelo rugido do vento a visitar as caprichosas cavidades das montanhas.

E, um mudo e vão desespêro apoderou-se do abatido indiano, agora sò, sem ao menos a companhia e a proteção de Rajah Lal e, como êste, irremediàvelmente condenado a morrer, ali mesmo.

★ ★

A «BOA RESPOSTA» DO MÊS

Por MILTON D. EULENBERG



Era um dia de verão, extremamente quente, e o ônibus estava repleto. Embora a maioria dos passageiros sofresse em silêncio, uma senhora obesa demonstrava claramente estar aborrecida com o calor. Seus resmungos davam a entender isto, quando se dirigiu para a parte traseira do ônibus, que parecia estar menos entulhada de gente. Tudo nela, de fato, demonstrava que estava irritada com os eventuais companheiros de viagem, como se êstes fôssem responsáveis pela temperatura reinante e pelos apertos porque passava, ao tentar locomover-se no interior do veículo. Durante êsse penoso caminhar, o ônibus freiou com violência; com isto, a mulher gorda foi abater as banhas sôbre um homem de pequena estatura e de ar resignado.

Em vez de pedir desculpas, e, antes, com visível mau-humor, perguntou, agressivamente:

— O senhor precisa empurrar os outros assim?

— Não, madame — respondeu o homenzinho, polidamente. E, em seguida, examinando-a de alto a baixo, medindo o seu volume, acrescentou:

— Mas a senhora é **muito difícil de evitar.**

FÁBULAS

Para tôdas as idades.

(Especialmente a atômica)





OS DOIS GRANDES ERROS DE DILINGHAM BRODIE

Por ROBERT M. YODER

JANET, a namorada de Dilingham Brodie, não era apenas digna de ser olhada, pois, em adição às suas qualidades físicas, tinha um caráter elevado e compreensivo, conjunto êsse só podendo ser suplantado por alguma das deusas do Olimpo. E Dilingham, cônscio de que possuía a noivinha mais perfeita do mundo, tudo fazia para lhe ser agradável. Foi com essa intenção que teve a idéia de vender o seu velho automóvel e comprar outro novinho, do tipo "rabo de peixe". A moça, no entanto, com aquêle admirável senso prático, não concordou, achando que o velho automóvel ainda estava em condições de prestar serviços relevantes. E, para ficar bem exposto o tacto e o tino próprios dessa moça, é bastante dizer que, num sábado à noite, sobrevindo violenta tempestade, ela resolveu que não fôssem ao baile para o qual havia comprado, especialmente, um par de sapatos capazes de deixar qualquer moça de *queixo caído*. Então, ela, por simples vaidade, iria estragar o belo par de sapatos? Oh, não!

E, assim, o tempo foi passando, e o namôro tornando-se mais e mais firme. Até que, certa noite, indo à casa da futura noiva, como quase diàriamente fazia, Dilingham ficou esperando a jovem, sentado numa das poltronas da sala. Ela lhe dissera que desejava ouvir a sua opinião a respeito de uma compra que havia feito.

— Tenho um novo vestido! — confessou ela, com a incerteza estampada na voz — E êle tem um novo tipo de côres combinadas, a que chamam de *Periquito Solitário*. Jamais usei êsse tom, antes, e não tenho certeza se a moda vai *pegar*. Por isso desejo que me diga franca e sinceramente, se êsse novo tipo de fazenda lhe agrada; aliás, é coisa que dá a idéia de ter sido feita na Turquia, pois apresenta estrêlas e luas, estampadas no tecido.

Na verdade, o vestido era algo de medonho! A côr era intermediária entre um verde carregado e um azul esmaecido. Talvez, num automóvel, causasse bom efeito; mas, *num vestido!*... Só mesmo uma criatura que tivesse cabelos de vidro e olhos da côr vermelho-neon poderia usar um vestido assim! E todos êstes pensamentos passaram pela inteligente cabeça de Dilingham Brodie, que os externou "franca e sinceramente". E acrescentou a frase que desencadeou o furacão:

— Para dizer a verdade, jamais vi nada dessa côr, a não ser por ocasião da explosão da seção de química da fábrica em que trabalho!

Isto foi o bastante para que nuvens negras toldassem o ambiente tão harmonioso que reinava entre os dois namorados, desde que se haviam conhecido! Janet respondeu, dizendo que êle não conhecia absolutamente nada a respeito de roupas femininas; acrescentou que era um grosseirão, e que não atinava por que lhe havia hipotecado a sua atenção e o seu carinho. Mas, felizmente, concluiu, aquilo tudo viera à tona, *ainda a tempo de ser remediado!*

Assim falando, atirou o chapéu do pobre noivo, estupefato, pela porta da rua, como a dizer: — "*Suma-se! Desapareça!*"

Alguns meses depois, a linda Janet contraiu matrimônio com um senhor dócil e maneiroso, *à altura dos conhecimentos e do gênio dela*. Isto deixou Dilingham muito triste e, para aliviar a sua dor, resolveu procurar outra moça, a quem pudesse dedicar todo o amor que seu peito ardente era capaz de produzir. Não tinha, porém, a intenção de casar. Desejava apenas uma namorada que com êle saísse a passear, fôsse aos bailes, cinemas, etc. Assim, ficou muito alarmado, quando, após algumas semanas de namôro, Delícia Englebinder (êste o nome da nova namorada) passou a se deter em frente de tôdas as vitrinas de casas de modas por que passavam. Dilingham, notando os propósitos casadoiros da namorada, passou a andar prevenido contra a investida, que fatalmente viria. Dias depois, encontrava-se aguardando Delícia na sala de espera da casa desta, da mesma forma como alguns meses antes estivera esperando por Janet.

Sua namorada desceu as escadas, trajando um novo e encantador vestido. Dilingham resolveu aproveitar a oportunidade para dar uma demonstração de seu mau gênio, e falou:

— Onde, com mil demônios, foi você buscar êsse traste? Creio que eu mesmo, apesar de não saber costurar, seria capaz de fazer um vestido muito mais atraente e chique do que êsse monstrengo!

Isto foi *a conta* para que Delícia, enlevada pela importância que o rapaz emprestava ao modo como se trajava, saísse a correr na direção do pai, que se encontrava na sala contígua, exclamando:

— Papai! *Dilly* (assim chamava, carinhosamente, ao namorado) acaba de dar a entender que quer pedir-me em casamento!

O pai teve apenas uma frase, sem tirar os olhos do jornal que estava lendo:

— Faça-se a sua vontade!

E, assim, Dilingham e Delícia são agora marido e mulher, e esta não compra roupa alguma, sem o prévio exame e aprovação de Dilingham . . .

MORAL: Com as mulheres nunca devemos empregar o mesmo recurso duas vêzes. Podem acontecer surprêsas desastradas!



HUMORISMO ÁRABE

Por LAWRENCE e SYLVIA MARTIN

Os árabes não são assim tão tristes e reservados, como geralmente se afirma. E para reforçarmos nossa opinião, será bastante falar de "Dj'ha", que nos últimos mil anos tem feito rir os árabes do mundo

AS poucas notícias que nos chegam do Oriente Médio levam muita gente a acreditar que os árabes constituem o povo menos humorista do mundo. No entanto, os telegramas com as últimas notícias políticas jamais fazem justiça ao verdadeiro espírito dos árabes, pois, apesar das constantes preocupações com que se vêem a braços, ainda encontram tempo para relatar suas histórias humorísticas.

Embora estejamos na era atômica, o rei dos humoristas árabes, **Dj'ha**, ainda está bem vivo no espírito de seu povo. E' êle o herói de cêrca de dez mil histórias e anedotas que se contam nos derradeiros mil anos, desde a longínqua Pérsia até a Marrocos. **Dj'ha** constitui o assunto quase obrigatório em tôdas as conversas que surgem entre árabes. Não importa que o mundo esteja em guerra, que os árabes tenham que lutar ou que o mundo esteja em paz. Acima de tudo isto, sobrepõem-se as anedotas de **Dj'ha**.

HUMORISMO ANTI-GAULÊS — Há pouco tempo, **Dj'ha** tomava parte num banquete oferecido pelo Pachá de Marrakesh ao General Alphonse Juin, e realizado em Marrocos, colônia francesa, da qual o General era comandante. O herói dos contos e anedotas árabes tomava parte no ágape, dizendo-se comerciante de chá de hortelã. Após comer o bôlo de carne e arroz, o General Juin exclamou:

— Êste prato é muito mais delicioso aqui do que os que comi na Algéria!

— Tenha paciência, General! — respondeu **Dj'ha** — Os franceses dominam a Algéria desde 1830, ao passo que estão no Marrocos sòmente desde 1912. Mais alguns anos, e o nosso bôlo lhe parecerá tão ruim quanto o da Algéria!

*

Dentre as inúmeras identidades que adotou, **Dj'ha** se fêz passar, durante os primeiros dias da ocupação da Algéria, por um estudante universitário. O chefe das tropas francesas havia publicado um Boletim contra o porte de armas por parte dos árabes; mal o documento foi tornado público, **Dj'ha** foi prêso, ao passar por uma das ruas principais, por trazer à cintura um sabre de tal tamanho, que chegava a tocar ao chão.

— Tem alguma coisa a dizer, antes que pronunciemos sua sentença? — perguntou o comandante das tropas francesas, diante da côrte marcial a que o submeteram. — Talvez possa explicar por que desobedeceu ao decreto oficial.

— Eu tinha necessidade da cimitarra para fazer meus exames — respondeu o personagem.

— Para... os seus exames? Um sabre?

— Sim, para raspar os erros que cometesse nas provas!

— E um canivete não serviria?

— Ora, General — retrucou **Dj'ha** — Existem certos erros para os quais nem mesmo uma cimitarra é bastante!

*

Os europeus, no entanto, não são os únicos personagens que "enfeitam" as anedotas de **Dj'ha**. Certa vez, passava êle próximo a uma lagoa, quando um detestado Pachá caiu do cavalo que montava, indo parar nas águas escuras e sujas.



Um árabe relata a outro, uma das anedotas a respeito de Dj'ha (espécie de "Zé Povo") e que se espalhou desde o Irã até ao Marrocos.

— Dê-nos sua mão! — gritaram os cortesãos. Mas, apesar de se esforçarem, não conseguiram retirar o amo de dentro d'água. Finalmente, **Dj'ha** resolveu ir em seu auxílio.

— Isto não é modo de se falar a um Pachá! — declarou. E em seguida: — **Sr. Pachá, aceite a minha mão!**

Instintivamente, o potentado agarrou-se, com tôdas as fôrças, ao braço de **Dj'ha**; e assim, momentos após, estava fora d'água.

Embora o próprio **Dj'ha** se apresente algumas vêzes como um ladrão dos mais miseráveis, dos que se encontram, **aos montes**, pelos mercados árabes, parece estar mais à vontade quando lida com a velhacaria dos outros. Certo dia, preparava-se para retornar a casa, quando notou que haviam roubado a sua mula; pediu então ao pregoeiro da cidade que espalhasse a notícia, e a seguinte advertência:

— Se a mula de **Dj'ha** não fôr imediatamente devolvida, será êle forçado a seguir os passos árduos de seu ilustre pai, numa ocasião semelhante.

O ardil surtiu efeito. Antes de decorrer uma hora, a mula era achada, amarrada à mesma árvore da qual fôra roubada. Quando **Dj'ha** montou, preparando-se para partir, um dos ladrões, consumido pela curiosidade, emergiu das sombras e perguntou:

— Quais foram os árduos passos que seu ilustre pai teve que dar, numa ocasião semelhante, ó nobre **Dj'ha**?

— Teve que voltar para casa a pé, ora essa!

★

Um outro ladrão, mais ambicioso, aproveitou-se de uma "soneca" que **Dj'ha** tirava, sob uma árvore, e roubou-lhe a perna de carneiro que trazia, a qual lhe fôra presenteada por um amigo, juntamente com uma receita para um novo tipo de cuscus. Ao acordar, **Dj'ha** ficou indignado, a princípio. Logo depois, porém, desatou a rir. De que poderia servir a perna de carneiro ao ladrão, se êste não levara a receita do cuscus?

★

Como alguns milhares de irmãos, o personagem central dos contos árabes encontra-se freqüentemente reduzido a extrema pobreza. Durante um dêsses períodos, levou ao moinho o pequeno saco de trigo que seu pedaço de terra produzira. O ano havia sido tão mau para êle, que, não resistindo a um impulso, e aproveitando a oportunidade de estar o encarregado do moinho de costas, **Dj'ha** começou a introduzir no seu, pequenas porções de trigo de outros sacos que se encontravam à mão.

Virando-se repentinamente, o moleiro agarrou-o quando, pela terceira vez, **Dj'ha** repetia a operação.

— Que pensa você que está fazendo?

— Não sei. Sou um imbecil!

— Neste caso, por que não tira também um pouco de trigo do seu, e coloca no dos outros?

— E' que "sou apenas um imbecil **vulgar**".

★

Dj'ha aparece, também, personificando gente abastada. Como tem sido contado através dos séculos, um Pachá, querendo recompensá-lo pelos serviços valiosos que lhe prestara, mandou que escolhesse o que quisesse, desde que não fôsse um pedido excessivo. **Dj'ha** pediu apenas que o Pachá lhe desse um documento, com os seguintes dizeres: "Todo homem que ficar provado ter mêdo da própria espôsa, terá que dar um camelo a **Dj'ha!**"

Intrigado, mas satisfeito por haver o árabe pedido **tão pouco**, o Pachá apôs seu sinete sôbre o documento que mandou preparar. Em seguida, **Dj'ha** deixou o palácio, levando o importante documento.



Dj'ha e seu filho: o engraçadíssimo herói das anedotas árabes é muitas vêzes encontrado a viajar em burrico, como o seu compatriota acima.

Semanas passaram. O Pachá ardia de curiosidade por saber notícias de **Dj'ha** e seu tolo documento, até que uma tarde, olhando por uma das janelas do palácio, viu uma nuvem de poeira que se aproximava de seu palácio. Pouco depois, aparecia **Dj'ha**, em meio à nuvem, trazendo consigo algumas centenas de camelos. O Pachá, não se contendo, correu ao seu encontro e perguntou:

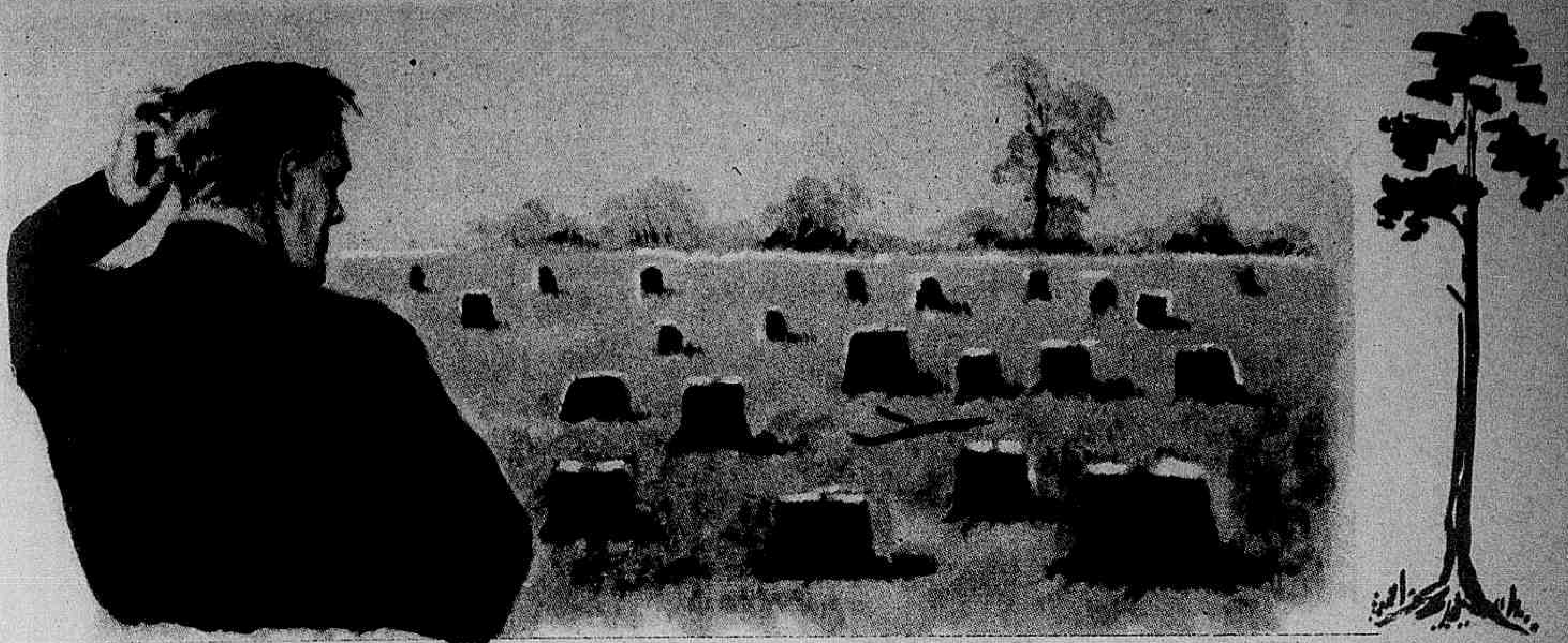
— Que aconteceu? Como conseguiu arranjar tantos camelos?

— Tudo a seu tempo — respondeu **Dj'ha** com voz grave. E, quase gritando: — "Mas, deixe-me falar-lhe a respeito da mais bela garôta que já tive oportunidade de ver. E ela não está longe daqui! Justamente na vila que fica ao sul desta capital! Ah, que cabelo! E os olhos! O corpo, tão bem torneado...

— Pelo amor de Alah! — interrompeu o Pachá. — Não fale tão alto, pois minha espôsa está aqui na sala ao lado, e pode ouvi-lo!

Imediatamente, **Dj'ha**, interrompendo seu "discurso", falou, com voz pausada:

— Vossa excelência me deve um camelo!



"UM NEGÓCIO DA CHINA"

Por JAMES KING

GIRANDO a cadeira na qual se achava sentado, por trás de sua desarrumada escrivaninha, o inspetor federal de seguros semicerrou os olhos escuros, enquanto sondava o rosto do jovem advogado que estava sentado à sua frente.

— Quer estão dizer, que essa companhia de seguros que o senhor está processando tem cêrca de meio milhão de dólares em hipotecas, e todos os empréstimos são de 60 dólares por acre?

O advogado assentiu. Fôra contratado, afirmou, pelo Superintendente de Seguros do Estado de Missouri, para iniciar processo contra a Companhia Continental de Indenizações da América, com o propósito de liquidar seus negócios, em virtude das dificuldades financeiras que ela atravessava. E, quando isto foi feito, julgou **extraordinário** que todos os bens da companhia consistissem inteiramente de hipotecas!

— Outro fato que me chamou a atenção — continuou o advogado — foi que as hipotecas apresentavam o mesmo valor por acre, e, também, que haviam sido concedidas a homens solteiros. Não havia nenhum cidadão casado, dentro do grupo.

O inspetor apanhou um dos instrumentos de hipoteca que tinha diante de si, lendo-o cuidadosamente.

— Esta, aqui, parece estar em ordem! Tem todos os requisitos necessários para ser válida — afirmou, acrescentando em seguida: "No entanto, procederei a uma investigação, imediatamente.

★

Ao fazer a relação das terras cobertas pelas hipotecas, o inspetor ficou deveras surpreendido, ao notar que todos êsses acres ficavam no município de New Madrid, no Missouri. Isto contribuiu para aumentar as suspeitas em tôrno das transações efetuadas pela companhia em liquidação. O experimentado agente do govêrno sabia que as companhias de seguros costumam espalhar seus investimentos por uma ampla região. Dêsse modo, resolveu viajar para New Madrid imediatamente. Ali chegando, encaminhou-se para o escritório do presidente do banco local. Abrindo um mapa que preparara, foi direto ao assunto.

— Conhece o senhor estas terras?

Estudando o mapa, o banqueiro respondeu, sem hesitar:

— Sim.

— E são boas para fazenda? — tornou a perguntar o inspetor.

— Bem... São... e não são! — respondeu o presidente com um sorriso enigmático.

E explicou:

"— As terras são boas para fazendas, mas não podem ser utilizadas com êsse propósito, nas condições em que se encontram atualmente. Isto porque, tôdas as árvores que ali existiam foram cortadas e, nessas condições, os terrenos estão cobertos apenas de tocos de árvores. Enquanto não forem removidos, as terras não poderão ser aproveitadas!

Mais do que convencido de que alguma coisa estava errada, o veterano inspetor fêz ainda uma pergunta:

— Qual o valor da terra, do modo como se encontram os terrenos?

— Uns cinco a dez dólares por acre seriam o máximo que alguém poderia pagar. Mais do que isso, asseguro-lhe que seria loucura!

★

A visita seguinte do inspetor foi feita ao homem que avaliara as terras para a companhia de seguros. Sua avaliação mostrava que havia procedido de modo extremamente suspeito ao taxar os preços dos terrenos. Por conseguinte, havia alguma "tramóia" envolvendo a transação, e o avaliador expôs nervosamente tudo que sabia a respeito do que se passara. Duas grandes companhias de madeiras possuíam milhares de acres dessa terra, que, agora, não apresentava mais nenhuma utilidade para elas. Martin Johnson e Harry Hakin, dois ex-funcionários de companhias de seguros, estavam organizando uma nova companhia, em Chicago. Êsses dois homens haviam comprado grandes lotes de terras, dessas duas companhias

Episódio real

madeireiras, em nome de sua nova emprêsa, a "Chicago Fidelity and Casualty Company". Haviam, em seguida, transferido essas terras para certos indivíduos, em lotes de 160 e 320 acres. Posteriormente, "os novos donos das terras" haviam feito as hipotecas, sendo cada acre de terra avaliado ao preço de 60 dólares.

A "Chicago Fidelity and Casualty Company" possuía tôdas as terras que agora são da Companhia de Indenizações Continental, após terem sido executadas as hipotecas, por falta de pagamento, — concluiu o avaliador do município.

De posse dessa importante informação, e após haver verificado os têrmos de avaliação, notando nêles uma prova que chegava para resolver aquêle enigma, o inspetor federal efetuou uma visita de um dia à cidade de St. Louis, em seu caminho para Chicago. E, assim, dois dias depois, estava frente a frente com Martin Johnson e Harry Hakin. Expôs-lhes uma parte das investigações que fizera e as conclusões a que chegara. Martin Johnson, indignado, replicou:

— Essas transações foram perfeitamente legítimas! Nada há de ilegal em tôrno das mesmas! Aquêle banqueiro devia estar louco, quando afirmou que as terras valiam tão pouco! Então, não sabe que elas são as melhores terras para granjas, em todo o Estado?

Os olhos escuros do inspetor se estreitaram, como costumava fazer ao raciocinar em tôrno do que alguém lhe dizia. Em seguida, perguntou, sêcamente:

— Mas, atualmente, as terras **não estão** sendo utilizadas, não é mesmo?

— Bem... bem... — gaguejou Johnson — algum dia elas... estarão repletas de granjas e fazendas, se... **se o senhor nos deixar em paz!**

— E que me diz das avaliações? Teriam sido feitas **honestamente**, ou apenas com o intuito de enganar **alguém**? — tornou a inquirir o inspetor.

— Se o senhor efetuou investigações, deve saber que as mesmas foram feitas pelo melhor técnico no assunto, em todo o Estado de Missouri! Se existe algo de errado sôbre o valor das terras, não temos culpa!

O inspetor sorriu, colocou as mãos sôbre a mesa, como quem acaba de ganhar uma cartada de **poker**, e fulminou os boquiabertos "homens de negócio" com as seguintes palavras:

— Vou contar-lhes algumas "coisinhas" que ignoram. O técnico, de fato, avaliou as terras de modo correto, mas acrescentou um papel, a cada um dos têrmos, no qual ressaltava que as avaliações eram baseadas no valor das terras **após a remoção de todos os tocos de árvores, e a construção de casas, estábulos, poços e outros requisitos essenciais às granjas e fazendas!** No entanto, os senhores, com o intuito de enganar os agentes da companhia de seguros, retiraram dos têrmos de avaliação essas fôlhas de papel adicionais, fazendo crer, assim, que o valor das terras era o que estava estatuído nos mesmos têrmos. Puderam, dêsse modo, efetuar as hipotecas. Acontece, porém, que esqueceram um detalhe: — **o avaliador conservou cópias de cada um dos têrmos** e, dêsse modo, pude tomar conhecimento de tôda a exploração!

A essa altura o inspetor fêz uma pausa, a fim de verificar a reação que causara com tais palavras. Esta não se fêz esperar, pois os dois homens empalideceram e, como dois autômatos, se entreolharam.

O inspetor tornou a falar:

"— Descobri, também, outro fato muito interessante, em St. Louis. Consegui localizar a "agência de empregos" que forneceu os irresponsáveis autores das hipotecas, cujo produto deve estar dentro do cofre que vejo aqui, à minha direita.

Mais uma pausa, mais um olhar assustado por parte dos dois **ex-agentes** de seguros. E o calmo os autores das mesmas!

"— Os senhores selecionaram apenas homens solteiros, de modo a não serem incomodados com a assinatura da espôsa de algum dêles, conforme manda a lei; pagaram a cada um dêles, dois e meio dólares para assinar um hipoteca de 9.600 dólares, para 160 acres de terra, e de 19 200 dólares para 320 acres. As hipotecas podem ser legais, mas a terra não tem valor. A companhia em liquidação não conseguirá dinheiro algum pelas hipotecas, nem mesmo se puder encontrar os autores das mesmas!

Isto dito, o funcionário do govêrno saiu e, algumas horas depois, Johnson e Hakin eram presos. Semanas após, foram julgados e condenados por seu ousado plano de fraude.

★ ★

UM SÓ TRILHO PARA OS TRENS

Um dos sonhos dos cientistas do século XIX foi a estrada de ferro de um só trilho. Êsse sonho não foi abandonado até hoje, segundo informa a revista "Life International". Em outubro do ano passado foi feita uma demonstração com o novo "monorail", cuja construção ficou em 2 400 000 dólares, perto de Colônia, na Alemanha Ocidental.

A estrada de ferro de um só trilho, batizada com o nome de "Alweg" pelo multimilionário sueco Axel L. Wenner-Gren, que custeou sua construção, é um modêlo suficientemente grande para transportar passageiros e se apóia numa fileira única de rodas.

Os engenheiros que projetaram o "Alweg" afirmam que o trem poderá correr à velocidade de 350 quilômetros por hora, se fôr do tamanho dos trens comuns.

A CIÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS

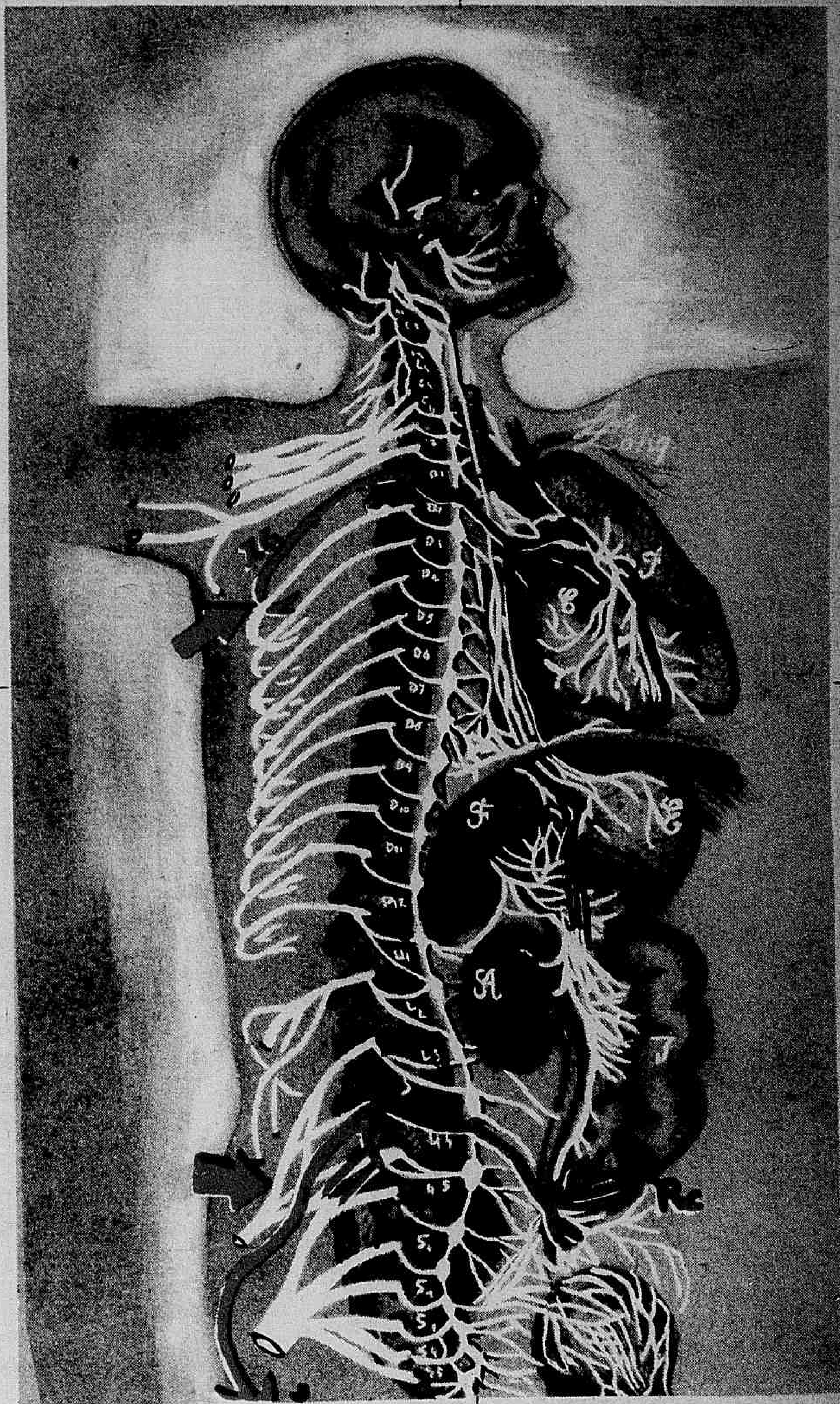
A OSTEOPATIA

MUITAS PESSOAS, POR CERTO, JÁ OUVIRAM FALAR DA "OSTEOPATIA", MAS POUCAS, ENTRETANTO, SABEM, EXATAMENTE, O QUE ELA SIGNIFICA

PODEMOS definir a **osteopatia**, com precisão, como sendo **o tratamento da coluna vertebral e de suas anomalias.** Naturalmente, a medicina tem que estar a braços, todos os dias, com as afecções da coluna vertebral, assim como os demais órgãos do corpo. Mas, o ponto no qual a osteopatia se separa da medicina clássica é aquêle em que a osteopatia considera que muitas das doenças orgânicas ou funcionais provêm, na verdade, de deslocações — às vêzes ínfimas — das vértebras, e podem ser curadas pela simples recolocação das mesmas em sua posição normal, por meio de manipulações apropriadas.

A razão de se considerar a osteopatia um ramo à parte da medicina é a daquela ter sido praticada, no início, sobretudo na França, por empíricos, não formados em medicina, temendo-se que, por não possuírem os conhecimentos necessários, as manipulações por êles efetuadas redundassem em acidentes. Afirma-se, no entanto, que êsse temor não era justificado, e que grande número de empíricos trabalhavam em estreito contato com médicos ou, mesmo, sob as suas ordens, tratando por meio de massagens certas moléstias por êstes diagnosticadas.





ÊSTE DESENHO RESUME TÔDA A TEORIA DA OSTEOPATIA — Sabemos que o funcionamento de todos os nossos órgãos é regido pelo sistema nervoso, que compreende os nervos ordinários e o sistema simpático. Êsse sistema tem estreita ligação com as vértebras. Pelos "orifícios de conjugação", situados atrás das vértebras, saem os nervos chamados raquidianos, que comandam a sensibilidade do corpo e os movimentos dos membros (no desenho, êsses nervos são figurados por traços brancos). Por outro lado, na parte dianteira das vértebras, situam-se os gânglios simpáticos (núcleos brancos), que comandam todo o sistema simpático e, por meio dêle, os órgãos profundos. Se uma vértebra escorregar ou mudar de sua posição original, comprimirá um nervo. Por exemplo, a deslocação da primeira vértebra dorsal fará esta comprimir o primeiro nervo intercostal (1 C, figurado em vermelho), o que provocará dores intercostais. Em outro caso, o filete e o gânglio simpáticos correspondentes serão irritados, o que poderá redundar em distúrbios da aorta, que depende, em parte, dêsse gânglio simpático. Se o deslocamento ocorre na terceira vértebra lombar, o nervo J (em vermelho) será irritado e o doente sentirá dores nas pernas. Por outro lado, por intermédio do simpático, ocorrerão distúrbios no rectum e no ânus. A — aorta; P — pulmão; C — coração; F — fígado; E — estômago; R — rim; I — intestino; Re — rectum; V — bexiga.







NO CONSULTÓRIO DE UM OSTEOPATA — Eis uma série de exemplos de como se praticam as reduções de deslocamentos vertebrais: a) Fato curioso: o primeiro paciente que encontramos é também um médico. Sofre, há vários meses, de uma nevrite no braço direito, que o impede de escrever. O Dr. S... examinou o paciente e notou uma torsão da primeira vértebra cervical. Faz o doente sentar sôbre a mesa de exames, ficando ligeiramente inclinado para a frente, e com os braços pendentes. Com a mão esquerda, o osteopata apalpa as apófises espinais (partes salientes das vértebras) abaixo da lesão, para imobilizá-las. Em seguida, apoiando a mão direita sôbre a cabeça do paciente, o osteopata imprime à mesma um rápido movimento de rotação, inicialmente no sentido da esquerda, para tomar impulso e, em seguida, para a direita. Isto é tudo. O paciente nos dirá, então, que sentiu um estalo verdadeiramente desagradável; *êsse estalo indica que a vértebra que se achava deslocada voltou à sua primitiva posição!* b) Agora, a paciente é uma jovem mulher, que sofre dores intercostais. O exame revela que as dores são devidas a um deslocamento da quinta vértebra dorsal. O Dr. S... faz a jovem deitar, de bruços, sôbre a mesa, e com os braços estendidos ao longo do corpo. Ordena então que a paciente respire de forma profunda, enquanto, com a ponta dos dedos, vai comprimindo a parte lateral da vértebra. Em seguida, aproveitando a fase final da expiração, quando os músculos estão completamente relaxados, comprime vigorosamente, com todos os dedos, a quinta vértebra dorsal, que retorna ao seu lugar. Como no caso anterior, a paciente sente um estalo em sua espinha, o que significa que a vértebra retornou à sua posição normal. Posteriormente, o osteopata repetirá esta manobra algumas vêzes, pois algumas vertebras dorsais estavam ligeiramente deslocadas. c) O terceiro caso é diferente dos anteriores. Trata-se, agora, de um rapaz que tem uma vértebra lombar deslocada, acarretando uma dor ciática, acompanhada de distúrbios urinários. O Dr. S... faz o paciente deitar de lado, com a perna esquerda dobrada e com o joelho para diante; então, segurando a perna direita do doente com uma das mãos (enquanto apóia a outra sôbre a coluna vertebral do mesmo) levanta-a, vigorosamente. Para um espectador desprevenido ou mal informado, isto poderia parecer uma luta de "catch"... Porém, quando o médico termina o eficiente processo de tratamento, a vértebra que se encontrava deslocada já voltou à posição normal.

— Estarão os doentes definitivamente curados? — perguntamos ao Dr. S...

— Perfeitamente, pois não será necessária uma segunda aplicação do tratamento! No entanto, as melhoras raramente são observadas pelo paciente logo no primeiro dia após a "operação". Ao contrário, os doentes, assim tratados, quase sempre retornam, no dia seguinte, ao consultório do osteopata, afirmando, com um certo desapontamento, que as dores e distúrbios continuam, e que o tratamento não fêz efeito. A verdade, no entanto, é bem outra! A persistência da dor é devida à inflamação do nervo, que só poderá ceder progressivamente. Assim, alguns dias mais tarde, diminuindo a irritação nervosa, o doente esquece as próprias penas... até o dia em que percebe, repentinamente, que está completamente curado. Em geral, a cura completa leva de dois a quatro dias.

Decorridos, porém, alguns anos, os médicos passaram a se interessar pela osteopatia, buscando aperfeiçoá-la. E, hoje, embora ainda exista uma certa discordância em tôrno do assunto, podemos afirmar que êsse processo constitui um dos mais eficientes métodos de tratamento médico.

A HISTÓRIA DE UMA DESCOBERTA — O tratamento pelas manipulações vertebrais remonta a épocas antigas. Sabe-se, mesmo, que os médicos gregos já as utilizavam quatro séculos antes do início da era cristã. Na verdade, tem-se como certo que os antigos gregos praticavam o método de manipulação da coluna vertebral de modo análogo ao que praticam os médicos da atualidade. Os mesmos métodos eram também seguidos por hindus, boêmios e japonêses.

Nos tempos que correm, o inovador da osteopatia é um norte-americano, o Dr. Andrew Still. O modo como descobriu a osteopatia vai aqui explicado.

Quando contava dez anos de idade, sofria de enxaquecas terríveis, acompanhadas de vômitos dolorosos. Tendo notado que as dores que sentia eram atenuadas por uma certa pressão sôbre a nuca, imaginou estender uma corda a alguns centímetros do solo e nela apoiar a nuca, deitando-se no chão. A pressão assim exercida pela corda, aliviava completamente as dores.

Mais tarde, Andrew Still estudou medicina e, enquanto lidava com a anatomia, procurou a explicação para o método que tão engenhosamente descobrira, chegando finalmente a uma conclusão definida. Compreendeu, realmente, que a pressão exercida pela corda provocava a inibição do nervo chamado "grande ocipital" e distendia todos os tecidos do pescoço.

Já formado em medicina, o Dr. Still passou a









Qual a vértebra afetada? — E' sôbre o torso nu, que se efetua a maior parte do exame osteopático. O médico faz o doente deitar de bruços, com a cabeça pendente. Com os dedos indicador e médio de cada mão, segue a linha formada pelas apófises espinais (partes salientes das vértebras). Se uma delas estiver deslocada, os dedos ágeis e experientes do osteopata notam logo a extensão da lesão 2 — *Recolocação, em seu devido lugar, de uma vértebra que esteja torcida* — Vemos aqui, como é reduzida a luxação de uma vértebra dorsal baixa, ocasionada pela rotação da mesma. Com o canto das mãos reunidas, o osteopata comprime a parte saliente da vértebra luxada. Em seguida, aproveitando a respiração do paciente, aplica, bruscamente, tôda a fôrça de seu corpo sôbre o ponto que comprimia. Um pequeno estalo indica que a vértebra voltou à sua posição normal. Esta manobra é extremamente difícil e requer grande fôrça por parte do osteopata. E' conhecido o caso, recente, de um dêsses especialistas, que luxou o pulso, ao executar essa difícil operação. 3 — *Redução da segunda vértebra dorsal, simultâneamente com a vértebra do pescoço* — Ao mesmo tempo que uma das vértebras do pescoço, a segunda vértebra dorsal (uma das principais) estava igualmente deslocada. A volta das mesmas à posição normal demanda uma espécie de manobra assaz complexa, que lembra a colocação de um parafuso de fenda com uma chave inglêsa. Enquanto a mão esquerda do osteopata fixa sòlidamente as vértebras dorsais, com a direita puxa enèrgicamente o queixo do paciente, servindo-se do crâneo como ponto de apoio. A tração forçada proporciona a rotação da vértebra deslocada, que assim volta à sua posição normal. 4 e 5 — *Redução de uma outra vértebra dorsal* — Estas duas fotografias mostram a manobra complicada que requer a volta à posição normal de uma vértebra dorsal (situada sob a segunda). E' necessário forçar uma tração de alto a baixo sôbre a coluna vertebral e fazer, ao mesmo tempo, alavanca sôbre a vértebra deslocada, forçando a cabeça, com energia, para a frente. O paciente (foto 4) coloca as mãos por trás da nuca, com a cabeça abaixada, e o médico a empurra fortemente, por intermédio dos pulsos do doente. Na foto 5, vemos o segundo movimento da manobra. Aproveitando o fim da expiração por parte do paciente, momento em que os músculos do mesmo estão distendidos, o osteopata levanta o paciente bruscamente, pelos pulsos, o que provoca um duplo movimento de flexão e curvatura da cabeça para a frente. 6 — *Redução de uma vértebra do pescoço* — O médico notou no paciente o deslocamento de uma vértebra do pescoço, que é necessário corrigir, colocando-a na posição primitiva. Segurando firmemente, com as mãos, a cabeça do paciente, o osteopata combina um movimento de flexão e rotação brusca da cabeça, que tem por efeito fazer a vértebra deslocada voltar ao lugar que lhe foi destinado pela natureza. 7 — *O caso mais difícil: a vértebra lombar* — A recolocação de uma vértebra lombar em seu devido lugar constitui uma das operações mais delicadas da osteopatia, e mais parece um *jôgo de paciência* do que uma operação médica. Enquanto o osteopata apoia o braço direito sôbre o ombro do paciente, prende uma das pernas do mesmo entre as próprias pernas. Em seguida, apoiando o cotovelo sôbre a ilharga do doente, provoca uma rotação da coluna vertebral. E' necessário ressaltar que tôdas as manobras aqui expostas devem ser executadas sòmente por um operador muito experimentado!

efetuar pesquisas em tôrno de tão fascinante assunto e, após vinte anos de estudos incessantes, surgiu a primeira clara concepção da osteopatia.

Encontrando uma viva resistência por parte dos médicos de seu país, resolveu êle não dar ouvidos às vozes **oficiais**, e fundou a primeira escola de osteopatia, independente das faculdades de medicina. Existem, atualmente, só nos Estados Unidos, oito dessas escolas, vários hospitais especializados nesse método de cura, e um instituto de pesquisas. Os osteopatas são também chamados "chiropractors", e seu número aumenta de dia para dia.

COMO AGE A OSTEOPATIA — A teoria da osteopatia é a seguinte: o potencial vital de um indivíduo depende de sua estrutura. Naqueles cuja estrutura é normal, as doenças não se desenvolvem; se o mal se apresenta, tentando romper a barreira de defesa orgânica, é prontamente repelido pelo organismo. Onde houver doença, haverá, forçosamente, deficiência de estrutura. Essa anomalia é constituída, em geral, pelo deslocamento mais ou menos acentuado (e quase sempre mínimo) de uma vértebra.

Êsse deslocamento ou luxação pode ser, conforme o caso, uma rotação para a direita ou para a esquerda. Em certos casos, o deslocamento da vértebra é tão ínfimo, que não constitui, pròpriamente, uma luxação, mas uma "sub-luxação", invisível para a visão humana, e que só pode ser descoberta pelos dedos experimentados dos osteopatas, procedendo ao exame do paciente.

Como pode êsse deslocamento (em geral de caráter mínimo, como já dissemos), ser responsável por afecções e doenças? Isto se explica fácil-

mente. Entre as vértebras, não sòmente passam os nervos provenientes da medula espinal, como também os filetes do sistema simpático, que comanda o total equilíbrio do organismo.

Sabe-se que o menor deslocamento vertebral, exercendo uma pressão sôbre os filetes nervosos, pode modificar êsse equilíbrio.

Além disto, de cada lado da coluna vertebral encontram-se os gânglios neuro-vegetativos, dependentes também do simpático, cuja compressão ou estiramento pode igualmente acarretar desequilíbrios orgânicos.

Recolocando, por meio de manipulações apropriadas, a vértebra deslocada, é possível curar não sòmente os distúrbios da coluna vertebral, mas também as afecções que êsse deslocamento provoca. Êste é o papel da osteopatia.

TODOS OS ÓRGÃOS PODEM SER OFENDIDOS POR UMA COMPRESSÃO NERVOSA — Os médicos, por meio de cuidadosas observações, já chegaram à conclusão de que o deslocamento de uma vértebra pode acarretar, pela compressão de um nervo, uma paralisia ou uma nevrite. Assim, a luxação de uma vértebra cervical (assim são chamadas as vértebras que compõem o pescoço) pode redundar na paralisia de um braço; a de uma vértebra lombar, na paralisia de uma perna. Numerosas dores do braço, da perna (ciática) ou do tórax são igualmente provocadas pela compressão de um nervo, irritado por uma vértebra ligeiramente deslocada.

A osteopatia vai mais longe, pois admite que essas "lesões osteopáticas" (para empregar o têrmo consagrado) podem ter repercussão não sòmente sôbre os próprios nervos, como também sôbre todos os órgãos — e provocar distúrbios de todos os gêneros.

Naturalmente, em cada nível da coluna vertebral, existe uma possibilidade de lesão especial, em extrema ligação com os órgãos cervicais correspondentes. Assim, as lesões cervicais correspondem às afecções da cabeça, do cérebro, dos olhos, dos ouvidos, da faringe... As lesões das vértebras lombares acarretam complicações dos rins ou do aparelho genital, etc.

Por conseguinte, essa distinção por estados ou setores não é **absoluta**, o que é fácil compreender, dada a interdependência dos centros nervosos. O temperamento ou, melhor dizendo, o "terreno", também é importante. Assim, num indivíduo de fígado deficiente, uma lesão osteopática provocará distúrbios hepáticos, ao passo que, num cardíaco, provocará afecções do coração, etc.

As experiências realizadas com animais provaram efetivamente essa correspondência. Sendo praticada uma pequena lesão vertebral no animal, verifica-se, após um espaço de tempo mais ou menos longo, uma congestão dos nervos partindo da vértebra ofendida, assim como distúrbios mais ou menos graves dos órgãos dependentes dêsses nervos.

POR QUE AS VÉRTEBRAS SE DESLOCAM? — Não é necessário, para sofrer uma lesão osteopática, que o indivíduo receba uma pancada violenta na coluna vertebral.

Não resta dúvida, porém, que um choque brusco, da mesma forma que uma queda de costas, de cabeça, ou sôbre os rins, constitui freqüentemente a origem de tais lesões. Mas, uma atitude ou posição incômoda e prolongada — como a de um aluno na aula, com o corpo mantido em posição incorreta ou com o ombro levantado para carregar um fardo ou a pasta pesada — podem também originar tal deslocamento.

Também o frio pode ser responsável, provocando a contração anormal dos músculos e, da mesma forma, o deslocamento pode ser originado por um espasmo muscular ou, simplesmente, pelo temperamento artrítico.

A facilidade com que essas lesões se produzem é bem conhecida dos radiologistas, pois êstes chegaram à conclusão de que, em cada cem pessoas examinadas, portadoras de complicações diversas (pulmonares, gástricas, cardíacas, etc.), quase não encontram uma só, sequer, cujas vértebras estejam perfeitamente alinhadas. No entanto, nenhuma dessas pessoas será sabedora dêsses deslocamentos.

Certas vértebras, aliás, devido à sua posição e seu papel, são mais sujeitas a deslocamentos do que outras. Para govêrno dos leitores, vamos indicá-las.

1 — O **atlas**, vértebra de importância capital, pois suporta todo o pêso da cabeça;
2 — A **quarta vértebra cervical**, ponto central da rotação do pescoço;
3 — A **segunda vértebra dorsal**, ponto de flexão do pescoço e da parte superior do tórax;
4 — A **quinta e décima vértebras dorsais**, centro de flexão da coluna vertebral (os jogadores de "golf" costumam ter luxada a décima vértebra dorsal);
5 — A **quinta lombar**, última vértebra móvel, comumente mal articulada com o osso sacro.

Tôdas essas vértebras, apoiando anormalmente sôbre os nervos vizinhos, podem provocar dores e, até mesmo, graves distúrbios e, segundo as doutrinas osteopáticas mais avançadas, verdadeiras moléstias.

QUAIS OS CASOS EM QUE AGE A OSTEOPATIA? — Diversos tipos de enfermidades podem ser incluídas no campo da osteopatia. Acima de tudo, tem efeito seguro sôbre variados tipos de **nevrites dolorosas**, cujo mecanismo é fácil de compreender pela compressão de um nervo. Entre as nevrites mais comuns, citam-se as dores dos braços, as dores intercostais, e a ciática. E' certo que todos êsses males não estão **sempre** no domínio da osteopatia. Mas, desde que resistam a qualquer outro tipo de tratamento, continuando a prejudicar a atividade comum do indivíduo, é provável que a causa provenha de um deslocamento vertebral, que compete à osteopatia remediar, fazendo a vértebra voltar à sua posição original.

Outras muitas afecções são causadas por êsses deslocamentos das vértebras. Assim, o deslocamento das vértebras cervicais podem causar vertigens, surdez, enxaqueca, depressão nervosa, asma, tôdas essas moléstias provenientes, no caso, de uma compressão dos filetes neuro-simpáticos,

compressão essa que pode acarretar, até mesmo, crises de epilepsia!

Ocorrendo o deslocamento com as vértebras dorsais, aparecem como resultado, as afecções hepáticas, ou vasculares, as dispepsias, as moléstias cardíacas, a bronquite, os distúrbios genitais na mulher, etc.

Já no caso das vértebras lombares, podem ocorrer hemorragia genital, ciática, incontinência da urina para os meninos, etc.

Dêsse modo, X, mulher de cinqüenta anos, sofre, há cinco anos, de enxaquecas que a obrigam a deitar durante algumas horas, diàriamente. O osteopata logo descobre uma sub-luxação da segunda vértebra cervical e, com quatro massagens sàbiamente aplicadas, a vértebra volta definitivamente ao lugar, garantindo a cura.

A Sra. Y, sentindo-se afetada da vesícula biliar, e em vias de ser operada, consulta um osteopata, que descobre uma subluxação da quarta vértebra dorsal. Desiste da operação, e consegue a cura completa, em uma semana, por meio de um tratamento osteopático.

Naturalmente, nem todos os casos de que trata a osteopatia são assim espetaculares; mas, também, não é pequeno o número de curas importantes realizadas por êsse processo.

O EXAME OSTEOPÁTICO — O primeiro ponto do **método osteopático** consiste em determinar o deslocamento **e a extensão** da lesão. Para isto, são empregados numerosos processos.

1 — Antes de mais nada, o **exame** manual: O paciente senta num banco ou deita sôbre a mesa, e o médico osteopata, com os dedos, percorre a coluna vertebral do mesmo, apalpando cuidadosamente tôdas as saliências da mesma, e nota, à medida que as vai medindo e apalpando, que as vértebras não estão colocadas com exatidão em seus lugares. A sensibilidade das vértebras (geralmente doloridas, quando não estão em seus devidos lugares) proporciona algumas indicações suplementares. Êsse exame exige sensibilidade táctil, por parte do osteopata, aliada a uma longa prática.

2 —Existem, atualmente, certos aparelhos que permitem determinar, de modo menos empírico os deslocamentos vertebrais. Tais são: o **neurotômetro,** baseado no princípio de que um tecido inflamado deixa passar uma quantidade de eletricidade mais considerável que um tecido são. Todo deslocamento vertebral acarreta uma compressão e, portanto, uma inflamação dos tecidos vizinhos, que o aparelho acima citado pode perceber. Outro aparelho usado pelos osteopatas é o **algesispondiloscópio,** que permite revelar as zonas de sensibilidade em tôrno das vértebras, com a ajuda de dois rolos de borracha ligados a um mostrador graduado. Outro instrumento, o **neurocalômetro,** revela o calor da inflamação provocada por uma luxação das vértebras. No entanto, o uso dêsses aparelhos é ainda muito limitado.

3 — Em certos casos, enfim, é necessário confirmar o diagnóstico com uma radioscopia ou radiografia da coluna vertebral.

AS MANIPULAÇÕES VERTEBRAIS — O tratamento osteopático consiste em fazer voltar ao lugar, por meio de manipulações apropriadas, as vértebras deslocadas.

Os osteopatas de antigamente pensavam, em geral, que a liberação do nervo comprimido era suficiente para explicar o mecanismo da cura. Porém, os médicos, que estudaram recentemente a questão, são de opinião que a redução da luxação vertebral libera, não sòmente os nervos, mas também os vasos e os linfáticos, e que, além disso, anula a contração muscular e provoca reflexos que se estendem, às vêzes, até aos centros nervosos.

Evidentemente, o tratamento deve ser praticado por um especialista experimentado. De fato, a manipulação, destinada a recolocar em seu devido lugar a vértebra afetada, não representa senão uma parte do trabalho do osteopata. E', realmente raro, encontrar uma lesão **isolada,** causando uma reação única no nervo afetado e no órgão correspondente. Como a redução de uma luxação pode causar reflexos diversos, o osteopata deve conhecer, com exatidão, êsses reflexos e controlar todos êles, sob pena de agravar a doença que deseja curar.

Nem tôdas as doenças pertencem ao domínio da osteopatia. Mas, de fato, existem inúmeras afecções graves, que são provocadas por uma luxação ou subluxação das vértebras: nesses casos, o método osteopático é o melhor para curar.

★ ★

CHAPÉUS «DERNIER CRI»

Não vamos trocar uma só palavra ou acrescentar qualquer comentário à informação que descobrimos num quotidiano de Filadélfia. Ei-la, fielmente traduzida:

"Desde ontem, um dos maiores magazines desta cidade pôs à venda uma novidade, que não deixará de alcançar grande êxito. Trata-se de um artigo que pode ser classificado ao mesmo tempo na rubrica "moda" e na rubrica "gastronomia".

"Pelo preço único de três dólares por unidade, as elegantes poderão comprar, de agora em diante, um encantador chapéu, que pode ser usado durante três dias, após o que terão simplesmente que cozinhá-lo segundo a receita que é fornecida por ocasião da compra... para ter um prato delicioso, já preparado, e que será o regalo (?) de seu marido."

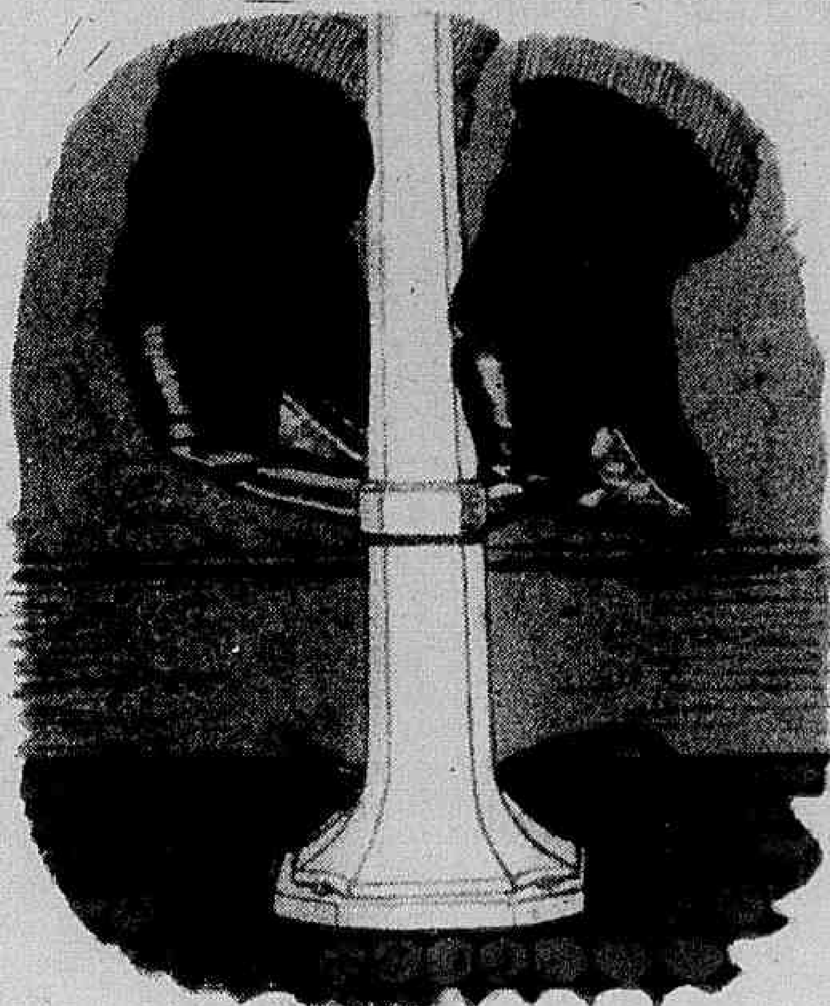
MAS QUE AZAR...

Por HAROLD HELF

GOSTAR de freqüentar o balcão de uma sorveteria de St. Louis, foi a perdição para um gatuno, que também era apaixonado por "cow-boys" e suas aventuras. De fato, investigando a respeito de um roubo numa pequena joalheria da mesma cidade, a Polícia descobriu que a porta do estabelecimento fôra forçada com alguma coisa que deixou marcas dentadas, profundas... como que provocadas pela "roseta" de uma espora. E então os detectives pensaram que seria interessante **conversar** com o indivíduo de profissão desconhecida e que tinha a mania de usar botas como as dos "cow-boys" e adorava tomar sorvetes, trepado no banquinho de um certo bar — o que deixava ver o estilo do seu calçado... O "cow-boy", realmente, confessou a sua culpa.

★

UM DOS LADRÕES mais **cabeça-dura** de que se tem notícia foi aquêle que, tendo saído da prisão, onde cumprira uma sentença de nove anos, assaltou a Sra. Goldie Prager, dona de uma loja em Washington. Nove anos antes, a mesma criatura fôra assaltada pelo mesmo ladrão, no mesmo local! Em conseqüência, a polícia não teve dificuldade em prendê-lo novamente, pois a Sra. Prager ainda não esquecera a experiência anterior, nem tampouco a fisionomia do assaltante...



★

DOIS VIOLENTOS assaltantes, que tentavam roubar o caixa da estrada de ferro, em Three Rivers, Michigan, derrubaram o telefone, durante a luta que travaram com a vítima. A telefonista Millie Knaub, ouvindo os gritos do caixa e o ruído da luta, pelo telefone que tinha ao ouvido, avisou imediatamente à polícia, que chegou a tempo de prender os ladrões, antes de que êstes tivessem dominado o corajoso funcionário.

★

UMA PÁGINA que faltava num catálogo de telefone provocou a prisão de um homem, acusado de crime de bigamia. A segunda espôsa ficou curiosa, ao descobrir que a página na qual deveria constar o seu nome, no catálogo telefônico, havia sido arrancada! Essa curiosidade se transformou em suspeita após consultar um novo catálogo... e descobrir que alguém mais, naquela fôlha, usava o seu nome.

Entrando em contato com a senhora cujo nome de casada era idêntico ao seu, verificou, após alguns minutos de conversa, **que ambas haviam desposado o mesmo homem!**

★

DOIS DETECTIVES de Chicago prenderam um chinês que tentava vender, entre patrícios, um bilhete de loteria clandestina, levando-o à presença do juiz, a fim de ser julgado.

O advogado, encarregado de defender o delinqüente, perguntou aos detectives:

— Como podemos saber que se trata, realmente, de um bilhete de loteria?

— Estou certo disso — respondeu Andrew Young, um dos detectives.

— Então vejamos se pode decifrá-lo! — retrucou o advogado, com um sorriso de desafio.

Calmamente, Young leu o que se achava escrito no "gasparino", ante o espanto do advogado.

O detective-poliglota havia passado dez meses na "Escola de Línguas Orientais", da Marinha, durante a Segunda Grande Guerra...

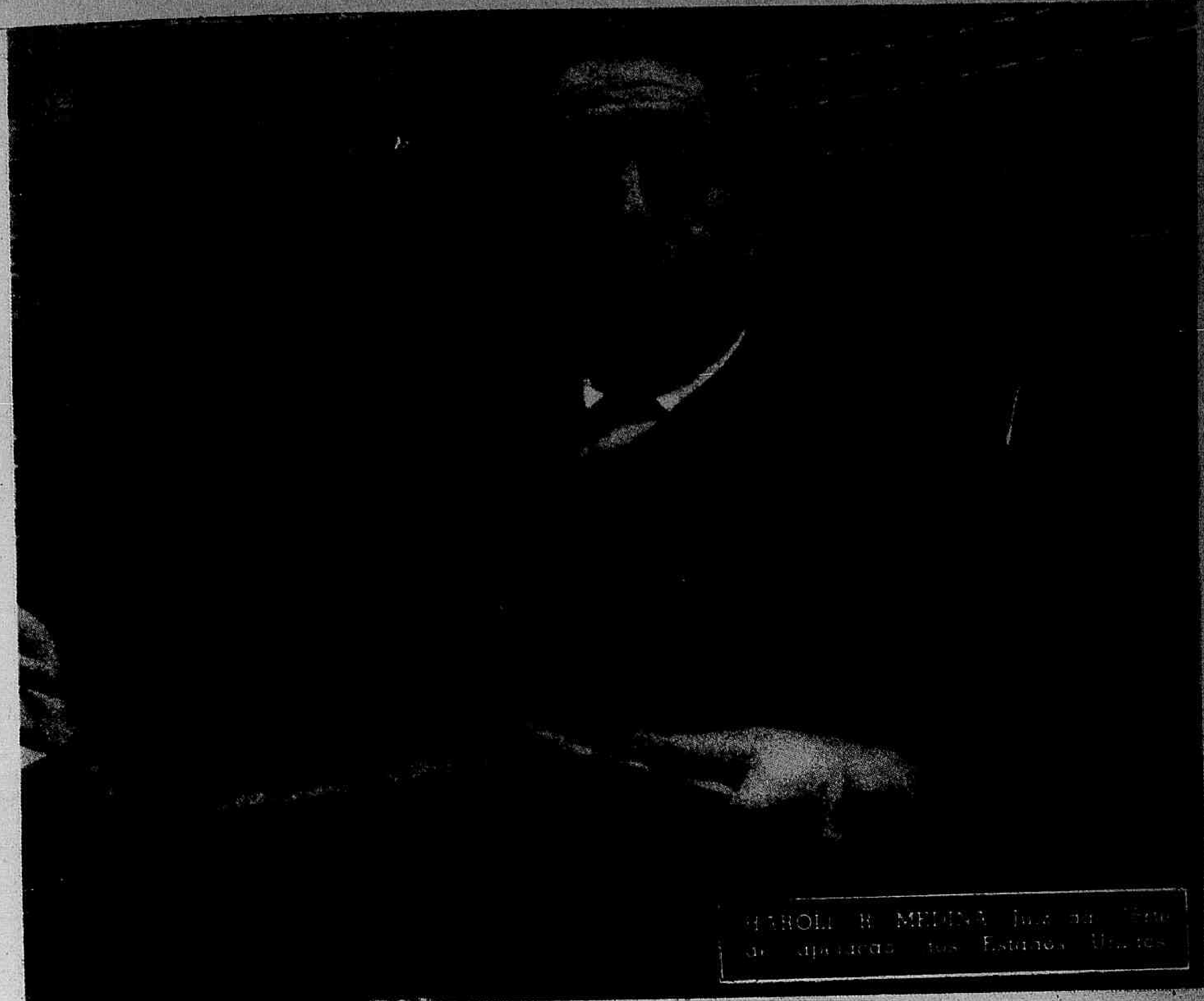
★ ★

MINHA AÍDA QUERIDA!

Charles Friedman tem uma especialidade. Colabora com os grandes músicos. Há dois anos foi com Bizet, e isso redundou numa "Carmen" quase irreconhecível. Êste ano, trocou de "partner". Escolheu Verdi e acaba de apresentar ao público de Nova York um espetáculo intitulado: "My Darlin' Aida" (Minha Aída Querida).

Segundo êsse famoso adaptador, a "música de Verdi foi respeitada *em seu espírito*, embora 40% da partitura tenha sido cortada... Mas, no conjunto, o que restou ficou pràticamente intacto (em suma, os trechos são inteiros!). E se, por acaso, o ritmo ficou um tanto acelerado (sic) para melhor se adaptar à Broadway, Verdi não foi traído..."

O libreto, evidentemente, foi ainda mais alterado que a música. Friedman partiu do ponto de vista seguinte: "A trama de uma velha peça, se traduzida em têrmos atuais, pode ganhar vida nova e emocionar o público." Eis, portanto, o que resultou: A ação em vez de se situar em Memphis, às margens do Nilo, transportou-se para Memphis, no Tennessee, às margens do Mississippi. Em vez de se desenrolar na antiguidade, decorre durante a guerra civil norte-americana. Radamés, o chefe do exército egípcio, passou a ser o capitão Desmarest, do exército confederado; Ramfis, o Grande Sacerdote, foi substituído por Rumford, rico plantador de tabaco; o Faraó transformou-se em Farrow, general confederado, etc. Sòmente Aída não mudou de nome. E com razão! Pois neste caso, teria sido necessário mudar *mais ainda*: o título! E, assim, que teria restado da obra de Verdi?


HAROLD R. MEDINA, Juiz na Côrte de Apelação dos Estados Unidos

INIMIGO PÚBLICO NÚMERO UM

Harold R. Medina

NOS dias que correm, tão perturbados e difíceis, coloco o desinterêsse como o pior de todos os males, o verdadeiro *Inimigo Público N.º 1*. Tão logo os demais cidadãos entendem que tudo vai mal e agem no sentido de melhorar as coisas, a contribuição dos desinteressados se revela nula, e até prejudicial. Tenho ouvido dizer, algumas vêzes, que os advogados são perigosos cavalheiros, sempre à cata de dinheiro e procurando ficar com a "parte do leão", etc. Conheço muito bem os advogados. Tôdas as espécies de advogados — e posso dizer que essa é uma acusação sem base.

Lembremo-nos dos advogados que assumiram o encargo de defender as causas impopulares, apenas porque acreditaram no ideal de justiça igual sob a Lei. Lembremo-nos dos que são designados pelo tribunal para defender os acusados indigentes. Dêsses ninguém poderá dizer que obedeceram mais ao interêsse do próprio bôlso que ao desejo de que fôsse feita justiça.

Tais acusações não são apenas falsas; são também derrotistas. Nascem do desinterêsse com que certos indivíduos encaram a própria vida e tudo o que os rodeia. E — o que é mais grave — quase sempre êsse desinterêsse é uma desculpa para cruzar os braços, numa invencível preguiça. Para proteger e garantir essa inatividade desinteressada, a tudo recorrem: à mentira, à difamação, ao boato malévolo. Na verdade, não é possível trabalhar pela paz, quando se "acredita" que a guerra é inevitável!

E quando alguém se atreve a defender um ideal logo é ridicularizado, atacado por todos os lados!

Mas, felizmente, a vida não é um concurso de popularidade. Algumas vêzes os homens mais atacados têm prestado grandes serviços em benefício da sociedade.

Os homens que realizam alguma coisa neste mundo não são como os desinteressados, que param diante dos obstáculos que êles próprios criaram! Os verdadeiros realizadores são os otimistas de larga visão, que recusam ligar importância ao desânimo pessimista dos desinteressados. Ousam, tentam, realizam, mesmo onde possa surgir o revés; e assim conseguem vitórias com que os desinteressados jamais sonharam.

★

Não acredito que as coisas possam piorar! Acredito que o tempo em que vivemos, embora confuso e difícil, é inspirador e poderá dar bons frutos.

Recordo-me do século XVIII, quando dia a dia surgiam novas idéias e quando a Europa e a América se conheciam melhor e uniam seus esforços. Hoje, o mundo está em estado de fermentação. Mas é preferível cuidar de resolver os nossos problemas enquanto persiste essa fermentação, a esperar que a luta tenha início.

O desinteressado, de braços sempre cruzados, dirá:

— Desista! ... Nada conseguirá!

O otimista, por sua vez, afirmará:

— Aja, quanto antes! Se fracassar, poderá tentar novamente!

OS GRANDES ERROS JUDICIÁRIOS (VIII)

O baile seguia com grande entusiasmo. Nêle se dançava, principalmente, a mazurka, em grande voga nesse ano, especialmente na Escola Militar de Cavalaria de Saumur, cujo comandante, o General Morel, festejava alegremente os dezesseis anos de sua filha única, Marie. Todos os oficiais do famoso "Quadro Negro" estavam presentes. O general era muito estimado, tendo conseguido evitar, dentro da Escola, os choques políticos sempre difíceis de contornar, principalmente após os acontecimentos de 1830, que, felizmente, já começavam a ser esquecidos. Instrutores e alunos se haviam ligado por uma amistosa simpatia. Apenas um jovem tenente, vindo do primeiro regimento de lanceiros, Emilio de la Roncière, mantinha uma certa reserva com respeito a seus colegas e superiores.

Tratava-se de um estranho e curioso rapaz, sedutor e, ao mesmo tempo, misterioso, cujos primeiros tempos na Academia de Saumur tinham sido bastante infelizes.

Destacado para a Escola, 7 meses antes, no início de 1834, instalara, na pequena cidade, a sua amiga Mélanie Lair, criatura de atitudes escandalosas e gênio difícil, que logo havia criado, em seu redor, um ambiente de tumulto.

Mélanie, que tinha sido cantora de um "café-concêrto" parisiense, casa de segunda ordem e de freqüência turbulenta, conservara-se, realmente, muito impertinente e grosseira. La Roncière, que não era lá muito paciente, tivera duas ou três altercações com camaradas que, à passagem da jovem Mélanie, tinham ousado sorrir ou dito palavras menos respeitosas. O tenente tinha mesmo ameaçado de recorrer ao duelo! Era, de fato, bom com a espada ou o sabre, não sendo menos hábil com a pistola; o General tudo havia apaziguado paternalmente (mas firmemente, também). Assim, Mélanie tivera que deixar Saumur.

Servira essa lição ao elegante lanceiro? Não. Afastada a ex-cantora, logo arranjou outros amôres na cidade, fazendo-o sem a menor discrição, enunciando mesmo tôdas as suas ligações. Terminara ainda agora seus amôres com uma pequena rendeira, deliciosamente bem formada, linda mesmo (pois o atrevido tenente era homem de bom gôsto), mas que tinha um vocabulário bastante ordinário e a voz alta. Novos escândalos. Novas brigas. Em resumo: o tenente não conseguira fazer um só amigo sincero na guarnição.

Mas continuava muito cotado entre as mulheres; por sua vez, não as dispensava em suas horas fora da Escola. Grande de corpo, esbelto, belo porte, elegante como poucos, com uns olhos verde-escuros que se plantavam rudemente nos dos seus interlocutores, La Roncière era musculoso como um atleta e conhecia tôda a ciência da luta, que aprendera nas inúmeras expedições perigosas, nos tempos em que, jovem aluno de Saint Cyr, passava nos piores antros parisienses a maior parte das suas horas de folga. Afirmava-se que, atacado, certa noite, num baile, nas barrei-

O TENENTE AUDACIOSO E



MLLE. DE MOREL ERA, SEM DÚVIDA, MITÔMANA...

ras da cidade, por quatro meliantes de navalha em mão, deitara-os ao chão, a sôcos, antes de que pudessem compreender o que ocorria. A seguir, arrastara, numa fuga **vertiginosa**, a mulher que estava em sua companhia e que fôra a causa do incidente. Duas horas depois voltava ao baile e ali tornava a encontrar os seus quatro assaltantes, cabisbaixos, e aos quais convidara para beber, conquistando-os com sua boa prosa, seu bom humor e falar desenvolto.

E eis que o mesmo La Roncière, quase **em quarentena** na Escola, obtinha, nesse mesmo baile (15 de agôsto de 1834), um êxito inesperado. Na realidade, Mlle. Marie Morel só tinha olhos para êle, a tal ponto que o tenente Otávio d'Estouilly, muito ligado aos Morel, e que, para muitos, estava destinado a ser o futuro noivo de Marie, apontara o "flirt" dos dois à Generala. Esta, porém, demonstrando plena confiança na filha, apenas dissera, com um sorriso desdenhoso:

— Ora, meu caro... Nós, mulheres, só temos dezesseis anos uma vez!

Sem dúvida. Marie de Morel era ainda uma criança, mas uma criança em vias de ser uma mulher — e que prometia ser mulher de rara perfeição física. Não muito alta, ombros admiráveis, embora um pouco magros, dentes de alvura nacarada, que um sorriso encantador descobria a todo instante, conservava uma gracilidade infantil, que aumentava a sedução de suas pequeninas audácias inocentes. Apenas alguns brilhos que surgiam, por instantes, nos seus grandes olhos marrons, diziam que, mesmo uma menina de dezesseis anos pode deixar falar o coração.

— E' justamente porque conheço a retidão do caráter de Mlle. Morel — continuou d'Estouilly — que desejo vê-la devidamente alertada. La Roncière é um homem despido de escrúpulos. Criatura perigosa e indesejável nos meios familiares.

A LINDA MARIE MOREL



..MAS O SR. DE LA RONCIÈRE ERA IMPRUDENTE

Terminado o baile, retirados os convidados, quando já a aurora iluminava o grande parque da Escola, cheio de rosas e dálias gigantescas, Marie de Morel corria para o seu quarto, lançando-se sôbre o leito, soluçando. Mme. de Morel, não sem grande esfôrço, conseguiu uma **explicação** para o fato:

— O Sr. de la Roncière — confessou ela — E' um miserável! Falou comigo numa linguagem indigna!

— Como?

—Mostrei-lhe o seu retrato, mamãe. Sabe o que êle disse? "— **Mademoiselle, tem uma mamãe muito bonita. Gostaria que se parecesse com ela!"**

A **grosseria** era, realmente, de grande calibre!

E perfeitamente **inacreditável.** Antes de tudo, porque não se descobria a razão. Em seguida, porque La Roncière, cabeça esquentada e coração violento, não deixava de ser — mesmo na opinião de seus piores inimigos — um rapaz de educação perfeita, e de impecável cortesia. Oriundo de uma velha família militar, filho e sobrinho de generais, todos com magnífica fôlha de serviços, revelava sua boa raça mesmo em suas piores excentricidades. A mãe tratou de acalmar a filha.

— Foi um malentendido... E' evidente! Você compreendeu mal... O tenente não é nenhum moleque...

Marie cessou de chorar, olhou para a sua mãe e, pouco depois, um sorriso iluminou seu rostinho lindo, e ela concordou:

— Tem razão... Perdoe-me, mamãe... Eu estava nervosa.

Depois de ajudada carinhosamente a trocar de roupa, pela Generala, deitou-se e não tardou a dormir.

O caso, entretanto, prosseguiu... três dias mais tarde. Cartas anônimas, num estilo repugnante, tremendamente caluniosas para Marie de Morel, começaram a chover sôbre Saumur. Todos os amigos de Morel receberam cópias — e até mesmo os próprios Morel, Mlle. Marie notadamente, tôdas cheias das mais sórdidas injúrias. Que odioso personagem as redigia?

Numa só voz, todo o mundo acusou o tenente de la Roncière, sem pensar que o autor de cartas anônimas não as assina, por definição, enquanto as cartas difamatórias espalhadas sôbre Saumur tinham, tôdas, uma inicial: "R", ou duas: "L. R.", ou mesmo um nonograma agressivamente explícito: "E. de la R." (!)

Otávio d'Estouilly provoca la Roncière. Duelo. D'Estouilly recebe um golpe de espada em pleno peito. As cartas continuam a circular. Na residência de Morel, chegam agora mais numerosas. Chegam pela posta e por outras muitas e estranhas vias: são, por exemplo, encontradas prêsas às cortinas, por meio de alfinetes, caídas sôbre a **coiffeuse** de Marie; até mesmo nos cestos de roupas de senhora, para lavar, são encontradas! As criadas são despedidas, substituídas. Nada resolve a situação! Furioso, o general manda informar a la Roncière que não mais poderá aparecer em sua residência. O tenente empalidece terrívelmente, toma o trem para a capital e em Paris consulta o pai e alguns amigos.

— Paciência... — lhe dizem todos — Não és o autor das cartas e a verdade, um dia, explodirá.

Mas, de que maneira la Roncière podia ainda afirmar não ser o autor das cartas? Êle assinou uma confissão formal! Reconheceu haver escrito tôdas as cartas!

Responde, com altivez, que de fato assinou uma confissão, mas uma confissão de boa vontade, que lhe fôra solicitada por d'Estouilly. Êste, então, às portas da morte, em razão do golpe de espada recebido no duelo, havia afirmado que só uma confissão podia encerrar aquela odiosa aventura. Desesperado por haver levado o camarada, cujo caráter cavalheiresco muito estimava, a êsse risco de morte, la Roncière assinara, sem compreender a gravidade dêsse gesto.

Tudo isso começava a se complicar singularmente. Mas ainda estava para vir o pior.

Na noite de 23 para 24 de setembro de 1834, gritos terríveis se fizeram ouvir no quarto de Marie de Morel. Eram duas horas da manhã. Todos correm. A mocinha, semi-nua, amarrada ao próprio leito, está desacordada; tem o ventre e as pernas riscadas por numerosos ferimentos, felizmente leves, muito leves mesmo. Ela explicará:

— Um homem, em meu quarto... tentou...

Ante a resistência de Mlle. de Morel, o agressor se contentou com imobilizar a sua vítima, a quem atacou em seguida com uma dezena de golpes de punhal!

— Um punhal pequenino... com cabo de prata... cinzelado... representando uma cabeça de pagem veneziano...

— Pôde reconhecer o assaltante?

— Sim... Era o Tenente de la Roncière!

La Roncière viajara para a capital naquela mesma manhã. E' prêso. Nega, indignado. Apresenta um álibi (mas suspeito). À meia-noite, encontrara-se com uma jovem costureira, sua última conquista, com a qual passara o resto da noite. Essa criatura confirma a declaração do tenente. Mas as autoridades pouca importância dão a êsse depoimento.

*

Julgamento: 29 de junho de 1835.

Comparecem o tenente e dois servidores da residência de Morel, um homem, Gillieron, e uma mulher, Júlia Grenier, considerados cúmplices. Êstes são absolvidos, mas la Roncière é condenado a dez anos de prisão!

Muitos não aceitam essa solução, que consideram absurda, mas, para compreender êsse veredito espantoso, é preciso reconstituir a atmosfera na qual se desenrolaram os debates:

"— Se o acusado é inocente, Mlle. de Morel é uma caluniadora!" — diziam e repetiam os advogados de Morel e o procurador geral.

Ora, Marie de Morel fôra depor em condições que haviam impressionado o juiz, os jurados, e a assistência: a partir da noite do atentado ela perdera quase inteiramente a razão: só recuperava alguma lucidez à hora em que ocorrera o drama, cada noite. O tribunal consentiu em ouvi-la às duas horas da manhã, e essa foi uma aparição perturbadora — segundo alguns assistentes: envolta em longos véus sombrios, ainda estonteada, a "vítima" prestara depoimento com implacável segurança.

"— Sim... Foi êle! Juro que foi êle!"

A êsse tempo, no banco dos réus, lívido, voltado para a sua acusadora, la Roncière não cessava de clamar com voz desesperada:

"— Mentira! Tudo mentira! E' monstruoso! Ela está mentindo..."

Esqueçamos o rostinho de anjo de Marie Morel, esqueçamos seus olhos de louca, o tremor de suas mãos, a febre que queimava seu corpo virginal. Consideremos friamente os dados do inquérito. Eram de uma clareza absoluta.

Antes de tudo, o depoimento da costureira. Interessado? Seja! Mas como la Roncière pôde chegar até a janela do quarto de Marie, pela qual — segundo o depoimento da própria filha do general — havia fugido e, portanto, pela qual, também, devia ter chegado? Nenhum vestígio de corda, nem de escada, nem de uma qualquer escalada ao longo da parede externa! E é preciso não esquecer que o quarto de Marie estava localizado no segundo andar.

O vidraceiro, que substituiu a vidraça quebrada pelo "agressor", também depõe: os fragmentos da vidraça quebrada indicavam que a mesma fôra quebrada do **interior** e não **do exterior!**

Sôbre êsse ponto o vidraceiro foi formal!

Isto, quanto ao **fato material** da efração. Agora, para o atentado: os ferimentos notados sôbre

Mlle. de Morel eram simples arranhões, não merecendo, qualquer dêles, outra coisa além de uma pequena compressa de água fria. Os laços com que a "vítima" fôra prêsa não tinham deixado qualquer marca sôbre a pele; estavam bastante folgados, e tão mal atados que foi suficiente tomá-los entre os dedos para que se desfizessem. Como, pois, na escuridão do quarto, mesmo com noite clara, Marie pudera ver os detalhes da cinzeladura, ornando o punhal empunhado pelo agressor? Por que, afinal, se o assaltante ali fôra com o desejo de dominar a moça, não concretizara seu intento, depois de a dominar e enlaçar?

Mais ainda: os encarregados do inquérito tiveram a boa idéia (elementar) de procurar saber (o que não fôra feito até então) quem podia ter sido o autor das famosas cartas anônimas. Peritos grafólogos foram nomeados e — todos — afirmaram: **"As cartas não tinham sido escritas pelo tenente!** Dois — dos quatro — prudentes, apenas ousaram afirmar que **"elas emanavam de mão feminina".** Os dois outros, mais corajosos, detalharam que **"tôdas elas, sem a menor dúvida, tinham sido escritas por Mlle. de Morel!"** E, pouco depois, um dono de papelaria depunha, afirmando que o papel em que as cartas tinham sido escritas... **era o mesmo que a mocinha comprava, pessoalmente, em seu balcão!"**

E não foi só! Descobrem também que Mlle. de Morel é vítima de alucinações, tendo mesmo crises de histerismo, catalepsia e sonambulismo. Um mês antes do "atentado", contou ela, certa noite, a seus pais, ter visto um homem se atirar ao Loire... por estar loucamente apaixonado **por quem não o queria: ela própria!** Examinam o fato. Tudo fôra inventado pela pobre criatura!

Não tenhamos dúvida. Em nossos dias, **não** apenas Emilio de la Roncière não teria sido jamais condenado, como nem sequer teria comparecido diante de um tribunal.

E acreditarão os leitores que o desgraçado ficou na prisão **até o último dia dos seus dez anos?** Os Morel estavam aparentados com o Marechal Soult, todo poderoso e que se opôs, sempre, à mais ligeira medida de **graça** e, com mais forte razão — terminada a pena — a qualquer reabilitação. Foi preciso a revolução de 1848, para ser feita inteira justiça ao desgraçado. Não apenas anulou a sentença de 1835, mas ainda nomeou o "condenado" governador das ilhas Marquesas e, depois, de Tahiti, onde morreu, em 1874, estimado por todos e cavalheiro da Legião de Honra.

Marie de Morel desposara, em 1838, um riquíssimo proprietário normando; foi espôsa tranqüila, leal, direita, excelente mãe de família. O casamento deu o que lhe faltava: **equilíbrio.**

Restaria encontrar o móvel a que obedecera a jovem mitômana, inventando a agressão de 24 de setembro. Amava la Roncière e se indignara ao ver que o tenente a desprezava? Talvez quisesse apenas enciumar e apressar, um pouco, seu futuro noivo, o correto e tímido d'Estouilly? Talvez!

Porque é, verdadeiramente, impossível afirmar isto ou aquilo. O certo é que estamos diante de um caso "freudiano", que os psiquiatras modernos esclareceriam, muito provàvelmente, sem qualquer dificuldade.



RESOLVA SEUS PROBLEMAS



No departamento de tecidos de um grande magazine comercial, uma senhorita havia comprado um corte de fazenda, para fazer um vestido. Antes do empregado embrulhar, estendeu o corte sôbre o balcão e, fingindo grande interêsse, retirou da bôlsa um "molde" e uma tesoura, colocando aquêle sôbre a fazenda, como a querer descobrir o melhor modo de cortá-la. Notando que eu observava a manobra, com curiosidade, explicou:

— Como não sei cortar, coloco os moldes de qualquer maneira, sôbre a fazenda, dando a impressão de não saber mesmo como cortarei o tecido; com isto, desperto imediatamente o interêsse de diversas mulheres, que não podem resistir ao impulso de dar conselhos e exibir as suas qualidades de modistas. Assim, em alguns minutos, elas mesmas se encarregam de cortar o tecido e tudo o que me resta fazer é coser as diversas peças em casa.

— Sra. Elena Tardiff — Menomonie, Wisconsin, E.U.A.)



Um de meus amigos acompanhou a espôsa a uma loja, para que esta comprasse as roupas que pretendia estrear no baile de Sábado de Aleluia. Com verdadeiro desdém pelo orçamento do casal, ela efetuou compras no valor de 289 dólares. O marido não protestou; limitou-se a dar instruções para o envio das compras à sua residência, onde pagaria contra o recebimento. Quando chegaram os embrulhos, meu amigo deu à espôsa os 289 dólares... em notas de um dólar. Ante tamanha quantidade de notas, ela exclamou:

— Tudo isso para pagar êsses trapos? Não! Não quero! Vou mandar as compras de volta para a loja!

No dia seguinte, saiu novamente a fazer compras para a festiva data, e o gasto, desta vez, não chegou aos cem dólares.

— FranK Hague, Jr. — Grantville, Georgia, E.U.A.

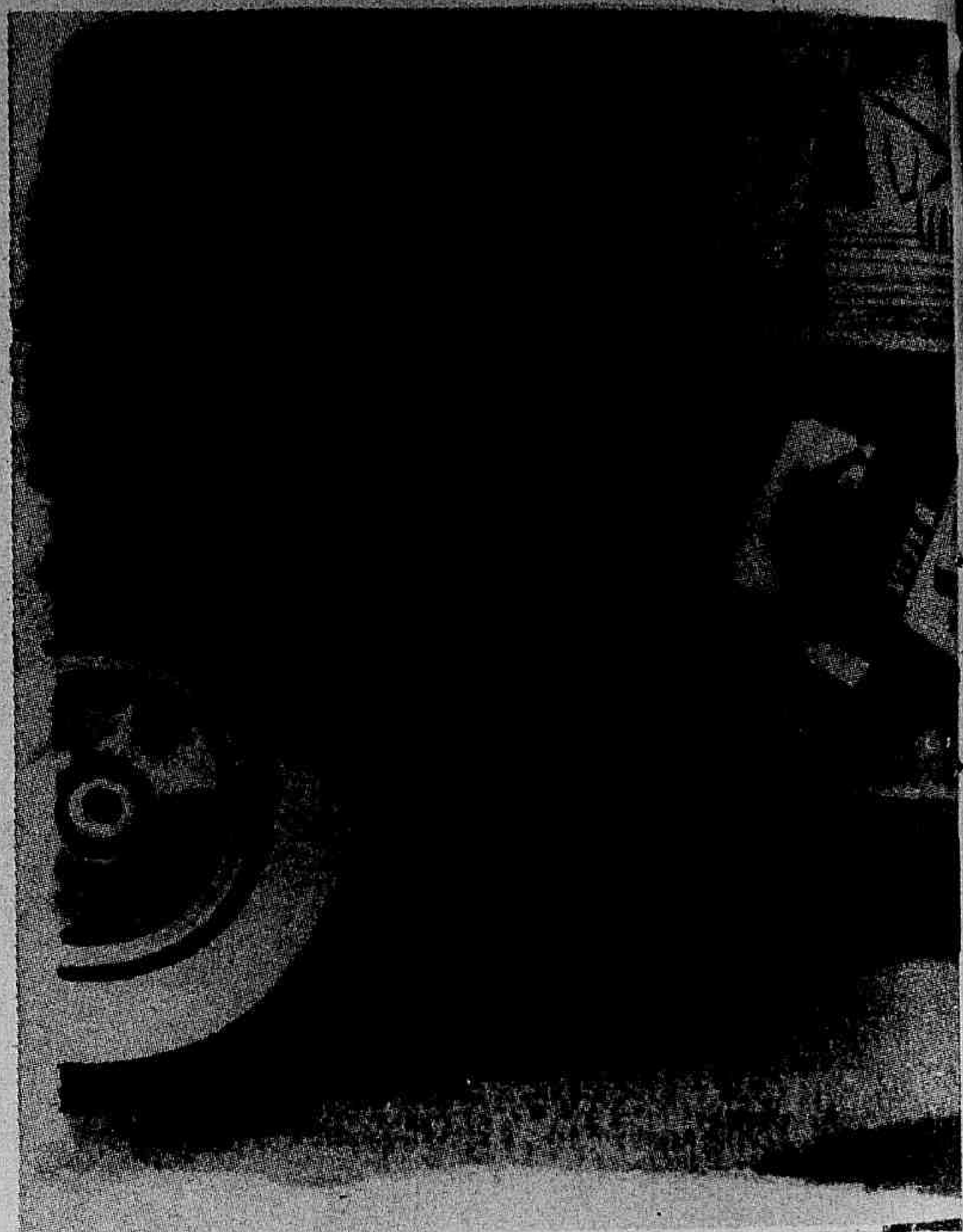
ESTA é uma história estranha, mesmo para o bairro de Brooklyn, na populosa Nova York, **onde tantas coisas estranhas acontecem.** Até mesmo os policiais do distrito situado na Avenidas Gates admitiram que o fato, ocorrido em 12 de agôsto de 1951, foi deveras misterioso, surpreendente. Com efeito, tudo aquilo que ocorreu com Obadiah Travison mais pareceu um sonho. E, no entanto, tudo ocorreu, na verdade nua e crua dos fatos, naquela madrugada de domingo.

Mas vamos à história. Fôra realizada uma "festinha", muito alegre e com cerveja em quantidade. Obadiah lembrava-se de ter bebido muito e, quando um vento frio fustigou seu rosto, viu-se sòzinho, às 3 horas do domingo que raiava, sem saber como se livrara dos amigos. Estava na Avenida Gates, e o único som que ouvia era o bater descompassado dos saltos de seus sapatos na calçada. A Avenida estava completamente deserta. O homem vinha aos tropeções, e sentia uma vontade irresistível de deitar, de dormir, de descansar... Sim! Tinha que deitar em algum lugar, por ali mesmo! Isto, **mal foi pensado** por seu cérebro anuviado, imediatamente começou a procurar um lugar digno de receber o pêso de seu corpo. Ah, lá estava um automóvel! O bêbedo sentiu antecipadamente o prazer de recostar-se nas almofadas do banco traseiro. Obadiah viu com alegria que o automóvel não estava trancado; abriu a porta tràseira, e logo entregou o corpo aos cuidados de Morfeu...

Obadiah acordou, sentindo o gôsto característico dos que saem de uma "ressaca". Empurrou a porta do automóvel com uma das mãos, enquanto coçava os olhos com a outra. Em seguida, saiu do veículo e sentiu uma sensação agradável, ao pisar o asfalto com os pés descalços. **Descalços? Por quê?** Olhou para baixo, a fim de investigar o **fenômeno** e, assustado, pulou de novo para dentro do automóvel. **Pois não é que estava quase nu?** Durante o delicioso sono, seus sapatos, meias, camisa e calças haviam desaparecido misteriosamente!

Obadiah Travison era um homem modesto e relativamente tímido. Além do mais, sabia que em qualquer parte da grande cidade de Nova York, era proibido passear pelas ruas vestindo sòmente um par de cuecas. Desesperado com a situação, passou a rebuscar dentro do veículo alguma peça de roupa que pudesse vestir, a fim de encobrir sua nudez, quase total. Com agradável surprêsa, encontrou uma capa de "shantung" e tratou de experimentá-la. Satisfeito, viu que a capa lhe servia, e não teve dúvidas em vestí-la.

Três minutos depois, um táxi passava por ali, dirigido por Harry Bierbeck, que personificava o tipo dos motoristas profissionais: irreverente, sonolento, o colarinho da camisa todo amarrotado. Em seus vinte anos de profissão, Harry julgava já ter visto tudo que um motorista de carro de praça poderia ver. No entanto, abriu desmesuradamente os olhos e, espantado, fixou o olhar no



ATÉ ONDE

EPISÓDIO REAL

Narrado por

JONAS BAYER

homem que lhe fazia sinal para parar; o mesmo estava insuficientemente coberto por uma capa de "shantung", e tinha os pés descalços, com as pernas cabeludas a aparecerem ridìculamente sob o simples agasalho.

Bierbeck parou o veículo. Obadiah Travison, com movimentos rápidos, abriu a porta tràseira, atirando-se nas almofadas, com um longo suspiro de alívio.

Bierbeck lançou um olhar curioso para o passageiro e perguntou com certa polidez:

— Brigou com a espôsa, companheiro?

— Fui roubado! — rosnou o ainda não refeito Obadiah.

O motorista, acostumado a êsses "acidentes", perguntou, com simpatia, porém esboçando o seu sentido prático:

— E o dinheiro, companheiro? Pode pagar a corrida?

— Comigo, nada tenho! — respondeu Obadiah. — Mas, leve-me até em casa, e lhe pagarei lá.

Isto dito, deu o enderêço ao motorista. Ainda abalado, enfiou a mão no bôlso da capa, a fim de procurar um eventual maço de cigarros, esquecendo que a capa **não** lhe pertencia. Ao retirar a mão do bôlso, trazia um estojo de couro, de pêso e dimensões regulares. Abriu o estojo e deixou cair o conteúdo sôbre uma das bordas da capa.



CHEGA A HONESTIDADE

À luz do sol que aparecia, muitas e belas jóias faiscaram de modo assustador, fazendo Obadiah abrir a bôca e quase soltar um grito.

Examinou, alguns instantes, a fortuna que tinha nas mãos e, após a luta que se estabeleceu em seu mal refeito cérebro (pois Abadiah era, antes de tudo, um homem honesto), tornou a colocar as jóias no estojo, tendo já decidido o que fazer. Quando o motorista Bierbeck deixou o passageiro tão **mal vestido** em sua casa, na rua Halsey, êste mandou que esperasse, enquanto ia buscar dinheiro. Após alguns minutos, Travison apareceu já completamente vestido e, ao invés de pagar a corrida, entrou novamente no táxi.

Bierbreck fitou-o com um olhar desconfiado, perguntando:

— Deseja ir para algum outro lugar?

— Para o distrito policial da Avenida Gates — respondeu o passageiro.

Novamente, o motorista pôs o veículo em movimento. Só ao chegar ao seu destino, Travison verificou que esquecera de apanhar o dinheiro, quando estivera em casa...

— Pelo menos, não perdemos tempo e viemos diretamente à polícia — disse Bierbeck, resignadamente. — Vamos ver, companheiro! E' melhor entrarmos e resolvermos nosso caso com o comissário!

Minutos depois, Travison, Bierbeck... e o estojo encontravam-se diante do detective Charles Copeland. Êste, estonteado, ouviu as "explicações" dadas pelos dois homens, relativamente a festas, bebidas, automóveis, ressacas, corrida não paga, roupas que sumiram e estojo de jóias! Após muita conversa, conseguiu formar uma opinião do que acontecera. Chamando os detectives Paul Monks e Edward O'Connor, pediu-lhes que comparassem as jóias com os relatórios de queixas feitas recentemente, em tôrno de roubos de jóias. Em seguida, acompanhou Travison e Bierbeck até ao automóvel no qual aquêle havia "cozinhado" a bebedeira. Após nova busca, no interior do mesmo, acharam um pequenino saco de pedras preciosas, escondido no compartimento do painel. Não conseguiram, porém, encontrar a "licença" do proprietário e, assim, retornaram ao pôsto policial, onde Copeland pagou ao motorista do táxi, despedindo-o.

Nesse ínterim, Monks e O'Connor haviam descoberto a identidade do proprietário do tesouro que Travison encontrara. De acôrdo com a descrição feita por Adolph Weber, quando se queixara na Polícia, essas jóias haviam sido roubadas quatro dias antes, de sua residência, na Avenida Wykoff.

Verificando imediatamente o registro do motor do automóvel, uma vez que a chapa com o número do mesmo também havia desaparecido, Copeland conseguiu identificar a licença do miste-

rioso automóvel, no qual Obadiah perdera as calças e encontrara uma fortuna em jóias.

De posse dessas informações, Monks e O'Connor se dirigiram ao prédio diante do qual estivera estacionado o automóvel; bateram à porta de um apartamento, ocupado por um tal Frederick Lensch. Êste, que se encontrava ainda na cama, pôs-se a reclamar em altos brados, enquanto se encaminhava para a porta, a fim de verificar quem o chamava num domingo, às 6 horas da manhã.

Ao ver o distintivo que lhe apresentavam, passou a falar baixo, confirmando que o carro estacionado em frente era de sua propriedade.

Procedendo a uma busca no apartamento, os detectives acharam ainda outras unidades que formavam o imenso conjunto de jóias e pratarias roubadas da residência de Adolph Weber. Levado para o distrito policial, Frederick Lensch não fêz o mínimo esfôrço para negar a autoria do roubo. Estava, no entanto, intrigado; desejava saber como o haviam descoberto tão ràpidamente, uma vez que tomara precauções especiais, quando praticara o roubo. Os detectives explicaram-lhe o que acontecera e como esquecera o automóvel aberto. Enquanto isto, Adolph Weber chegara também ao distrito, identificando as jóias. O sorriso que lhe iluminava o rosto chegava a eclipsar o brilho das jóias. O homem representava alguem cuja confiança em seus semelhantes houvesse sido restaurada.

O detective Copeland agradeceu e elogiou a Obadiah por sua honestidade. Adolph Weber estendeu a mão, para cumprimentar o homem que tão bem procedera, permitindo que êle recuperasse as jóias roubadas. Porém seu sorriso morreu, antes mesmo de ser esboçado, e o homem enrubesceu de indignação, exclamando:

— Êsse anel! Êsse anel de diamante que êle tem no dedo, **é meu**! Faz parte das jóias que foram roubadas!

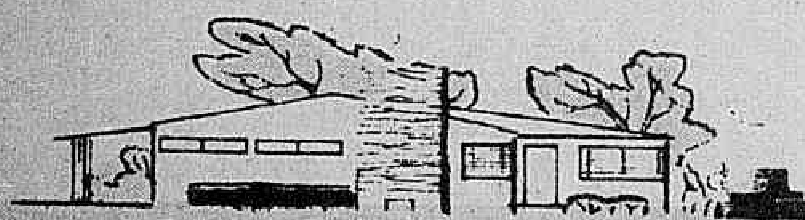
Completamente desconsertado, o **ex-modêlo de honestidade** confessou que resolvera ficar com o anel, para compensar os aborrecimentos que tivera. Desta forma, submetido a processo e julgamento, foi condenado a uma pequena pena, por reter objeto roubado.

Sua identidade não será aqui revelada, pois, tendo agido de modo **quase honesto**, bem merece que elogiemos, **em parte**, a sua conduta. Aliás, cremos que muita gente tivesse feito o mesmo.

E, antes de terminar, o fato mais inexplicável em tôda a história: o desaparecimento das roupas de Obadiah Travison, e da chapa de licença do automóvel! Até hoje, os policiais não conseguiram descobrir o autor dêsse roubo singular . . .

★ ★

ECONOMIA DOMÉSTICA



PARA LUBRIFICAR janelas que não correm, portas de móveis que se abrem com dificuldade, e fechaduras emperradas, utilizem um pouco de parafina. As janelas emperram quando o caixilho e a corrediça ficam muito unidos entre si, ou em razão da dilatação da madeira, provocada pelo calor.

Esperem, assim, por um dia sêco e apliquem a parafina com uma escôva, de modo a introduzi-la entre o caixilho e a corrediça da janela. Para as portas, utilizem o mesmo sistema. A parafina não apenas lubrifica, como também evita que se acumule umidade nos locais em que é aplicada. O melhor modo de lubrificar as fechaduras das portas é colocar óleo sôbre a chave e, introduzindo esta na fechadura, fazê-la dar algumas voltas na mesma.

★

PARA DESCASCAR um tomate rápida e fàcilmente, passem o mesmo sôbre a chama quente do fogão, por um instante, ou mergulhem em água fervente, por dois segundos apenas. Assim, a casca do tomate se descolará, facilitando o trabalho de sua remoção, sem queimar o tomate ou afetar a sua consistência.

O CHÃO DE CONCRETO, da garage ou do quintal, pode ser limpo das manchas de graxa que nêle se acumulam, se fôr coberto com uma camada de serragem molhada numa solução de *barrela* (obtida de cinzas de madeiras). Esta solução pode ser feita com 500 gramas de *barrela* adicionada a um galão de água. Deve-se deixar o chão de concreto coberto por essa camada, durante cêrca de doze horas. Em seguida, lava-se o chão com água e sabão.

★

PARA ECONOMIZAR eletricidade quando cozinhar em fogão elétrico, desligue o fogão alguns minutos *antes* de estar pronta a comida, pois os fogões de aquecimento elétrico conservam o calor durante vários minutos, após desligados e, assim, completarão o cozimento necessário.

★



SE O ÁLCOOL ou algum outro líquido cair sôbre a superfície de um móvel, provocando manchas, limpem essa superfície com cinza de cigarro, passando, em seguida, um pano úmido. Se as manchas foram feitas pouco tempo antes, êste processo as fará desaparecer completamente.

EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

(Continuação do número anterior)

Passamos por uma longa e baixa ilha, no centro de uma corredeira que parecia ter sido dividida pela enchente, e sôbre a qual vi árvores em grande número, sendo algumas de grandes dimensões, caídas como se tivessem sido ceifadas. Vimos sinais de pés de índios selvagens aqui e ali, nas margens, e notamos, ocasionalmente, acima das árvores, a fumaça do fogo que êles acendiam, lá para dentro da floresta. Tôdas as vêzes que nos era possível, armávamos as nossas tendas nas ilhas que ficavam no meio do rio, para ficarmos a salvo de possíveis ataques. No dia 1.º de agôsto, outra canoa ficou alagada e um dos índios machucou-se, batendo de encontro a uma rocha, na corredeira em que ocorréu o acidente. Nós, desta vez, entretanto, não perdemos mantimentos, porque, antes de subirmos a mencionada corredeira, fizemos o transporte do material por terra. No dia 3 tivemos os nossos trabalhos recompensados, com a aproximação de um aldeamento de índios mansos, que nos deram alegria e confôrto pelo ambiente de civilização que encontramos; dêste ponto em diante, havia um caminho de burro que levava a São Jerônimo. Ficamos aí uma semana, pois tivemos de mandar, por terra, um mensageiro especial a Jataí, a fim de arranjar um substituto para o remador acidentado.

No dia 10 partimos novamente e entramos logo na parte enferior do desfiladeiro selvagem e desconhecido, entre o qual o Tibagi força uma passagem tumultuosa, através da grande Serra dos Agudos. Contar os pormenores da travessia, nos dez dias de viagem que se seguiram, seria repetir os mesmos incidentes. Para ser feita uma idéia da espécie de trabalho que tivemos, é suficiente a afirmação de que tivemos de descarregar as canoas por nada menos de trinta e duas vêzes, carregando os volumes nas costas, por longas distâncias, nas margens escorregadias do rio, através de picadas cheias de espinhos, a fim de contornar os inúmeros obstáculos que o rio nos oferecia. Por três vêzes, até mesmo as canoas, pesando um quarto de tonelada cada uma, tivemos de tirar da água e arrastar por dentro de florestas, por caminhos feitos por nós para êsse fim.

Durante as muitas semanas que fiquei sem nada fazer em Jataí, tive tempo para pensar sôbre um plano geral de ação, pelo qual poderíamos vencer essas 200 milhas de cataratas com o mínimo possível de insucessos.

Como resultado dessas cogitações, eu achara melhor evitar tudo o que tomasse a feição de prova de arrôjo, seguindo o processo tedioso de carregar os materiais e arrastar as canoas por terra, não me arriscando a perder uma canoa ou uma vida. Os dois pequenos acidentes, que haviam ocorrido, só vieram reforçar essa resolução. Telêmaco, meu companheiro, embora fôsse de disposição ousada, apoiou esta minha determinação e os índios mostraram-se obedientes, pacientes, assim como os outros esforçados auxiliares.

Saímos do desfiladeiro dos Agudos no dia 20. Já começávamos a nos alegrar pela conclusão da parte mais difícil de nosso trabalho, quando avistamos um impecilho que, comparado aos que havíamos encontrado e vencido até aí, êsses nada representavam. À nossa frente se apresentava agora um salto e cataratas combinados, e o volume d'água que descia era de nada menos de 114 pés — uma gigantesca e intransponível barreira de espuma e volume d'água. O lado direito dêsse obstáculo era cercado por uma muralha perpendicular de basalto, que se elevava a uma altura de talvez 200 pés, com uma montanha íngreme mais acima. Daquele lado, portanto, não se podia fazer um caminho por onde se pudesse puxar as canoas. Do lado oposto, o terreno não parecia oferecer maior possibilidade. Então eu por fim, tracei uma linha pela floresta, por onde teria de ser feito um caminho de mais ou menos uma milha e meia de extensão, pois caminho mais curto não era possível. Estando pronta a picada, fomos obrigados a construir, numa extensão de dois terços do seu trajeto, uma calha de madeira, destinada a neutralizar a rampa íngreme que o terreno formava na direção do rio. Durante cinco dias trabalhamos com afinco na construção desta calha, por onde, depois de pronta, passamos mais cinco arrastando as canoas.

Antes de começar êsse trabalho, escapámos por um triz de um sério desastre. Eú, Telêmaco e dois índios havíamos ido, numa canoa vazia, tentar nos aproximar o mais possível do pé do salto grande, para melhor examiná-lo. Ao pé dêsse salto havia uma extensa corredeira que, com dificuldade, conseguimos subir. No meio do rio havia uma ilha, ou melhor, diversas ilhas que dividiam o canal, longitudinalmente, em duas partes, aparecendo de um lado o salto grande a prumo, com uma extensa corredeira logo abaixo, enquanto no outro lado, a água descia formando cataratas, num declive íngreme e interrompido, que terminava num salto vertical, na parte inferior do qual se formavam, contìnuamente, poderosos redemoinhos, que levavam lama e pedra à superfície da água. Depois de examinarmos o salto grande, estando a nossa canoa vazia — resolvemos descer a corredeira pela qual havíamos subido. Devido a um ligeiro mal entendido entre o proeiro e o timoneiro, em vez da canoa entrar de frente no primeiro salto, que era pequeno, o fêz em diagonal, recebendo uma certa quantidade d'água e arrancando o remo da mão do canoeiro. No fim da corredeira, a qual foi percorrida em cêrca de um minuto, entramos na água represada bem perto da grande catarata, à nossa esquerda. A canoa, de lado, com água até quase pelo meio, com um remador apenas, estava sem govêrno e, para nosso espanto, fomos levados ràpidamente pelas águas, em direção à parte final da catarata, onde teríamos, por certo, um

fim trágico. Justamente no momento em que nos preparávamos para abandonar a canoa e saltar n'água, ela entrou num redemoinho que a atirou ao lado oposto. Dispendendo um tremendo esfôrço com o remo, conseguimos afastar a embarcação dêsse novo perigo e, em seguida, levá-la, sem nada ter acontecido, para a margem. Foi esta a única ocasião em que vi Telêmaco com mêdo. Passado o perigo, virei-me para falar com êle sôbre alguma coisa. Sua palidez era cadavérica e êle pôde apenas dizer: — "Não fale, doutor, não fale". Creio que a sua emoção era mais por minha causa do que por si mesmo, pois êle sabia como eu desejava que a exploração prosseguisse com pleno êxito.

Enquanto nos ocupávamos na construção da estrada por onde devíamos arrastar as canoas, descobrimos que havia índios selvagens ali por perto, pois não eram poucas as trilhas que estavam visíveis em diversos pontos. Dois dos Caioás disseram, em ocasiões diferentes, haver visto índios nos espreitando. Uma noite julgamos que estivéssemos sendo atacados por êles, tal foi o uivo que nos despertou; mas, depois de algum tempo, verificamos que o único cão de caça, que até então conservávamos conosco, havia sido carregado — por um jaguar, sem dúvida — pois na manhã seguinte encontramos o rastro dêsse animal perto das nossas tendas.

No dia 29 saímos dêste grande salto, e no dia seguinte o nosso garimpeiro encontrou o primeiro ouro que acabávamos de descobrir no rio. No dia 1.º de setembro os nossos olhos tiveram a alegria de contemplar uma campina. Na mesma noite, encontramo-nos com a tropa de burros que eu havia enviado de São Jerônimo, três semanas antes, com instruções para comprar mantimentos e seguir viagem, aproximando-se o mais possível das margens do rio. Já a alguns dias que vínhamos nos alimentando sòmente de carne de porco e arroz, pois nossas provisões haviam acabado.

Foi aí que tiramos, depois de quase um mês, o nosso primeiro dia de descanso, quando bebemos e comemos do melhor que a província nos pôde oferecer. Daí em diante o rio era mais ou menos conhecido. No dia 8 de setembro desembarcamos na cidade de Tibagi — 6 semanas depois de saírmos da Colônia de Jataí — período êsse em que raramente não ouvíamos o estrondo de cataratas e de saltos, de dia ou de noite. Esta foi uma viagem que só será repetida, provàvelmente, daqui a muitos anos.

CAPÍTULO IX

CONCLUSÃO

Minhas viagens pelo Brasil estão quase terminadas. No dia 25 de setembro cheguei à Colônia Teresa, saindo novamente no dia 6 do mês seguinte, em trânsito para o Rio de Janeiro. Na colônia eu mudei de companheiro de viagem — Telêmaco desceu o rio Ivaí para se juntar ao grupo que ainda estava trabalhando lá, e Vander Meulen, que havia sido, anteriormente, o meu companheiro mais íntimo durante quatorze meses, na mesma exploração, voltava agora comigo para a Inglaterra, com a saúde sèriamente abalada, devido às inúmeras privações dos últimos doze meses.

No dia 17 de outubro, chegamos juntos a Antonina, perdendo, por pouco, o navio que havia zarpado de Paranaguá naquela mesma manhã, dois dias antes do que marcava o horário. Após uma demorada espera de quase três semanas em Antonina e Paranaguá, zarpamos pelo primeiro vapor, que calhou ser o nosso conhecido "Camoens". No dia 10 de novembro desembarquei mais uma vez na capital do império, depois de uma ausência de mais de dois anos, e me hospedei no Hotel Carson; Vander Meulen logo depois partiu para a Inglaterra. Do grupo inicial, composto de dezessete membros, com que começara a expedição, apenas dois, além de mim, achavam-se nessa ocasião, no Rio. Do grupo n.º 2, eu era o único. O capitão Palm, organizador da expedição, morrera; Veal, chefe do quarto grupo, morrera; quatro membros haviam ficado inválidos; três outros haviam desistido por vários motivos, enquanto o restante ainda estava embrenhado pelas florestas do Ivaí, com o seu trabalho ainda por terminar.

Os cinco meses seguintes, eu desejaria bani-los da minha memória, como se nunca houvessem existido. Que o leitor se deixe levar pela imaginação e pense viver semana após semana, mês após mês, trancafiado em uma das cidades mais fatídicas que existe no mundo — no auge da febre, quando a pestilência, sob a forma funesta da Febre Amarela, campeava nas ruas quentes e escuras, de dia e de noite, e pairava sôbre a cidade imunda como uma mortalha negra, arrebatando todo o espírito sadio e o gôzo da existência daqueles que nela residem.

Eu podia contar muitos quadros horrorosos que presenciei nesses cinco meses — do interêsse mórbido que tínhamos, dia a dia, em examinar os índices crescentes da mortandade, à proporção que o tempo passava e a febre aumentava de intensidade — dos espetáculos diários dos caixões de defuntos, descobertos e disformes, nos carros em disparada fúnebre, em direção aos cemitérios — e, por fim, do enfraquecimento lento que se operava nas nossas fôrças. (1). Um a um, os poucos membros remanescentes da expedição, ao chegarem do interior, eram atacados e, para não morrer, eram obrigados a fugir para as colinas. Eu mesmo fiz isso várias vêzes, até poder, por fim — no mês de abril do ano seguinte (1875) — sacudir dos sapatos, pela última vez, a poeira desta pestilenta cidade e embarcar para a Inglaterra.

Afora os últimos dias a que aludi suscintamente, sempre me lembro dos tempos que passei no Império do Cruzeiro do Sul, alimentando a esperança de lá voltar um dia, para rever os seus grandes e magníficos pampas, as suas florestas silenciosas, e talvez fumar outro cigarro de palha de milho, com um camarada brasileiro, ao lado de uma fogueira.

---

(1) No Rio, durante a época da febre, um homem pode estar com a saúde aparentemente perfeita num dia e vinte e quatro horas depois, pode estar, não só morto, como também enterrado. Seria bom que os habitantes procurassem acabar com os milhares de focos geradores de febre, com o mesmo empenho com que enterram os seus mortos. Êsse é um caso que depõe não só contra a cidade, mas também contra o povo, como comunidade civilizada.

APÊNDICE

NOTA A

Abolição da Escravatura no Brasil

Por lei do dia 28 de setembro de 1871, declarou-se que tôda criança recém-nascida de uma escrava, dentro dos limites do império, seria livre. Todos os escravos do govêrno e da casa imperial seriam também livres. Com o objetivo de libertar, gradativamente, os escravos dos particulares, a mesma lei instituiu um fundo de emancipação, cujos rendimentos são, agora, anualmente aplicados para êste fim. A extinção total da escravatura, sem perigo para a segurança pública e sem detrimento para os direitos estabelecidos da propriedade privada, será assim assegurada, numa data muito próxima.

NOTA B

O Império do Brasil na Exposição de Viena, 1873

Organizou-se uma turma de quatro engenheiros e agrimensores, A, B, C e D. Escolheu-se também uma vastíssima extensão de região montanhosa, coberta de florestas tão densas que, sem o auxílio do machado e do facão, uma pessoa ali estacionada não via um metro à sua frente, na maioria dos casos. Aí êles deviam levantar plantas, delinear mapas e procurar o melhor itinerário para a construção da estrada-de-ferro ligando dois pontos conhecidos, variando a distância, entre um e outro, de 200 a 300 milhas.

Foi êsse o problema que o 2.º grupo teve de enfrentar no início das operações, desprovido como estava de todos os meios de abastecimento e com poucos recursos para resolver outras dificuldades semelhantes, o que, em realidade, constituía a sua parte mais difícil, apesar de omitirmos propositalmente comentários a seu respeito.

"A" dá início às operações. O seu trabalho é determinar, aproximadamente, o curso da linha de exploração em que "B", "C" e "D" farão os levantamentos e as plantas. Êle sai cedo, uma manhã, acompanhado de um ou dois homens munidos de facões, foices e machados, para abrir picadas e, ocasionalmente, escolher os pontos onde devam ser feitas as ditas picadas. Leva dois pequenos instrumentos de bôlso consigo — uma bússola magnética e um barômetro aneróide. Com êsses instrumentos e um livro de apontamentos, êle podia, num dia, fazer o mapa perfeito de duas ou três milhas quadradas da região, o que não chegava a uma quinta parte do que êle havia visto! O seu grande auxiliar natural, na falta de visão ampla, era o curso d'água.

Geralmente, nas terras altas do Brasil, e mais especialmente nos vales superiores de rios como o Ivaí, tôda a superfície da região é cortada por uma perfeita rêde de pequenas ravinas e riachos. Na floresta em que fazíamos os trabalhos, nesta ocasião, era quase impossível abrir uma picada por cem passos, em qualquer direção, sem ter de atravessar um ou mais cursos d'água desta espécie. A maior esfera de ação, portanto, para a aplicação de uma observação inteligente, era fazer estas explorações preliminares. Foi esta a única das quatro partes em que eu pensei em dividir o trabalho da turma, que nunca foi considerado trabalho penoso.

"B" apanha agora o mapa traçado por "A" e, por meio dêle, mede com aparelhos de precisão (teodolito e cadeia de agrimensor) uma série de linhas sôbre o chão, seguindo o mais aproximado possível a direção e o curso que deve seguir a projetada estrada de ferro. A fim de colocar estas linhas de experiência, é necessário que se faça uma picada através da capoeira densa, picada esta que depois servirá para facilitar as observações instrumentais de "C" e "D", que agora vêm por estas mesmas linhas. "C", com outros instrumentos (nível e clinômetro), tira o nível dos diferentes pontos ao longo das linhas cortadas por "B", e também de outros pontos, por pequena distância, para a esquerda e para a direita das ditas linhas. "D" vem em último lugar. Êle já está de posse das observações combinadas de "B" e "C", só pelas quais, sem que conheça o terreno, pode fazer um mapa completo ou plano da linha cuja planta se levantou. A fim, entretanto, de verificar e se certificar de qualquer ligeira omissão feita por "B" ou "C", êle também usa outros instrumentos (a mesa topográfica e a cadeia de agrimensor). A linha definitiva, isto é, a linha que representa o curso exato que a estrada de ferro seguirá quando fôr feita a sua construção, é então traçada no plano e, em alguns casos, colocada também no chão, ficando, assim, completo o levantamento.

Esta descrição dará uma boa idéia do modo de operar de que tentamos nos aproximar no levantamento das plantas. Pràticamente, devido a inúmeras influências nefastas, esta simplicidade perfeita de operação nunca foi conseguida e, com o decorrer dos tempos, estávamos cada vez mais longe dela. Freqüentemente "A" ou "B" tinha de fazer o trabalho de dois ou quatro. Contudo, o mesmo "campo" de trabalho, como foi descrito acima, tinha de ser feito, quer por um sòzinho, por dois, três ou quatro.

O que mais se aproximou dêste plano teórico de trabalho foi o 1.º grupo, cujo número de membros continuou sempre o mesmo, durante todo o período de tempo de trabalho, e que, além disso, não foi sacrificado pelos acordos desastrosos da Comissão de Abastecimento, pois todos os fornecimentos necessários podiam ser conseguidos com facilidade.

NOTA C

O porco do mato brasileiro

Por ocasião de uma de nossas inúmeras caçadas de porcos, que se realizaram nos laranjais no vale do baixo Ivaí, pegamos um dêsses mamíferos vivo, com mais ou menos três semanas de idade. Ao ser pegado, o pequenino animal tentou todos os meios para fugir, soltando gritos como se estivesse aterrorizado. O brasileiro que o pegou carregou-o nos braços durante alguns minutos, até que êle ficou completamente sossegado. Quando isto se deu, êle o pôs no chão e ficou esperando que fugisse imediatamente. Mas, não; em vez de correr, o porquinho não queria mais deixar o seu capturador, acompanhando-o, como um cão, durante o quarto de hora seguinte, até chegarmos ao acampamento. Aí chamamos todos os cachorros, fizemos a apresentação do jovem estranho e fizemos recomendações severas para que êles não o machucassem. Nosso pequeno hóspede de cerdas amarelas pôde assim correr à vontade, de um lado para outro, no acampamento, sendo por todos tratado com carinho. Até os cachorros o olhavam sem terror ou animosidade, pois a prova disso é que êle, tôdas as noites, ia se encostar a qualquer um dêles, o que lhe era permitido por causa do aquecimento que provocava. No fim do quarto dia o coitado morreu, com pesar de todos nós.

Os brasileiros dizem que, embora o porco do mato, quando novo, seja amansado com esta facilidade, sua natureza selvagem permanece e desenvolve-se com o seu crescimento. Quando é capturado novo e consegue se criar, êle se afeiçoa a uma única pessoa — o seu dono ou tratador; no entanto, para as outras pessoas, êle continua selvagem como um tigre, atacando com inominável fúria em tôdas as ocasiões.

NOTA D

O Grupo, nesta ocasião, era composto de cêrca de sessenta homens de várias nacionalidades, na maioria brasileiros, incluindo-se, também, índios, suecos, dinamarqueses, alemães e franceses, e de uma flotilha de cêrca de vinte canoas, grandes e pequenas, das quais, mais tarde, não dependíamos nem um pouco, para nosso abastecimento diário. Para fins da exploração, esta mistura de homens e materiais foi dividida em três seções principais, isto é, o serviço de abastecimento, realizado principalmente pelo rio; de exploração, de levantamento de plantas e também a mudança e construção de acampamentos; e, por

fim, o serviço de escoteiro, em que estava incluído a caça de animais para a subsistência do grupo e a procura de índios. O serviço da floresta, que absorvia um pouco mais do que a metade da energia total do grupo, eu subdividi ainda mais, em turmas de oito homens e, vendo que me era impossível estar constantemente com tôdas as turmas, mandei que cada uma escolhesse um feitor dentro de seus membros, a quem os outros sete obedecessem de boa vontade.

O trabalho destas turmas era abrir picadas para a exploração, cuja direção a seguir era dada uma ou duas vêzes por dia, de acôrdo com as necessidades. Havia um pequeno acampamento entre elas, situado na margem do rio, perto das picadas em que êles trabalhavam diàriamente. Era empregada uma cánoa para manter um serviço constante de abastecimento entre os diversos acampamentos, com gêneros vindos do depósito mais próximo. A qualquer hora, um ou mais membros dessas turmas podia ser tirado para outro trabalho, sem prejuízo para a eficiência dos que permaneciam. Por meio dêste sistema de multiplicar o número de turmas, e fazendo com que cada uma trabalhasse independentemente das outras, ou sòzinha, podia fazer o trabalho de exploração com rapidez e economia de homens e material, enquanto ao mesmo tempo a fonte principal de perigo, isto é, aquela que sempre resulta das tramas dos camaradas contra o patrão, ficou mais controlada.

NOTA E

As tabelas *A* e *B* são tiradas das observações feitas pelo Sr. W. Braund, colonizador na província: o termômetro ficava suspenso numa cabana de toras, e abrigado do sol, mas com a circulação do ar livre em derredor. As tabelas C 1 e C 2 são deduzidas da mesma série de observações feitas antes, e por outras pessoas sob a sua direção, durante o ano de 1873. As observações foram feitas três vêzes por dia e, durante uma grande parte do ano, quatro vêzes por dia, isto é, às 4 horas da manhã (quando o frio é habitualmente mais intenso); às 7 horas da manhã; ao meio-dia e, finalmente, às 3 horas da tarde, no verão, ou às duas da tarde, no inverno, horas essas em que a temperatura atingia, habitualmente, o máximo. O termômetro ficava suspenso num rancho de bambu ou de fôlhas de palmeiras, com ventilação livre, protegido dos raios solares.

Os registros das observações diárias que foram, sem dúvida, feitos por Mr. Braund, não estão em poder do autor. Para comparação, a tabela C 1, das observações das florestas, foi feita da mesma maneira que as de "A" e "B", que contêm as observações das campinas.

A tabela B contém um êrro claro, referente à temperatura máxima registrada no mês de abril. Comparando-se, entretanto, os resultados das tabelas A e C 1, nota-se um fato que se sobressai, isto é, que os graus extremos de temperatura, experimentados nos campos abertos elevados, são muito mais altos do que os que ocorrem em períodos de tempo iguais na região da floresta, sendo a proporção de 47.32 a 37.25.

Na tabela C 2, coluna 4, ver-se-á que a temperatura média diúrna, durante o ano, na floresta, nunca era menos de 18.6 Fahr., e que, num mês sêco (novembro), subia a 27º Fahr.; numa ocasião houve uma queda de temperatura, em vinte equatro horas, de nada menos de 42º Fahr. Essas grandes variações de temperatura são mais notadas pelo fato de não serem acompanhadas pelo mais ligeiro distúrbio atmosférico. Elas são quase tão sòmente devido à radiação, sendo as variações, maiores com o céu límpido e uma atmosfera calma e sêca. As causas destas grandes variações diúrnas de temperatura são perfeitamente compreensíveis, e são devido, principalmente, à latitude; entretanto, a altitude, os característicos gerais e a configuração da região têm também influência considerável. Os efeitos, a não ser sôbre o confôrto pessoal do viajante, que fica a noite sem encontrar um abrigo ou um telheiro, são benéficos. Devido ao comprimento das noites, mesmo nos meses de verão, a radiação do calor continua invariável por um período de tempo muito mais longo do que acontece nos meses de verão em latitudes mais temperadas. Estando o ar parado à noite, forma-se, por isso, densos nevoeiros gotejantes, que permanecem até de manhã, quando a redução da temperatura foi bem acentuada. Êstes nevoeiros têm a tendência de ficar em suspensão sôbre o nível da água dos rios e riachos na estação sêca, o que é muito importante para os colonizadores, e mais especialmente para a conservação das pastagens dos grandes campos que, não fôra isso, ficariam completamente ressequidas nos meses secos, causando a destruição de dezenas de milhares de cabeças de gado, cavalos e burros, que formam agora a riqueza principal dos colonizadores dêstes distritos.

A temperatura média anual no campo, nas vizinhanças de Curitiba, é de cêrca de 64º Fahr., e a do Alto Ivaí, de cêrca de 68º, correspondendo, assim, a diferença entre 1º (grau) do que devia ser, teòricamente, segundo a diferença de altitude e latitude dos dois distritos. Parece, pois, pelas tabelas dadas, que a influência da floresta é pràticamente nula para determinar a temperatura média anual de uma região, mas que é muito potente para limitar-se a extensão das variações de temperatura diurna.

NOTA F1

Colônias Estaduais e Colônias Particulares

Há, no Brasil, duas classes de colônia, isto é, as colônias estaduais, como a de Assungui, e as colônias particulares, ou seja — colônias dirigidas particularmente por indivíduos ou companhias, geralmente para especulação.

Tenho, diante de mim, ao escrever êste trecho, o "prospecto" de uma destas últimas, intitulada, "A colônia de Kitolândia". Estando bem familiarizado com a região em que está situada a Kitolândia, que, de fato, ocupa uma porção das terras de prados da província do Paraná, tomarei esta para exemplificar uma colônia particular, ou melhor, para mostrar os meios pelos quais são fundadas tais colônias.

O prospecto de "Kitolândia" é acompanhado de um mapa explicativo da província, destinado a mostrar as estradas, caminhos de bondes, estradas de ferro já construídas e em projeto, além das cidades e dos rios principais da região e das terras vizinhas às cedidas para colonização.

Êste mapa é feito com o propósito de enganar o emigrante.

1) Não se faz distinção entre a grande estrada de carruagens que passa pela Serra do Mar, de Antonina para Curitiba, e os horríveis caminhos de burros, muitas vêzes intransitáveis, que são quase os únicos meios de comunicação existentes em tôdas as outras partes da província. Ambos estão representados no mapa por uma larga linha vermelha que, na referência feita sob o título de "Explicações", significa "Estrada". Certa porção de província parece, assim, possuir uma rêde de estradas num total de mais de mil milhas, sendo que, de fato, a única estrada pròpriamente dita, em existência na província, tem a extensão de um pouco menos de um décimo desta quantidade.

2) Está representada uma estrada de ferro que liga Paranaguá a Curitiba. Não há tal estrada.

3) Observe também, no mesmo mapa, uma linha cheia, verde, que vai de Curitiba ao centro da povoação proposta, com um percurso de cêrca de sessenta milhas, na escala. A referência, feita sob o título de "Explicações", informa ao emigrante crédulo e ingênuo que esta linha representa uma "linha de bondes a vapor". Não existe tal linha.

4) Finalmente, os nomes de aldeias insignificantes estão impressos no mesmo tipo que os usados para cidades importantes.

Emigrante! Vá para esta província se quiser, pois há, sem dúvida, uma bela região lá, para você, mas não se iluda. Você não encontrará estradas de ferro, bondes a vapor e nem via fluvial navegável até Curitiba (vide prospecto), e nem mesmo um trecho de estrada, em tôdas as 2 000 milhas quadradas de região que Mr. Kitto lhe cedeu.

O prospecto, você dirá, fala de "rios nobres", "extensos capinzais verdes e ondulantes" e "faixas de matas para a exploração de madeira, que fazem lembrar as partes mais favorecidas da Inglaterra". Sim, é verdade: você poderá ver tudo isso e muito mais ainda. Você poderá até dispor de uma parte de tudo aquilo, sob certas condições, se o quiser. Mas que fará quando estiver de posse de tudo isso?

Você não poderia pô-las no bôlso e trazê-las para a Inglaterra. Vendê-las, você não poderá, porque nada valem no mercado. Não poderá utilizá-las no local, antes de dispender grande quantidade de trabalho e tempo com elas (vide Vol. 1, Parte I, capítulo 9). Enquanto isso, você passa fome.

Mas você dirá: "é garantido um aumento constante de população; minha propriedade terá o valor dobrado dentro de quatro anos". Lavrador, os seus conhecimentos de agricultura não são suficientes para lhe mostrar onde estão garantidos 25% por ano e onde a garantia é real, mesmo que tais benfeitores raros da humanidade, como os agentes especuladores da emigração, não ofereceriam para você. Nem mesmo a atração de ter a opção da venda do seu produto (quando, por fim, o capim ondulante se transformar num milharal ondulante) no Rio de Janeiro, onde a procura é grande, ou na Inglaterra, que é apenas uma insignificância na extensão de 5 000 milhas ou "em qualquer outra parte" do mundo que você "repute como melhor" (não se incluindo as regiões da África Central ou o Pólo Norte) o persuade ligeiramente a abandonar a sua casa coberta de palha na Inglaterra e seu salário humilde mas certo de dez ou doze shillings por semana.

A falsa informação, quanto à navegabilidade dos rios Iguaçu e Barriguí, que se encontra no mesmo prospecto, já foi apontada (vide Capítulo I, Parte III).

E' verdade que, para todos os organizadores de novas companhias, concede-se sempre uma certa margem limitada de exagêro; mas não a tal ponto de truncar a informação tornando-a embuste. Induzir pessoas por tais processos é o mesmo que traficar com carne humana. Os indivíduos que assim procedem devem ser responsabilizados pelas conseqüências daí advindas. E' em virtude disso que o renome do Brasil, como país próprio para a imigração, é arrastado na lama.

Há uma maneira muito clara e simples que, se fôsse usada contra os agentes de emigração, seria mais eficiente, para cortar o mal pela raiz, do que a mais intensa propaganda. Não se devia permitir, a nenhum agente de emigração, atrair trabalhadores ignorantes do seu próprio país para povoações estrangeiras, sem dar uma garantia qualquer de arranjar para cada homem trabalho adequado, com salários razoáveis por um período de, pelo menos, um ano, a contar do dia da sua chegada à colônia. Não interessaria mais aos agentes de emigração importar homens incompetentes, a quem êles teriam de dar empregos, pela captação ou outra concessão. Nunca mais os homens ficariam decepcionados e desmoralizados e, por fim, arruinados pela falta de recursos ao desembarcarem. O escândalo que o Brasil promove atualmente, com respeito à colonização inglêsa, se não fôr de todo sanado, diminuí-la-á, pelo menos consideràvelmente, e em pouco tempo aprenderemos a dar ao país nem mais nem menos que o seu verdadeiro valor. No momento, apenas tenho a dizer, ao candidato a emigrante, que a filantropia e a especulação não podem, dada a natureza das coisas, coexistir em um mesmo esquema governado por uma única mentalidade.

NOTA F2

Colonização da Kitolândia

(Trecho copiado de um prospecto)

"O rio Baruguy (Barrigui) corre perto da estrada macadamizada de Curitiba, através de vales, até chegar a êste rio (Iguaçu), oferecendo assim uma comunicação direta e barata por via fluvial, entre a povoação e Curitiba (Capital da Província); o que é uma imensa vantagem, que está claramente visível, para o fim de transportar mercadorias, em geral, tais como pinho (madeira), trigo, milho, batatas, laticínios e outros produtos volumosos para os mercados mais remunerativos."

Ou os levantamentos exatos feitos por uma comissão de engenheiros inglêses, responsáveis e competentes, são sem nenhum valor, ou a assertiva acima e a dedução daí tirada são os mais notáveis exemplos de elasticidade de consciência, favorecida pelo gênio teórico, que se podia encontrar no curso de um longo dia de leitura. O grande caso é que a assertiva acima descrita é pura ficção, como já foi explicado no texto.

NOTA G

"Observações sôbre o presente sistema de catequisar os índios selvagens do Brasil e sôbre o seu trabalho, como foi exemplificado em duas de suas colônias, na Província do Paraná".

O número de índios que ainda vive em estado selvagem, no Brasil, tem sido calculado entre meio milhão e um milhão e meio. Os últimos cálculos são de um milhão, formando portanto quase um décimo do número total da população do império. Êsses índios, enquanto assim continuam sem receber ensinamentos, não ajudam em nada o Estado; ao contrário, são um positivo obstáculo, pois entravam a exploração e a colonização das zonas que habitam. Por outro lado, o Brasil está precisando de aumentar a sua população e está gastando grandes somas, anualmente, com a emigração de trabalhadores estrangeiros que, ao chegarem, mostram logo que não são lá grande coisa para o país.

Apreciando a riqueza que existe na população índia do interior, cujo valor, quando se pôde a ela chegar, foi inteiramente provado pelos jesuítas nos primeiros dias da colonização (vide Nota L), o Estado, seguindo o antigo sistema dos jesuítas, tem, vez por outra, quando se oferece uma oportunidade, fundado reduções ou colônias de índios, em vários pontos bem localizados em todo o interior do país.

Presentemente, há quase setenta destas colônias índias espalhadas nas diferentes províncias, estando cada uma sob a direção de um monge ou frade que é, geralmente, da ordem dos Capuchinhos. Na província do Paraná há duas dessas colônias dirigidas por Frades — uma em S. Jerônimo, com cêrca de 150 índios coroados, e outra em Jataí, com cêrca de 500 índios da mesma tribo. Além dessas, há duas colônias em Colônia Teresa, e em Santo Inácio, no Paranapanema, contando cêrca de quarenta almas cada uma. Tomemos a colônia maior para fazer uma consideração.

Esta colônia foi formada espontâneamente, no ano de 1850, pelos próprios índios que, cansados das guerras constantes com os brancos de um lado e os índios caioás do outro, apareceram um dia nas margens do rio, do lado oposto da aldeia brasileira de Jataí, e demonstraram, por meio de um intérprete, o desejo e a intenção de se estabelecerem pacificamente nas vizinhanças dos brancos. Estava aí, assim, uma boa oportunidade para dar aos índios, de tôda a extensa zona circunvizinha, a primeira fase de civilização e depois transformá-los, como o fizeram os jesuítas antigamente, em membros úteis da sociedade. Aproveitando a oportunidade, o govêrno mandou um enviado especial tomar conta da nova povoação índia, ensinar ao seu povo as artes mais comuns de civilização, como agricultura, construção e extinguir o abismo que se abre geralmente entre êles e os seus semelhantes, os brasileiros. Mas a que espécie de homem o govêrno confia esta importante tarefa? No mínimo, pensa-se que a escolha recairia sôbre uma pessoa que tivesse as qualidades necessárias para desempenhar tão dignificante empreendimento — ou o cuidado intenso do jesuíta, sem o seu egoísmo, ou a experiência e a largueza de espírito de um educado homem do mundo. Mas, não. A escolha recai sôbre um monge italiano, sem prática e inexperiente! Um homem cuja ignorância da língua do país, do próprio país, do povo com quem terá de lidar — índio ou brasileiro — e da sua educação, de fato o colocaria em último lugar para ocupar tal pôsto. Talvez haja uma vaga idéia, na mente do govêrno brasileiro, de que o fato de ser frade da religião estabelecida é uma prova suficiente de aptidões, neste caso. Se assim pensa, está muito enganado, como prova o estado atual das duas colônias de Jataí e São Jerônimo.

No caso de Jataí, que fêz o frade diretor nos doze anos mais ou menos, durante os quais a colônia índia estêve sob o seu govêrno? Posso falar, não por uma visita feita apressadamente à colônia, mas pelos conhecimentos que adquiri com a estada de um mês no local. Durante êsse tempo eu estava diàriamente, em verdade quase a todo momento, em contato com os índios, além de ter muitas oportunidades de conversar sôbre o assunto com os colonos brasileiros mais inteligentes.

Começemos pelos índios adultos. Entre as mulheres, não havia uma só que entendesse doze palavras de português, mas entre os homens, alguns compreen-

diam algumas palavras do que você falasse com êles mais nada sabiam responder em português, a não ser por meio de monossílabos. Quanto às crianças, essas pareciam não ter nascido à luz da civilização; verifiquei que entendiam menos a língua do país do que seus pais. Nenhuma das que vi sabia falar uma palavra de português ou mesmo compreender quando ouviam-na. Bem, que significaria isso? Ora, simplesmente que o objetivo principal do govêrno havia falhado. A barreira intransponível da ignorância mútua das línguas ainda permanecia com tôda a sua fôrça e, daí, como era de se esperar, não se observava o menor sinal ou sintoma de uma amalgamação futura dos dois povos. Os índios ainda eram um povo tão distinto e separado, quanto no dia em que se estabeleceram, pela primeira vez, na colônia, quinze anos antes. Seus vizinhos brasileiros apenas permitiam a sua presença na vizinhança, mas nenhum sonhava de se associar com êles, nem mesmo de empregá-los como trabalhadores em qualquer espécie de serviço. Assim, o próprio ABC da catequese índia havia sido vergonhosamente desprezado; pois a história e a experiência mostram que, quando uma raça civilizada entra em contato com uma raça selvagem, a última ou aprende a língua daquela ou aceita a morte inevitável.

No que se refere às artes da civilização e da religião esclarecida, êsses índios, apesar da sua suposta aprendizagem sob a direção do frade, e das elevadas somas em dinheiro destinadas, pelo govêrno, a seu aperfeiçoamento, não foram além do conhecimento prático do seu irmão selvagem, que havíamos anteriormente encontrado no baixo Ivaí. Construíam e habitavam a mesma espécie de rancho. Só usavam roupa quando andavam em partes da povoação onde viviam os brasileiros. A poligamia era ainda permitida e as doutrinas do Cristianismo eram completamente desconhecidas para êles. Em suma, ainda eram, sob todos os pontos de vista, membros inúteis do Estado, ao qual êles haviam se oferecido voluntàriamente. Compare-se isto com a fase avançada de civilização, em que os mesmos índios foram catequizados sob a direção enérgica e consciente dos jesuítas! Quem terá dúvida quanto ao ponto onde reside o êrro?

E' difícil, sob tôdas as circunstâncias, duvidar que a voz do povo é certa, quando acusou o diretor de pelo menos uma das colônias do Paraná, não só de indolência e de inteira incompetência, mas também de reverter o dinheiro público, destinado ao progresso e ao aperfeiçoamento dêstes pobres índios, em seu próprio benefício.

A colônia de S. Jerônimo não possui um nível de cultura mais elevado do que a de Jataí. Ambas são governadas por monges capuchinhos! Esperamos que essas duas colônias e seus governadores não sejam cópias das sessenta reduções curiosas estabelecidas nas outras partes diferentes do interior do Império.

NOTA H

Luco, o Caioá

Em junho de 1873, logo depois de ter sido construído o acampamento do Areranha, nos assustamos com o aparecimento inesperado de seis índios seminus e meio famintos — três homens e três mulheres — em nosso meio. Os homens eram evidentemente índios de alguma tribo desconhecida para nós. Soubemos que eram caioás, de cuja tribo muitas famílias ainda habitam as margens do rio Tibagi. Entre as mulheres, só uma parecia ser índia pura, enquanto as outras tinham muito pouca diferença do tipo comum da cabocla brasileira; eram de fato caboclas, mas paraguaias, e só compreendiam o espanhol e a língua caioá. Todos os três homens entendiam português. Ao serem interrogados, responderam que eram naturais de Jataí (colônia no baixo Tibagi); que, ouvindo falar sôbre a nossa expedição, sabendo que precisávamos de empregados, e sobretudo que pagávamos bem, pegaram uma canoa, embarcaram com suas espôsas e vieram nos ver no Ivaí. Êles haviam levado quatro meses na viagem de Jataí, devido, principalmente, à série de cataratas que encontraram no Ivaí. Perderam o cachorro, morto por um jaguar dois meses antes; o material de bôca e a pólvora há muito haviam acabado; durante semanas, alimentaram-se apenas de frutas, peixe e aves que conseguiram matar com o arco e as flechas que êles mesmos fizeram. Ao chegarem ao Salto d'Areranha, ficaram a princípio desanimados com a magnitude do obstáculo que tinham pela frente; mas, vendo algumas canoas nossas que estavam amarradas um pouco abaixo do salto, aproximaram-se cautelosamente para fazer um reconhecimento, temendo cair numa armadilha dos índios coroados. Descobriram por fim sinais de botinas ferradas no chão, e verificaram então que, finalmente haviam descoberto a Expedição. Deixando a canoa, que era muito grande e pesada, na parte de baixo do salto, seguiram a picada que fizemos e vieram sair no acampamento, onde agora se encontravam.

Foi isto o que êles contaram e, nem na ocasião nem durante alguns meses depois, tivemos motivo para suspeitar que houvesse qualquer coisa escondida atrás dessa história. Empregamos os homens imediatamente e os achamos bons trabalhadores. O chefe entre os três, chamado Luco, era um sertanejo, caçador completo, tanto assim que eu usualmente o levava nas excursões que fazia pela floresta, quer simplesmente caçando, quer explorando, de preferência a todos os outros. Alguns meses mais tarde, outros homens de Jataí juntaram-se à expedição. Êles reconheceram imediatamente Luco, como o homem que havia cometido um crime horrível na pessoa de um índio, num requinte de enorme perversidade, que os homens contaram pormenorizadamente. O mais forte acusador de Luco era um brasileiro, chamado Moneca (capanga), que jurou matar Luco, como vingança. Os homens se separaram, porque foram destacados para trabalhar em partes diferentes do serviço fluvial. Teríamos tido muito o que fazer, se tivéssemos nos arvorado em juízes dos antecedentes de cada um de nossos camaradas; portanto, não pensamos mais no assunto. Logo depois, Luco desapareceu repentinamente; e, por algum tempo, pensou-se que alguma coisa grave lhe houvesse acontecido. Descobrimos, entretanto, que sua espôsa havia desaparecido quase simultâneamente de Colônia Teresa. Os dois haviam ido embora juntos e nunca mais ouvimos falar de nenhum dêles. Assim, Luco, o caioá, o herói dêsses capítulos, desapareceu da cena, tão repentina e inesperadamente como havia aparecido.

NOTA K

Sôbre a teoria da formação de campos no meio da floresta

(Extraído do "diário" lido no "Royal Geographical Society", em 12 de junho de 1876)

A uma pequena distância de povoação de Alambari, chega-se à base de Apucarana e da Serra dos Agudos; mais ou menos na metade do caminho de Alambari para São Jerônimo, a estrada atravessa a serra numa elevação de 3 400 pés acima do nível do mar e logo depois sai num descampado que não tem vegetação, em plena floresta luxuriante. Um descampado semelhante, chamado o campo de Inhohó, aparece um pouco mais para perto do rio.

Êstes pequenos descampados sem mato, ou campos, parecem uma nota dissonante no ambiente, não só pela sua esterilidade, mas também pela configuração do seu solo. Pois, enquanto nas florestas que os cercam, seria difícil encontrar-se um terreno plano de cinco jardas quadradas, nêles encontra-se muitas milhas quadradas de uma planície quase perfeita; e tão planos são, em verdade, êstes campos, que uma grande porção de sua extensão está permanentemente coberta de brejos.

A observação dos fatos seguintes parece fornecer a chave de origem.

As serras dos Agudos e Apucarana são de origem vulcânica. Grandes massas de rochas vulcânicas, consistindo principalmente em pórfiros, se elevaram, abriram caminho através das camadas superficiais de pedra arenosa e de outras formações, e causaram uma vitrificação da última em tôdas as superfícies de contato.

Depois desta elevação eruptiva (que deve ter atuado com fôrças quase iguais em áreas grandes), entrou em cena a denudação, esculpindo as encostas íngremes e os vales profundos e ravinas, das quais a floresta agora se apoderou, deixando expostas, em tais lugares, à ação desintegradora das influências atmosféricas, as rochas vulcânicas alta-

mente fertilizantes; mas, por outro lado, tôdas as partes onde a dureza da camada, auxiliada pela ausência de declive no seu leito, sôbre qualquer área considerável, resistia a êstes agentes de denudação, tiveram suas extensões planas cobertas apenas pela sua dura casca protetora.

O mais importante é que êsses "campos" apresentam (abaixo de uma pequena profundidade do sobresolo) uma superfície mais ou menos lisa, de pedra arenosa vitrificada; e, em um ou dois casos em que, perto de suas fronteiras, pequenos riachos têm, no decorrer dos anos, aberto caminho através desta camada superior, vê-se que a rocha ígnea fica logo abaixo, como deve lògicamente ser, se fôr correta a explicação que vai acima. O aparecimento do capim duro da planície, em lugar da floresta luxuriante, é também uma conseqüência indiscutível desta teoria de sua formação. Assim fica explicado todo o fenômeno sem nenhuma dificuldade.

NOTA L

Os Jesuítas no Paranapanema — Sua ascenção e decadência

A história da sorte desta classe enérgica de "religiosos" no rio Paranapanema é poderosa e dramática. O período de tempo, no qual esta história se desenvolve, é muito curto, sendo ao todo compreendido entre os anos 1609 e 1631. Todavia, nestes vinte e dois anos, êles haviam fundado e perdido um pequeno Império.

Em 1609 fundaram aqui a sua primeira povoação índia, ou redução, na foz do rio Pirapó, tributário do Paranapanema (vide o mapa). Outras reduções logo se seguiram, até que, em menos de vinte anos, a grande maioria dos índios selvagens, que antes vagueavam nas duas margens do Paranapanema, sem residência fixa, foram apanhados e civilizados sob o regime dos jesuítas. Em duas das reduções principais, chamadas Loreto e Santo Inácio, seu sucesso havia sido tão grande, que foram construídas cidades grandes, com ruas regularmente traçadas, casas, escolas e igrejas resistentes, feitas de adôbe. As doutrinas do Cristianismo foram cuidadosamente transmitidas aos índios, enquanto ao mesmo tempo as artes da civilização foram ensinadas com assiduidade semelhante. A agricultura e a cultura das terras foram feitas em grande escala, de modo a dar, a cada povoação, vida própria. Em suma, o problema da civilização e da utilização do selvagem foi completamente resolvido.

De longe, olhos invejosos acompanhavam a ascensão e o rápido progresso do belo trabalho. Nesta ocasião existia, na região de planícies que circunda a atual cidade de São Paulo, uma raça de mestiços robustos — mamelucos — nascidos da união dos colonizadores portuguêses primitivos com as mulheres índias. Fìsicamente, êstes mamelucos ou paulistas eram uma raça muito boa, reunindo em suas pessoas os predicados mais fortes das duas raças; moralmente, a mistura dos dois sangues havia produzido uma natureza selvagem e sanguinária como a de um tigre, e mais cruel do que a de um canibal.

Assim como o burro odeia e despreza o seu pai, o asno, assim fazia o paulista: odiava e desprezava a sua raça mãe inferior. De mão dada com a sua avidez de possuir escravos, o seu ódio aos parentes bugres continuou insaciável e desnatural; daí ser a caça dêstes últimos, para torná-los escravos, coisa que lhes dava prazer; e foi também por isso que os jesuítas, que sempre tudo fizeram para impedir a prática da escravatura dos índios, caíram no seu desagrado.

As novas reduções, habitadas por índios pacíficos sob o govêrno dos diretores jesuítas, ofereceram uma isca tentadora ao paulista para satisfazer a sua cobiça e saciar o seu despeito. Foi-lhe irresistível, e no ano de 1623 fêz a sua primeira investida sôbre êles, destruindo muitas das reduções menores e passando pela espada ou levando ao cativeiro perpétuo os seus habitantes. Mais duas vêzes, no ano seguinte, os paulistas, mais ousados pela impunidade e estimulados pelo bom sucesso, fizeram outros ataques sôbre as indefesas reduções que os jesuítas haviam estabelecido com tanto trabalho. Na última dessas ocasiões, as duas maiores reduções, Loreto e Santo Inácio, já mencionadas, foram atacadas e completamente destruídos. Foi êsse o golpe de morte dado ao regime jesuíta nesta parte do país.

A extensão da destruição, feita pelos paulistas nestes dois anos, pode ser verificada pelo fato de que, de uma população total de 100 000 índios apanhados nessas reduções, apenas 12 000 sobreviveram (Charlevoix).

Outra nota mostra como são indignos os sucessores dos jesuítas no trabalho de catequese dos índios.

NOTA M

Sistema Monetário do Brasil

(1)

Unidade de valor — *real* (plural réis), que se escreve: 0$001

O vintém (moeda de cobre) ..	20 réis — 0$020
O "dump" (moeda de cobre) ..	40 réis — 0$040
O tostão (moeda de níquel) ..	100 réis — 0$100
Dois tostões (moeda de níquel)	200 réis — 0$200
A pataca (não existente)	320 réis — 0$320
O cruzado (não existente)	400 réis — 0$400
(Moeda de papel)	500 réis — 0$500
O patacão (não existente)	960 réis — 0$960
O mil-réis (nota de papel)	1 000 réis — 1$000

Acima do *mil-réis*, que, ao par, é igual a 27 *pence*, existem outras notas de valores crescentes, de 2, 5, 10, 20, 25, etc., até o máximo de 500$000. O *conto* (imaginário) compreende mil *mil-réis*, e é escrito: 1:000$000 ou: 1:000$.

A tábua acima é suficientemente completa para todos os propósitos ordinários do viajante.

(2)

Medidas comuns de extensão, com suas equivalentes medidas inglêsas

	pés	polegadas
Palmo	0	8.66
Vara = 5 palmos	3	7 3
Braça = 2 varas	7	2.6
	Milhas	Jardas
Légua (usual) = 3 000 braças	4	178

NOTA N

O grande sistema fluvial navegável do Sul do Brasil

O sistema fluvial referido no texto inclui partes dos seguintes rios: Tibagi, Paranapanema, Tietê, Paraná, Ivaí, Ivinheima e Brilhante. Das 1290 milhas dadas como navegáveis, 510 podem ser utilizadas imediatamente, para navegação contínua, por vapores de pequeno calado (3 pés); por um preço relativamente razoável, poder-se-ia colocar as 780 milhas restantes em condições de navegabilidade, estabelecendo assim uma via fluvial de 1290 milhas de extensão. Mesmo com as obstruções atuais, que existem nestas últimas 780 milhas, canoas de uma e duas toneladas de capacidade podem passar, durante a maior parte das estações do ano.

Presentemente, enquanto nada menos de cinco esquemas estão diante do Govêrno para a construção de uma estrada-de-ferro transcontinental, deve ser lembrada a existência dêste grande sistema fluvial no interior do país, e tal fato precisa ser devidamente levado em consideração, apesar dos méritos relativos dêsses cinco esquemas rivais.

Como eu suponho que esta questão da escolha de um itinerário para a estrada de ferro transbrasileira pode ser de interêsse para os inúmeros leitores dês-

te livro, dou aqui um quadro sinótico, mostrando ligeiramente os pontos mais salientes do mérito ou demérito de cada um dos esquemas, quando comparados severa e coletivamente.

Os números 4 e 5 são os dois únicos que abrem e utilizam o grande sistema fluvial interior do Paraná e seus tributários. O número 4 é, entretanto, apenas uma modificação dispendiosa do número 5, e não precisa ser sèriamente considerado. O número 1 possui a grande vantagem de não oferecer redução de calado em todo o seu longo percurso de 1851 quilômetros, entre Miranda e a capital. Afora as questões de despesas ou de lucro comercial, esta seria, sem dúvida, a melhor linha transbrasileira que se podia construir.

De um modo geral, entretanto, penso que apenas algumas pessoas imparciais, capazes de formar uma opinião sôbre o assunto, duvidarão que o saldo de vantagens fique a favor do itinerário número 5, a menos que a linha seja de fato necessária para fins estratégicos apenas, sem referência ao seu valor como grande fator de lucro comercial e prosperidade interna do país.

QUADRO SINÓTICO

das estradas-de-ferro transbrasileiras propostas, com o custo relativo, comprimento, etc.

	Designações	Estradas de ferro já abertas e km.	Estrada de ferro proposta em km.	Cálculo de custo da const. de estradas de ferro adicionais.	Caminho fluvial proposto, em km.	Cálculo do custo de trabalhos no caminho fluvial.	Horas de viagem.	Comprimento total da linha em km.	Número de lugares de pouco calado	Custo total estimado para a construção daquela estrada de ferro já aberta.	Custos comp. da manut., fora os trechos em func.
1)	Miranda-Rio de Janeiro via Rio Grande	226	1,625	£ 18,044,016	—	—	61h42m	1,851	—	£ 18,044,016	1.000
2)	Miranda-Rio de Janeiro via Rio Claro e São Paulo	355	1,452	£ 16,123,023	—	—	75h15m	1,807	3	£ 16,123,023	894
3)	Miranda-Santos via Rio Claro e São Paulo	191	1,200	£ 13,324,812	—	—	51h22m	1,391	1	£ 13,324,812	738
4)	Miranda-Rio de Janeiro via São Paulo e Curitiba	356	1,405	£ 15,601,134	733	455,913	122h34m	2,494	3	£ 16,057,046	890
5)	Miranda-Antonina via Rio Ivaí e Curitiba	—	932	£ 10,351,480	733	455,913	89h56m	1,665	2	£ 10,807,393	599

Por qualquer das duas últimas rotas (4 e 5), o grande sistema fluvial navegável do Paraná e seus tributários, seria pôsto em comunicação direta com a costa marítima.

O quadro acima foi compilado pelo autor, no ano de 1875, de documentos então existentes. Desde então, fizeram-se acréscimos dos comprimentos das linhas abertas, como mostra a primeira coluna, os quais afetarão ligeiramente as outras proporções.

EXPLICAÇÃO DO QUADRO ANTERIOR

1) A coluna horária é calculada à razão de trinta quilômetros por hora, para transporte fluvial, acrescentando-se cinco horas para cada trecho razo.

2) As estimativas do custo da construção estão baseadas na mesma escala que aquelas já submetidas à apreciação do govêrno brasileiro pelos concessionários do esquema número 5 do quadro, estando na razão de 111:040$100 por quilômetro de estrada de ferro e 6:210$384 por quilômetro de seção de rio; o valor do mil-réis, por facilidade, foi tomado com dois shinllings ou três pence abaixo do par.

3) As proporções na última coluna foram deduzidas, supondo-se o custo de manutenção estar em proporção direta ao custo da construção em cada caso.

FIM

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

Capítulo I

O HOMEM QUE IA MORRER

Tendo a manhã se apresentado a mais linda, talavez, daquele suave mês de maio, Aline Innesmore passeava com seu passinho ágil e gracioso por Mayfair Row. Um dia que devia marcar uma data tão funesta em sua vida, parecia-lhe — entretanto — começar sob os auspicios mais favoraveis: naquela mesma noite, entre dez e onze horas, sua grande amiga, Lady Julia Rossway, com quem se encontrava em Frant House, devia apresentá-la à côrte.

Mayfair Row é um quarteirão formado por antigas residências, com aspecto austero e solitário. Suas casas de porteiros, seu chão de granito branco, seus grandes anéis de ferro, selados aos muros, e onde outrora eram amarrados os cavalos, tudo ali recorda um tempo em que os grandes senhores e as nobres damas, cujas altivas residências ainda dominam o "square" e adjacências, mandavam parar suas carruagens em algum trecho desse aprazivel recanto. Cocheiras e patéos tinham sido transformados em garages. Por trás de seus tijolos enegrecidos e sua pintura gretada, Mayfair Row parece meditar sôbre seu passado esplendor.

Se pudessemos adivinhar o futuro imediato, seriamos como um mago prodigioso, sentindo a passagem da morte sôbre os velhos páteos e soltando gritos de horror diante da casa da porta amarela. Essas imaginações porem terminam logo após os vinte e três anos e por isso mesmo o único instante futuro que preocupava Miss Innesmore se limitava entre seu vestido, o penteado e o cerimonial um tanto assustador que a aguardava junto do trono de SS. MM. Britânicas.

Os velhos páteos não lhe inspiravam qualquer repulsa. Sua visinhança realça para ela os esplendores de Frant House. O encanto que o envolvia, o sentimento de respeito deslumbrado que a invadia nesse local faustoso, seu passeio quotidiano em Mayfair Row, persistiam nela até mesmo nesse instante em que os táxis ruidosos passavam vertiginosamente sôbre o asfalto luzidio e a chamavam à realidade da hora atual, da Londres moderna, da sua casa em Nova York, muito mais moderna...

Nenhuma preciência do drama próximo a fêz apressar o passo, no instante em que atingiu a altura da casa em que residia Barrasford Swete. Ao contrário, quando um mordomo surgiu para informar que "O Sr. Swete tinha necessidade de lhe falar, ela o seguiu sem hesitar.

A casa da porta amarela se orgulhava de uma fachada cujos tijolos côr de ocre e amavel simplicidade indicavam a época da rainha Ana. A direita e à esquerda da porta, de onde uma escada comprida conduzia ao apartamento, janelas ornamentais, gradeadas de ferro forjado, substituiam o que fôra outróra as entradas das carruagens.

A casa constituia, em sua origem, uma parte das vastas cocheiras de Frant House. Ao findar o século XVIII, o conde Frant, homem amante dos esportes e alegre companheiro do príncipe regente, havia sacrificado, além do páteo interno, a maior das cocheiras, a fim de construir, por trás de Frant House, um verdadeiro campo de tênis (que então tinha outro nome: "jôgo de palma"). Cem anos mais tarde, o conde de então, atacando outra parte das cocheiras, construira a casa da porta amarela, para servir de residência de solteiro do seu filho herdeiro Lord Ivinghoe.

Da família Frant ninguém mais resta, hoje. Lord Ivinghoe, Eric Ivinghoe como era chamado, morrera muito moço no correr de um combate, na Índia, antes de haver ascendido ao título de conde. E o último herdeiro do título caíra por sua vez, em 1914, sob a bala de um fusil alemão, numa trincheira das Flandres, na estrada de Menin. Apesar de tudo, foi a guerra que salvou da demolição a velha residência familial. Isto porque a crise universal, criando ao mesmo tempo grandes fortunas na indústria inglêsa, permitiu ao marido de Lady Julia, sir Rossway, *baronnete* superintendente geral da Sociedade Rossway Ltda. fabricante de lingotes de aço, comprar Frant House e alugar, em seguida, a Barrasford Swete o antigo apartamento de lord Ivinghoe.

Celibatario e ligado por estreita amisade à família, Swete representava o locatário ideal. Na residência dos Rossway, que o chamavam intimamente de Barry, contava com verdadeiros amigos. Aline

sabia a respeito dêle muitas coisas, por intermédio dos mais jóvens membros da família, tais como Rodney, o segundo filho, e Geraldina, *Gerry*, como a chamavam na intimidade, casada com o filho mais velho, Sholto, proprietário de um domínio no Kenya, na África oriental. Aline, imediatamente, havia simpatisado com Swete. O fato dêle haver vivido vários anos na América do Norte criava, de início, um élo entre ambos. Fôra nos Estados Unidos, também, que o encontrára sir Charles. Descobrindo nele um excelente conselheiro em matéria de arte, convidára-o para visitar Frant House e ajudar nos arranjos dos quadros e do mobiliário.



Que aparência pode ter um homem marcado por uma morte proxima e violenta? Mais tarde, Aline Innesmore procurava, em vão, em sua memória, o *sinal* que tivesse podido ler em sua fisionomia; *a sombra* que tivesse surgido no rosto sedutor de Swete. Mergulhado em sua poltrona, com um dos pés metido numa pantufa e pousado sôbre uma cadeira, os jarnais da manhã espalhados por todos os lados, êle vestia um *robe de chambre* de sêda azul escuro, tão sobrio como o menor dos objétos que formavam seu ambiente.

Nenhum pressentimento do seu destino no sorriso com que recebeu a jóvem norte-americana; nenhum indício do drama em gestação no aspécto risonho do *living-room;* nada que dissoasse a alegria de viver, proclamada esplêndidamente pelas duas rosas magníficas na pequena jarra, sôbre a mesa de trabalho, e a luz dourada e cálida, que entrava largamente pelas janelas.

Aline adorava êsse *living*. Tudo ali respirava personalidade. As paredes, pintadas num tom creme, ornadas com *lambris* de carvalho claro, até meia altura, eram agradáveis de olhar. Realçavam admiràvelmente o mobiliário no velho estílo espanhol, enegrecido pela idade e que se compunha de poucas peças, mas de uma estrutura perfeita, com o precioso Goya tudo dominando. Nada de pinturas murais. Um tapete "chamois", de côr lisa, o mesmo em que, sôbre a macia espessura, a grande mancha enegrecida, no correr da noite, se estenderia mais e mais...



—Entre ! — gritou Swete, gesticulando com o charuto, ao ver Aline parar junto da porta, a silhueta elegante bem ajustada num lindo *tailleur* prêto. Parecia encantado com a presença da norteamericana e não escondia essa satisfação, pois tinha êsse dom social de dar aos seus amigos a imperssão de ser, cada um dêles, muito bemvindo.

Levantára-se, caminhando ao encontro da visitante, arrastando ligeiramente uma perna.

— Está ferido? — perguntou ela.

Ao falar, procurava descobrir qualquer coisa na perna ou no pé de Swete.

— Coisa atoa... Esta manhã, distendi um musculo ao fazer ginástica. Tive que voltar do ginásio em "táxi". E o especialista me condenou a ficar com a perna estirada um dia ou dois. Isto significa que não poderei vê-la, esta noite, antes de seguir para a côrte.

— "Assim era Barry..." — pensou ela com gratidão.

Ela o conhecia bem; jámais ficava em casa, procurando sempre sair, atraído por inúmeras curiosidades artísticas. Aquela *prisão forçada*, e numa bela manhã como aquela, tinha que ser um martírio para êle. E, apesar disso, sua preocupação primeira era para ela!

— Oh, que pena! — exclamou ela — Meu vestido é um sonho!

— Mandou fazer em Paris, não é verdade?

— Sim...

— Quando você voltou?

— Ontem, a tarde. Estive ausente poucos dias...

— E como achou Paris?

— Maravilhoso! Disse a Gerry que ela tinha sido louca, desistindo de ir à última hora.

— Gerry é uma verdadeira londrina! Tem horror a deixar Londres. Sholto também, apesar de sua autoridade de marido, não pôde prender Gerry mais de oito meses no Kenya.

Ao falar estendeu um braço e ofereceu uma cadeira.

— Você vai sentar e me conceder cinco minutos... Queria dizer...

Um ruido mecânico e resfolegante entrava pelas janelas. O velho relógio do "court" de tênis, único sobrevivente da grande remodelação, preludiava sua intenção de bater as horas. Um sinosinho de pouca vibração começou a contá-las...

— Meio dia... Hora de tomar um refresco... Aceita gin com tônica, não é mesmo?

E chamou:

—Roberts!

— Não! Não desejo nada. — Disse Aline com voz firme.

— Por que tolinha? Não pode fazer mal..

Sorria para ela, com seu bom humor tão espontâneo, tão fácil.

— *"Um homem terrivelmente sedutor"* — tinha ela decidido, desde o seu primeiro encontro. Não que fôsse belo. Alem de traços irregulares tinha nariz um pouco longo, bôca um pouco pequena para um homem; mas os lábios, admiràvelmente desenhados, tinham inflexões sedutoras; e os cabelos, ondulados e fartos, tinham o cinzento escuro do ferro. Não obstante os seus modos encantadores e calmos, Aline sentia nele uma dureza e inflexibilidade sugeridas suficientemente pelo frio do olhar, que lhe causava o efeito de uma lâmina bem temperada numa bainha de veludo.

Sabia, por êle mesmo, que tinha cinqüenta anos, embora jamais pudesse acreditar, tanto revelava fôrça e mocidade. Mas o que nêle encontrara no início do seu conhecimento de assustador, era um ar de desprendimento e de descuido, de não sei que, justificando uma série de conquistas quase sem esforços, e que ao mesmo tempo revelava úma juventude temível.

Consciente da atração que êle exercia sôbre as mulheres e singularmente sôbre o pessoal feminino de Frant House, começara por sentir diante dêle o bizarro temor de ser desdenhada, de não passar aos seus olhos de uma ingênua criatura de vinte e três anos, indigna de sua atenção. No entanto, com a sucessão de seus encontros, ele se mostrara compreensivo e de uma simpatia encantadora. Mais que qualquer outra pessoa em Frant House, êle se empenhava de aplainar tôdas as suas pequeninas dificuldades nesse pequeno mundo de Mayfair, que para ela se oferecia inteiramente novo e perturbador. Hoje tinha necessidade de lutar contra a sua sedução.

— Sinceramente — disse ela — preciso ter cautela... Como pareceria, aproximando-me de Suas Majestades precedida por um olor de *gin*? Acima de tudo, que diria lady Julia ao me ver titubear ao fazer a reverência diante do trono?

No entanto, o paravento chinês, próprio para esconder a escada que dava acesso à cozinha, afastara-se ligeiramente e o mordomo aparecera.

— Pode deixar, Roberts!

E despedindo-o com um gesto, Swete retomou sua palestra com Aline.

— Você há de ver esta noite lady Julia em todo o seu verdadeiro brilho A verdadeira grande dama! Como já nos restam poucas...

Aline abriu os olhos, extasiada.

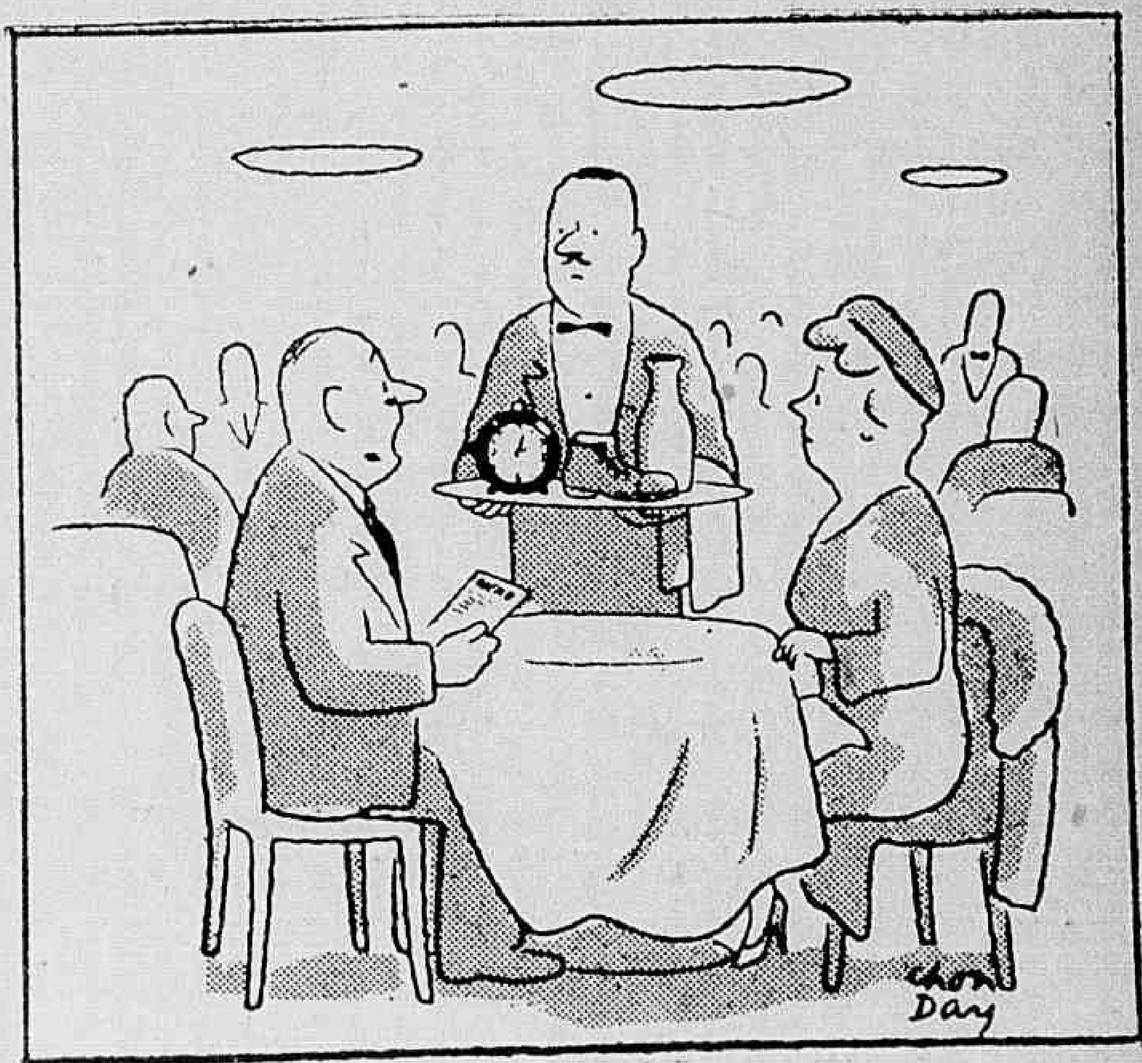
— Acho-a miraculosa. Ontem, ao ensaiar o vestido, parecia uma rainha. E como é atenciosa comigo! Se fôsse sua filha, creio que não se preocuparia mais do que tem feito, para que, esta noite, eu estivesse perfeita!

— Tem razão. Julia é mulher prodigiosa! Ninguém diria que tem um filho de vinte e seis anos.

— Sholto é tão idoso assim?

— Sim. Um ano mais idoso que seu irmão... Rodney tem vinte e cinco. A propósito: Gerry tem recebido notícias de Sholto?

— Não, que eu saiba, desde que êle desembarcou em Nápoles, há uma semana. Com franqueza... Acho os inglêses bem estranhos! E' impossivel encontrar outra familia tão unida como os Rossway. No entanto, aí está Sholto. Após uma ausência de um ano, volta da África... para correr, sózinho, tôda a Itália, sem que alguém da família se impressione com isso. Bem que gostaria de vê-lo de volta. Es-



— Está vendo? Eu disse a você que o meu francês era abominável...

tou louca por conhecer êsse outro exemplar da família. Que espécie de homem é êle? E' parecido com Rodney?

— Sim, exteriormente, sem ser também bonito rapaz como o irmão. Mas quanto a gênio... Rodney, nesse ponto, tem muito de lady Julia, ao passo que Sholto se parece mais com sir Charles.

— Naturalmente... êle ama Gerry?

— Suponho... Casaram-se há um ano apenas... Mas, onde quer você chegar?

Aline pousou a bolsa sôbre os joelhos e curvando-se ligeiramente para a frente confessou:

— Gerry me inquieta, Barry. Talvez fôsse melhor calar... porém ela chorou a noite tôda.

Swete levantou a cabeça, com a fisionomia preocupada:

— Ignoro. A propósito de Sholto, talvez... Você contou isso a outra pessoa?

— Não.

— Nem deve! Essas coisas sempre acabam se arranjando... entre marido e mulher. Sholto terá que queixar-se de si mesmo, caso Gerry e êle acabem divorciados! Foi loucura da parte dele pensar que uma mulher moça, como é Gerry, podia viver na África oriental! Fico mesmo surpreendido pelo fato dela ter suportado aquilo oito meses. Quando Sholto regressar, tudo se arranjará.

— Assim espero. Você conhece minha afeição por Gerry. E' uma criatura admirável e absolutamente honesta. E tem, além disso, uma naturesa enérgica. As vêzes penso que não lhe dão, em Frant House, tôda a consideração que ela merece.

— Que quer dizer com isso?

— Oh! Êles são muito bons para ela. Mas, enfim, Gerry é uma estrangeira e deve ser difícil tomar pé numa família tão unida assim. Sir Charles adora lady Julia, que adora o marido. E Rodney, segundo penso, gostaria mil vêzes de sair à noite com sua mãe que com qualquer outra pessoa.

— Mesmo que fôsse... você?

— Sim. Mesmo eu... — respondeu Aline com um sorriso límpido. — Não me posso gabar de ter alcançado qualquer êxito junto de Rodney... Mas, quem poderia ter esta sorte? E ouvi dizer que Sholto é a mesma coisa...

Deteve-se um instante, para consultar seu relógio.

— Santo Deus! Tenho que sair. Restam-me ainda várias coisas que fazer.

— Um instantinho, por favor, — disse Swete — Fale-me do seu vestido. Não poderei vê-lo?

E, sem esperar resposta:

— "Que pretende fazer, esta noite, depois da recepção na côrte?"

— Irei a um fotógrafo e Gerry me acompanhará. A seguir ela me levará à embaixada dos Estados Unidos onde me reunirei aos Bryce.

O rosto de Swete se iluminou:

— Excelente! Ela pode, em caminho, deixar você aqui, por um minuto. Só peço um minuto! O tempo de admirar êsse vestido..

Ela ria, antes de afirmar:

— Você é um amigo delicioso! Mas terei, primeiro, que acompanhar lady Julia até a casa. Depois irei ao fotógrafo. Não será muito tarde, em seguida?

— Nada, nada... Fico esperando, entendido?

— Entendido.

Com a ponta dos dedos, enviou um beijo para o homem que ia morrer e correu para a escada.

Capítulo II

GERRY

Voltando a pé para Frant House, Aline não cessava de pensar em Gerry. Não tinha a menor idéia do que podia ser a vida em Kenya, mas não podia imaginar Gerry longe dos grandes costureiros, dos clubes onde se dansava e dos centros mundanos de Londres. A pobre Gerry devia ter vivido mais desorientada no Kenya do que se mostrava em Frant House.

Para Aline, era claro que Gerry constituia o único elemento discordante numa família em que reinava uma harmonia quase ideal. Gostava de seguir suas *vias pessoais*. Descobrindo que as *vias* de Gerry nem sempre eram as de lady Julia, Aline compreendeu que, sob o seu exterior sorridente, lady Julia escondia uma vontade inquebrantável.

Apesar das gentilesas que constantemente revelava por sua nora, notava-se que ela condenava secretamente essa determinação quase fanatica de "viver a vida *a seu modo*". Aline só revelara a Swete uma parte de seu pensamento,

quando, referindo-se ao desgôsto de Gerry, lançava a responsabilidade sôbre Sholto. Ela suspeitava da existência de um interêsse mais profundo entre Barry e Gerry!

Ao voltar o canto da rua, viu o automóvel de Gerry, uma "limousine" pequenina e maltratada, parada diante de Frant House. Não pôde deixar de sentir um ligeiro apêrto de coração ao pensar em sua amiga. Pobre Gerry! Compreendia que qualquer mulher sofresse a influência sedutora de um homem como Barry Swete. Também êle — segundo imaginava — estava suficientemente "mordido" pelos encantos de Gerry. Ela era tão brilhante com sua cabeleira sedosa — e sempre tão elegante e sedutora! !

A porta de Frant House estava entreaberta. Aline tratou de subir, apressando-se. Avistando Rodney no hall, dispunha-se a passar, dirigindo-lhe um "bom dia" com a mão, pois que, de todos os membros da família, era êle, aos seus olhos, aquêle a quem menos ela própria interessava. Sentia-se mesmo, um tanto acanhada junto dêle. Sem dúvida, reconhecia nêle uma beleza rara nos homens, apesar da expressão um tanto morosa dos seus traços finos e regulares. Punha, realmente, em seu trato com ela, boa dose de atenção e, até um certo ponto, de atitudes amistosas, mas sempre com um ar distante, que a esfriava. Gerry o acusava de ser convencido. Êle gostava de escrever, tendo já publicado dois romances que a crítica elogiara com entusiasmo. Aline não o julgava nem fátuo nem vão. Descobrira, mesmo, no caráter de Rodney, uma faceta encantadora: seu culto por lady Julia, que em nada prejudicava a sua devoção pelo pai. Entre êste e o filho as relações eram uma intimidade deliciosa. Igual à que o unia ao irmão, Sholto. Um e outro chamavam o pai de "Chas", por um gracejo nascido pelo hábito dêle assinar o próprio nome à velha moda: "Chass Rossway". E sir Charles gostava disso. E por tudo isso não desgostaria a Aline, que, entre ela e Rodney, tivesse nascido uma franca amisade. Porém êle lhe dava a impressão de a manter afastada, sumàriamente, como "uma norte americana sem cultura". Por isso havia sempre um pequenino ressentimento na atitude dela com êle.

Assim passava, disposta a seguir adiante, quando repentinamente viu Rodney refletido no espelho suspenso na tapeçaria. Deteve-se. Sem dúvida, êle acabava de chegar, pois ainda conservava em mãos o chapéu e a bengala. Pensou primeiro, que êle retificasse qualquer coisa em sua "toilette", diante do espelho. Mas notou, em seguida, que êle olhava o vasio, tinha a fronte enrugada e as mãos crispadas.

— Meu Deus, Rod... Que tem você? — exclamou.

Êle despertou do seu sonho, como em sobresalto, rodou nos calcanhares e pareceu perturbado ao ver Aline.

— Oh! E' você? — disse, com ar distante.

— Sim... Que tem você? Parece alguém que acaba de ver um espectro!

Encostou-se ao mármore da velha mesa florentina, cruzando os braços às costas, antes de dizer:

— Nada... Apenas sonhava...

Ela deixou soar alegremente o sino puríssimo do seu riso:

— Isto quer dizer que está positivamente *lançado* no seu novo livro?

— Mais ou menos — respondeu êle, porquanto pela primeira vez os seus olhos fitaram os olhos azuis e cândidos que o interrogavam. Depois de uma ligeira pausa, perguntou, por sua vez:

— Onde está Gerry? Você sabe?

— Deve estar lá em cima. Ficou de ajudar a arrumadeira na revisão do vestido de lady Júlia, para esta noite.



— *Vou subir um instante, para beber água.*

— Esta noite?

— Creio que você não esqueceu, espero, que lady Júlia me apresentará à corte?

— Oh, sim!

— E saiba que eu desejaria aparecer tão calma como todo o mundo se mostra nesta casa, Rod. Oh! Tenho mêdo. Vestirei um vestido maravilhoso, e creio que estarei perfeita. Mas a idéia da reverência diante do trono deixa-me gelada.

— Pretendo jantar fora. No caso de não poder voltar, desejo-lhe boa sorte, Aline! Não vá cair desastradamente diante do rei e da rainha!

— Cavalheiro! — disse ela, num tom de fingida ceremonia — A honra da vossa casa está em segurança nas mãos desta humilde serva!

Êle desatou a rir:

— Ótimo! Onde você aprendeu isso?

— Em algum livro desta colossal biblioteca. Oh! Procuro elevar-me até a atmosfera de Frant House. E, agora, uma perguntinha: Sabe se lady Julia está lá em cima?

— Saiu, há cinco minutos. Creio que almoça na cidade.

Ela lhe atirou um gesto de adeus e afastou-se. Já subia a escada na estremidade do hall, quando viu Gerry, que descia. A nóra de lady Julia vestia um costume de lã verde pálido, com chapéu verde, de bordo largo. Tinha um fraco pelo verde, que harmonisava com os seus olhos.

— Ah! Emfim você chega, Aline! Francisco telefonou. Virá penteá-la às cinco e meia.

— Muito bem. Ah!... Desejo informar. Barry está com uma torção no pé...

— Como você sabe? — perguntou Gerry com voz brusca.

Êle mandou Roberts chamar-me, no instante em que eu atravessava o Row. Está aborrecidissimo. Terá que ficar com a perna estirada dois dias.

— Sim?

Os olhos verde-esmeralda estavam frios. O rosto impassível.

— Prometi a êle que depois da apresentação, iriamos até 1, para que visse o meu vestido... de passagem... quando fossemos em caminho para o fotógrafo.

Gerry fêz um gesto de assentimento distraído.

— "É preciso estar às onze horas e meia, exatamente, na embaixada norte-americana, onde os Bryce me esperam...

Gerry acabou de descer, enquanto Aline subia. No hall encontrou-se frente a frente com o cunhado.

— Estou atrazadíssima, Rod — gritou ela, de passagem — Só agora acabei de revisar a cauda do vestido de Julia... Perdi um tempo enorme!

— Eu precisava de conversar um instantinho com você...

— Fica para outra ocasião, meu caro. Neste momento não tenho um minuto a perder.

Êle pareceu contrariado. Curvando-se sôbre a mesa, disse com voz ligeiramente alterada:

— Você nunca tem tempo para me ouvir! Trata-se de Sholto. Quando volta?

Ela se voltára para o espelho, enquanto passava baton nos lábios.

— Não tenho a menor idéia, infelizmente.

— E' verdade que êle não deverá retornar jámais ao Kenya?

— Quem lhe disse isso?

— Mamãe.

Com uma tranqüilidade vigilante, Gerry guardou o *baton* na bôlsa.

— Se tivesse dependido de mim, nunca êle teria voltado para lá.

— Neste caso... você o teria obrigado a abandonar o único caminho pelo qual êle se interessou, tôda a vida?

Ela ergueu os hombros e com ruído sêco fechou a bôlsa.

— Sholto tem liberdade de agir a seu modo.

— Vejamos, Gerry — continuou Rodney, esforçando-se por conservar um tom afetuoso. — Não desejo em absoluto me intrometer entre você e Sholto. Você bem sabe que êle a ama loucamente, pobre irmão. Por que, então, deixa-se ficar no continente, em vez de voltar para casa, quando uma só palavra que você lhe dirigisse...

Ela pareceu interessada em verificar qualquer mancha numa das luvas. Porém instantes depois respondeu:

— Que adianta insistir com essas histórias? Nenhum de vocês, nesta casa, compreenderia, jámais... Agora, francamente, preciso sair.

— Mais um instantinho... Há outra coisa! Você visita constantemente Barry...

Ela se plantou diante dêle. Os olhos verdes brilhavam.

— Que vê você de censurável nisto?

— Nada... Apenas, sendo Barry celibatário... e estando Sholto ausente...

Ela pousou uma das mãos enluvadas num ombro de Rodney.

— Rod. Sempre escolhi os meus amigos. Pretendo continuar a fazê-lo.

A emoção de Rodney não se conteve.

— Gerry! Você é a espôsa de Sholto! Deve agir como tal!

— E quem ousa dizer que não sigo a risca o meu dever?

— Ninguém... ainda. Mas não vai tardar muito, forçosamente, que as línguas

entrem a trabalhar. A maior parte do seu tempo é passado ao lado de Barry...

— Tanto assim — replicou ela num tom gelado — que não vejo Barry, nem falo com êle, a sós, há três dias.

Êle mal conteve um gésto de cólera.

— De que lhe serve êsse joguinho comigo? Quantas vêzes você almoçou a sós com êle, a última semana?

— Claro que não. E você me entende muito bem. Além do mais, por que motivo ficou fora de casa até as três horas da madrugada, como, por exemplo, quando êle a levou ao "Bray?"

Ela forçou um riso nervoso.

— Meu caro Rod! Você parece que está muito atrazado... Com idéias do outro século!

Êle corou fortemente, antes de declarar:

— Essa espécie de cinísmo barato não me atinge, Garry! Você e eu pertencemos à nova geração e temos nossas idéias sôbre a vida. Mas você sabe o que pensam nossos pais. A simples idéia de um escândalo faz minha mãe estremecer, principalmente, segundo penso, por causa de Chass. E Chass não receia menos um escândalo... por causa de minha mãe! Não quero que êles sofram! Ela já disse a você que não lhe agradára aquêle regresso do "Bray" às três da madrugada. O resultado foi que, ontem ainda, para fugir à observação, você consentiu que Barry a levasse a um obscuro *cabaret* do Soho. Como se ignorasse que, para as pessoas de nossa posição, Londres não passa de uma grande aldeia!

Ela, ajustando as luvas, esboçou um gesto de indiferença.

— "E não foi só! Sábado, à noite, passando pelo Row, vi o seu automóvel parado diante da porta de Barry — prossegue Rodney.

Gerry retirará da bôlsa uma cigarreira e acendeu um cigarro.

— Você sabe que sempre deixo meu automóvel no Row, para que Giles o leve para a garage.

— Não... Você estava, nosse momento, com Barry, a sós! Vi quando você saiu...

Ela retrucou, com violência:

— Mas isto se torna intolerável! Você não pode me espionar... Proibo-o, está ouvindo?

— Não desejo espionar quem quer que seja — replicou êle, com voz repentinamente calma. — Apenas digo: êsse jôgo clandestino deve acabar. Sejamos francos: Barry a corteja?

— E se assim fôsse? Você tem alguma coisa com isso?

— Tenho, sim! Um divórcio significaria a morte para minha mãe. E me oporei, com todo o meu poder, a que você nos desmoralise... a Sholto e a todos nós, arrastando o nosso nome na lama. Se mamãe tivesse a menor suspeita das suas constantes visitas à casa de Barry...

— Oh! Deus! — exclamou Gerry torcendo os dedos num gesto de desespêro. — Esta casa é um verdadeiro cárcere!

— O que se passa entre você e Barry é muito feio. Já é tempo de acabar com essa manobra.

Ela fechou a bôlsa com estrépito, retirou o cigarro dos lábios, e havia desprêso na maneira como dispersou a cinza.

— Você se acha com autoridade bastante para me dar ordens?

— Não, mas você tem que respeitar o que disse minha mãe.

— Ora, vamos! Estou começando a entender que foi ela quem tão bem o informou...?

Êle fugiu à pergunta com habilidade.

— Minha mãe tem grande estima por você, Gerry.

— O que não a impede de ter a meu respeito as piores idéias, segundo demonstra.

— Não... Sinceramente, não. Mas pensa em Sholto, e não deseja que as suas relações com Barry provoquem falatório!

O rosto pálido de Gerry se inflamou. Com gesto raivoso esmagou o cigarro no cinzeiro pousado sôbre a mesa.

— Minhas relações com Barry não são criminosas, nem podem interessar a ninguém mais senão a êle e a mim! Minha



— E' pena não ficar mais tempo. Mas eu direi ao Serapião que você aqui estêve.

gra nada tem com isso! E você pode, minha parte, transmitir o meu pensamento a ela.

Levantou a cabeça num gesto de desafio, correu para a porta e desapareceu descendo os poucos degraus do pórtico.

Capítulo III

VERMELHO E PRATA

A recepção na côrte terminara e lady Julia, acompanhada de Aline, estava de regresso a Frant House. A grande lanterna de cobre, pendurada no vestíbulo, brilhava suavemente sôbre o grande fundo de quadro, bem apropriado às duas visões de graça e de beleza que passavam sob os amplos e altos portais. O bom gôsto dos dias passados combinava com o esplendor das *toilettes* modernas. Assim maravilhosamente enquadradas, lady Júlia e sua companheira pareciam duas figuras saídas de uma página de Grimm, uma realmente majestosa sob o diadema, as plumas e o vestido dourado, a outra radiosamente bela, desde a coroinha de plumas até os sapatinhos de cetim marfim, que por instantes surgiam sob a cauda de cetim branco, adoràvelmente drapeado e realçado por bordados delicados e todo enfeitado com pérolas.

Um aroma de charuto vinha da sala vizinha, gabinete de sir Charles, onde ressoavam rumores de vozes. Os mordomos se apressavam com bandeijas. Aline interceptou o olhar admirativo de Cox, a camareira de lady Júlia. Depois viu Mr. Murch retirar o manto de lady Júlia. E isto a trouxe de novo para a terra firme, pois o secretário particular de sir Charles não ajudava ninguém a permanecer no terreno romanesco.

Era um dêsses homens sem idade, descarnado, de cabelos grisalhos, empastados sôbre o crâneo estreito, o pescoço magro, emergindo de um colarinho sempre folgado. Vivia na casa, onde era mais útil a lady Júlia que a sir Charles. Escrevia as cartas de lady Júlia, entretinha o livro de seus compromissos mundanos e, diàriamente, curvado sôbre a máquina de escrever, num canto do escritório, esperava apenas um sinal para atender a um chamado.

— O almirante vem para o *bridge* — dizia no momento à lady Julia — Então, para haver um quarto parceiro, telefonei para o irmão da senhora.

Lady Júlia fêz um gesto de aprovação. George terá companhia para o *bridge* — respondeu ela, sorrindo.

Voltou-se para apanhar algumas cartas que Larking, o velho mordomo de aspecto venerável, apresentava numa salva.

Com o manto de lady Júlia sob um braço, Mr. Murch se aproximou de Aline.

— Mrs. Sholto — disse êle — deixou um recado para a senhora. Mal a senhora saíu, Mrs. Bryce telefonou, avisando que tinha uma frisa na Ópera. Mrs. Sholto foi encontrar-se com Mrs. Bryce. Disse também que a senhora a encontraria na embaixada.

O rosto de Aline não conseguiu esconder a sua mágua. Isto significava que ela própria teria que ir só ao fotógrafo. Consultou com olhar desolado o grande pêndulo em sua caixa de acaju. Já se fazia tarde e o fotógrafo a esperava com hora marcada. Tinha que partir imediatamente.

Lady Júlia lia as suas cartas. Seus traços, finamente desenhados, exprimiam uma serenidade, uma calma que sempre sugeriam a idéia do mármore. Impulsivamente, Aline passou um dos braços nus em redor do seu pescoço.

— Boa noite, lady Julia — disse ela com ternura — E obrigada por me haver proporcionado uma hora tão maravilhosa!

Sorrindo com um sorriso cujo encanto não estava isento de certa tristeza, lady Júlia beijou Aline numa das faces.

— Você estêve adorável, minha querida. Não havia senão pessoas encantadas com você, na sala do trono. E a sua reverência foi de uma nobreza absoluta! A rainha, sem dúvida, admirou-a, pois sei que sempre nota essas coisas.

Aline passou a mão, num gesto carinhoso, pelo rosto de lady Julia.

— Está um pouquinho pálida, minha querida. Fatigada, talvez...?

— Sim, um pouco. Nunca fui muito amiga de ficar de pé mais de dez minutos. Cox vai ajudar-me a ir para a cama... Boa noite, querida. Não se esqueça de recomendar ao fotógrafo que arrange um bom fundo para a fotografia e que dê bom desenvolvimento à cauda. E agora não se atrase mais! Boa noite.

Retomou ao secretário o seu grande manto, as luvas e, depois, com as cartas na mão, dirigiu-se para a grande escada de mármore. Mr. Murch a observava com olhos admirativos e havia em seu olhar uma devoção quase canina.

— Não é mesmo uma dama soberba? — perguntou, falando a Aline — Ontem ainda o almirante dizia... Mas, a propósito, prometi ao almirante que êle veria o seu vestido, senhorita...

No gabinete de sir Charles, a mesa de jôgo formava um centro de luz no meio das sombras, onde flutuava um vago odor de couro velho. Uma única lâmpada iluminava os rostos dos jogadores, fazendo reluzir o plastrão das camisas engomadas e arrancando lampejos do botão de pérola que ornava o peitilho de sir Charles.

(*Continua no próximo número*)



HOFFMANN-Fallersleben (Francisco)

(Nascido em 1855 — Viveu em Steglitz, próximo de Berlim)

FLORES AO VENTO

O filho do poeta Enrique Hoffmann de Fallersleben pertence ainda à geração dos paisagistas românticos alemãs. A sua arte honesta e substanciosa está estreitamente ligada à vastidão do Preller, à poesia do Schirmer, à inspiração heróica de Carlos Frederico Lessing. Mas, além dessa influência **direta**, descobre-se na pintura dêsse artista o sólido realismo da antiga escola de Weimar, onde nasceu. Em Weimar, após um curto período de estudos em Dusseldorf, aos dezenove anos, teve como mestre Teodoro Hagen e ligou-se por amizade com Carlos Buchholz, embora fôsse êste último muito mais velho do que êle. O mestre e o amigo logo notaram a sua vocação artística. Tanto Hagen quanto Buchholz tinham da natureza um conceito simples e ingênuo, sentindo entusiasmo verdadeiramente religioso pela paisagem. Acolhiam a nova doutrina, embora moderadamente. Êsses dois admiráveis exemplos foram utilíssimos para o jovem artista, que já do pai havia herdado o fervoroso culto pelo gênio alemão e pela pátria alemã. Juntos pintaram os estupendos bosques de faias e de carvalhos, o mórbido perfil das montanhas da Turíingia, mas acima de tudo se mostraram apaixonados pela Westfalia, que o artista considerava a sua segunda pátria e onde passou a sua infância e a primeira mocidade, na companhia do pai, transferido em 1860 para Corvey, como bibliotecário de Ratibor. Em 1879 foi para Dusseldorf, retornando em 1882 a Weimar, onde passou seis anos; depois transferiu residência para Berlim, mas continuou a freqüentar o curso do Weser e a Saxônia do sul, onde ficava meses seguidos, namorando a paisagem; ali mesmo tiveram origem as suas obras mais características. Vastas extensões de terras, misteriosos recessos de bosques, velhas cruzes de madeira, riachos caprichosos, sepulcros pré-históricos, dominando colinas nuas ou protegidos pela sombra milenária de um carvalho solitário, estradas ziguezagueando por empinadas colinas, em busca de uma vilazinha dourada pelo sol, cenas românticas em vetustos castelos castigados pelo tempo. O artista adorava a vida virginal, cercando a velha casa de teto agudo, que no outono se colore de um tom avermelhado, ama o curso d'água que corre sob as fôlhas de côr verde metálico, seguindo para misteriosos lugares; ama também a paisagem hibernal, a qual soube dar vida. O homem não é inferior ao artista. Qualquer indivíduo tem que admirar em Hoffmann Fallersleben o culto à memória do pai, e a generosidade com que destaca o mérito do amigo Buchholz e outros artistas, aos quais a fortuna foi madrasta. Nobre qualidade, que se reflete também em sua obra artística.

— Max Osborn (Berlim)

PRIVILÉGIOS ESPECIAIS PARA OS CHEFES?

O ASSUNTO E' BASTANTE DELICADO, MAS VALE A PENA EXPLORÁ-LO. VALER-NOS-EMOS DE DOIS EXEMPLOS PARA DAR AO MESMO O NECESSÁRIO RELÊVO

Por JUAN F. SEMBOWER

NO escritório luxuoso e refrigerado do chefe de uma importante emprêsa, foram chamados dois operários da oficina. Ali chegaram, sujos e banhados de suor. Por alguns minutos, o chefe abandonou o recinto. Na sua ausência, um dos operários enxugou o suor com um amarrotado lenço que tirou do bôlso do macacão e, lançando um olhar invejoso em redor, exclamou com um suspiro:

— Quando nos dará, também, o "velho", o ar condicionado?

— Qualquer dia! — respondeu o outro. — Mas, antes disso, vamos nos derreter!

O segundo exemplo se refere a uma fábrica que o autor do artigo visitou recentemente. Estava tôda ela dotada de magnífica iluminação fluorescente, do tipo mais moderno, com exceção do gabinete do gerente. Perguntado a respeito daquela exceção, que se afigurava estranha, respondeu o inquirido:

— Ora, ora! — não faço mais que imitar um velho fazendeiro, que mantinha mais bem cuidado o **estábulo**, do que a **sua própria casa**. O estábulo era de onde êle retirava o seu sustento...



O problema que êstes exemplos envolvem poderia ser enunciado assim:

— **Deve o chefe desfrutar de privilégios especiais, que o distingam de seus subalternos?**

Oxalá tenhamos simplificado bastante a questão, pôsto que, costuma essa distinção se apresentar desde os níveis mais baixos do exercício de alguma autoridade. Existem emprêsas nas quais o sinal "tangível" de que alguém tenha nela escalado um pôsto em que desfruta de autoridade, significa o provimento de cadeira giratória, escrevaninha moderna, e que sua taquígrafa passe a ser conhecida pelo nome de secretária particular.

Entre os burocratas da capital dos Estados Unidos, considera-se que o funcionário público conquistou algum grau de autoridade, quando se lhe concede o uso de uma jarra com água, em seu escritório, com a bandeja de copos correspondente.

O pó e os vapores, que se desprendem das substâncias utilizadas numa fábrica de produtos químicos, estragam o verniz dos automóveis estacionados no pátio, para tal destinado. Os únicos veículos que escapam a essa destruidora influência são os do diretor e do gerente, para os quais foram construídas garages **especiais**. O relógio de ponto é outro dos elementos que, em algumas emprêsas, distinguem os que ocupam posições de mando, dos demais empregados. Henry Ford exigia que todos os trabalhadores de sua gigantesca emprêsa marcassem o ponto, quer fôssem diretores ou simples operários. Atualmente, já não se observa ali tão severa regra para com os chefes. E, igual concessão se lhes faz em inúmeras outras emprêsas. E' geralmente suposto, nos dias de hoje, que, quem ocupa um pôsto de responsabilidade deve estabelecer suas próprias horas de trabalho. E' já tradicional, nos negócios modernos, que o chefe possa tirar uma tarde, de vez em quando, para ir ao cinema, ou levar a espôsa a fazer compras.

Poderiam ser citados outros aspetos da distinção comumente feita entre as prerrogativas que desfrutam os chefes de serviço e os empregados. Enfim, tudo se resume em uma pergunta, já aqui exposta: devem os chefes desfrutar de privilégios especiais?

E, respondendo judiciosamente à mesma, só dizendo: **Talvez.** Talvez seja razoável que, assim como os diversos salários que se pagam aos componentes do pessoal de uma companhia estabeleçam as categorias correspondentes, os privilégios especiais que se concedem aos chefes confirmem a escala estabelecida. À medida que o indivíduo ascende, é preciso reconhecer sua posição mais elevada, livrando-se de assinar o relógio de ponto, e instalando-o num gabinete separado, com secretária particular. Além do mais, quem desfruta de melhor salário vive com maiores comodidades em sua própria casa.

Ademais, caberia justificar que se instale com certo luxo o empregado superior, com base na melhor impressão que recebem os clientes que o

visitam em seu escritório, com o que são facilitadas as transações nas quais estiver interessada a companhia.

Poderia alegar-se, assim mesmo, que o proporcionar ao alto funcionário de uma emprêsa sala com ar condicionado, traduz-se na melhor saúde dêste, com a maior eficiência conseqüente, na atenção às funções que lhe estão afetas.

Em conclusão, o problema exposto nas linhas iniciais dêste artigo, é fictício. Talvez a queixa dos suados empregados, mencionada no primeiro exemplo citado, careça de base. Talvez a excentricidade do gerente da fábrica, que se prendia ao exemplo do fazendeiro, não seja mais do que isso: **uma excentricidade**, ou, quando muito, uma espécie de manifestação de fingida humildade.



Cabe perguntar, pois, "é natural que sejam estabelecidas, na ordem social, categorias entre os indivíduos, com base nos atos dos mesmos, no poder que conquistem ou na riqueza que logram acumular. E, se isto se observa na sociedade, "não devemos esperar que o mesmo aconteça em escritórios e fábricas, ao serem outorgados aos chefes e diretores, salários e privilégios especiais, que venham a ser algo assim como **a marca identificadora do indivíduo** que tenha logrado destacar-se?"

O autor se limita a expor o problema, sem aventar qualquer solução. Para tanto, deixa que os próprios dirigentes de emprêsas expressem suas opiniões e pontos de vista.

SÃO COMO CAPITÃES DE NAVIOS — comenta I. B. Sutton (Ferragens em geral), em Tampico, México — O mais importante, nos negócios, é o fator pessoal. Em conseqüência, não podem ser estabelecidas regras fixas. Porém, em têrmos gerais, o chefe de uma emprêsa pode ser comparado ao capitão de um navio: conta com a adesão e a cooperação dos oficiais e da tripulação, porém, a responsabilidade final do êxito ou fracasso que se obtenha é sua, assim como a obrigação de formular decisões rápidas e categóricas. Para fazer frente a tal responsabilidade, é preciso que conte com privilégios especiais.

Os melhores chefes de companhias, que conheço, trabalham sempre mais horas por dia que os empregados não adstritos a funções executivas. Quanto a gratificações e reduções, opino que devem ser concedidas ou aplicadas de forma geral, com exceções justificáveis, tanto para os chefes, como para os empregados, nos casos em que se trate de premiar algum esfôrço adicional e inteligente em benefício da emprêsa. O dotar de ar condicionado um escritório ou atelier constitui, em têrmos gerais, uma boa inversão. Quanto às fábricas, é difícil fazê-lo, quando não impossível.

E' RAZOÁVEL QUE OS TENHAM — afirma Federico Carvallo, gerente de uma fábrica de açúcar em Valparaíso, Chile — Por vários motivos, é razoável que os chefes desfrutem de privilégios especiais, que os distingam de seus subalternos; julgo, porém, que para êstes privilégios não ofenderem a vida prática da emprêsa, devem ser mantidos dentro de um plano discreto, segundo os costumes do meio respectivo.

Descendo ao terreno prático, creio que não seria prudente terem os chefes seus gabinetes cômodamente instalados, com todos os requisitos modernos, se seus empregados, a poucos metros dos mesmos, carecessem dêsse confôrto, que é elementar em certos climas. Em troca, julgo que não apresenta nenhum efeito contraproducente, uma companhia reservar para o seu diretor, um gabinete mais bem instalado, que o do resto dos empregados.

Deve-se ainda ter presente que as prerrogativas do chefe se fazem menos odiosas quando existe igualdade de oportunidades para alcançar os altos postos e, por outro lado, que o confôrto dos subalternos é um fator importante de sua eficiência.

Finalmente, opino que, quaisquer que sejam os privilégios dos chefes, seu possível efeito maléfico desaparece (ou se atenua bastante), quando os subalternos se sentem tratados por êles com justiça, com respeito à sua personalidade, e com cordialidade, que não exclui a necessária disciplina. Em outras palavras: para mim, o problema dos privilégios desaparece, ante o problema muito mais importante das boas relações pessoais entre os chefes e seus subordinados.

DE UMA POSIÇÃO INTERMEDIÁRIA — opina Eduardo Sáenz García, testacado industrial boliviano — Os benefícios que pudesse ter o chefe de uma emprêsa qualquer, não provêm do fato de pertencer a uma classe privilegiada, ou que sejam derivados do que se chama ordem ou escala social, senão (muito mais), da categoria do cargo que desempenha. As responsabilidades que recaem sôbre o chefe de uma emprêsa são enormes, pôsto que, de sua capacidade intelectual, de suas condições de direção e de seu sentido de previsão dependem o êxito ou fracasso da mesma.

Em compensação, uma vez que a fôrça produtora da emprêsa descansa sôbre o labor do operário (que, com o seu esfôrço, contribui para o êxito da campanha) não devemos desprezar o fato de que êsse operário, para realizar seu trabalho, requer normas e iniciativas impostas pelo chefe. Por conseguinte, ao ser estabelecida clara-

mente essa diferença, mais que de **categoria**, de **escala** entre o chefe e o operário, se imaginamos que o chefe, pela própria autoridade de que está dotado, deve ter vantagens determinadas, que não podem ser outras além das tendentes a favorecer melhor produção da emprêsa, e reforçar suas possibilidades econômicas.

Por isto, é compreensível que o chefe seja necessàriamente dotado de **comodidades**, para o melhor desempenho de suas funções, e tenha salas de trabalho, dotadas, não precisamente de luxo, mas dos elementos necessários a uma boa apresentação. Isto não quer dizer, no entanto, que ao operário não devem ser outorgadas, também, dentro de seu trabalho, certas comodidades, já que, ao beneficiá-lo dêste modo, será conseguido da parte dêle um maior rendimento, aliado a uma maior proteção contra os riscos próprios dos trabalhos de oficina.

Esta opinião é por mim emitida, adotando uma posição intermediária entre o chefe e o operário, e também com a experiência que dá o manejo de uma grande emprêsa industrial, que deve conciliar os múltiplos problemas de produção com os de caráter social de seus trabalhadores.

REGALIAS, SIM — PRIVILÉGIOS, NÃO! — diz João Pedro Tomás Pereira, dos Serviços Comerciais, Brasil — Como se vê desde logo, a questão é complexa e exige meditação. A palavra **privilégio** é anti-democrática e sua simples enunciação, sem um conceito que de certo modo a justifique, pode suscitar censuras ou indisposições.

Felizmente, pela maneira franca e arejada como a utiliza, nesse questionário, o Sr. Sembower, percebe-se que, o que o articulista deseja saber é se devem caber **regalias** aos chefes de serviço, no exercício de suas funções profissionais. Em determinadas circunstâncias, não vejo inconveniente algum nesse critério; e explico: se, pela própria natureza do trabalho racionalmente organizado, deve o chefe se destacar (como orientador ostensivo que é) dos simples grupos de produção (hierárquica lógica do mérito profissional) — êsse destaque, além da ascendência implícita da função de chefia (grau de conhecimento técnico), em nada, a meu ver, se compromete, com a ascendência formal de um "bureau" estilizado, um maior ou menor corpo de auxiliares diretos e a suspirada advertência na porta do gabinete: **Não entre sem anunciar**... Tudo depende, é claro, do grau de vaidade... ou de responsabilidade do chefe, da natureza da chefia condições de trabalho, enfim, que êle julgue mais adequadas ao cabal desempenho de sua tarefa.

Como vemos, até aqui, e devidamente consideradas as proporções do aparato, simples regalias e nenhum privilégio. Êste surgiria, na sua forma mais odiosa se, além dêsses elementos **psicológicos**, de ordem exclusivamente **executiva**, usufruísse o chefe, em seu necessário ou decorativo insulamento, o confôrto físico e moral que porventura negasse aos seus subordinados, como por exemplo, e segundo o clima, a ventilação e a luz, ar refrigerado ou aquecimento, instalações sanitárias condignas, música de boa qualidade artística, etc. — elementos êsses indiscutìvelmente determinantes de boa disposição para o trabalho e, pois, de maior rendimento da produção.

Se aramos a terra e a adubamos, para uma melhor colheita, por que não proporcionarmos ao material humano o confôrto, o bem-estar que êsse material justamente reclama, para um emprêgo mais rendoso de suas energias?

E' ESSENCIAL UM BOM CRITÉRIO — declara Curt E. Wild, proprietário de uma fábrica de tecidos em St. Gallen, na Suíça. — Não resulta prático reger-se por regras inflexíveis, em presença do problema esboçado pelo Sr. Sembower, pôsto que as circunstâncias nem sempre são as mesmas em diversas fábricas ou em diversas emprêsas. O essencial é que o chefe da companhia opere com bom senso.

Em nossa fábrica, costumamos dar duas horas de almôço aos funcionários dos escritórios e uma hora e meia aos que trabalham na fábrica. Os que ocupam posições executivas não têm que marcar o cartão de ponto. Considero prudente, contudo, que os chefes iniciem suas atividades e as **terminem** às mesmas horas que os demais, por mais que se sintam dispostos a trabalhar mais tempo, como com freqüência o fazem, quando é necessário.

Estas responsabilidades adicionais lhes dão direito, naturalmente, a certos privilégios especiais, como ar condicionado e férias mais prolongadas. O problema se resume mais claramente em matéria de compensação. Os salários tendem a nivelar os empregados. E' aí que o chefe tem que recorrer novamente ao seu bom critério, para a concessão de gratificações, destinadas a corrigir a referida tendência, com o fim de que se premie o mérito e se criem incentivos especiais para que o subalterno trabalhe com maior eficiência.

CERTAMENTE! — responde O. D. A. Oberg, comerciante de madeiras em Sydney, Austrália — Os "privilégios" especiais são inerentes à qualidade de chefe. Constituem, em parte, uma recompensa e, em parte, um meio para que possa atender, com eficiência, as tarefas que lhe correspondem.

Os subordinados reconhecem esta situação. Sei, por experiência, que em qualquer negócio próspero, é esperado que os chefes desfrutem de certo prestígio, e os empregados compreendem que a segurança de seus próprios empregos, está claramente vinculada às relações que logrem manter os "de cima", e à influência que assim possam exercer. Os empregados são os primeiros a censurar qualquer chefe que fale sôbre êste aspecto de suas responsabilidades.

Em outras palavras, os próprios empregados não vacilam em aceitar a existência de **um direito aos chamados privilégios especiais**, inerente à qualidade de chefe.

Contudo, com o correr do tempo, vai desaparecendo a antiga idéia de uma clara diferença entre chefes e empregados subordinados, para dar lugar a um novo conceito dos negócios, segundo o qual êstes são o produto do esfôrço combinado de chefes e empregados, tanto em seu aspecto material, como no espírito que os anima.

O empregado subalterno também desfruta de certos privilégios especiais. Um dêles **é saber com exatidão a que horas deve principiar e terminar o trabalho.**

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"O conhecimento da própria língua é sem dúvida de uma grande vantagem; escrevê-la bem, qualquer que ela seja, só é dado aos grandes engenhos."

GONÇALVES DIAS

SOMBRAS E PAISAGENS

José Aguirre — Rio, 1953

O novo livro de José Aguirre — "Sombras e Paisagens" — é obra que nos faz refletir, nestes dias de desânimo, quando, mesmo no terreno da literatura, tudo parece perdido...

E' que o autor do **Método de Análise Simbológica,** gramático emérito, conferencista apreciado, professor ilustre, vem de revelar-se contista de valor, através dos episódios que integram "Sombras e Paisagens".

Agrada o seu estilo, caracterizado por vocabulário riquíssimo, sintaxe correta, imaginação fértil, numa demonstração evidente de que é bem possível conciliar as qualidades de gramático com os predicados de beletrista. Nem sempre um gramático é mau escritor... Mas o que entusiasma, digamos, o que anima em "Sombras e Paisagens", é o conteúdo de idéias, o lastro filosófico e ético, o aspecto afetivo, que, ainda nas páginas de sofrimento e dor (**Mãe Louca**, por exemplo), revelam o artista de grandes recursos, a paleta cujas tintas raras produzem maravilhosas e inimitáveis colorações.

José Aguirre nasceu em São Luís do Maranhão. Os seus contos, escritos no Rio de Janeiro, são páginas de evocação, hinos a um passado que não vai longe, mas que deixa saudade, porque sabemos que não voltará... Páginas de folclore, descrições regionais, que agradam a todos, porpara outros, numa feliz coordenação de história que revelam aspectos vividos, para uns, novos, e de literatura.

E' o caso de **Balsas,** páginas em que focaliza o velho sistema de transporte do interior sertanejo.

Escreve José Aguirre:

"Feia, larga e chata como enorme tartaruga, a Balsa desce os rios... Ao léu da correnteza, vai galgando distâncias, desdobrando panoramas, saudando as ribanceiras. E' ela que leva às cidades fluviais, em sua morosa marcha, o arroz, o milho, o fumo e a farinha, a rapadura, o algodão e a cana, produtos laboriosos duma lavoura exígua e atrasada. Tudo vem nos costados de burros possantes dos comboios do sertão. E' o resultado da safra dos sítios longínquos daqueles fundos rincões, onde só pia magoada a coruja, esturra brava a suçuarana, a canguçu, a pintada, chocalha a cascavel e ulula o vento, de quebrada em quebrada, anunciando a chuva.

....)...

Subindo certa vez o arnaíba numa lancha a vapor, ouvimos, ao desdobrar de um largo estirão em que se espelhava narcisamente a Lua, e vindo, sem sabermos de onde, um canto bravio de canção votiva e brejeira que, a quando e quando, acendia de fervor na expressão vocal de um côro alegre e desenvolto, procurando ferir a desparedada acústica do Espaço. Era uma cantiga de oferta e louvaminha entranhadamente sertaneja, mas com estribilho de melodia fogosa e desafiante:

Mandei fazer um brinquinho
Pra botar nas orelhinhas dela (bis)
Para acabar com a vaidade
De que tem paixão por ela (bis)

Darilim, darilim, darilim;
Darilim, darilim, darilá! (bis)
Ai, ai, minha morena,
Não sou eu que caio lá! (bis)

Mandei fazer um sapatinho
Pra botar nos pèzinhos dela, (bis)
Para acabar com a vaidade
De quem tem paixão por ela. (bis)

Darilim, darilim, darilim, etc.

Mandei fazer um "corpinho"
Pra botar nos peitinhos dela,
Para acabar com a vaidade
De quem tem paixão por ela. (bis)

Darilim, darilim, darilim, etc.

A modinha, assim meio galhofeira e assim meio ingênua, tinha seu saborzinho lúbrico; pois, prosseguindo no repiso do estribilho, faziam a enumeração das oferendas cubiçosas, até (eis senão quando estruge uma gargalhada) de peças íntimas das partes mais pudendas da personagem daquela pastoril.

....

Colou-se com a nossa chegada a serenata, enquanto, bem no céu alto e frio, a Lua insistentemente reclamava: Prossigam!

E prosseguiram... francos, desempenados, felizes."

Alma cabocla... A vaquejada... O feiticeiro... Vento morto... "sombras e paisagens" que se foram, e que revivem através de vibrações do temperamento de um artista, que se firma nos meios literários pela grandiosidade do estilo e pela excelência das idéias.

JOSE' RICARDO NETO

NOSSAS IRMÃS DA AMÉRICA

O papel representado pelo café na Economia Colombiana

Pelo DR. ABEL CRUZ SANTOS
(Ex-Ministro de Obras Públicas da Colômbia)



Eis alguns grãos da rubiácea colombiana.

A Colômbia tem sido chamada "país de esquina", por sua privilegiada posição geográfica, com costas e portos no Atlântico e no Pacífico. Tem sido também denominada "país de cidades", porque Bogotá, sua capital, não é, precisamente, uma urbe tentacular que tenha atraído a população e a economia nacionais. Os dois símiles são realistas e servem para destacar a fisionomia dessa república, com onze milhões de habitantes e 1 139 155 quilômetros quadrados de superfície, que a colocam em terceiro lugar, entre as nações da América do Sul.

• A Colômbia tem todos os elementos básicos para uma sólida situação econômica: grandes reservas naturais, representadas em jazidas metalúrgicas; extensas selvas, ricas em madeiras; dilatada rêde hidrográfica, com rios navegáveis, como o Madalena, o Cauca, o Meta, o Putumayo e o Amazonas; diversidade de climas, com variada produção agrícola; raça quase homogênea e produto, primeiramente, do cruzamento do espanhol com o índio e, em seguida, do mestiço com o mulato e com o negro. A agricultura é a base da economia colombiana. As três grandes cordilheiras andinas determinaram quatro zonas climáticas muito diferenciadas: a ardente ou tórrida, a média ou temperada, a fria e a dos altos páramos. Nelas se efetuam tôdas as espécies de cultivos e, nas três primeiras, a criação de gado (16 milhões de cabeças) se coloca logo depois da agricultura, como a segunda indústria do país. Em matéria de minerais, a Colômbia produz ouro, platina e petróleo. E, nestes últimos 20 anos, tem vivido um acelerado processo de industrialização. Seus tecidos de lã, algodão e de "rayon"; seus charutos e cigarros; suas manufaturas de couro; a cerveja; os produtos de laboratório; os cimentos; os seus produtos de ferro podem sofrer vantajosa comparação com os similares estrangeiros. E, por fim, o país já se inicia na indústria pesada. A Siderurgia de Paz de Rio, depois de Volta Redonda, no Brasil, e de Huachipato, no Chile, é a terceira usina completa que se constrói na América do Sul. Tem, como principal característica, a proximidade em que se encontram as matérias primas — o minério

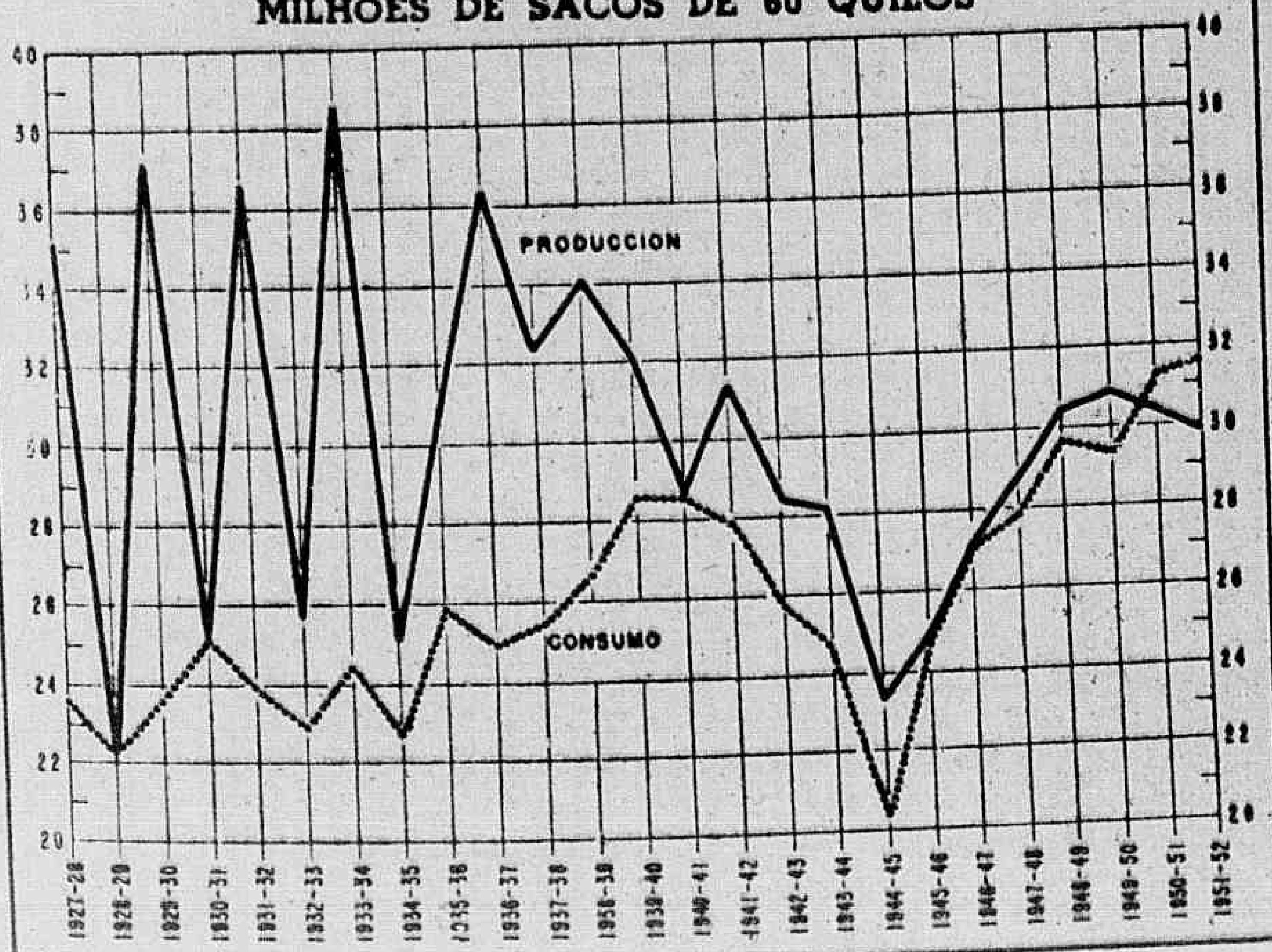
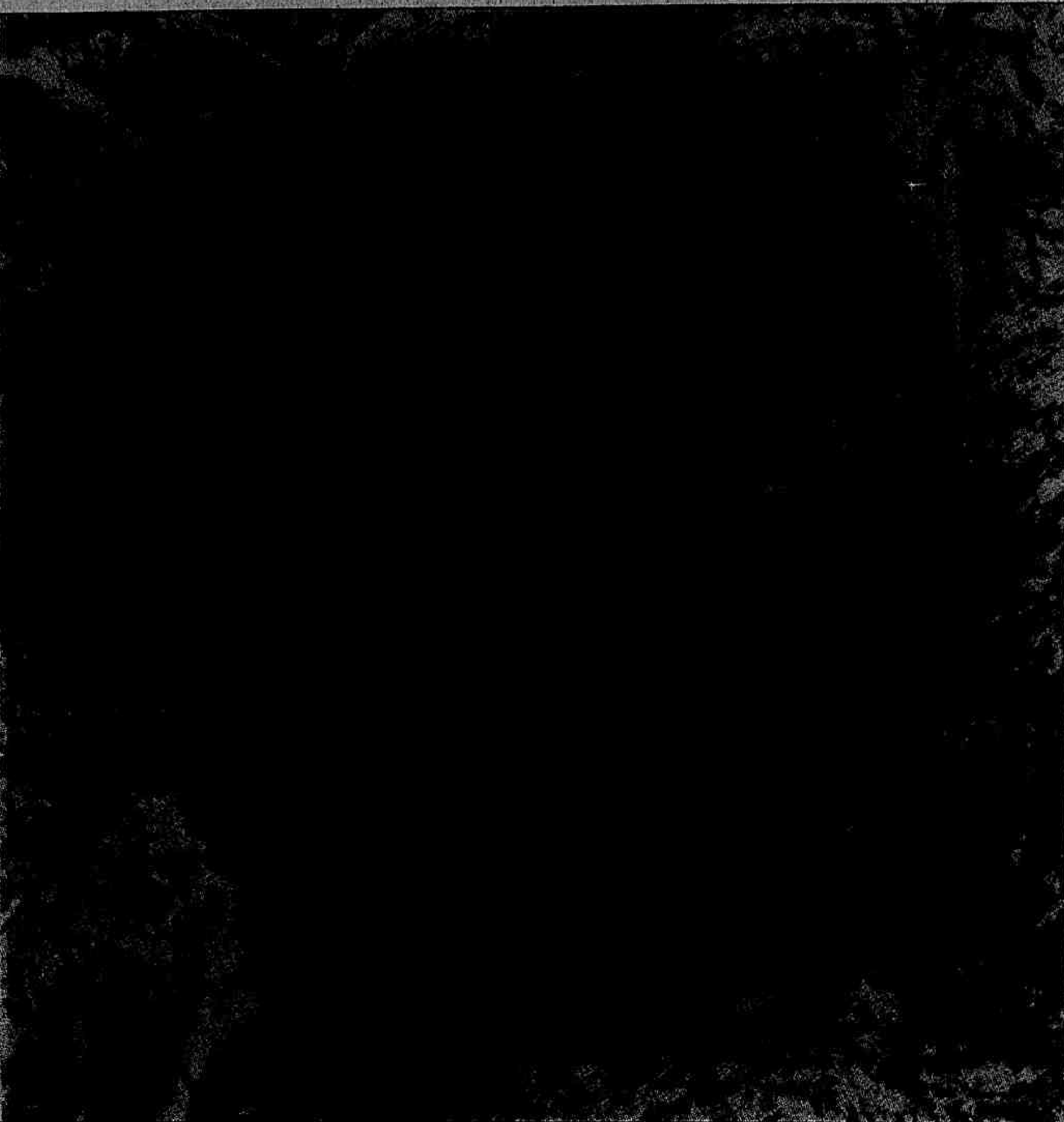


Gráfico que registra as oscilações havidas na produção e consumo mundiais de café a partir dos anos de 1927-1928.



de ferro e o carvão — a 35 e 10 quilômetros, respectivamente, do local em que está situada a usina.

À frente dos produtos da indústria agrícola se encontra o café, o verdadeiro padrão monetário da Colômbia, já que é seu primeiro produto de exportação, e do qual depende a sua disponibilidade em divisas estrangeiras. Calcula-se que, de cada pêso que exporta o país, 80 centavos correspondem ao café, e os 20 restantes se distribuem em bananas, açúcar, arroz, gado, couros, tecidos, etc.

★

A planta do café teve o seu cultivo ali iniciado no século XV. Seu nome deriva de Caffa, no reino de Narea. Entre as muitas variedades que se conheceram naquele reino, nessa época, foi o chamado **grão de Moka** que teve maior prestígio. Atribui-se seu emprêgo primitivo ao prior de um convento, na Arábia, o qual, para evitar que os monges dormissem durante os serviços noturnos, davalhes a beber uma infusão preparada com fôlhas de café. Em 1554, o café fêz sua aparição em Constantinopla; em 1562, em Londres; em 1672, em Paris; em 1715, em São Domingos; e em Cuba, finalmente, no ano de 1748.



O cultivo do café requer diversos cuidados, desde que a planta começa a crescer, tais como o combate às pragas (fotografia superior) e a poda das próprias plantas, o que as estimula a frutificar com maior vigor.

Aceita-se como muito provável que a planta do café tenha chegado à Colômbia, procedente da Guiana Holandesa, levada por padres jesuítas e que os primeiros cultivos, entre 1723 e 1750, foram iniciados nas regiões que constituem, hoje, os departamentos do Norte de Santander, Cauca e Madalena.

★

O café não influiu muito na economia do país, na época colonial. A situação latifundista da propriedade, o agrupamento da população, os impostos excessivos e os múltiplos freios impostos ao livre comércio, fizeram do Vice-Reinado de Nova Granada — como então se chamava a Colômbia — um país de economia rudimentar, de consumos locais. Aos espanhóis interessava sòmente a indústria extrativa, representada pelo ouro, base do comércio, e único meio de câbmio para pagara as importações que vinham a saldar o deficit da produção autóctone.

O cultivo do café está relacionado com a história da República Colombiana. Tem início, com fins comerciais, em 1810, ano da Independência. Ao constituir-se a "Gran Colombia" — integrada por Nova Granada, Venezuela e Equador — o Congresso de Cúcuta, de 1821, promulgou uma lei que proibiu a importação de café, que, na época, era apenas uma indústria incipiente. Leis posteriores eximiram os cultivadores de café do pagamento da **dízima eclesiástica**, que er a cobrada em todos os municípios, em favor da Igreja.

Em 1834, foi publicado o primeiro registro de exportação de café: — 2 500 sacos, cada um com 60 quilos. Em 1845, êsse total subiu a 23 000; em 1870, a 66 000; em 1900, a 380 000, seguindo a curva ascendente, até alcançar a exportação colombiana, o total de 5 500 000 sacos, em 1952. Esta produção coloca o país em segundo lugar, depois do Brasil — que produz um tipo diferente do "suave" padrão colombiano com o qual é misturado nos Estados Unidos, e que constitui insubstituível elemento alimentício para os habitantes da grande nação.

★

O solo colombiano está especialmente dotado para o cultivo do café, produto próprio das zonas tropicais, entre 900 e 1 500 metros sôbre o nível do mar. E', pois, uma cultura de clima médio, para o qual os sopés das cordilheiras andinas oferecem condições excelentes de temperatura, chuvas, umidade, e irradiação solar. Èsse cultivo pode ser combinado com outros, intercalado com o do milho, da cana de açucar, do plátano, etc.

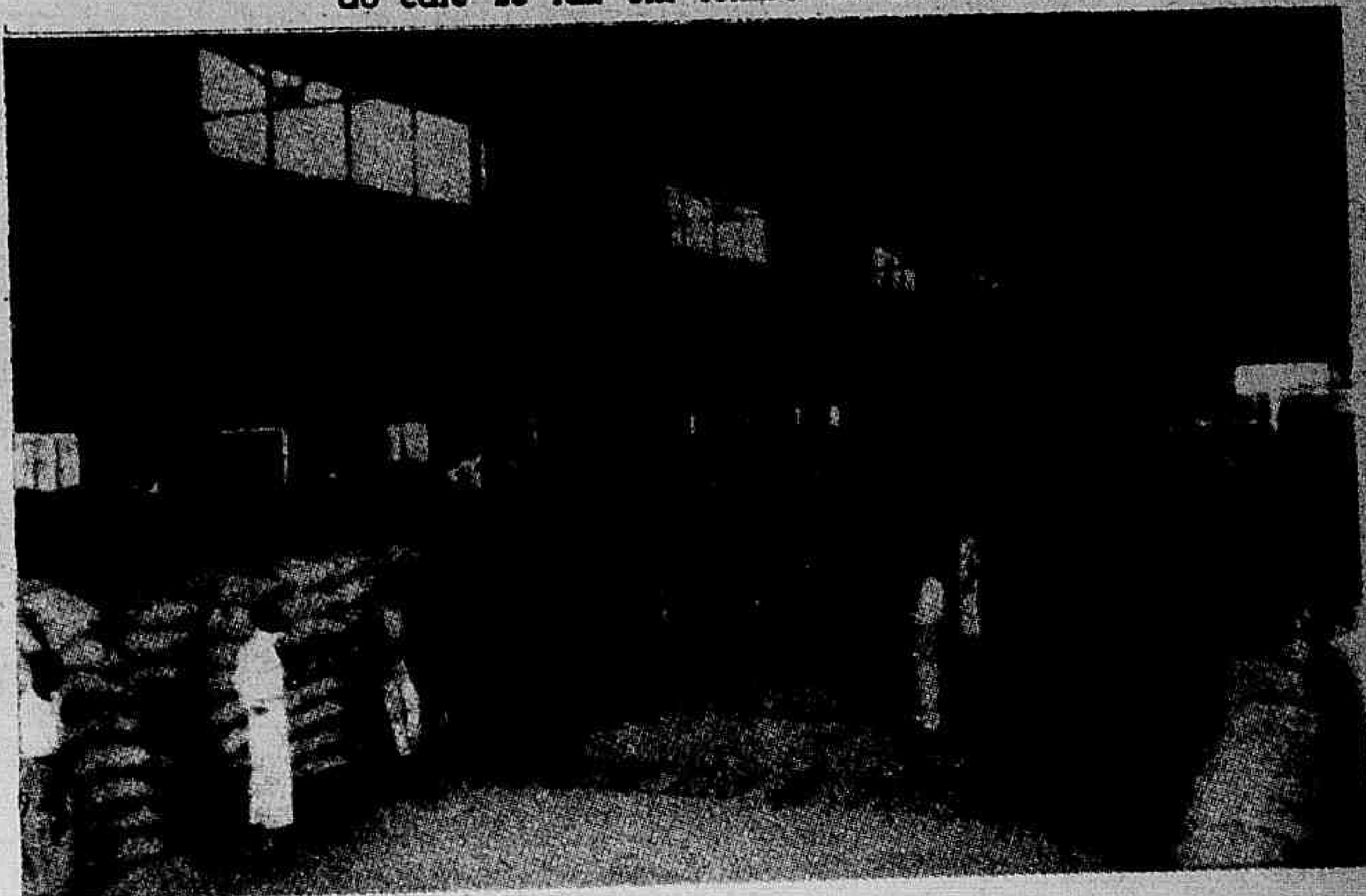
A indústria cafèeira tem etapas diferentes e variadas: em primeiro lugar, a **semeadura**, que implica estudo do solo, seleção de sementes e conhecimentos de agronomia e botânica. Em seguida, vem a colheita do grão; depois, a fase de beneficiamento, com o emprêgo de maquinaria e fôrça



Èsse trabalho representa a seleção do grão de café. E' realizado, geralmente, por mulheres.



Nas regiões montanhosas e outros sítios abruptos, o transporte do café se faz em lombo de burros.



Um dos grandes depósitos de café, situado em Boaventura.

hidráulica, além do processo de fermentação e sistemas de secagem; e, por último, o transporte, exportação e venda nos mercados dos EE. UU. e da Europa. Na Colômbia, participam na indústria cafèeira tôdas as classes sociais e econômicas, incluindo mulheres e crianças. Trata-se de um cultivo manual e que, por estar localizado em terrenos excessivamente inclinados, não pode ser mecanizado. Essa atividade, sobretudo na época da colheita, oferece trabalho remunerado aos habitantes de climas médios, em que se acham localizados 50 por cento da população do país.



A circunstância do café poder ficar armazenado durante longo tempo, facilita seu transporte, ou seja, os sacos de café são levados, pelas cordilheiras, em lombos de mulas; em seguida, em barcos, pelos rios, e ainda por rodovias, estradas de ferro, e por mar. Por se tratar de um produto alimentício, está livre, nos Estados Unidos, dos direitos de importação, e o frete marítimo é, em geral, baixo.

Não existe, na Colômbia, o latifúndio cafèeiro. O último recenseamento registrou a existência de 149 346 cafezais, dos quais 129 556 (ou seja, cêrca de 87 por cento), correspondem a plantações de menos de 5 000 árvores; 16 921, com a média de 5 000 a 20 000 árvores; 2 380, com a média de 20 000 a 60 000 árvores; 384, apresentando a média de 60 000 a 100 000 árvores; e aparecem sòmente 321 cafezais, com mais de 100 000 árvores. Estas cifras demonstram que três quartas partes da produção cafèeira colombiana provêm da pequena propriedade.



A recuperação do preço do café, no mercado estadunidense, foi iniciada em 1940, tendo como causa o chamado Pacto de Cotas, que, a pedido do govêrno do então Presidente Franklin Delano Roosevelt, os países produtores subscreveram em Washington. Até êsse ano, a cotação do grão de café no mercado norte-americano estava sujeita a fortes flutuações. Ocorriam, com freqüência, baixas, que chegaram até 7 e 8 centavos de dólar, por libra de café. O convênio que então se estabeleceu estabilizou o preço em tôrno de 17 centavos de dólar. A princípio, isto resultou favorável para os produtores; porém, à medida que a inflação monetária aumentou, os países cafeicultores reivindicaram a elevação dos preços e, caso isto não fôsse possível, desejavam que se estabelecesse um mercado livre para a rubiácea.

Esta campanha, eivada de justiça como estava, logrou, inicialmente, um subsídio de 3 centavos de dólar por libra de café, e que logo se elevou em 2 centavos mais. Derrogada pelo Congresso dos Estados Unidos a lei sôbre o contrôle dos artigos alimentícios, o preço do café, graças à liberdade do mercado, que coincidiu também com um aumento geral no consumo, subiu a cêrca de 60 centavos. Esta cotação foi a que adotou o Departamento de Estado, ao restabelecer o **ceiling price** (preço teto), a partir do início da guerra na Coréia.

A confrontação dos atuais preços do café, com os que alcançaram nos Estados Unidos os artigos manufaturados e os produtos agrícolas, demonstra que os índices de alta dêstes últimos excedem, consideràvelmente, os daqueles. Sem contestação, afirmou-se que as atuais cotações do café são altas; chegou-se mesmo a sugerir que estas elevadas cotações fôssem resultado de certas especulações.

E' esquecido, sem dúvida, que os países de economia cafèeira possuem a balança comercial desequilibrada; que se limitam, no mercado internacional, a exportar um artigo produzido com salários baixos, e em condições sanitárias deficientes, em troca de outros muito mais valorizados, que se fabricam em condições muito favoráveis.



A Federação Nacional de Cafèeiros — que acaba de celebrar suas bodas de prata — dirige, na Colômbia, a política cafèeira. E' uma instituição autônoma, de caráter privado, registrada como pessoa jurídica, que desfruta, tanto nos Estados Unidos, como nos países cafeicultores, de sólido prestígio.

A Federação inverte, em defesa da indústria, o produto do imposto de 25 centavos de dólar pela exportação de cada saco de café de 60 quilos. Com outros fundos adicionais, se integrou o Fundo Nacional do Café, que, além de atender a vastas campanhas de sanidade rural e de construção de habitações nas zonas cafèeiras, mantém granjas experimentais, distribui sementes, instrui os plantadores, e concede empréstimos aos mesmos, da mesma forma que aos exportadores, pelo mecanismo de seus armazéns de depósito. Por último, o Fundo permite à Federação intervir oportunamente no mercado interno, para regular preços.

A Federação é acionista da Frota Mercante Gran Colombia, da qual participam também o Equador e a Venezuela, o que é, sem dúvida, a mais afirmativa manifestação de solidariedade entre as repúblicas bolivarianas. Possui, ainda, a Federação, ações na Caixa Agrária e nos Institutos de Abastecimentos e de Parcelações, que cumprem funções de muita importância na economia colombiana.

Por último, a Federação Nacional de Cafèeiros está filiada ao Escritório Panamericano do Café, com sede em Nova York, e da qual são membros todos os países cafeicultores. Essa entidade tem empreendido um trabalho eficaz, especialmente para a propaganda do café e aumento do seu consumo, como demonstra o gráfico que apresentamos neste artigo.

VIDA DO CAMPO

INDÚSTRIA DO ALGODÃO ABSORVENTE ESTERILIZADO

O algodão absorvente esterilizado para usos médicos, cirúrgicos e profiláticos prepara-se nos Estados Unidos da América e na Europa, com fibras novas de algodão ou com os restos das fiações. A transformação industrial efetua-se em quatro operações principais, a saber: a físico-química para purificá-lo, a química para branqueá-lo, a mecânica para pô-lo na forma em que se expende no mercado, e a esterilização.

As impurezas do algodão em bruto são: proteínas e compostos aminados solúveis, pectinas e pectosas, óleos e ceras, substâncias corantes naturais e impurezas que o algodão recolhe durante sua manipulação. O algodão se recebe nas grandes fábricas estadunidenses já descaroçado e completamente livre de nós, fôlhas e pó vegetal. Então, os técnicos se dedicam a fazer o algodão absorvente esterilizado para os propósitos já conhecidos; porém preparam também o algodão absorvente, que é celulose pura, a fim de vendê-lo a outras fábricas para fazer o algodão-pólvora, explosivos e outros artigos.



O processo ou operação físico-química consiste na ebulição do algodão com um álcali, geralmente o hidróxido sódico (soda cáustica) em soluções que variam em densidade de acôrdo com o algodão que se trate, geralmente em proporção de 2 a 3 por cento. A operação se leva a cabo em caldeiras fechadas a pressão, conhecidas com o nome de "kier", em inglês, ou autoclaves, em português. As melhores autoclaves são aparelhos de grande capacidade, armados em uma estrutura de aço, ficando a parte superior em um segundo andar por onde se procede à carga e descarga do algodão. Estas autoclaves são do tipo fixo e se carregam e descarregam à mão. Há um tipo diferente, que tem em seu interior um êmbolo que impulsiona para cima, por fôrça hidráulica, o conjunto do algodão, uma vez terminada a operação. Também há outro tipo que gira sôbre pivôs e que descarrega por sistema giratório. O princípio físico é igual em todos, quer dizer, a soda cáustica se injeta pela parte superior da autoclave em forma de regador, cai sôbre o algodão e se coa através da massa, mantendo uma contínua circulação do líquido durante todo o tempo do tratamento, que em geral é de 10 a 12 horas, e os aparelhos se acertam de modo que trabalham quase automàticamente.

A pressão a que trabalham êstes autoclaves é de uma a duas atmosferas. A densidade exata da solução alcalina tem que ser estudada com ensaios em pequena escala, devido à grande variedade de algodões existente, porém isto é fácil de averiguar-se por ensaios em pequenos autoclaves de laboratório. Conhecer o algodão que se trata é de suma importância nesta indústria, assim como também a qualidade da água que se usa, que deve ser a mais pura possível, já que os sais dissolvidos ou em suspensão, que poss ater, formam compostos com a soda cáustica que são prejudiciais à obtenção de um algodão puro (absorvente) e dificultam mais tarde a operação do embranquecimento. A ebulição por pressão, do algodão com a soda cáustica, produz os seguintes resultados: os óleos se saponificam e as ceras se emulsionam, as proteínas se hidrolizam e se convertem em pectosas ou compostos aminados simples, as pectosas e pectinas se convertem em sais solúveis, a sujidade que forma o pó e outras matérias orgânicas se precipitam. Tôdas estas impurezas saem logo junto com a lixívia gasta nas lavagens com água pura. Uma vez terminada a operação de ebulição a juízo do operador, fecham-se as chaves que ligam ao depósito da sola, deixa-se escorrer a lixívia cáustica gasta e procede-se à lavagem, abrindo a chave da água quente, a qual se injeta no aparelho da mesma forma que o licor purificante. O aparelho deve permanecer fechado durante esta operação, para evitar a possível formação da oxi-celulose, que priva o algodão de suas propriedades absorventes e dificulta mais tarde o embranquecimento.

Tiram-se então várias amostras de algodão do autoclave e submetem-se às experiências de absorção e de reação. A primeira consiste em secar bem uma porção de algodão, comprimi-la com a mão e deixá-la cair em água a 25° C., a qual deve ser absorvida em seguida ou em 25 segundos, no mais tardar. Se esta experiência não fôr satisfatória, isto indica que a operação de ebulição não foi completa, seja devido a que o soluto cáustico não foi bem preparado, seja porque o tempo de ebulição não foi suficientemente prolongado. Familiarizar-se com o algodão que se trabalha, obviará esta dificuldade. A experiência de reação (pH) se efetua com um índice de uma solução alcoólica de fenoftaleína e com papel tornassol. O algodão deve ser completamente neutro antes de submeter-se ao embranquecimento, quer dizer, deve ser lavado até que desapareçam os menores traços do álcali, antes de submetê-lo ao embranquecimento.

A operação seguinte é a do embranquecimento

que se leva a cabo em selhas ou tanques feitos de materiais inertes à ação química do licor embranquecedor. Nos Estados Unidos usa-se a madeira de cipreste para construir êstes artefatos. O algodão absorvente passa diretamente das autoclaves a cubas de embranquecimento, situando-se uma ao lado da outra na fábrica para poupar trabalho na manipulação. O líquido embranquecedor cai, e mforma de orvalho, de um regador colocado ao centro da cuba, a suficiente altura para orvalhar a totalidade do algodão. A tubuladora se acerta convenientemente, com chaves de fenda, para comunicar o regador com o tanque de embranquecimento ou com o tanque de água para a lavagem posterior.

O licor embranquecedor do algodão se prepara com o hipoclorito cálcico (Cl2 O Ca) ou com cloro líquido. O primeiro se prepara por lixiviação do hipoclorito moído em pó impalpável, dissolvido em água a 24 ou 26° C. em tanques munidos de revolvedores mecânicos, por 20 minutos, e decantando o líquido claro. Cinco partes do pó em 100 de água fazem um licor de aproximadamente 3,4° Baumé, oqual deve diluir-se a uma densidade de 1,4° antes de usar-se; pois um licor demasiado forte oferece o perigo da formação de oxi-celulose. O segundo, ou seja, o cloro líquido, se prepara pela electrólise do cloreto sódico em aparelhos especiais, o qual constitui uma indústria por si só. O cloro líquido é vendido nos Estados Unidos da América em cilindros de 150 libras ou em tanques de 2 000 libras.

O cloro líquido se considera muito mais eficiente que o hipoclorito, por sua ação mais rápida e o embranquecimento mais puro, quer dizer, não oferece as possibilidades de manchas que o hipoclorito mal preparado pode causar, e, sem dúvida alguma, porque aumenta a capacidade produtiva da planta na economia de tempo; porém nos países onde não se produz tem que importar-se e talvez resulte mais custoso. O licor embranquecedor se emprega nas temperaturas normais, porém pode usar-se o calor como ativante, a uma temperatura que não exceda 40° C. e neste caso, os diluídos devem ser de uma densidade menor que a usual a frio. Depois de terminada esta operação, o algodão deve lavar-se bem de novo para tirar-se completamente o líquido embranquecedor. Esta operação deve fazer-se sem nenhuma demora para evitar um excesso de embranquecimento produzido pela concentração do líquido embranquecedor, ao evaporar-se. A lavagem se efetua nas mesmas cubas, com a adaptação das tubuladuras, como ficou explicado.

O algodão bem branco se submete então à acidulação que consiste em dar-lhe um banho, na mesma cuba, de ácido sulfúrico ou ácido clorídrico diluído a 1° Baumé, que tem por único propósito dissolver os sais cálcicos que se precipitaram sôbre as fibras durante o embranquecimento, as quais dariam um tacto áspero ao algodão absorvente se não se secam. Depois se lava de novo até que desapareça todo o ácido e dê uma reação neutra à prova com o papel tornassol. Além de ser uma condição imprescindível do algodão absorvente o ser completamente neutro, deve ter-se presente que uma quantidade tão pequena como um 0,01 por cento de ácido que possa ficar produz a formação da hidrocelulose, ou seja, a de desintegração das fibras, ao deixar-se guardado por um tempo.

Ao terminar-se esta última operação o algodão fica saturado de água. Deixa-se escorrer por um tempo nas mesmas cubas e logo se transfere diretamente às estufas ou fornos de secar, por meio de tubuladuras grandes, de sucção ao vácuo; outros técnicos preferem deixar cair o algodão das cubas em uns funis grandes, de onde o recolhem uns transbordadores mecânicos para levá-lo às estufas. De ambas as formas se economiza trabalho na manipulação, porém é dispendioso em combustível e em espaço para instalar grandes estufas.

Uma extração preliminar em centrifugadores mecânicos é parte do processo em algumas fábricas, segundo informações recolhidas. As estufas e fornos são de forma retangular, feitas de lâminas de ferro, esquentadas com serpentinas de vapor, a uma temperatura regularizada para permitir ao algodão secar-se paulatinamente, à medida que se move sôbre um transbordador mecânico. Há fábricas que têm estas estufas instaladas no mesmo local ou departamento onde estão instaladas as cardadoras, com o propósito deliberado de conservar o algodão bem sêco durante a operação de cardamento e devido às propriedades higrométricas do algodão absorvente. Antes de cardado, o algodão passa primeiro a umas máquinas denominadas "picker", das quais uma abre as fibras do algodão e a outra o transforma em grandes rolos de 40 polegadas de profundidade por 40 polegadas de diâmetro. Também há uma máquina combinada, para ambas as operações. Êstes rolos, do citado tamanho, passam então às cardadoras, que são mecanismos iguais aos que se usam nas fiações, salvo em sua forma exterior que é plana em vez de redonda. Há fábricas que têm 15 destas máquinas trabalhando em fileira, as quais vão depositando a massa cardada de algodão sôbre um transbordador mecânico, que se move paulatinamente debaixo delas, formando assim uma camada grossa composta de 15 capas menores. Em outras onde a produção é em menor escala, são sete as cardadoras que trabalham do mesmo modo, salvo que o transbordador tem um mecanismo destinado a dobrar as camadas de algodão, de modo que, ao final do transbordador, a camada tem quase a mesma grossura, porém a metade da profundidade, ou sejam 20 polegadas. Em ambos os casos, ao extremo final do transbordador, existe um mecanismo que comprime esta camada grossa e a transforma em rolos, inserindo-lhe, ao mesmo tempo, uma fôlha de papel azul, protetora, de modo que o rôlo sai completamente embrulhado.

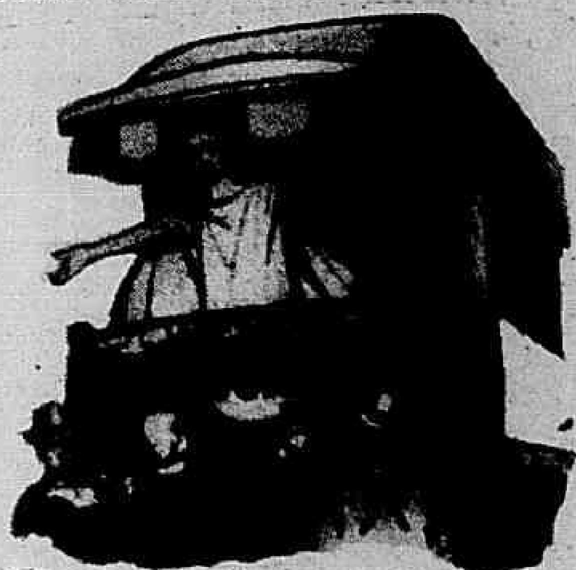
Nestas condições, o algodão passa à seção de acabamento, onde os rolos já embrulhados são cortados no devido comprimento por serras cir-

PÍLULAS LATINAS

Por *Ray Bethers*



AMBIDESTRO — A palavra latina "dextra" significa *mão direita*; "ambi", por sua vez, significa ambas. Se o leitor utiliza as duas mãos *igualmente bem*, é chamado ambidestro, o que, literalmente, significa que possui duas mãos direitas.



CANDIDATO — Deriva da palavra latina "candidatus", significando uma pessoa *vestida de branco*. Em Roma, na antiguidade, aquêles que falavam ao público ou com êste lidavam, vestiam *togas* brancas. Estas eram um símbolo da sua *pureza*.



MÚSCULOS — Os romanos achavam que a flexão do músculo lembrava um ratinho irrequieto. A palavra que utilizamos deriva de "musculum", diminutivo de "mus", designação latina para rato.



DELÍRIO — Os romanos diziam que um homem estava "fora da trilha", no caso em que dizemos "fora de si". A expressão deriva, pois, do latim "de" (fora de) e "lira" (trilha).

culares mecânicas, passando depois a uma mesa onde diversas mulheres, muito experientes neste gênero de trabalho, vão pesando e formando, dos rolos já cortados, os pacotes de libras e frações de libras que se vendem no mercado. Outras operárias põem o algodão já pesado dentro das respectivas caixas.

Cada lote de algodão que se produz é submetido a diversos ensaios nos laboratórios, para se ter a certeza de que preenche as condições estipuladas para um algodão puro, segundo as regras da Farmacopéia, entre as quais figuram a brancura perfeita, suavidade ao tato, ausência de cheiro, e insipidez. Sua reação deve ser absolutamente neutra. Não deve ter mais de 0,2% de resíduo em cinzas. Deve estar livre de matérias corantes. Não deve conter mais de 0,66% de matérias gordurosas. Deve ser absorvente ao grau já explicado, etc. Examinado sob o microscópio, deve apresentar fibras com o aspecto de tiras ôcas empastadas e torcidas em estrias espirais ligeiramente unidas nas extremidades.

Damos a seguir uma lista da maquinária necessária para fabricar 150 toneladas de algodão absorvente esterilizado, por ano de 3 000 horas úteis, com outras informações que facilitam fazer um cálculo do capital necessário para estabelecer essa indústria:

Uma caldeira tubular a vapor, 50 HP.
Uma auto-clave (kier) para tratar 1 000 libras de algodão em 10 horas de trabalho contínuo, com um motor elétrico de 2 HP.
Uma selha de madeira de cipreste para o branqueamento, com um motor elétrico de 1 HP.
Dois depósitos, um para o álcali e o outro para o agente branqueador.
Um extrator de água (centrífugo) com motor elétrico de 7½ HP.
Uma estufa ou forno com o respectivo transbordador e alimentador automáticos; motor elétrico de 7½ HP.
Máquina combinada para abrir a fibra e formar os grandes rolos, com motor elétrico de 5 HP.
Seis cardadoras tipo Whitin, com motor elétrico de 15 HP.
Um compressor do algodão cardado com o respectivo transbordador.
Um enrolador do algodão cardado e recortador, com motr de 1 HP.
Uma mesa para o trabalho de acabamento, suficientemente ampla.
Um esterilizador.

Vários acessórios, balanças de pesar, aparelhos para fazer experiências, etc.
Um depósito de madeira para água, com capacidade de 5 000 galões.

★ ★

ÊSTE MUNDO LOUCO!

EM MIAMI, Estados Unidos, após o árbitro Eddie Coachman haver declarado o pugilista Harry Braelow derrotado por nocaute técnico, êste se levantou . . . e derrubou o árbitro com um sôco.

FRANK STOKES, de 23 anos de idade, após ter sido condenado a dez dias de prisão, por vadiagem, levantou-se e disse para o juiz:
— Isto é uma injustiça! Não sou vagabundo! Tenho meios para me sustentar, pois faço mais de dez dólares diários, pedindo esmolas!

EM CHOISY-LE-ROI, França, Maurice Fonctionnaz, acusado de haver roubado um cavalo, explicou no tribunal que havia praticado tal ato *apenas para minorar os sofrimentos que sua asma e tosse renitente lhe acarretavam.*
— Sôbre um cavalo — afirmou muito sério — fico muito mais alto do que o normal; e isto permite que eu respire com menor esfôrço . . .

EM ATLANTA, Paul Lee Miller, acusado de falsa identidade, por querer personificar um agente de polícia, disse no tribunal, que "sentia-se inclinado a usar uma insígnia, por ter sido, alguns anos antes, "quase eleito sherife", na cidade de Oak Ridge, Estado de Tennessee!

EM LONDRES, os gatunos penetraram no Avenue Hotel, carregando o seguinte: 4 800 cigarros, 140 garrafas de licor, todo o equipamento de rádio e televisão . . . e o cão de guarda!

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS OU LEGENDÁRIAS

PATRONA-KHALIL — revolucionário turco, nascido na Albânia ao terminar o século XVII, morto em Constantinopla, em 1730. Foi, primeiro, marinheiro, ingressando a seguir no corpo de janíssaros.O sultão Ahmed III tentava estabelecer novo imposto, a fim de conseguir dinheiro para suas fantasias. Patrona-Khalil provocou um levante contra o soberano, derrubando-o e colocando no trono Mahmud I, que imediatamente tratou de abolir o imposto. Entretanto, êste soberano, ao fim de alguns meses, receando qualquer golpe do revolucionário, desta vez contra sua pessoa, mandou assassiná-lo.

PAULA (Santa), dama romana, fundadora de mosteiros, nascida em Roma em 347, morta em Bethlem em 404. Descendia dos Gracchos e dos Scipiões. Enviuvando, embarcou para a Palestina e fundou, em Bethlem, quatro mosteiros, um de homens e três de mulheres. Três de suas filhas, Paulina, casada com S. Pamáquio, Blesila e Rufina morreram antes dela. Eustóquia, que a acompanhara à Palestina, tomou o véu juntamente com ela, sendo a sua sucessora no govêrno de seus mosteiros. S. Jerônimo, seu diretor de consciência, dirigiu-lhe várias cartas e escreveu sua vida. Era decaridade exemplar. Festejada em 26 de janeiro.

PAULA (Paula de Viguier, Sra. de Baynaguet, mais tarde Baronesa de Fontenille, mais conhecida como A Bela Paula), nascida e morta em Toulouse (1518-1610). Pertencia a uma grande família do Languedoc. Em 1533, por ocasião da entrada de Francisco I em Toulouse, encarregada de apresentar ao soberano as chaves da cidade, recebeu do rei o cognome com o qual se tornou mais conhecida. Sua cidade natal era de tal forma idólatra de sua beleza que os transeuntes se esmagavam nas ruas, à sua passagem. Assim o Capitular a condenou a sair pelo menos duas vêzes por semana, com a cabeça descoberta. Sua bondade, sua inteligência e sua virtude, igualavam seus encantos físicos. Casou duas vêzes, sendo a primeira com sire de Baynaguet e, enviuvando, com o barão de Fontenille.

PAULINO (Santo) sagrado bispo de Trèves em 349, morto na Frígia em 359. No concílio de Arles (353) sustentou, corajosamente, mau grado as ameaças e as promessas do imperador Constâncio, os decretos do concílio de Nicéia e a inocência de Santo Atanásio. Foi deposto e exilado entre os bárbaros. Festejado em 31 de agôsto.

PAULINO (Santo), bispo de Nole (Itália), nascido em Bordeaux em 354, morto em Nole em 431. Descendente de antiga e ilustre família, Paulino, que tinha em latim o nome de Meropius Pontius Anicus Paulinus, teve como preceptor o poeta Ausono. Do pai recebeu, em legado, o título de senador e o imperador Galiano lhe concedeu, em 378, o de cônsul substituto. Converteu-se ao cristianismo no correr de uma viagem que fêz à Itália, exatamente quando se achava junto ao túmulo de São Félix de Nole. De regresso à Aquitânia, foi visitar suas propriedades da Espanha e casou-se com uma rica herdeira, Teresia. Recebeu o batismo em 389. Em 393, renunciando ao mundo, vendeu seus bens em proveito dos pobres e com o assentimento da sua espôsa, abraçou a vida monástica. Ordenado padre por Lampius, bispo de Barcelona, em 394, dirigiu-se à Itália, sendo sagrado bispo de Nole, em 397. Em 409 (ou 410) aprisionado pelos Vândalos, foi levado para a África, onde passou um ano. Dêle se conserva, em latim, cinqüenta espístolas, trinta e dois poemas, notáveis pela pureza do estilo e a narração do martírio de S. Genès de Arles. Festejado em 28 de junho.

PAULINO, o Penitente, neto de Ausono, vivia na Aquitânia, no século V. Arruinado pela invasão dos Godos, retirou-se para a solidão e compôs o Eucharíston, poema em que agradece a Deus os sofrimentos com que o cumulou e que contém utilíssimos ensinamentos históricos.

PAULINO, de *Pèriguex*, poeta latino, nascido em Pèriguex, morto em 478, de nossa era. Dêle restam algumas poesias e uma Vida de S. Martinho, poema em seis livros, preciosos pelos detalhes que contêm sôbre os costumes dos cristãos e dos bárbaros dessa época.

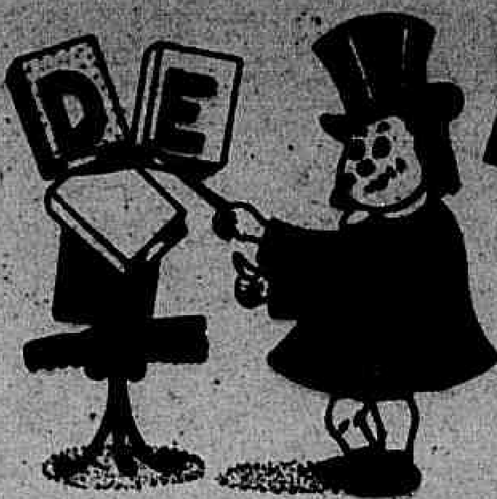
PAULINO (Santo), patriarca de Aquiléia, nascido em 726, na Austrásia, segundo uns, no Frioul, segundo outros, morto em Aquiléia, em 804. Foi amigo de Alcuino e conselheiro de Carlos Magno, que lhe doou importante domínio na Lombárdia. Elevado à Sé patriarcal de Aquiléia, em 776, figurou como legado do papa Leão III, na assembléia de Aix-la-Chapelle. Deixou um tratado da Trindade, intitulado Sacro-Syllabus, três Livros contra Félix de Urgel, as Instruções Salutares, obra de moral, que foi primeiramente atribuída a Sto. Agostinho, e um poema intitulado Regra de Fé. Festejado em 11 de janeiro.

PAULINA — Personagem da tragédia de Polyeucte, filha de Félix, governador da Armênia. Acaba de desposar Polyeucte, mas antes havia amado um jovem cavalheiro romano, Severo. Vai procurá-lo e roga ao antigo namorado que fuja sempre de encontrá-la, pois deseja ser fiel ao marido, e quando êste, prestes a dar a própria vida pela defesa da sua fé, pretende confiar Paulina a Severo, ela se recusa. Conquistada pelo heroísmo do marido, ela se converte também ao cristianismo, exclamando: *"Eu vejo! Eu sei! Eu creio! . . .* Sou uma pecadora!" Êsse verso passou para a linguagem popular, para exprimir uma convicção repentina e profunda.

PAULINA Bonaparte (Marie Paulina, mais conhecida por Paulina), princesa Borgnese, duquesa de Guastalla, segunda irmã de Napoleão I, nascida em Ajaccio, em 1780, morta em Florença em 1825, deixou a Córsega em 1793 e foi com a família, residir em Marselha. Foi pedida em casamento pelo convencional Fréon, logo afastado por intimação do irmão, Napoleão, depois ficava noiva do general Dupnot, que foi assassinado em Roma (Dez. de 1797). Pouco depois seguia com a família para Paris, onde a sua grande beleza e seu parentesco com o vencedor da Itália lhe valeram brilhantes triunfos mundanos. Casada, em 1801, com o general Leclerc, com êle partiu para S. Domingos e dali voltou viúva (Dez 1802). Oito meses depois desposa o príncipe romano Camilo Borgnese, chefe de uma ilustre família e senhor de uma imensa fortuna. Dêle se separou ao fim de pouco tempo para viver a vida a seu modo, em Paris ou em Roma, despertando sempre a atenção geral pela sua extraordinária beleza. Afastada da côrte, em 1810, por haver faltado com o devido respeito à rainha Maria Luísa, foi, em 1814, fazer companhia ao irmão na ilha de Elba e cuidou de sua reconciliação com Murat. Não pôde juntar-se a Napoleão nos Cem Dias, e passou o resto de sua vida em Florença, onde se fêz amar por sua grande caridade e ali mesmo morreu, em 1825, de uma enfermidade contraída em S. Domingos.

LIVROS DE BÔLSO

UM GRANDE PRAZER POR POUCO DINHEIRO





VENDAS:
RIO: AV. RIO BRANCO, 25 e OUVIDOR, 150
SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 4

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL ENVIANDO TALÃO ABAIXO, SOMENTE PARA O RIO!

MANUAL DA VIDA SEXUAL — 174 - 20,00
ABERRAÇÕES SEXUAIS — 180 - 20,00
87 - 20,00
COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS — Nº 4 — 20,00
Nº 5 — 20,00
VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL — 145 - 20,00
PRÁTICAS SEXUAIS
ESTIMULANTES SEXUAIS — Nº 67 — 15,00
A FELICIDADE SEXUAL — Nº 3 — 15,00
ANORMALIDADES SEXUAIS
174 - 20,00

TÉCNICA e PRÁTICA SEXUAL — Nº 2 — 20,00
VIGOR SEXUAL — Nº 6 — 20,00
Nº 91 — 15,00
Nº 127 — 20,00
PSICO-SEXUALIDADE
COMO SE FAZER AMAR — Nº 23 — 15,00
Como evitar a Solidão Amorosa
A CONQUISTA AMOROSA PELA APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA SEXUAL
A ARTE e a TÉCNICA DO BEIJO

O que todos os homens devem saber PARA CONQUISTAR AS MULHERES — Nº 124 — 20,00
PARA CONQUISTAR OS HOMENS
A COZINHA PORTUGUÊSA
COZINHA FRANCESA
NANA
GRANDES CORTESÃS
A CARNE — Nº 140 — 25,00
OS ENCANTOS DA MULHER NUA — Nº 148 - 15,00

Aprenda a DIRIGIR — 141 - 15,00
MANUAL DO MOTORISTA — Nº 26 — 15,00
A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO
175 - 10,00
Nº 131 — 20,00

O CASAMENTO — 213 - 15,00
CONQUISTE AMIZADES E ADQUIRA SIMPATIA SOCIAL — 161 - 15,00
FILOSOFIA DA VIDA — 170 - 15,00
DESENVOLVA A MEMÓRIA — 167 - 15,00
82 - 10,00
Método de EMAGRECER COMENDO
ELIMINE O SEU COMPLEXO DE INFERIORIDADE — Nº 130 — 20,00
172 - 15,00

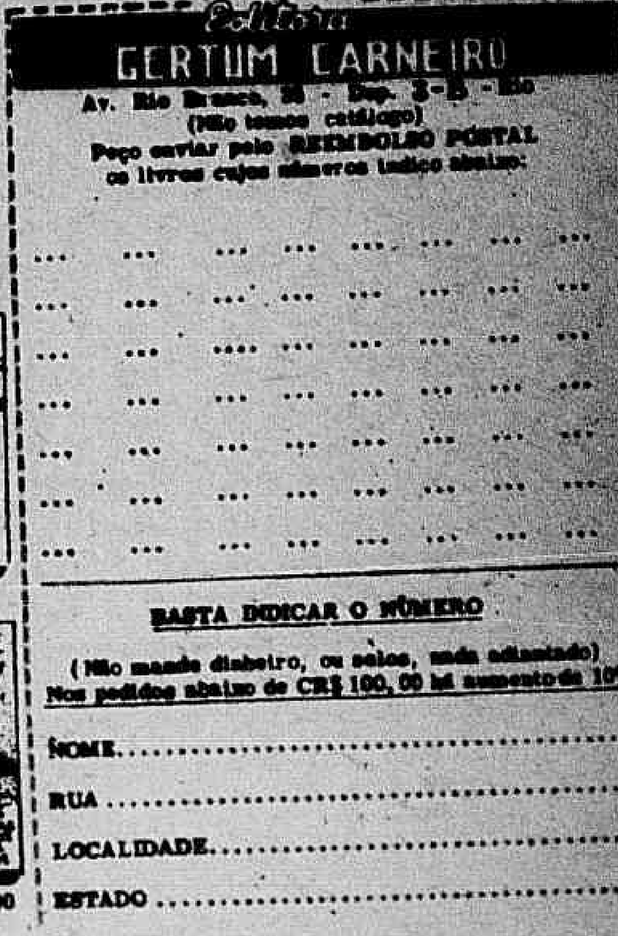
MÉTODO DE DATILOGRAFIA SEM MESTRE PRÁTICO RÁPIDO — Nº 96 — 15,00
RÁDIO
150 - 15,00
ENERGIA ATÔMICA
162 - 15,00
215 - 10,00

REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL — 190 - 15,00
BASKETEBOL — 211 - 15,00
NATAÇÃO — 136 - 15,00
193 - 15,00
MODELOS DE CARTAS
MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS — Nº 163 — 15,00
Cartas de Amor — Nº 20 — 15,00
Correspondência Amorosa — Nº 21 — 15,00

A ORTOGRAFIA CORRETA — 188 - 15,00
Nº 36 — 15,00
FALA E ESCREVE CORRETAMENTE A SUA LÍNGUA — Nº 37 — 15,00
VOCABULÁRIO
DICIONÁRIO
YES SIR — 12,00 — Nº 22 — 12,00
FRANCÊS SEM MESTRE — Nº 25 — 12,00

HORÓSCOPOS PARA TODOS — 197 - 15,00
As Chaves de SALOMÃO — 198 - 15.00
184 - 15,00
Nº 11 — 15,00
Nº 15 — 15,00
MÉTODOS DE HIPNOTISAR — 147 - 15,00
COMO INTERPRETAR OS SONHOS — Nº 12 — 10,00
COMO LER OS PENSAMENTOS — Nº 13 — 15,00

COMO TIRAR A SORTE — Nº 39 — 15,00
Livro COMO LER AS MÃOS — CONHEÇA O FUTURO — Nº 14 — 15,00
Grafologia Prática — Nº 64 — 15,00
APRENDA a fazer MÁGICAS — 158 - 15,00
O LIVRO DAS MÁGICAS — Nº 68 — 10,00
Jogos de Cartas — 51 - 15,00
PALAVRAS CRUZADAS — 157 — 10,00
Nº 22 — 15,00
TÁTICAS DE XADREZ — Nº 123 — 15,00



Editôra GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 3-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou sêlos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME ....
RUA ....
LOCALIDADE ....
ESTADO ....

GRANDE CONCURSO "BRAZÍLIA"

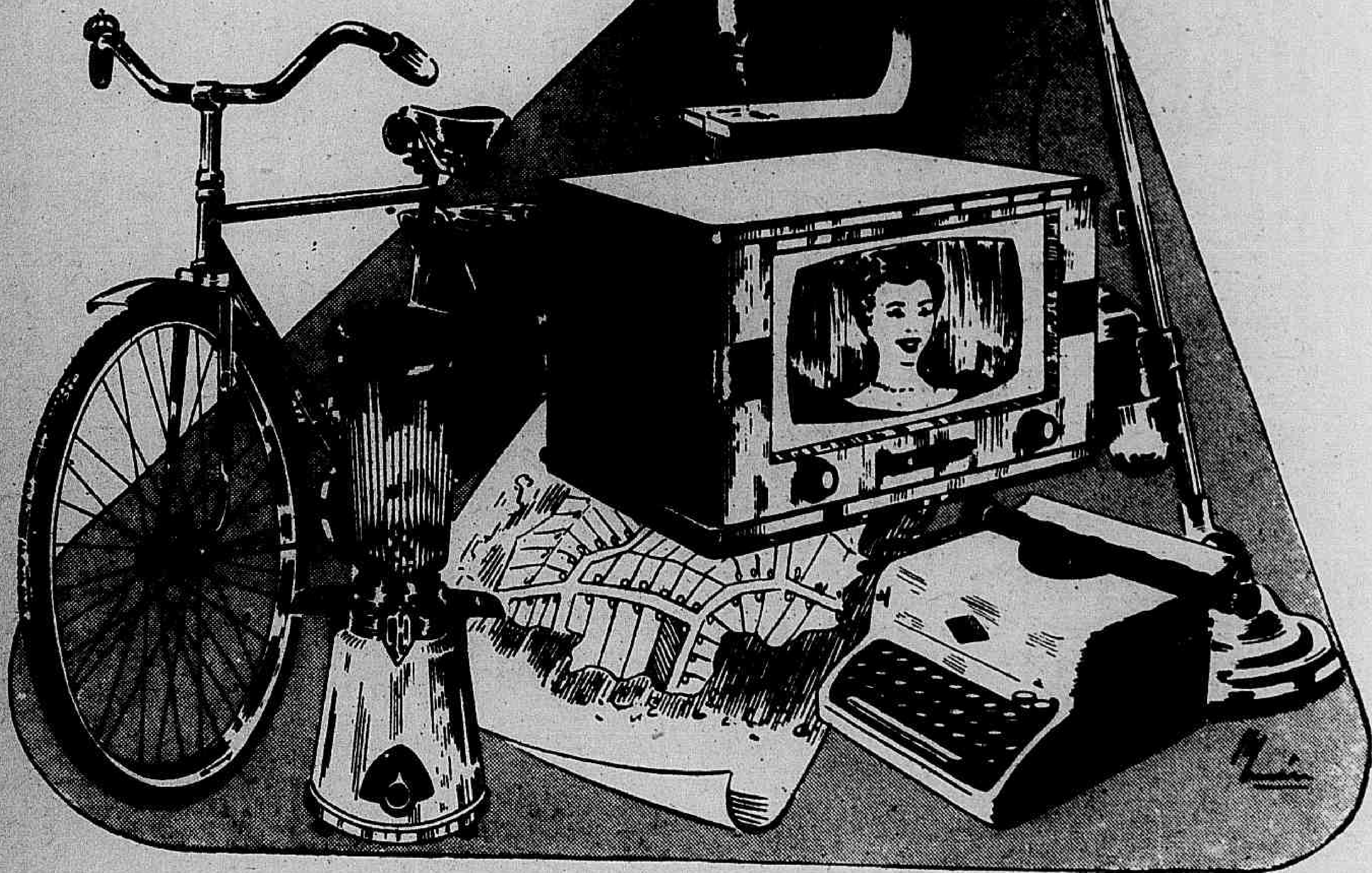
Mais de Cr$ 200.000,00
de prêmios

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura e muitas outras coisas úteis.

Conheça o Brasil. Colecione lindas gravuras coloridas de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no Álbum Revista da Semana

Condições na
REVISTA DA SEMANA
a venda. Redação: Rua Maranguape, 15
— Rio —



REALIZAÇÃO DA BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.
RUA VISCONDE DE INHAUMA 134 — RIO DE JANEIRO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM FEVEREIRO DE 1952

1 — DOMINGO — A emissora de Praga noticia que o Ministro do Exterior Wiliam Siroky foi destituido, sendo nomeado para sucedê-lo o sr. Vaclave David. ★ Anuncia-se que o govêrno nacionalista chinês vai emitir uma declaração apoiando a decisão dos Estados Unidos em retirar suas patrulhas navais do estreito de Formosa, facilitando um ataque ao continente chinês pelas tropas de Chiang Kai Shek. — A resolução de Eisenhower, porém, encontra repercussão desfavorável na França e Inglaterra ★ Divulgados detalhes das desoladoras conseqüencias que causaram as terríveis tempestades e inundações na Europa Ocidental ★ Diversas pequenas cidades e aldeias britânicas foram inteiramente destruidas pelas águas, ocasionando a morte de centenas de pessoas ★ Noticia-se que uma pequena ilha ficou completamente submersa, perecendo tôda a sua população, estimada em 350 pessoas.

2 — SEGUNDA-FEIRA — O sr. Presidente da República assina decreto nomeando o sr. Alcino Hugueneg de Siqueira, Delegado do Tesouro Nacional em Mato Grosso. ★ Em mensagem ao Congresso, o General Eisenhower declara: "nossa política, devotada a garantir o mundo livre, contemplará todos os métodos e dispositivos pacíficos" e, mais adiante, "jamais concordaremos com a escravisação de qualquer povo para a obtenção de ganhos para nós" — Eisenhower disse que pedirá ao Congresso a liberação de preços e salários. ★ Na Holânda ocorre rompimentos de diques com inundações de localidades vizinhas, avaliando-se em mais de 400 o número de mortos. ★ Diversas cidades francesas, belgas e alemãs também foram sacrificadas pelas águas.

3 — TÊRÇA-FEIRA — Até a noite passada sabia-se de sete mortes causadas na Bélgica pelos temporais que assolaram as zonas central e oriental do país e pela violência do mar contra o litoral belga, principalmente contra as cidades balneárias. Segundo informações do Ministério das Obras Públicas, calcula-se os prejuízos sofridos pelas cidades balneárias em cêrca de 200 milhões de francos belgas. ★ O secretário de Estado dos Estados Unidos, John Foster Dilles, abordado pela imprensa londrina, a respeito da decisão de Eisenhower mandando sustar o bloqueio naval de Formosa, responde que não poderia assegurar outra coisa, porque a atitude de Eisenhower fôra puramente lógica e não visou intenções agressivas de qualquer natureza. ★ O sr. Presidente da República recebe, no Palácio Rio Negro, as delegações participantes do Seminário Latino-Americano de Bem Estar Rural ★ Sob a presidência do sr. Ministro da Fazenda encerra-se o II Congresso de Arrecadação Federal.

4 — QUARTA-FEIRA — Membros do Congresso e diversos jornais norte-americanos aplaudem a decisão de Eisenhower de "desneutralizar" a ilha Formosa ★ A Casa Branca nega-se a adiantar os passos dados para afastar a 7.ª Esquadra do continente chinês. ★ Anuncia-se que a Rússia decidiu participar da reunião do Conselho de Suplentes que discutirá o Tratado de Paz com a Austria, a instalar-se amanhã, em Londres. ★ Noticia-se que mais de 1.200 pessoas pereceram na Holanda nas inundações ali verificadas. ★ Anun-

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-4

ciado que as enchentes, na Inglaterra, mataram cêrca de 250 pessoas. — Diversas localidades estão ameaçadas por novas tempestades. ★ Anuncia-se para a próxima segunda-feira a instalação, em Caracas, da 3.ª sessão extraordinária do Conselho Inter-Americano Econômico e Social. ★ Chegou a esta Capital, acompanhado de sua comitiva, o sr. dr. Hernan Siles Zuazo, Vice-Presidente da Bolívia. ★ O sr. Ministro das Relações Evteriores oferece, no Palácio Itamarati, um almôço de despedida ao sr. Embaixador da Itália. ★ Chega a esta Capital, o sr. dr. Carlos Muro Quesada Laos, novo Embaixador do Peru no Brasil. ★ Realiza-se, no Palácio Itamarati, uma sessão solene em memória do herói cubano José Martí.

5 — QUINTA-FEIRA — O govêrno de Chang Kai Shek é notificado do levantamento das restrições impostas às fôrças nacionalistas. — Na Câmara dos Comuns travam-se debates em tôrno da importante resolução de Washington. ★ Exportadores norte-americanos declaram que aguardavam, ainda para êste mês, a concessão de um empréstimo do Banco de Importação e Exportação, destinado a liquidar os saldos comerciais do Brasil. ★ O Secretário de Estado norte-americano, que está percorrendo a Europa em missão especial de Eisenhower, chega à Alemanha ocidental procedente da Inglaterra. — Dulles declara-se satisfeito com o resultado das conversações mantidas com o govêrno inglês. ★ Na Câmara dos Comuns o govêrno britânico e interpelado acêrca do progresso alcançado no incentivo ao comércio anglo-brasileiro. ★ Anuncia-se que o Marechal Tito aceitou um convite para visitar a Turquia. — Fala-se na possibilidade de ser assinado em Ancara, nessa ocasião, o acôrdo tripartite turco-grego-iugoslavo. ★ O sr. Presidente da República assina decreto designando a delegação brasileira à III Sessão Extraordinária do Conselho Econômico e Social. ★ Foi oferecido, no Palácio Itamarati, um almôço ao sr. Vice-Presidente da Bolívia.

6 — SEXTA-FEIRA — O General Olmstead, oficial superior do pentágono, encarregado do auxílio militar ao estrangeiro, chega a Formosa acompanhado de dois generais e nove coronéis nòrte-americanos. O General Olmstead assistirá às manobras das tropas nacionalistas e jantará com o Generalíssimo Chiang Kai Shek. O general, que descreveu sua visita a Formosa como uma missão de inquérito, anunciou que os aviões a jato norte-americanos deverão chegar brevemente. ★ Segundo o último cômputo oficial, o número de mortos em conseqüência das inundações na Holanda elevou-se a 1.372 pessoas. ★ Os quatro suplentes para o tratado austriaco reunem-se em Londres nos antigos estabelecimentos da NATO. ★ O Presidente Eisenhower decreta a suspensão dos controles de salários e revoga os preços máximos sôbre uma vasta lista e variedades de produtos de consumo, entre os quais, a carne, os móveis e a roupa, entrando as novas disposições em vigor imediatamente. ★ O "Queen Mary", o segundo grande transatlântico do mundo, consegue atracar em Nova York sem a ajuda de rebocadores ou dos trabalhadores portuários, em meio aos aplausos dos que, da coberta do molhe, observaram a habilidade com que o capitão Donald Sorrel dirigiu a delicada operação. ★ O sr. Presidente da República assina decreto elevando à categoria de Embaixada a representação diplomática do Brasil no Egito. ★ O sr. Hernan Siles Zuazo, Vice-Presidente da Bolívia, recebeu diversas homenagens do Govêrno brasileiro. ★ No Palácio Itamarati, realizou-se o almôço de despedida ao sr. Ministro da Austrália.

7 — SÁBADO — A informação difundida por uma agência estrangeira e segundo a qual o gôverno holandês teria informado o sr. Foster Dulles que a Holanda, em razão das devastações causadas pelas inundações, se veria obrigada a reduzir seu orçamento militar, é destituida de qualquer fundamento, declara uma personalidade holandesa das mais autorizadas. Essa mesma personalidade precisa que a Holanda, a despeito do pesado fardo que representam a reconstrução dos diques e a recuperação das regiões inundadas, faria face a tôdas as suas obrigações internacionais, seja em que domínio for. ★ Um portavoz do Ministério do Exterior britânico declara que a possibilidade do bloqueio do litoral da China pelos nacionalistas chineses, sob o patrícinio dos Estados Unidos, não fora levantada junto ao govêrno britânico. ★ Um comunicado publicado depois das conversações que se realizaram nestes últimos 15 dias, entre o sr. Stephanopolus, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grécia, e os dirigentes iugoslavos, a respeito da colaboração entre as nações balcânicas para sua defesa comum contra uma eventual agressão, salienta que "uma plena identidade de pontos de vista foi constatada, especialmente no que concerne à questão da segurança comum." ★ O sr. Presidente da República assina decreto promovendo ao posto de Marechal o General de Exército José Agostinho dos Santos. ★ O dr. Hernan Siles Zuázo, Vice-Presidente da Bolívia, é homenageado com um almôço no Jockey Clube Brasileiro.

8 — DOMINGO — O sr. Andrei Vyshinsky, Ministro do Exterior da União Soviética, pede um visto americano para poder estar presente à Assembléia Geral das Nações Unidas, em Nova York. ★ A inundação, que tantos danos provoca no oéste holandês, talvez sirva para acelerar um extraordinário sistema de diques, que protegerão das águas tôdas as ilhas holandêsas do Mar do Norte, junto as costas da Zelândia e Holanda meridional. As obras, que seriam as maiores que os holandeses já realizaram, dentre as portentosas que há séculos vêm efetuando para livrar suas terras dosembates do mar, estão sendo estudadas pelos engenheiros há alguns anos ★ Falece em Mendes o dr. Hannibal Pôrto. ★ O sr. Hernan Siles Zuazo, Vice-Presidente da Bolívia, visita Volta Redonda.

9 — SEGUNDA-FEIRA — O sr. Harold Stassen, Diretor da Agência da Segurança Mútua, anuncia hoje a constituição de um grupo de 55 personalidades eminentes do mundo dos negócios,

encarregada de fazer um inquérito local sôbre os progressos dos programas de ajuda em 14 países. Êsse grupo será dirigido pelo sr. Clarence Francis, Presidente do Conselho Administrativo da Sociedade "General Foods" (Produtos Alimentícios). ★ Mantido o veto do sr. Presidente da República ao seguinte artigo do projeto que define os crimes contra o Estado e a Ordem Política. "Nenhuma sanção administrativa ou penal, por crime previsto nesta lei, incidirá sôbre ato ou fato anterior à sua vigência". ★ O sr. Presidente da República assina decretos exonerando o Tenente-Coronel Emanuel Adacto Pereira de Melo do cargo de Diretor Geral do Departamento dos Correios e Telégrafos e efetivando nesse cargo o Tenente-Coronel Gerardo de Lemos Amaral.

10 — TERÇA-FEIRA — Declara-se que Eisenhower ainda não tomou uma decisão concernente ao bloqueio da China Comunista ★ O Senador Wiley pede a intensificação do auxílio militar ao govêrno de Chiang Kai Shek. ★ O "Financial Times" tece comentários em tôrno do comércio de trocas entre o Brasil e a Inglaterra, e sua repercussão nos meios financeiros britânicou declara que, na entrevista que manteve com cou declara que na entrevista que manteve com o sr. Stalin, sòmente tratou dos interêsses relativos a seu país e não assuntos concernentes à situação mundial, como se divulgou. ★ O Govêrno de Bonn ordena a dissolução da organização extremista denominada "Freikorps" ★ Iniciado o julgamento dos conspiradores nazistas que se encontravam em atividade na zona britânico. ★ Na semana finda, 1.800 alemãs fugiram da zona soviética para a zona ocidental. ★ Foi anunciado que cinco oficiais argentinos, 3 da marinha e 2 do exército, escaparam a nado da Colônia Penal de Martim Garcia e pediram asilo ao govêrno do Uruguai. ★ O sr. Presidente da República recebe no Palácio Rio Negro os novos Embaixadores da Austria, da Costa Rica e do Peru.

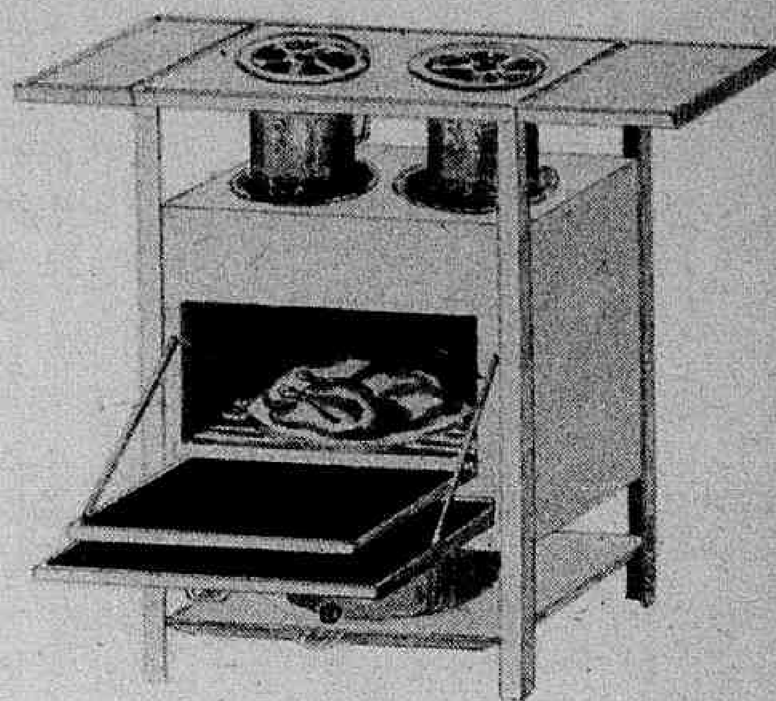
11 — QUARTA-FEIRA — O Sub-Secretário do "Foreign Office", Lord Reading, declara que a Inglaterra não apoiará qualquer tentativa de repudio aos acôrdos de Yalta. ★ Declara-se que o govêrno britânico não tem planos para a incorporação da Espanha na Defesa da Europa Ocidental. ★ Divulgado um estudo realizado pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), acêrca das relações comerciais latino-americanas com a Europa e os Estados Unidos. ★ Anuncia-se que na próxima semana partirão para o Brasil os primeiros quatro aparelhos a jato adquiridos por nosso país na Inglaterra. ★ Noticiado que graves dissenções internas estão debilitando sensivelmente as fileiras do Partido Comunista da França, com o desligamento de mais de metade de seus membros, nos últimos quatro anos. ★ Chega a esta Capital o sr. Ricardo Rivera Schreiber, chanceler do Peru.

12 — QUINTA-FEIRA — O General Mohamed Neguib, Primeiro Ministro do Egito, recebe o Embaixador Britanico Sir Ralph Stevenson. Êste

FOGÕES E FOGAREIROS

o gás de óleo cru ou querosene

REI



A venda nas boas casas do ramo

INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

último recebera na noite passada instruções do Gabinete Britânico, autorizando-o a assinar o acôrdo entre a Grã-Bretanha e o Egito, que põe têrmo ao condomínio anglo-egipcio sôbre o Sudão, estabelecido pelo acôrdo assinado entre o Egito e a Grã-Bretanha em 1899. ★ Um funcionário do Departamento de Estado norte-americano declarou que a quadrilha de contrabandistas de armas, composta por norte-americanos e mexicanos, que está sendo julgada em Dalias, Estado do Texas, é a maior em seu gênero que se descobre desde que entrou em vigor a Lei de Neutralidade, em 1939. ★ Realiza-se, no Palácio Itamarati, o banquete oferecido ao Chanceler do Peru, tendo discursado os srs. Ministro João Neves da Fontoura e Ricardo Rivera Schreiber. ★ O sr. Major-Brigadeiro Adjalma Vieira Mascarenhas tomou posse do cargo de Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica.

13 — SEXTA-FEIRA — Anuncia-se que o Primeiro Ministro britânico, Winston Churchill, e o Presidente do Conselho de Ministros da França, René Mayer, estão de acôrdo em que seus dois países devem fazer todos os esforços possíveis para evitar a propagação da guerra no extremo oriente. ★ Nas esferas oficiais comenta-se que ambos concordam em que o centro de gravidade internacional continua sendo a Europa, apesar das atividades comunistas no extremo-oriente e da oscilação da propaganda comunista. ★ O

Presidente do Senado argentino assume interinamente a presidência da República, depois que foi o Presidente Perón autorizado a visitar o Chile. ★ Realiza-se, no Itamarati, a solenidade da doação, pelo sr. Celso da Rocha Miranda, ao Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores, do relatório manuscrito da Comissão Demarcadora do Tratado de Madrid (1750).

14 — SÁBADO — O secretário Geral das Nações Unidas informa, a todos os governos membros da Organização, que os trabalhos da VII Sessão da Assembléia Geral serão reiniciados no dia 24 do corrente. Como se sabe, a primeira parte da sessão foi realizada antes do Natal. ★ Pelo sr. Presidente da República são assinados decretos nomeando, para formar a Comissão de Promoções do Exército, os srs. Generais Ângelo Mendes de Morais, Olímpio Falconiere da Cunha, Henrique Batista Duflas Teixeira Lott, Otávio Saldanha Maza, Valdemar Rocha, José Vieira Peixoto, Valdemar Brito de Aquino, Odilon Gomes da Silva e Leonidas Amaro. ★ No seu afã de perseguir a Igreja Católica, o Govêrno Polonês decide que sòmente cidadãos poloneses (e comunistas) poderão exercer postos eclesiásticos.

15 — DOMINGO — Após longas e "difíceis" conversações franco-britânicas, sôbre a Comunidade Européia, o govêrno da Grã-Bretanha anuncia que reatará imediatamente novos intercambios, por via diplomática, para solução de diversos problemas relacionados com a segurança do Continente. ★ Anuncia-se que o terremoto, na zona de Toroud, foi um dos mais violentos já ocorridos no Irã. Revela-se que, em conseqüência, morreram mais de mil pessoas, ficando vários milhares sem lar e sem alimentos. ★ Recrudesse na Rússia a perseguição aos judeus. Reune-se o Gabinete de Israel para estudar as providências que serão tomadas.

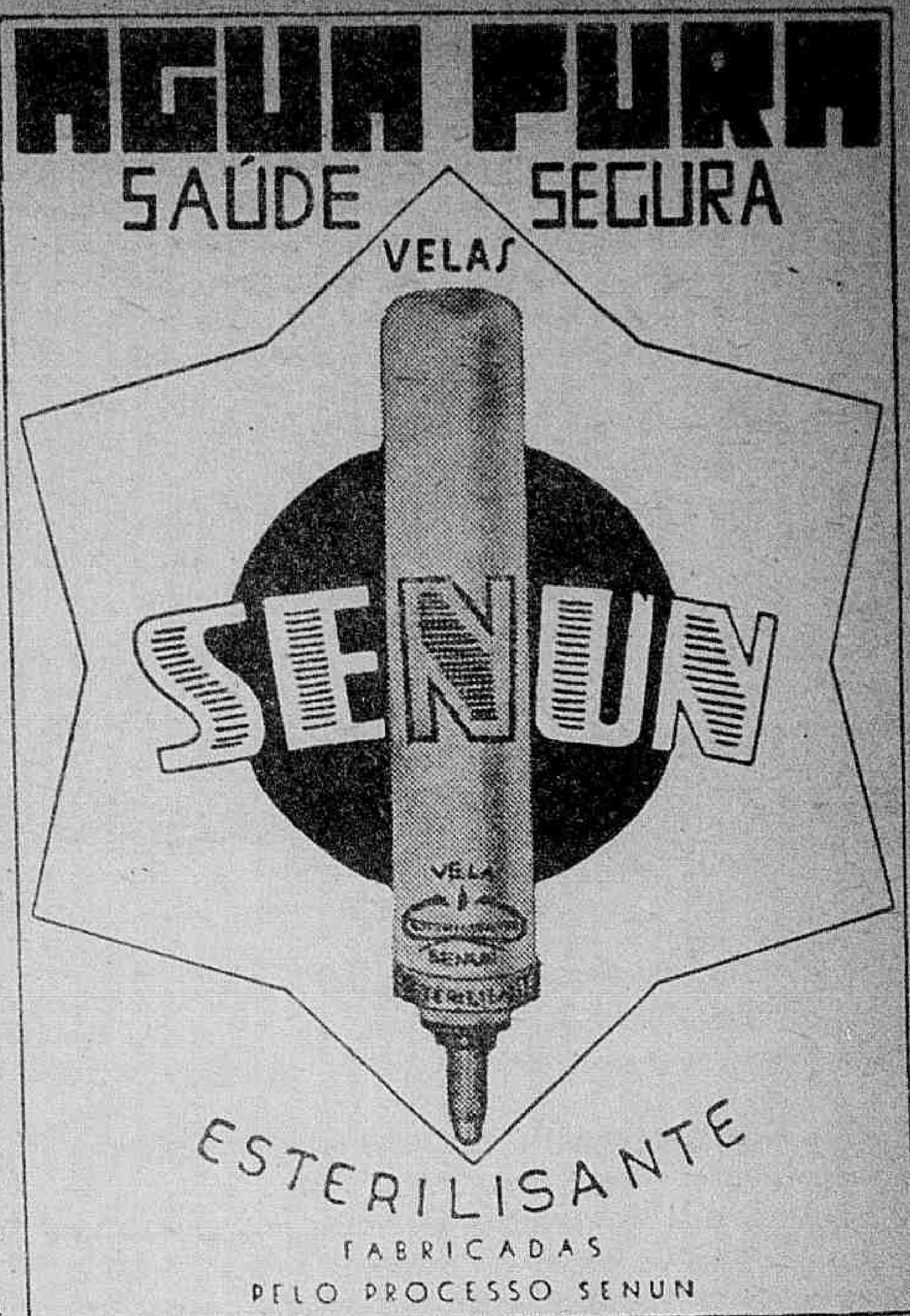
16 — SEGUNDA-FEIRA — Revela-se que no terremoto ocorrido no Iran, o abalo sismico foi tão violento que abriu fendas de quase um quilômetro de comprimento, 400 metros de profundidade e 10 de largura. Muitos camponêses pereceram, tragados pelas rachaduras da terra. ★ Em Tel Aviv é lançada poderosa bomba contra a legação russa, o que vem piorar a tensão entre os governos russo e judeu. ★ Falece em Paris Georges Flateau, destacado artista francês de teatro. Também em Paris falece o ator e ensaiador francês André Brule, famoso por suas interpretações de Arsene Lupin e Raffles. Foi o construtor do Teatro Madeleine. ★ Ao entrar na barra de Vitória, Espírito Santo, o vapor Poconé, do Loide Brasileiro, choca-se contra os arrecifes, felizmente sem graves conseqüências.

17 — TERÇA-FEIRA — O novo Alto Comissário americano, dr. James Bryant Conant, dirige-se através do rádio, por ocasião de sua chegada a Bonn, aos alemães. Após haver prestado homenagem à cidade de Berlim que, "para nós americanos — disse —, tornou-se o símbolo da coragem, o Alto Comissário declara: "A nova administração americana não abandonará Berlim. Os Estados Unidos comprometem-se a contribuir com sua parte, para que a cidade continue sendo um sólido posto avançado do mundo ocidental". ★ Revela o Departamento de Estado que as perdas norte-americanas na Coréia elevam-se, desde o início das hostilidades, a 130.000, sendo 20.545 mortos, 96.518 feridos e 13.030 prisioneiros ou desaparecidos. ★ O Presidente Eisenhower declara acreditar na existência da bomba atômica russa e, que, do ponto de vista estratégico, a guerra da Indo China é mais importante que a da Coréia. ★ O Vaticano anuncia o completo restabelecimento de SS. Pio XII da gripe que atacára o Sumo Pontifice em 22 do mês passado. ★ Do Cairo revelam ter havido completo acôrdo entre Inglêses e Egipcios sôbre a retirada das tropas inglêsas do Canal de Suez.

18 — QUARTA-FEIRA — O advogado Leonard Felman, representando um grupo de exportadores norte-americanos que alegam que o Banco do Brasil lhes deve cêrca de 25.000.000 de dólares de contas comerciais vencidas, faz uma petição a um tribunal nova-iorquino, para que expeça uma ordem de sequestro do ouro depositado por aquele Banco no Banco de Reserva Federal de Nova York e no National City Bank. ★ O Presidente Eisenhower submete a apreciação do Senado o nome do sr. John Moors Cabot, para ocupar o cargo de Secretário de Estado Adjunto para Assuntos Latino-Americanos. ★ O sr. Presidente da República assina decreto promovendo ao posto de Brigadeiro do Ar o sr. Coronel Aviador da reserva José Newton Ferreira Gomes. ★ Deixa Pireu com destino ao Brasil o primeiro grupo de operários gregos, que se destinam a São Paulo. ★ Bem adiantados os estudos para início do plantio de trigo na planície Amazônica.

19 — QUINTA-FEIRA — Noticia-se que se encontram na fase final as negociações para a assinatura de um tratado de defesa entre a Turquia, a Grécia e a Yugoslávia. ★ Anunciada para amanhã a instalação da reunião dos membros da Comissão designada para elaborar o anteprojeto da Comunidade Européia. ★ Irrompeu, na Bélgica um movimento de protesto contra a elevação do imposto sôbre a renda. ★ Um porta-voz do govêrno do Cairo declara que, na próxima semana, será pedida, oficialmente, a evacuação das tropas britânicas do Canal de Suez. ★ A "Brazamco International", de Nova York, condena o procedimento da firma "Plender Company" propondo ação judicial para apreensão dos fundos do Banco do Brasil para pagamento de dívidas comerciais atrazadas. ★ O Embaixador do Brasil, sr. Moreira Salles, conferencia com o Secretário Adjunto para Assuntos Latino-Americanos, a respeito de problemas atinentes ao nosso país. ★ O sr. Presidente da República assina decreto nomeando administrador da Colônia Agrícola Nacional de Dourado o senhor Elpídio Moreira Prado.

20 — SEXTA-FEIRA — Anunciando as medidas adotadas pelas autoridades britânicas nas ilhas Falkland (Malvinas), declara porta-voz do Foreign Office: "Um destacamento argentino se instalara em janeiro na pista aérea da base britânica da ilha da Decepção. No dia 5 de fevereiro, o governador interino mandou destruir as tendas construídas pelos argentinos, de acôrdo com as ordens que regem a situação dos estrangeiros nas ilhas Falkland, fazendo prender e deportar os dois argentinos que as ocupavam. Uma cabana chilena construída na mesma região foi desmontada ao mesmo tempo. De acôrdo com certas informações, esta cabana não teria sido habitada. ★ O trem especial que conduz o Presidente da Argentina, General Domingo Peron, cruza a fronteira argentino-chilena em plena cordilheira dos Andes e é recebido com demonstrações de simpatia nas povoações fronteiras de Caracoles e Portilo, ao passar o comboio à Rio Branco, desde Vila Eva Peron, em território argentino, por uma locomotiva chilena enfeitada com as insígnias dos dois países. ★ Faleceu Francisco Savinio Netti, ex-chefe do govêrno italiano e adversário do regime fascista. ★ O sr. Presidente da República assina decreto considerando "Patrono do Magistério do Exército" o Marechal Roberto Trompowsky Leitão da Cunha. ★ Pelo sr. Presidente da República é assinado decreto nomeando interinamente Ministro da Guerra o General Thales de Azevedo Vilas Boas. ★ O sr. Attilio Vivacqua manifestou seu pesar pelo falecimento do sr. Cardillo Filho. ★ O sr. Assis Chateaubriand tratou do problema das sêcas.



21 — SÁBADO — Fontes ligadas à Chancelaria argentina dizem que o govêrno argentino já conhecia o episódio da Ilha da Decepção, por seus próprios meios e pela informação prestada pelo Embaixador britânico em 16 do corrente. Foi o próprio embaixador quem solicitou fôsse mantida reserva para o público, mas acentua-se que o govêrno britânico não cumpriu o compromisso contraído, ao dar publicidade ao lamentável episódio. O Presidente Peron tinha conhecimento dos fatos, havendo dado diretrizes para a Argentina assumir ràpidamente a atitude que lhe correspondia, consoante os antecedentes da questão e com a tese reiterada do govêrno argentino. ★ O Banco de Exportação e Importação anuncia que sua junta diretora aprovou um crédito de 300 milhões de dólares, para a liquidação das dívidas dos importadores brasileiros aos exportadores norte-americanos. ★ O Fundo Monetário Internacional anuncia ter dado sua aprovação ao projeto sôbre o qual consultara o Govêrno Brasileiro, projeto êsse referente ao estabelecimento, no Brasil, de um mercado paralelo para a maioria das transações de capitais, — as chamadas "invisíveis" — e para as tocantes a certas mercadorias. ★ Vincenzo Tuci, decano do jornalismo napolitano, falece em Napoles com a idade de 84 anos. ★ O Marechal Sokolovsyk é nomeado chefe do estado-maior do exército soviético, em substituição ao General Chtemenko. ★ O ex-presidente Harry Truman anuncia que resolveu escrever suas memórias e vender os direitos exclusivos à revista "Life". ★ Falece repentinamente o economista argentino Miguel Miranda. ★ Inaugura-se em Petrópolis, com a presença do sr. Presidente da República, a V Exposição de Flores e Frutas.

22 — DOMINGO — Os populistas conquistam 75 cadeiras e os socialistas 74, nas eleições gerais realizadas na Austria. — Sòmente quatro lugares foram conquistados pelos comunistas, no Parlamento. ★ Divulgados diversos tópicos da proposta anglo-americana submetida ao govêrno persa, para a solução da questão petrolífera. ★ Um jornal persa disse que a referida proposta é considerada inaceitável. ★ O Primeiro Ministro Mossadegh pretende renunciar. ★ Adiada a viagem do Marechal Slim à Australia. ★ Declara-se que o Marechal Tito será recebido pela Rainha Elizabeth. ★ Divulgado o comunicado do Banco de Exportação e Importação anunciando a concessão de um empréstimo ao Brasil, destinado à liquidação dos atrasados comerciais do Brasil.

CURSO DE LATIM por correspondência
Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

23 — SEGUNDA-FEIRA — Iniciada hoje a Conferência dos Chanceleres da Itália, França, Bélgica, Holanda, Alemanha Ocidental e Luxemburgo, que examinarão os problemas políticos, econômicos e militares da Comunidade Européia de Defesa. ★ Círculos financeiros britânicos tecem comentários em tôrno do estabelecimento do câmbio livre no Brasil. ★ O sr. Eden declara na Câmara dos Comuns que não teve início qualquer negociação acêrca da presença das tropas britânicas no Egito. ★ O sr. Eden fêz uma declaração na Câmara dos Comuns sôbre o incidente da Ilha da Decepção, quando disse que a Inglaterra rejeitava os protestos do Chile e da Argentina. ★ O sr. Presidente da República sanciona lei dispondo sôbre a prestação de exame em segunda época, por alunos dependentes e condicionalmente matriculados em série superior ★ Pelo sr. Presidente da República é assinado decreto modificando o horário de verão.

24 — TÊRÇA-FEIRA — Realizam-se os trabalhos da VII Assembléia Geral das Nações Unidas, interrompidos em dezembro último. ★ Falece que no último conflito mundial teve destacada Vonkundstedt, famoso cabo de guerra alemão atuação. ★ O General Mark Clark desmentiu enèrgicamente as novas acusações formuladas pelos comunistas, segundo as quais os aliados estariam se utilizando da guerra bacteriológica na Coréia. ★ O Primeiro Ministro Van Houtte deu ao Parlamento belga esclarecimentos acêrca de declarações do Rei Bandoin, divulgadas pela imprensa belga, segundo as quais o rei é dirigido pela Princesa Lilian e o antigo rei Leopoldo III. ★ O Marechal Graziani demite-se do movimento néo-fascista italiano. ★ O govêrno belga resolve retirar o projeto que elevada os impostos ★ Foram paralisados por uma greve os serviços das emprêsas aéreas na Itália.

25 — QUARTA-FEIRA — Na Comissão Política da ONU o delegado norte-americano, sr. Cabot Lodge, declara que a guerra na Coréia está sendo alimentada pela Rússia. ★ O delegado do Brasil, sr. João Carlos Muniz, apela no sendido de que seja empreendido novo esfôrço em prol da conciliação mundial. ★ E' morto num tiroteio com a polícia venezuelana o Capitão Omana, que chefiou um movimenot revolucionário em setembro último. ★ O presidente Ibanez pretende visitar a Argentina, retribuindo a visita do Presidente Peron. ★ O govêrno de Washington anuncia sua intenção de rejeitar o acôrdo de Yalta. ★ No Hotel Glória é oferecido um almôço de despedida ao sr. Edward Eherindan, Representante Especial do Govêrno Americano na Comiss[illegible] Brasileiro-Americana de Educação Industrial. [illegible] Vice-Almirante Antônio Alves Câmara toma posse do cargo de Inspetor Geral da Marinha. ★ Assinado em Atenas um Pacto defensivo entre a Turquia, Grécia e Yugoslávia.

26 — QUINTA-FEIRA — O sr. John Foster Dulles declara que qualquer conferência, entre o General Eisenhower e o Primeiro-Ministro Stalin, pertence ao "âmbito das conjeturas". ★ Reiniciados na Comissão Principal da Assembléia Geral da O. N. U. os debates sôbre a Coréia. ★ O Secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles, concita o Congresso a manifestar claramente ao mundo que os Estados Unidos jamais participarão de qualquer negociação internacional que determine "o despotismo soviético" sôbre os povos da Europa e da Ásia.

27 — SEXTA-FEIRA — Revelada a existência de um pacto entre a França e a Inglaterra, contrário à unificação da Alemanha, segundo revela o I. N. S. que acrescenta contar êsse pacto com o apoio da Rússia. ★ Assinado acôrdo cultural ítalo-francês. ★ Os estaleiros holandeses recebem encomenda para construção de 10 navios costeiros para o Brasil. ★ Terríveis as conseqüência da sêca no Nordeste, sendo mais dramática a situação no Ceará, Paraíba e Pernambuco. ★ Agravada a situação diplomática entre a Polônia e os Estados Unidos.

28 — SÁBADO — O Ministro francês do Exterior, sr. Georges Bidault, declara que seu país não ratificará o Tratado do Exército Europeu, até que seja resolvida a questão dos protocolos adicionais do Pacto. O sr. Bidault desmente as notícias de que a França teria retirado suas emendas ao Pacto da Companhia de Defesa Européia. ★ Em choques havidos entre tropas iranianas e os manifestantes contra Mossadegh. uma pessoa morre e outras 14 ficaram feridas, entre elas um Coronel do Exército. Dez mil pessoas desfilam diante da residência do "Premier" dando gritos de "morte aos inimigos do Xá" e exigindo que Mossadegh peça desculpas ao Xá. ★ A rádio de Teheran noticiou os últimos acontecimentos, anunciando que os mesmos versam sòmente pela disputa entre o "Premier" e o Xá e que não estão envolvidos nessas atividades, quaisquer elementos comunistas. ★ O cruzador pesado norte-americano, "Los Angeles", ao substituir o couraçado "Missouri", entra na bahia de Monsan e metralha as baterias de costa e os armazéns de depósito dos comunistas. Sem prestar maior atenção às baterias vermelhas, o destroier de escola, "Hammer", se une ao ataque do "Los Angeles". Os aviões de caça da Esquadrilha 77 localizam os objetivos sôbre os quais disparou o cruzador. ★ O sr. Presidente da República assina decreto concedendo exoneração a José Barbosa, do cargo de Diretor do Departamento de Previdência do IPASE. ★ Segue para os Estados Unidos da América do Norte, em visita oficial a êsse país, o sr. Ministro da Guerra. ★ O "Jornal of Commerce", de New York, informa que os atrazados comerciais brasileiros deverão estar liquidados, o mais tardar, até 1º de julho próximo, devido principalmente ao empréstimo de 300 milhões de dólares concedido pelo Banco de Importação e Exportação. Salienta todavia o jornal que a liquidação desta dívida não quer dizer que se voltará às condições vigentes em 1951, quando as exportações americanas eram em média de 85 milhões de dólares mensais. Isto, para govêrno dos exportadores. ★ Os Ministros de Relações Exteriores da Turquia, Yugoslávia e Grécia assinam um pacto de defesa dos Balcans, pelo qual os três países se comprometem à "defesa da liberdade e da segurança". O referido pacto contém cláusulas militares. ★ Em sua forma final, o tratado, de 10 artigos, é mais "uma simples aliança de amizade do que um pacto militar".

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVI — N.º 11 — ABRIL — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

2º TORNEIO DE 1953
ABRIL A JUNHO

ENIGMAS

— 1 —

Dentro do homem reside,
O tal germem da ambição,
Seja êle rico ou pobre
Escrupuloso ou ladrão.
Bisilva (Manaus)

— 2 —

Onde entre vontade tenaz,
Nada existe inoperante;
Pois saber querer é na vida
Fato assaz *importante*.
Sefton (Rio)

— 3 —

Conheci um homem tão humi-
[lhado
Que com cabeça vivia *descido*
E sem cabeça, o pobre coitado,
Era da vida, um *vencido*.
Cejotacê (Camaquã)

— 4 —

Se do urubu a primeira
Deslocas para final,
Conseguirás sem canceira
Bem-te-vi. Está legal?
Ed Vep (Maceió)

CHARADAS NOVÍSSIMAS

5 — Uma — duas — *Coragem!* Com *precaução* poderás chegar ao *abrigo* salvador.
Sem assinatura

6 — Duas — duas — Como aquêle *homem é generoso!* Salvou o animal que estava amarrado com o *cabo de laborar dos mastaréus e vergas*.
Bigi Neto (Rio)

7 — Uma — duas — Isto *porque* no sul do Brasil é obrigatório o uso de um *retalho de pano* vermelho enrolado na cabeça numa *dança caipira*.
Carlinhos — C.E.C. (Morro Agudo)

8 — Duas — duas — Quem tem a *ousadia* de dizer uma grande *mentira*, diz também uma *mentira leve*.
Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

9 — Uma — duas — *Costume* de quem vive na *ociosidade* é esperar que a *boa sorte* o ajude.
Ed Vep (Maceió)

10 — Uma — duas — O cantor que faz *parte do verso* por *dinheiro*, fica como um *joguete de escárnio*.
Fiote (Cuiabá)

11 — Duas — uma — três — Para o senhor *"Severo" não há coisa complicada*, porque êle é homem *valente*.
Heron Silpes (Canavieiras)

12 — Uma — duas — *Desde* esta *experiência* maliciosa jamais hei de *esquecer* o que me fizeste.
K.T.Q.Z. (São Paulo)

13 — Três — uma — Todo homem prevenido, quando se *mete em negócios difíceis topa* qualquer *enrascada*.
Malba Tantan (Santos)

14 — Duas — duas — Encontrei no *bosque* o *ladrão do mar* com uma *maça de pau rijo, esquinada na extremidade mais grossa*.
Tony (Campo Florido)

15 — Três — três — O *bobo* do Fulgêncio, depois de casado com tão *áspera* mulher, tornou-se *pessoa inerte, apalermada*.
Gumercindo Leite — (Alagoa Grande — Pb.)

16 — Uma — uma — Com o prefixo das línguas tupis que significa *espinho, formas* uma charada cujo conceito é *traidor?*
Costa Pereira (Rio)

17 — Duas — uma — Com um pouco de *caldo gordo* e *arruda*, digo com *pezar*, botaram-me *quebranto*.
Segon (Rio)

18 — Duas — duas — *Corrige* o *palavreado* do pessoal dessa *reunião*, se não queres que haja *tumulto*.
Oarcim (Rio)



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

CHARADAS ANTIGAS

— 19 —

Eu não gostei desta *roupa*. — 2
A fazenda é pura estopa,
Além de mal trabalhada.
Causa *nojo*, é repelente. — 1
Eu quero outra *diferente*
Que melhor seja acabada.

Euclides Vilar (Campina Grande)

— 20 —

Neste mundo tudo *muda*. — 2
E no mais ninguém se iluda,
Meus distintos *companheiros*. — 2
Às vêzes o *vagabundo*
Não tem que fazer no mundo
E brinca dias inteiros.

Apolônia Vilar (Campina Grande)

— 21 —

E o *fogo* estinguirá — 2
A presente *"geração"*, 1
Com uma *repreensão*
Ao Construtor Jeová.

Hamer Indio (Rio)

CHARADAS SINCOPADAS

22 — Três (duas) — *Até agora* a *mulher* foi sempre considerada a obra prima do Criador.

Dr. Barreto Cardoso (Maceió)

23 — Três (duas) — A compra do *sapato* foi a causa da *discussão forte*.

Gil Virio (Andradina)

24 — Três (duas) — Um indivíduo *amalucado* não pode viver *contente*.

P. Del Debbio (S. Paulo)

25 — Três (duas) — Quem tem vida *serena poupa* dinheiro.

Sertanejo II (Lavras)

26 — Três (duas) — A *ladroeira* no jôgo se fazia pelo *pé*.

Velo-Vela (Rio)

27 — Três (duas) — Homem *cabeludo* não precisa de travesseiro para dormir no *chão*.

Guilherme Tell (Rio)

28 — Três (duas) — A mulher diz que tem *voz de tiple*, mas quando canta nos dá uma *preguiça*...

Eva Dio (Rio)

29 — Três (duas) — Com franqueza, tenho *remorso* de ter tomado a *direção* do cemitério.

Paulistinha (Rio)

30 — Três (duas) — *Individuo manhoso* não deixa nunca de ser *ordinário*.

Costa Pereira (Rio)

31 — Três (duas) — Sujeito *pidão*, não quer trabalhar e leva a vida a tocar *viola*.

Segon (Rio)

32 — Três (duas) — Numa *palhoça* a beira mar foi encontrada a *extremidade da âncora*.

José Balsamo (Rio)

33 — Três (duas) — E' *muito pequeno* o teu saber, é mesmo uma *coisa inacreditável*.

Iza Abel (Rio)

34 — Três (duas) — *Mercadejar* com a consciência, é *destruir* a própria dignidade.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

Para o Dr. Lavrud

35 — Três (duas) — E' uma *lástima*, seu colega, a situação geral de um país descontrolado é um *amplo* caos.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

CHARADAS CASAIS

36 — Duas — Vi uma *fila de 16 homens* esconder-se numa *gruta pequena*.

Acobar (Maceió)

37 — Três — Você *consente* que eu diga o que diz meu coração? — E' que você é uma espiga, não merece *distinção*.

Bisilva (Manaus)

Para o Milon

38 — Duas — Afirmo que o meu *corajoso* companheiro de lides, *vive* a sonhar com o Grêmio a que pertence.

Debrito (Recife)

39 — Três — A *beata* tornou-se secretária do *frade medicante*.

Dr. Jofran (Fortaleza, Ce.)

40 — Quatro — Em *boa* ocasião chegaste; estou *disposto para tudo*.

Gomes Júnior (Maceió)

41 — Três — Quem se *desespera* com o seu próprio *tormento*, será eternamente infeliz.

Heliotrópio (Pôrto Alegre)

42 — Três — O trocador de ônibus da minha zona é muito *ignorante* e a sua mulher bastante *rude*.

Marcimento (S. Paulo)

43 — Três — O dinheiro *gasto* em uma boa *refeição* é sempre bem empregado.

Matsuk (Rio)

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

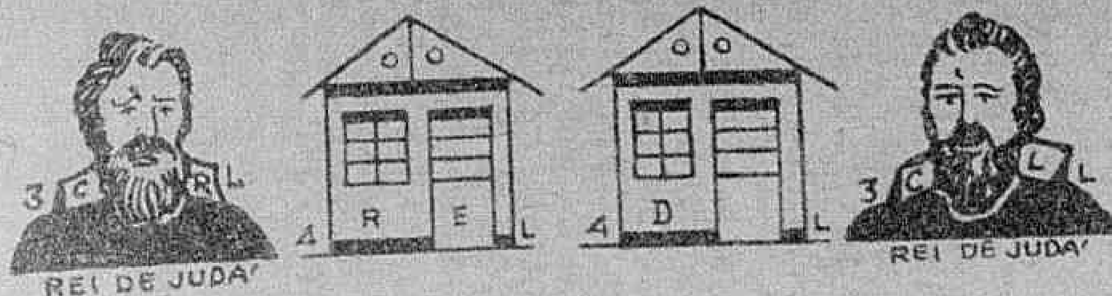
O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

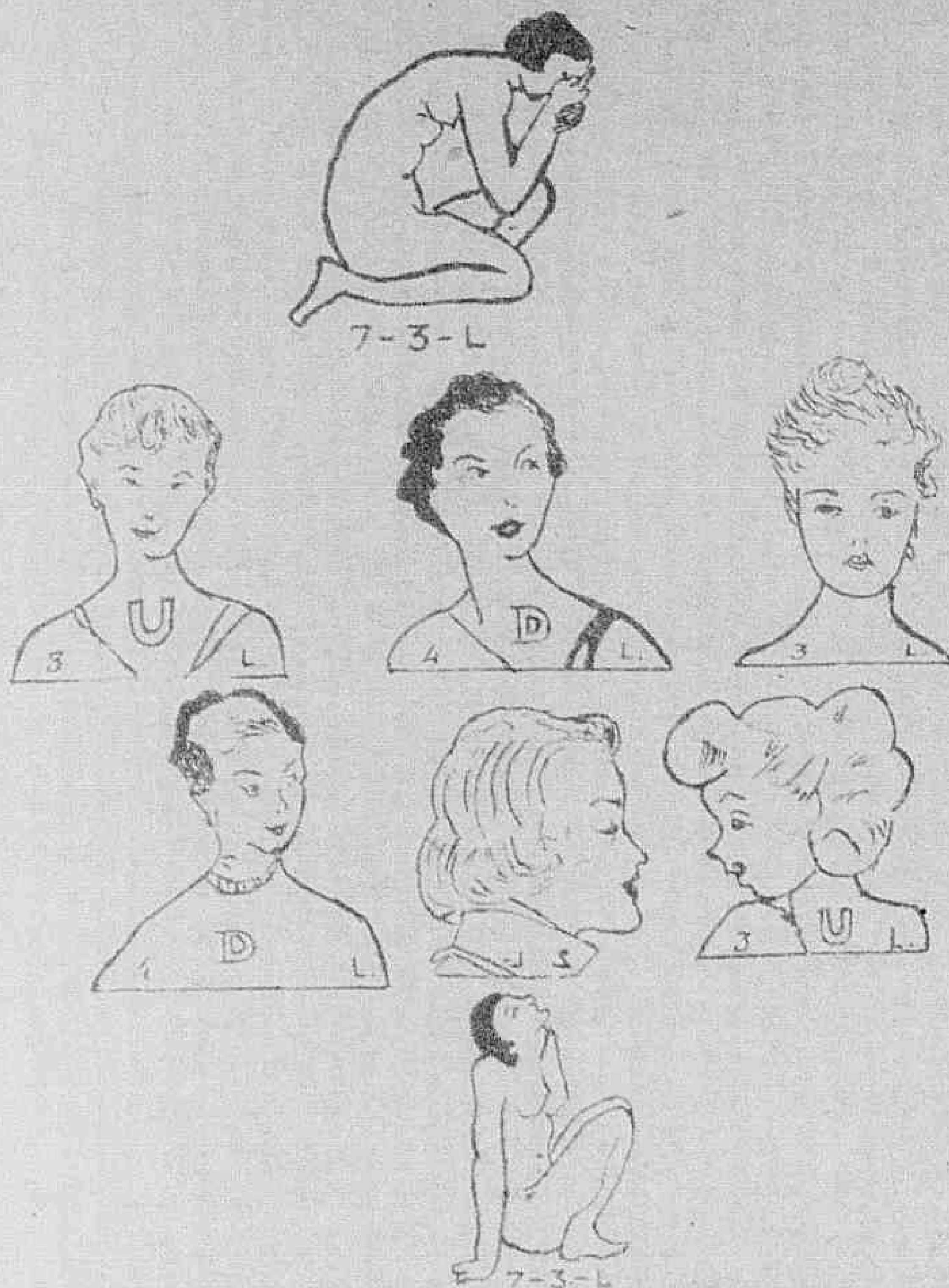
Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

ENIGMA FIGURADO — 51



ENIGMA FIGURADO — 52



Sotnas (Rio)

44 — Duas — Quem *percorre* mal a vida, faz sempre *juízo falso*.

Walter T. Chaves (Rio)

---

45 — Três — O *que trabálha no campo* cultiva uma *espécie de mandioca*.

Sotnas — (Rio Grande)

---

46 — Três — *Considera* bem, meu caro o passo que vais dar, e lembra-te que tua futura noiva não tem o menor *recato*.

Zytho (Rio)

---

47 — Duas — Não *parola* demais, deixe de *conversa* fiada.

Guilherme Tell (Rio)

---

48 — Duas — Um *contrato por escritura* é uma *escora* num bom negócio.

Eva Dio (Rio)

---

49 — Três — A mulher ficou *apalermada* quando viu o marido armado de *pau*.

Iza Abel (Rio)

---

50 — Três — Num *recontro* com o inimigo, fujo e não *brigo* mais.

Segon (Rio)

SOLUÇÕES DO 3º TORNEIO — 1952

1 — Quebra; 2 — Empelotas; 3 — Limpo; 4 — Melisma; 5 — Matinar; 6 — Precinto; 7 — Bochecha; 8 — Sòzinho; 9 — Cavaco; 10 — Lógica; 11 — Garito; 12 — Sérico; 13 — Mofina; 14 — Parada; 15 — Diploa; 16 — Foreiro; 17 — Caserna; 18 — Pajonal; 19 — Corseiro; 20 — Enxuga; 21 — Farsada; 22 — Fartura; 23 — Pernambucana; 24 — Umbroso; 25 — Calejado;

TOSSES

produzidas pela gripe, fraqueza pulmonar e coqueluche

REMÉDIO DO DR.

REYNGATE

As gotas que dão alívio imediato nas tosses rebeldes, bronquites crônicas ou recentes, sêcas ou catarrais, coqueluches, escarros sanguíneos, sufocações e ansias, chiados e dores no peito. Dist. ARAUJO FREITAS, RIO.

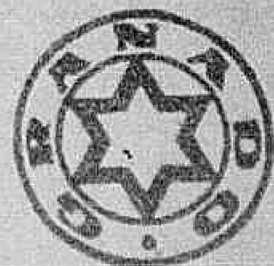
Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.



POLVILHO ANTISSÉPTICO



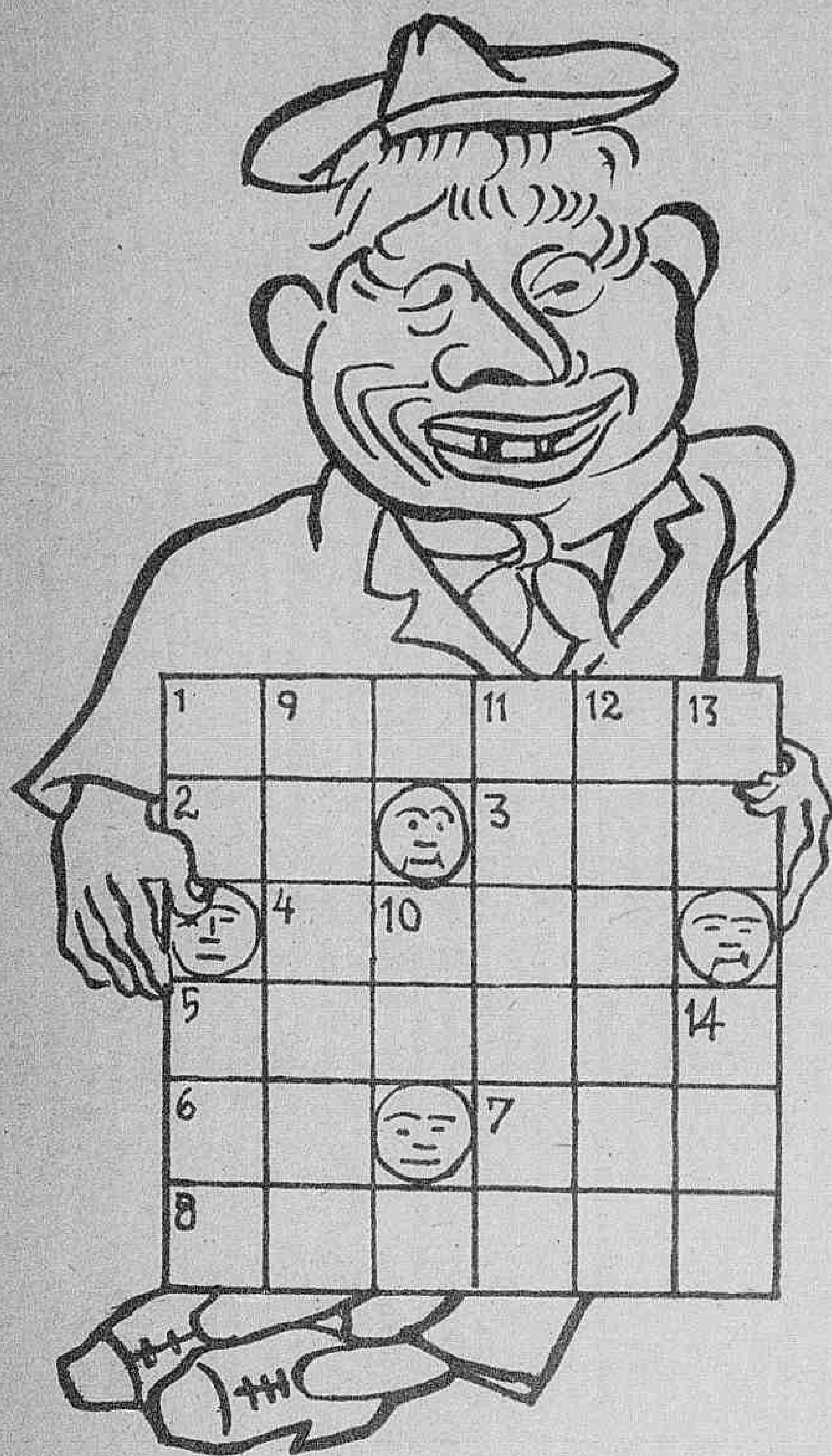
acaba com as Brotoejas



JOÃO FREY

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1

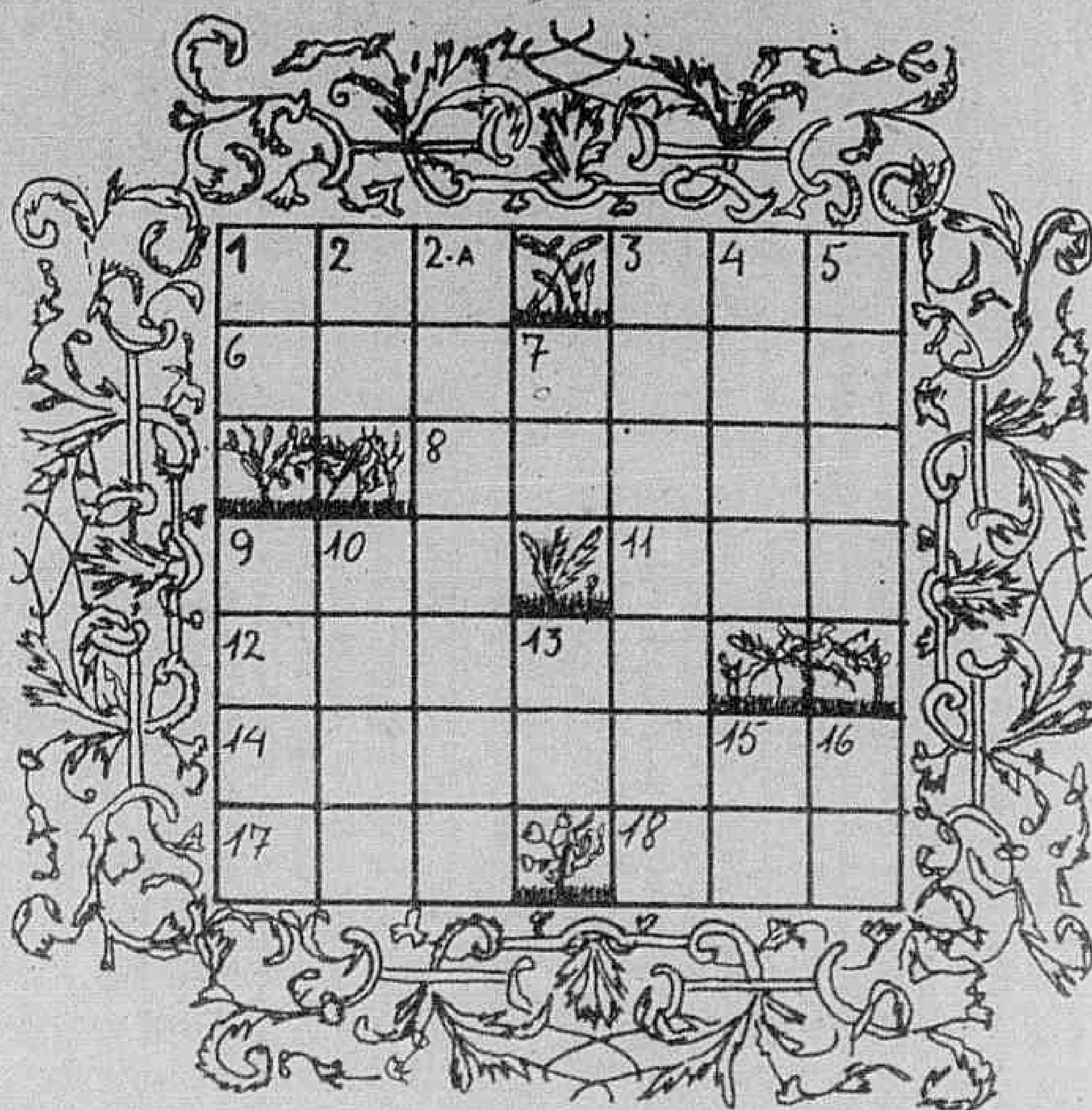


Dr. Lavrud (Rio)

Horizontais — 1 — Moeda antiga de prata brasileira; 2 — Símbolo do ósmio; 3 — Título abissínio; 4 — 5º filho de Sem; 5 — Desejarem; 6 — Ao longe; 7 — Aquêle lugar; 8 — Irrascível (pl.)

Verticais — 1 — Farinha; 5 — Cavalo de batalha de Napoleão; 9 — Verde-gris; 10 — Sol dos egípcios; 11 — Balelas; 12 — Homem estúpido; 13 — Antiga moeda romana; 14 — Pref. grego, dando idéia de aversão, repulsão.

PROBLEMA Nº 2



Velo-Vela (Rio)

Horizontais — 1 — Esquece; 3 — Interj. exprime espanto (pl.); 6 — Que queima; 8 — Chefe temporal de uma aldeia de índios parecis; 9 — Intervalo de meio tom na música chinesa (pl.); 11 — Arrás; 12 — Polegadas; 13 — Espécie de piaba preta; 17 — Contração (pl.); 18 — Deus.

Verticais — 1 — Instrumento musical dos negros; 2 — Artigo definido (pl.); 2-A — Pões-te em atoleiro; 3 — Jacaré de papo amarelo (pl.); 4 — Terreno em que se junta o sal, ao lado das marinhas; 5 — Estrala; 7 — Rio da Rússia; 9 — Microscópio simples; 10 — Aproximou; 13 — Quatro romano; 15 — Dificuldade; 16 — Outra coisa.

---

26 — Fabordão; 27 — Gloriabundo; 28 — Pega pega; 29 — Cafangoso; 30 — Trepamoleque; 31 — Furoar; 32 — Gregário; 33 — Papelista; 34 — Estoraque; 35 — Amar; 36 — Entreseio; 37 — Realmente; 38 — Farrusca; 39 — Finco; 40 — Fita-o — 41 — Barata-o; 42 — Encalça-o; 43 — Picada-o; 44 — Pretado-a; 45 — Pincho-a; 46 — Mourejo-a; 47 — Arreganha-o; 48 — Zareiha-o; 49 — Suplicia-o; 50 — Bonito-a; 51 — Grulha-o; 52 — Escusa-o; 53 — Muda o tempo mudo a roupa; 54 — No mundo cada homem sustenta outro; 55 — Fulminívomos; 56 — Camestres; 57 — Malcaduco; 58 — Chuchado; 59 — Regabofe; 60 — Marrufo; 61 — Reviravolta; 62 — Macaia; 63 — Bifada; 64 — Peruar; 65 — Estoraque; 66 — Perna de xis; 67 — Calungagem; 68 — Ebrioso; 69 — Cantagalo; 70 — Quintalada; 71 — Sarada; 72 — Quetua; 73 — Abelouro; 74 — Vavava; 75 — Calado; 76 — Marata; 77 — Trabalha; 78 — Termino; 79 — Caveto; 80 — Galheta; 81 — óbito; 82 — Amolar; 83 — Caraça; 84 — Terceira; 85 — Talento; 86 — Ujica; 87 — Vendetas; 88 — Barbeiro; 89 — Valente; 90 — Juvenal; 91 — Impoluto; 92 — Zeloso; 93 — Estofo-a; 94 — Janeiras-os; 95 — Festo-a; 96 — Chispo-a; 97 — Absoluto-a; 98 — Fermenta-o; 99 — Arada-o; 100 — Agachada-o; 101 — Estranha-o; 102 — Apítulo-a; 103 — Largado-a; 104 — Repuxa-o; 105 - Ressentindo-a; 106 - Modica-o; 107 — Entico-a; 108 — Mangalaço-a; 108-A — Quem me dera ser passarinho que tem casa e comida; 109 — Quem já foi operado nunca bem sarado; 110 — Duvidador; 111 — Armado; 112 — Atraente; 113 — Manteiga; 114 — Rabiscar; 115 — Graúdos; 116 — Metido; 117 — Gagata; 118 — Ralasso; 119 — Sustento; 120 —

Denodo; 121 — Cebola; 122 — Maranho; 123 — Trocisco; 124 — Palheiro; 125 — Carretão; 126 — Mundícia; 127 — Valorosa; 128 — Bolear; 129 — Baileco; 130 — Correlação; 131 — Maré me leva maré me traz; 132 — Esgargala; 133 — Lusco fusco; 134 — Numeroso; 135 — Pactolo; 136 — Mortório; 137 — Vela; 138 — Parentesco; 139 — Abre núncio; 140 — Maldita; 141 — Copeque; 142 — Tetônica; 143 — Eulina; 144 — Neuê neuê; 145 — Cajila; 146 — Casto; 147 — Angélica-o; 148 — Remansado-a; 149 — Invasivo-a; 150 — Novela-o; 151 — Oca-o; 152 — Subida-o; 153 — Embrulhado-a; 154 — Peta-o; 155 — Entrado-a; 156 — Ficada-o; 157 — Cangalhos-as; 158 — Embrulho-a; 159 — Ministro-a; 160 — Beato-a; 161 — A fé é uma virtude; 162 — A beleza engana a mulher para seu mal.



LAXANTE SUAVE!

Eficaz alcalinizante!
Ideal antiácido e estomacal



Para adultos ou crianças. ENO satisfaz.

A VENDA EM TRES TAMANHOS

"SAL DE FRUCTA"

ENO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1

Horis.: — 1 — Mapa; 5 — Cavalo; 7 — Arenal; 8 — Vexame; 9 — Otário; 10 — Area.

Vert.: — 1 — Mareta; 2 — Avexar; 3 — Panaré; 4 — Alamia; 6 — Oleo.

PROBLEMA Nº 2

Horis.: — 1 — Sábado; 7 — Acatar; 8 — Marota; 9 — Ataram; 10 — Ratada; Amaras.

Vert.s — 1 — Samara; 2 — Acatam; 3 — Barata; 4 — Atorar; 5 — Datada; 6 — Oramas.

PROBLEMA Nº 5

Q — Ui — Ema — Rafa — Egide — Letiva — Amorosa.

PROBLEMA Nº 6

Embiu — Geode — Armo era — Zeo iene — Etna ardo — Lotz eos.

DECIFRADORES

Janota, Julião Riminot, Oicaroh, Don Roal, Durmel, Seamva, O Sineiro, Breque, Cantagalo, Nostradamus, Malba Tantan, Gil Virio, Pompeu Júnior, Nami, El Principe; Dr. Zinho, Sefton, Pati, Gomes Júnior, Tony, Buridan; Ronega, Sertanejo II, Irahydes, K. Brito, Oarcim, Milon, Emidlej, Botucarahy, K. Nivete, Vigário de Welkfield, Bisilva, Conde de la Fere, Jovaniro, Alô Tropina, Farani, Bigi Neto, Lutércio, Plá, Nilva, Zytho, Envergonhado, Alguém, Jocati, Lujoca, Ordisi, Cysneirense, Marcimento, Agabê, Arpetra, Katia, Leroche, Lupe, Oidaleh, Thelma, Nelmos, Toberal, Sam, Debrito, Jayreis, Edipo, Varetas, Spartaco, Júpiter, Zépenha, Binastro, Lidaci, Cartos, De Souza, Paraná, Ralvo Ilvas, Sinhô, 162 pontos; Caboclo, Edpim, Jotoracio, 160; Gumercindo Leite, 157; Sotnas, Chantecler, 156; Roama, 155; Ed Vep, 154; Sphynex, Donatila Borba, 153; dr. Barreto Cardoso, 142; Nomisio Nuno, 131; Heron Silpes, 127; Dacosta, 120; Iris, 78; Sertaneja, 56.



JUVENTUDE
ALEXANDRE

VIDA
VIGOR
MOCIDADE
DOS
CABELOS





4º TORNEIO DE 1951

Desempate

1º LUGAR: Janota 01; Julião Riminot 02; Oicaroh 03; Don Roal 04; Durmel 05; Irahydes 06; O Sineiro 07; Nostradamus 08; Lutércio 09; Plá 10; Nilva 11; Zytho 12; Zial 13; Major Agá 14; Sertanejo II 15; Arpetra 16; Oidoleh 17; Lupe 18; Seanva 19; Pompeu Júnior 20; Ronega 21; Buridan 22; Sam 23; Melon 24; Debrito 25; Seu Teixeira 26; Centauro 27; Carlino 28; El Príncipe 29; Farani 30; Cantagalo 31; K. Brito 32; Toberal 33; Alguém 34; Antero 35; Edipo 36; Jocati 37; Dick 38; Lujoca 39; Envergonhado 40; Varetas 41; Ordisi 42; El Campeador 43; K. Nivete 44; Gorgonhe 45; Dr. Zinho 46; Ed Vep 47; Gil Virio 48; Mambira da Jaquitaia 49; Conde de la Fere 50; Cysneirense 51; Joyreis 52; Violeta 53; Bisilva 54; Edpim 55; Caboclo 56; Jotoracio 57; Malba Tantan 58; Aufergo 59; Kinsos 60; Alvasco 61; Dopasso 62; Alô Tropina 63; Chico Bacamarte 64; Gumercindo Leite 65; Emidlej 66; Bigi Neto 67; Pele Vermelha 68; Paco 69; R. Kurban 70; Raul Petrocelli 71; Viviani 72; Spartaco 73; Júpiter 74; Zepenha 75; Binastro 76; Segon 77; Iza Abel 78; Paulistinha 79; Eva Dio 80.

2º LUGAR: — Botucarahy 01 a 05; Roama 06 a 10; Sefton 11 a 15; Lord 16 a 20; Edur Gomes Monteiro 21 a 25; Heliotrópio 26 a 30; Heron Silpes 31 a 35; Lord Windsor 36 a 40; Sphynx 41 a 45; Plutarco 46 a 50; Donatila Borba 51 a 55; Gato Prêto 56 a 60; Nomisio Nano 61 a 65; Levon 66 a 70; Iris 71 a 75; Rei Peratompes 76 a 80; Black Rose 81 a 85; Dr. Barreto Cardoso 86 a 90; K.T.Q.Z. 91 a 95.

Dia 4 de abril.



VOCÊ OLHA, MAS VÊ MESMO?

(Respostas da página 11)

1 — (b); 2 — (a); 3 — (b); 4 — (b); 5 — (a); 6 — (a); 7 — (b); 8 — (b); 9 — (a); 10 — (b); 11 — (a); 12 — (a); 13 — (a).

FAÇA EM CASA O TRATAMENTO DE BELEZA DO BUSTO

Os defeitos dos seios, a ciência o afirma, têm diversas origens. A principal e a mais freqüente é o enfraquecimento das glândulas, provocado pelo cansaço, pela anemia e pelas insuficiências orgânicas. Como se sabe, na estética da beleza feminina, o busto exerce papel decisivo na harmonia das formas, na graça natural e no poder de atração. Possuir um busto de linhas perfeitas, deve constituir, portanto, a primeira preocupação de tôda mulher elegante e ciosa de seu dever de ser bela. A Pasta Russa do Dr. G. Ricabal, médico e cientista russo, há um século vem sendo usada com o mais completo êxito na correção e no fortalecimento do busto feminino, atuando de maneira eficaz nas glândulas enfraquecidas e fazendo com que a languidez desapareça em pouco tempo. Nas perfumarias, farmácias e drogarias.

Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim, End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.

PALAVRAS CRUZADAS

1º e 2º LUGARES: — Botucarahy 01; Roama 02; Sefton 03; Lord 04; Edur Gomes Monteiro 05; Heliotrópio 06; Heron Silpes 07; Lord Windsor 08; Sphynx 09; Plutarco 10; Donatila Borba 11; Gato Prêto 12; Nomisio Nuno 13; Levon 14; Iris 15; Rei Peratompes 16; Black Rose 17; Dr. Barreto Cardoso 18; K.T.Q.Z. 19; Janota 20; Julião Riminot 21; Irahydes 22; O Sineiro 23; Nostradamus 24; Lutercio 25; Plá 26; Nilva 27; Zytho 28; Ziul 29; Major Agá 30; Sertanejo II 31; Arpetra 32; Oidoleh 33; Lupe 34; Seamva 35; Pompeu Júnior 36; Ronega 37; Buridan 38; Sam 39; Milon 40; Debrito 41; Seu Teixeira 42; Centauro 43; Carlino 44; El Principe 45; Farani 46; Cantagalo 47; K. Brito 48; Toberal 49; Alguém 50; Antero 51; Edipo 52; Jocati 53; Dick 54; Lujoca 55; Envergonhado 56; Varetas 57; Ordisi 58; El Campeador 59; K. Nivete 60; Gorgonhe 61; Dr. Zinho 62; Ed Vep 63; Gil Virio 64; Mambira da Jiquitaia 65; Conde de la Fere 66; Cysneirense 67; Jayreis 68; Violeta 69; Bisilva 70; Edpim 71; Caboclo 72; Jotoracio 73; Malba Tantan 74; Aufergo 75; Kinsos 76; Alvasco 77; Dopasso 78; Alô Tropina 79; Chi-

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

co Bacamarte 80; Gomercindo Leite 81; Emidlej 82; Bigi Neto 83; Pele Vermelha 84; Paco 85; R. Kurban 86; Raul Petrocelli 87; Viviani 88; Spartaco 89; Júpiter 90; Zepenha 91; Bonastro 92; Segon 93; Iza Abel 94; Paulistinha 95; Eva Dio 96.
Dia 15 de abril.

3º TORNEIO DE 1951

1º LUGAR: — Icaro 01; Nostradamus 02; Malba Tantan 03; Irahydes 04; Jotoledo 05; Mira 06; Seamva 07; Pompeu Júnior 08; Janota 09; Julião Riminot 10; Major Agá 11; El Principe 12; Cantagalo 13; Oicaroh 14; Durmel 15; Oicaroh 16; Don Roal 17; Ordaleh 18; Lupe 19; Arpetra 20; O Sineiro 21; Zial 22; Dr. Zinho 23; Jayreis 24; Ronega 25; Buridan 26; Lutércio 27; Plá 28; Zytho 29; Radge 30; Sonia 31; Carlino 32; Kinsos 33; Imara 34; Bigi Neto 35; Sertanejo II 36; Mister Ioso 37; R. A.C.H.A. 38; Thisbe 39; Walter T. Chaves 40; Milon 41; Black Rose 42; Seu Teixeira 43; Gorgonhe 44; Sam 45; Roazo 46; Spartaco 47; Júpiter 48; Zepenha 49; Binastro 50; Caboclo 51; Edpim 52; Jotoracio 53; Centauro 54; Odnaldo 55; Rei Peratompes 56; Farani 57; Debrito 58; Botucarahy 59; Sefton 60; K. Nivete 61; Violeta 62; Gil Virio 63; Alô Tropina 64; Zizinha 65; Rafinha 66; Toberal 67; Nami 68; Gato Prêto 69; Fidori 70; O. Janz 71; Padre Chagas 72; Juca Pirolito 73; Tony 74; Fandedipo 75; Conde de la Fere 76; Mambira da Jaquitaia 77; Tencel 78; Emidlej 79; Aufergo 80; Alvasco 81; Dopasso 82; El Campeador 83; Alguém 84; Edipo 85; Lujoca 86; Varetas 87; Viviane 88; Pele Vermelha 89; Paco 90; Raul Petrocelli 91; R. Kurban 92; De Souza 93; Diamante 94; Lidaci 95; Paraná 96; Ralvo Ilvas 97; Sinhô 98; Neniri 99; Segon 00.

2º LUGAR: — Eva Dio 01 a 05; Iza Abel 06 a 10; Donatila Borba 11 a 15; Sphynx 16 a 20; Plutarco 21 a 25; Ed Vep 26 a 30; Chico Bacamarte 31 a 35; Jorge de Guimarães 36 a 40; Levon 41 a 45; Odnanref 46 a 50; Welton 51 a 55; Notrya 56 a 60; Zezinho 61 a 65; Nomisio Nuno 66 a 70; Bisilva 71 a 75; Heron Silpes 76 a 80; Zancronitano 81 a 85; Magali 86 a 90; Dr. Barreto Cardóso 91 a 95; Paulistinha 96 a 00.

Dia 18 de abril.

PALAVRAS CRUZADAS

1º e 2º LUGARES: — Paulistinha 001 a 008; Dr. Barreto Cardoso 009 a 016; Magali 017 a 024; Zuncronitano 025 a 032; Heron Silpes 033 a 040; Bisilva 041 a 048; Nomisio Nuno 049 a 056; Zezinho 057 a 064; Notrya 065 a 072; Welton 073 a 080; Odnauref 081 a 088; Levono 089 a 096; Jorge de Guimarães 097 a 104; Chico Bacamarte 105 a 112; Ed Vep 113 a 120; Plutarco 121 a 128; Sphynx 129 a 136; Donatila Borba 137 a 144; Iza Abel 145 a 152; Eva Dio 153 a 160; Icaro 161 a 168; Nostradamus 169 a 176; Malba Tantan 177 a 184; Irahydes 185 a 192; Jotoledo 193 a 200; Mira 201 a 208; Seamva 209 a 216; Janota 217 a 224; Julião Riminol 225 a 232; Major Agá 233 a 240; El Principe 241 a 248; Cantagalo 249 a 256; Oidaleh 257 a 264; Lupe 265 a 272; Arpetra 273 a 280; O Sineiro 281 a 288; Ziul 289 a 296; Dr. Zinho 294 a 304; Jayreis 305 a 312; Ronega 313 a 320; Buridan 321 a 328; Lutércio 329 a 336; Plá 337 a 344; Zytho 345 a 352; Rodge 353 a 360; Sonia 361 a 368; Carlino 369 a 376; Kinsos 377 a 384; Imara 385 a 392; Bigi Neto 393 a 400; Sertanejo II 401 a 408; Mister Ioso 409 a 416; R.A.C.H.A. 417 a 424; Thisbe 425 a 432; Walter T. Chaves 433 a 440; Milon 441 a 448; Black Rose 449 a 456; Seu Teixeira 457 a 464; Gorgonhe 465 a 472; Sam 473 a 480; Roazo 481 a 488; Spartaco 489 a 496; Júpiter 497 a 504; Zepenha 505 a 512; Binastro 513 a 520; Caboclo 521 a 528; Edpim 529 a 536; Jotoracio 537 a 544; Centauro 545 a 552; Odnalro 553 a 560; Rei Peratompes 561 a 568; Farani 569 a 576; Debrito 577 a 584; Botucarahy 585 a 592; Sefton 593 a 600; K. Nivete 601 a 608; Violeta 609 a 616; Gil Virio 617 a 624; Alô Tropina 625 a 632; Zizinha 633 a 640; Rafinha 641 a 648; Toberal 649 a 656; Nami 657 a 664; Gato Prêto 665 a 672; Fidori 673 a 680; O. Jang 681 a 688; Padre Chagas 689 a 696;

ARTISTAS
VELHOS E MOÇOS
LEIAM COM ATENÇÃO

A época atual, agitada, febril e enervante, exige do homem grande. fôrça de vontade para vencer tôdas as dificuldades que se lhe deparam na árdua luta pela existência. Quando um homem tem o sistema nervoso descontrolado, quando sofre de insônia e falta de memória, êle não pode, de forma alguma, firmar a sia vontade, candidatando-se, assim, a inteiro fracasso no exercício da sua profissão. Em tais casos, torna-se imprescindível o uso de um tônico poderoso, que combata rápida e eficazmente o mal. Êsse tônico só poderá ser "Gôtas Mendelinas", o surpreendente restaurador do sistema nervoso, o remédio que faz maravilhas pelo seu poder curativo.

Dist. Araújo Freitas & Cia. Não encontrando no local, enviem antecipado Cr$ 35,00 para Lab. Jardim., End. Teleg. Mendelinas, Rio, que remetemos.

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 159.015.930,40
SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93-95 — TELEFONE 43-8966

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

Agência Méier: Rua 24 de Maio, 1355
Agência Tijuca: Praça Saenz Peña, 9
Agência S. Cristóvão: Rua São Luís Gonzaga, 173
Agência Riachuelo: Rua Riachuelo, 387
Agência Uruguaiana: Rua Uruguaiana, 7
Agência Copacabana: Av. N. S. Copacabana, 1155

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO
Rua Alvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213

Juca Pirolito 697 a 704; Tony 705 a 712; Fandedipo 713 a 720; Conde de la Fere 721 a 728; Mambira da Jiquitaia 729 a 736; Tencel 737 a 744; Emidlej 745 a 752; Aufergo 753 a 760; Alvasco 761 a 768; Dopasso 769 a 776; Campeador 777 a 784; Alguém 785 a 792; Edipo 793 a 800; Lujoca 801 a 808; Varetas 809 a 816; Viviane 817 a 824; Pele Vermelha 825 a 832; Paco 833 a 840; Raul Petrocelli 841 a 848; R. Kurban 849 a 856; De Souza 857 a 864; Diamante 865 a 872; Lidaci 873 a 880; Paraná 881 a 888; Ralvo Ilvas 889 a 896; Sinhô 897 a 904; Ueniri 905 a 912; Segon 913 a 920; Guilherme Tell 921 a 928.

Dia 22 de abril.

1º TORNEIO DE 1952

Desempate

1º LUGAR: — Janota 01; Julião Riminot 02; Lutércio 03; Plá 04; Nilva 05; Zytho 06; Nostradamus 07; Malba Tantan 08; Sertanejo II 09; Gorgonhe 10; Carike 11; Gil Virio 12; Dr. Zinho 13; Oidoleh 14; Lupe 15; Arpetra 16; Melon 17; Irahydes 18; K. Brito 19; Acobar 20; Seu Teixeira 21; Jayreis 22; O Sineiro 23; Farani 24; Conde de la Fere 25; Aufergo 26; Bisilva 27; Nami 28; Toberal 29; Buridan 30; Ronega 31; Alguém 32; Antero 33; Dick 34; Edipo 35; Envergonhado 36; Jocata 37; Ordisi 38; Ruvina 39; Varetas 40; Debrito 41; Chico Bacamartre 42; Gumercindo Leite 43; Alô Tropina 44; Jorge Guimarães 45; Eva Dio 46; Sotnas 47; Sam 48; Marcimento 49; Kinsos 50; Emidlej 51; Major Agá 52; Pele Vermelha 53; Paco 54; R. Kurban 55; Raul Petrocelli 56; Dr. Zinho 57; Sertanejo II 58; Nilmos 59; Dopasso 60; Alvasco 61; Spartaco 62; Júpiter 63; Zepenha 64; Binastro 65; Lidaci 66; Carlos 67; De Souza 68; Paraná 69; Ralvo Ilvas 70; Sinhô 71; Segon 72.

2º LUGAR: — Velo Vela 01; Joferro 02; Cantagalo 03; Sefton 04; Oarcim 05; Tony 06; Heron Silpes 07; Ed Vep 08; Cysneirense 09; Pão Branco 10; Botucarahy 11; Plutarco 12; Sphynx 13; Donatila Borba 14; Gomes Júnior 15; Roama 16; Caboclo 17; Edpim 18; Jotoracio 19; Lord 20; Levon 21; Dr. Barreto Cardoso 22; Welton 23; Notrya 24; Zezinho 25; Iris 26; Paulistinha 27, Guilherme Tell 28.

Dia 25 de abril.

PALAVRAS CRUZADAS

Para o desempate dos 1.º e 2º lugares será feita a numeração começando pelo último concorrente do 2º lugar, que é Guilherme Tell, que terá o nº 01 e Paulistinha o 02 e assim por diante. Mel. Paulette, J. C. da Trindade e Segon ficarão com os números correspondentes a Don Roal, Oicaroh e Durmel, que não concorrem as palavras cruzadas.

Dia 25 de março.

2º TORNEIO DE 1952

1º LUGAR: — Janota 01; Julião Riminot 02; Carike 03; Seamva 04; Jayreis 05; Malba Tantan 06; El Principe 07; O Sineiro 08; Segon 09; Bigi Neto 10; Milon 11; Farani 12; Tony 13; Emidlej 14; Alvasco 15; Dopasso 16; Debrito 17; Violeta 18; Buridan 19; Ronega 20; Oicaroh 21; Don Roal 22; Durmel 23; Cantagalo 24; Breque 25; Lutércio 26; Plá 27; Nilva 28; Zytho 29; Pompeu Júnior 30; Cysneirense 31; Sertanejo II 32; Kinsos 33; Botucarahy 34; Conde de la Fere 35; Dr. Zinho 36; Gil Virio 37; Vigário de Welkfield 38; K. Nivete 39; Acobar 40; Toberal 41; Asclepios 42; Violeta 43; Bigi Neto 44; Nelmos 45; Marcimento 46; Alô Tropina 47; Sam 48; Pele Vermelha 49; Paco 50; R. Kuban 51; Raul Petrocelli 52; Major Agá 53; Spartaco 54; Zepenha 55; Júpiter 56; Binastro 57; Alguém 58; Envergonhado 59; Jocati 60; Lujoca 61; Ordisi 62; Ruvina 63; Varetas 64; R.A.C.H. A. 65; Walter T. Chaves 66; Ranzinza 67; Paulistinha 68; Eva Dio 69; Iza Abel 70; Nostradamus 71; Agabe 72; Arpetra 73; Katia 74; Lenocha 75; Lupe 76; Nami 77.

2º LUGAR: — Sefton 01; Sertaneja 02; Oarcim 03; Joraniro 04; Caboclo 05; Edpim 06; Jotoracio 07; Gomes Júnior 08; Sphynx 09; Plutarco 10; Donatila Borba 11; Nomisio Nuno 12; Sotnas 13; Dacosta 14; Bisilva 15; Joferro 16; Roama 17; Dr. Barreto Cardoso 18; Chico Bacamarte 19; Iris 20; Gumercindo Leite 21.

Dia 22 de abril.

PALAVRAS CRUZADAS

Desempate dos 1º e 2º lugares

A fim de evitar a repetição dos números neste desempate, será considerada a numeração na ordem inversa, começando no último colocado no 2º lugar, que é Gumercindo Leite, que ficará com o nº 01, em segundo Iris com 02 e assim por diante; no lugar de Oicaroh, Durmel e Don Roal, que não concorrem às palavras cruzadas, ficam Me. Paulette, Guilherme Tell e José Balsamo.

Dia 10 de maio.

Dr. ALTAMIR DA COSTA BARROS

Acaba de concluir com brilhantismo o curso de bacharel em Direito, no Estado de Alagoas, o nosso bom amigo e ve-

Alívio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

lho colaborador *Acobar* (Dr. Altamir da Costa Barros).

Acobar, que é oficial da reserva, foi um acadêmico destinguido pelo seu aproveitamento, sendo o orador da turma.

Ao *Acobar* e sua família, as nossas felicitações.

CORRESPONDÊNCIA

P. Del Debbio (S. Paulo) — O seu problema de palavras cruzadas, que tem os conceitos, deusa egipcia, Vila da França, Armadilha e Povo do Alto Tonquim, é muito difícil para a nossa seção.

Carlinhos (Morro Agudo) — Faltam as soluções e conceitos do seu problema de palavras cruzadas dedicado ao *Fusinho*.

Odnanref (S. Cruz — Rio) — Bem aparecido; foi feita a modificação do seu endereço.

Marcur (Belo Horizonte) Mais um que volta ao antigo ninho... o que nos deu muito prazer. Um abraço ao nosso *Alô Tropina*.

Cysneirense Júnior (Coelho Bastos — Minas) — Inscrito com muito prazer. Filho de peixe...

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor,

DR. LAVRUD.

✶ ✶

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA

Por GRAZIELA ELIZALDE

Com o constante aumento de preços, tôdas as donas de casa procuram adquirir carne mais barata, como é natural. Nada mais interessante, portanto, do que saber como, adquirindo os tipos mais baratos de carne, podemos, com cuidado e bom gôsto, preparar pratos deliciosos.

Hoje, estou em condições de oferecer às minhas leitoras duas receitas de pratos econômicos.

BIFE À ESPANHOLA

1/4 de xícara de farinha de trigo
2 colherinhas de sal
1/4 de colherinha de pimenta
1 quilo de carne de uma polegada de espessura
3 colheres de azeite ou gordura vegetal derretida
1 dente de alho, moído
1 xícara de massa de tomate
1 e 1/4 de xícara de cebolas cortadas
2/3 de xícara de aipo
1 pimentão verde cortado em fatias
1 colher de extrato de carne

Mistura-se a farinha, sal e pimenta. Corta-se a carne em seis pedaços e cobre-se com a mistura de farinha de trigo, usando só metade das quantidades. Esquenta-se a gordura numa caçarola. Coloca-se aí a carne e deixa-se tostar de ambos os lados. Tira-se a carne e junta-se o resto da mistura de farinha de trigo e o extrato de carne (dissolvido em um pouco de água quente) misturando-se bem com a gordura. Coloca-se em seguida a carne, tomates, cebola, aipo, pimentão e alho. Tampa-se a caçarola e deixa-se cozinhar até que a carne fique macia — uma hora e meia a duas horas.

O delicioso "Bife à Espanhola" deve ser servido com arroz e milho cozido.

SALMÃO EM FÔRMA

2 ovos
1 lata de salmão rosado de meio quilo
3 fatias de pão cortadas em pedacinhos
1 colherinha de sal
1/4 de xícara de manteiga derretida
1 e 1/2 xícara de leite

Colocam-se os ovos num recipiente e batem-se os mesmos até que fiquem macios.

Tiram-se do salmão as espinhas e escamas e junta-se ao mesmo o pão, sal e manteiga. Aquece-se o leite, ligeiramente, e junta-se à primeira mistura.

Coloca-se a massa numa fôrma de assar e deixa-se em forno quente durante uma hora.

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON
Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

★

UMA IDÉIA LUMINOSA

A polícia de Viena pediu ao Conselho Municipal da cidade que modernizasse a iluminação dos parques e jardins da cidade das valsas. Motivo: Êsses espaços verdes — como diriam os urbanistas — constituem, atualmente, refúgios para os criminosos e são considerados perigosos para a segurança dos cidadãos".

O Conselho Municipal recusou seguir essa sugestão policial. Motivo: "Os bosques são ilhotes idílicos para os que buscam o romance na solidão..."

UM SÔCO POR UM AMOR

(Cont. da pág. 24)

com o ar varonil que denotava. A voz era estridente e irritante.

Com um olhar grave, a Sra. Dearborn falou:

— Levante-se, menino! Vai amarrotar as calças!

E, depois de um pequeno silêncio:

"— Trouxe o plano final des obras da casa?

— Infelizmente, não... O desenhista estêve doente e só poderá entregar tôda a papelada amanhã. Em seguida, arranjarei alguns empreiteiros para a execução do serviço.

Só então Kenneth Dearborn encarou o visitante, com um ar interrogativo e desconfiado. Tony fêz as devidas apresentações, após o que, Webster cortou o silêncio em que se mantivera:

— Bem... Acho melhor retirar-me. Na próxima vez em que vier, a Srta. Tony poderá mostrar-me o quarto secreto.

A anciã, não fazendo caso do que êle dizia, falou para Kenneth:

— Por que chegou tão tarde? Sabe que gosto de tomar o chá às 5 horas...

— Quero que me desculpe. Vim o mais ràpidamente possível. Mas tive que atravessar aquêle novo bairro, todo atravancado e imundo. A senhora conhece o idealizador dêle, o tal Howard Murdock!

Webster, que fazia menção de retirar-se, exclamou indignado:

— **Imundo**, diz o senhor?

Kenneth, intrigado, voltou-se para o interlocutor:

— Imundo, sim! Então aquelas **casinhas de cachorro** podem apresentar alguma higiene? Posso presumir sòmente que a imundície campeie no interior das mesmas. Então **aquilo** pode ser considerado residência para famílias?

— E por que não? Embora dêem a impressão de pequenas, são muito práticas, e espaçosas Existem até jardins entre elas. Mas, o senhor, talvez tenha má vista e por isso não reparou!

O elegante rapaz moreno, perdendo aquêle ar zombeteiro com que falara, avançou na direção de seu oponente, perguntando:

— Pelo que ouço, o irritado amigo deve ser parente de Howard Murdock, é?

— Exatamente! Sou sobrinho dêsse senhor, e o encarregado de fazer a apresentação das casas-modêlo. as Mas minha visita nada tem de oficial, nem se refere à pretendida compra do solar Dearborn por parte de meu tio!

— Sobrinho de Murdock? — Os olhos de Kenneth faiscaram. Voltou-se para Tony, falando com rispidez: — E você me afirmou que saberia conservar os emissários de Murdock à distância!

— Tony enrubesceu violentamente antes de responder com vigor:

— A visita do Sr. Webster Jones nada tem a ver com a pretendida compra do solar!

Kenneth rompeu numa gargalhada, dizendo, em seguida:

— E você **acreditou** nas razões que êle apresentou para vir até aqui?

Webster, indignado, deu um passo à frente e "explodiu":

— Que pretende insinuar com isso?

Em seguida, voltando-se para as duas mulheres:

— Peço que desculpem, pelo atrito que causei involuntàriamente. Passem bem!

Tony fêz menção de acompanhar o rapaz, mas Kenneth segurou-a pelo braço, dizendo:

— Eu acompanharei o Sr. Jones até à porta!

Webster já descia as escadas externas, quando o noivo de Tony o interpelou.

— Espere um minuto, caro amigo!

Intrigado pela afabilidade com que o outro se dirigira a êle, Webster estacou, voltando-se em sua direção. Kenneth havia fechado a porta e estava sorridente no tôpo da escada.

— Fiquei espantado com o modo como procedeu para conseguir ingressar neste solar! Eu não o julgava capaz de golpe tão ousado! Tenho que lhe dar os parabéns. Agora, na certa, conseguirá convencer a minha futura espôsa a vender a mansão.

— Mas, eu já lhe disse que... — tentou falar Webster. Kenneth o interrompeu, no entanto, com uma afirmação que deixou o seu interlocutor surpreendido.

— Pois bem, vou ajudá-lo no seu propósito. Mas quero que a venda se efetue depois de meu casamento com Tony!

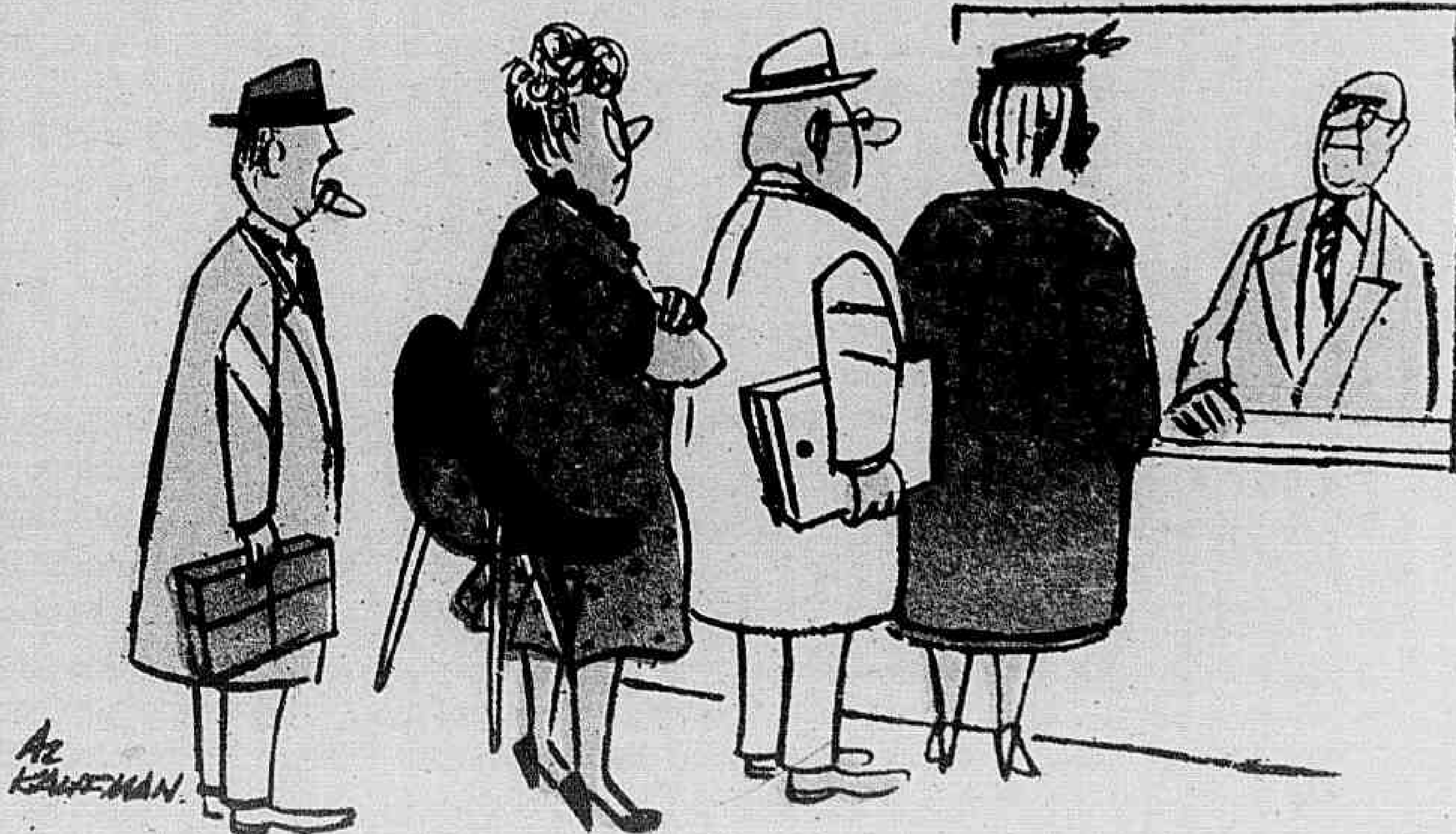
— Agora compreendo tudo! — disse Webster, com rispidez — Então as obras, para reparo, não passam de um "bluff"! Seu intuito é o de desposar a prima, apossar-se da casa e vendê-la posteriormente ao meu tio, ganhando, assim, uma fortuna!

Descendo apressado as escadas, Kenneth Dearborn se aproximou de Webster, com um sorriso sem graça, nos lábios. Depois falou, baixando a voz:

— Ora, o senhor sabe como são as mulheres... Não entendem nada de negócios. Podem fazer uma fortuna, e pretendo conseguí-la de um modo prático. Quer cooperar comigo? Assim, **todos lucraremos.**

— Só posso cooperar de uma forma!

RECLAMAÇÕES



Isto dito, Webster Jones avançou um passo e aplicou um forte sôco, exatamente, no belo nariz de Kenneth Dearborn. Êste caiu cômicamente sôbre um canteiro de rosas, permanecendo ali, semi-desacordado.

O dia seguinte era um sábado. E, num sábado de verão, à tarde, era muito difícil encontrar alguém triste, no bairro que tinha o nome de **Peace Heaven** (Paz no Céu). Isto é, a menos que alguém desse **uma chegada** à casa-modêlo em exibição. Ali, encontraria um rapaz, tristonho e pensativo. E êsse rapaz era Webster Jones. Mergulhado em sombrios pensamentos, o jovem parecia dizer para si mesmo:

"Onde já se viu um sujeito ficar apaixonado, e logo na primeira visita que faz à casa da moça, dar um sôco no noivo dela?"

Agora, mesmo que não amasse o seu primo Kenenth, Tony Dearborn jamais perdoria Webster pelo ato que praticara. Por isso êle se sentia desiludido e desinteressado da vida. Assim refletindo, encaminhou-se para o banheiro, a fim de lavar o rosto. Em seguida, resolveu fechar a porta que dava para a rua e, ao retornar, relanceando o olhar pela cozinha-modêlo, deu com a deslumbrante Tony, calmamente sentada sôbre a alva mesa. Vestia blusa creme e "short" branco, e tinha os belos cabelos vermelhos atados com uma fita também branca.

Webster abriu a bôca, espantado, mas não conseguiu balbuciar uma palavra sequer. Foi ela quem se encarregou de quebrar o silêncio em que se mantinha o atônito construtor de casas-modêlo.

— Então você derrubou o grande Kenneth com um sôco!

— Oh! Eu estava completamente fora dos eixos! — confessou êle desviando o olhar.

— Compreendo como deve ter se sentido — disse Tony. — Na certa, êle tornou a lhe dirigir ofensas...

Webster apoiado ao armário da cozinha, fitava o gracioso vulto que tinha diante dos olhos sem saber o que dizer.

— O mais engraçado é que meu primo começou a chorar, julgando que você lhe tivesse quebrado o nariz! Não sei se reparou, mas Kenneth tem um cuidado extremo com aquêle apêndice. E foi logo ali que você deu o sôco!...

Webster, ainda sem compreender a situação, tentou dizer qualquer coisa, mas Tony continuou, no mesmo tom amistoso, enquanto cruzava as pernas sôbre a mesa:

"— Estive há pouco conversando com seu tio e...

— Com... com meu tio? — interrompeu o espantado Webster. — Bem, não posso queixar-me nem culpá-la... De qualquer forma, ia abandonar êste cargo hoje mesmo. Assim, você apenas evitou o trabalho um tanto difícil que eu teria para fazer meu tio aceitar a minha demissão...

— Oh, não! Você está enganado! Conversei com seu tio a respeito da venda da propriedade! Eu e vovó decidimos vendê-la, sabe? Seu tio é um senhor muito simpático! Só faltou beijar-me!

— Mas... vo-você não ia residir ali, com Kenneth?

Tony sorriu e Webster voltou a ouvir os sininhos, exatamente como ouvira da primeira vez em que ela visitara a casa-modêlo.

— Nada mais tenho a ver com Kenneth, a não ser o laço de família que nos prende. Vovó ficou desconfiada do modo como êle falou e se portou; então andou telefonando para o desenhista. Êste informou-lhe que meu ex-noivo havia comparecido ao seu escritório apenas para aventar a idéia de uns reparos, sem ao menos pedir que fizesse qualquer projeto. Descobrimos, daí, que o único intuito de Kenneth era casar comigo para ficar de posse da propriedade.

Isto dito, a moça olhou Webster bem nos olhos, como a querer descobrir algo no fundo dos mesmos. Depois, perguntou, sùbitamente:

— Você sabia de tudo, hein? — E, com um sorriso mais aberto — Êsse foi o motivo pelo qual você o derrubou com aquêle sôco, não foi?

Webster corou de tal forma que devia ter iluminado a cozinha, na qual as primeiras sombras da noite já penetravam.

— Sim, mas...

— Não falemos mais nisso! Vovó e eu estivemos conversando, e decidimos deixar de lado a tradição da família. Engraçado! Ela queria vender o solar, mas, temia dizer-me, pois julgava que eu não concordasse. E o mesmo se dava comigo, em relação a ela. E, ainda mais, depois que **você** falou na ida de seus avós para a Flórida, ela resolveu comprar-me novamente a residência por **um dólar.** Em seguida, vendeu a propriedade ao seu tio. Brevemente, vovó deverá embarcar para a Flórida, onde irá residir com a filha mais velha.

— Quer... quer dizer que agora poderemos terminar a construção das casas que planejamos, para as famílias dos veteranos da guerra?

— Sim. E, já que o auxiliei na finalização de seu plano, espero que tenha a gentileza de mostrar-me o interior das casas-modêlo!

— Mas, naquele dia você havia dito...

— Isto foi **naquele dia!** Agora, tudo é diferente!

Assim dizendo, Tony desceu da mesa em que estivera graciosamente sentada, encaminhando-se na direção de Webster.

— Como é? Não vai mostrar-me as demais dependências?

Aproximou-se ainda mais, e Webster sentiu o suave perfume que se desprendia dos cabelos ruivos.

Webster, ainda atônito, tentou dar alguns passos, mas seus joelhos fraquejaram, e teve que continuar apoiado ao armário da cozinha. Tony, com um olhar intrigado, pegou-o pelos ombros e êle, não resistindo à tentação, enlaçou-a nos braços, beijando-a meigamente.

Algum dia explicaria o motivo de sua aparente imobilidade, ali, encostado ao armário da casa-modêlo...

EU SEI TUDO

Nº 431 — ANO XXXVI Nº 11 — Abril de 1953

SUMÁRIO:

Frontispício: O mistério de Kela Ouai (conto) 5
A moda e os sapatos 9
Aqui são mais necessárias! 9
Você olha, mas **vê mesmo**? 11
Os insetos dominarão o Mundo 12
O inventor do prato voador 15
Para o seu automóvel, leitor 15
Álbum de "choros" e desculpas dos motoristas 16
O tratamento da esquizofrenia 20
Um sôco por um amor (conto) 21
Juventude de hoje (Fatos da vida real) 25
Esteja em dia com o mundo 26
O ambicionado Sexto Sentido 27
O pequeno engano 30
Você pode ser internado como louco 31
O prestígio masculino 34
Sexo fraco? 34
Declaração de amor 34
A fôrça de um juramento (Romance, continuação) 35
Cristo crucificado (Policromia) 43
O vale dos reis (conto) 45
A "Boa Resposta" do mês 49
Os dois grandes erros de Dilingham Brodie (Fábulas para tôdas as idades, especialmente a atômica) 50
Humorismo árabe 51
Um negócio da China (Episódio real) 53
Um só trilho para os trens 54
A Ciência ao alcance de todos — A osteopatia 55
Chapéus "dernier cri" 59
Mas que azar 60
Minha Aída querida 60
Inimigo público número um 61
Os grandes erros judiciários — O tenente audacioso e a linda Marie Morel 62
Resolva seus problemas 65
Até onde chega a honestidade 66
Economia doméstica 68
Explorando o Brasil Meridional (Conclusão) 69
Por trás da porta amarela (Romance) 77
Fôlhas ao vento (Policromia) 85
Privilégios especiais para os chefes? 87
Nos domínios da Gramática 90
Nossas irmãs da América — O papel representado pelo café, na economia colombiana 91
Vida do campo — Indústria do algodão absorvente 95
Pílulas latinas 97
Êste mundo louco! 97
Dicionário de nomes próprios (Pequena enciclopédia popular) 98
Memento EU SEI TUDO (Olhando o mundo há sessenta dias) 101
Charadas, quebra-cabeças 107
Conselhos de uma quituteira 115
Uma idéia luminosa 115

CORRESPONDÊNCIA



LUIS OTAVIO — Rio — Gratos por sua remessa.

LUÍS CARLOS B. GUIMARAES — Rio — Interessante o seu trabalho. Gratos por seu interêsse.

ANTÔNIO ARAPONGA — Rua Professor França, 8 — Salvador — Bahia — Sôbre o assunto já demos resposta a outros leitores, em números anteriores. O que sabemos é apenas o que foi publicado. Talvez obtenha maiores detalhes dirigindo-se à revista **Life**, norte-americana.

L. DE CAMARGO NEVES — Praça do Patriarca, 96 — São Paulo — Tem razão quanto ao número de listras. Quanto ao seu pedido, talvez venha a ser possível — e oportuno — em 1954, por ocasião do 4.º centenário

CARLOS KONDER JÚNIOR — Curitiba — Não poderá encontrar a obra no Brasil e principalmente em português, fora dos nossos fascículos. Aliás, seria inútil o seu trabalho de pesquisa ainda por outro motivo. A sua pressa de conhecer o «final» fica satisfeita já agora, pois a obra termina na presente edição.

★

A CAPA — Estamos outra vez aguardando que algum coelhinho nos forneça ovos multicores, neste periodo da Páscoa, que para os judeus marca a sua saída do Egito enquanto para os católicos assinala a ressurreição do Senhor. E' uma das maiores festas da Igreja Católica e a sua liturgia é variada e pomposa. Para a maioria, entretanto, resume-se na troca de ovos comestíveis, bonitos e caríssimos, todos êles obrigatòriamente de coelho. Para os nossos leitores apresentamos um coelhinho realmente fascinante.